INSTANT KARMA

Amor, caos e destino

MARISSA MEYER

Autora das séries bestsellers
Crônicas Lunares e Renegados



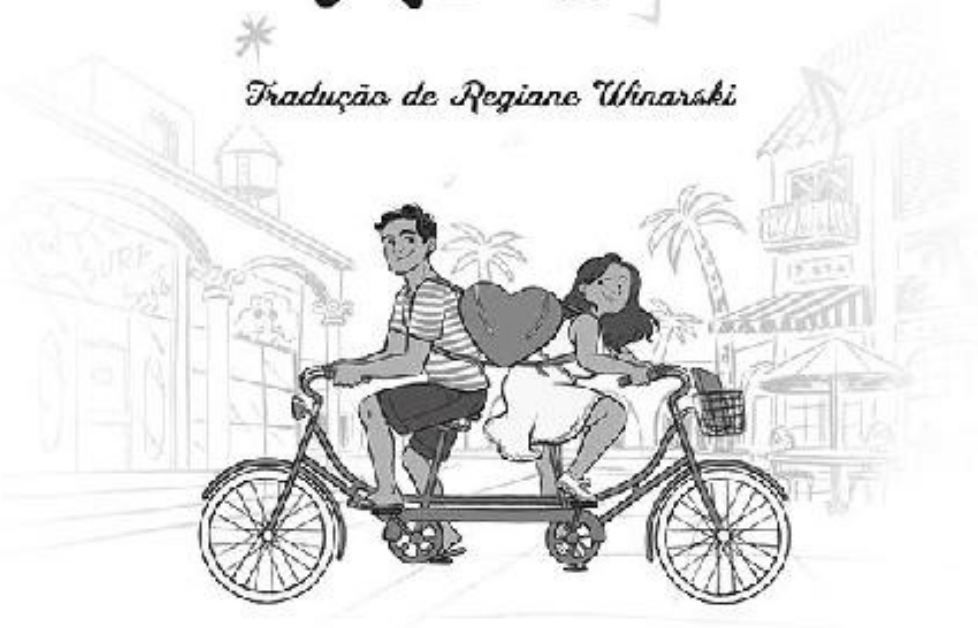
Rocco
DIGITAL

INSTANT KARMA

Amor, caos e destino

MARISSA MEYER

Tradução de Regiane Winarski



Rocco
DIGITAL

Para o papai,
que sempre encheu nossa casa de música

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Trinta e oito

Trinta e nove

Quarenta

Quarenta e um

Quarenta e dois

Quarenta e três

Quarenta e quatro

Quarenta e cinco

Quarenta e seis

Quarenta e sete

Quarenta e oito

Agradecimentos

Créditos

A Autora

UM

Quint Erickson está atrasado.

De novo.

Eu não deveria estar surpresa. Eu não estou surpresa. Ficaria mais surpresa se ele estivesse na hora. Mas, sério? Hoje? Logo *hoje*?

Estou furiosa, sentada no meu lugar, batendo com os dedos no quadro de apresentação que está dobrado na nossa mesa de laboratório. Minha atenção está dividida entre olhar para o relógio acima da porta da sala de aula e repetir silenciosamente as palavras que fiquei decorando a semana toda.

Nossas praias e águas costeiras são o lar de espécies impressionantes. Peixes e mamíferos e tartarugas marinhas e…

— Os tubarões — dizia Maya Livingstone na frente da sala — foram severamente maltratados por Hollywood ao longo das décadas. Eles não são os monstros que os humanos fizeram parecer que eram!

— Além do mais — acrescenta o parceiro de laboratório dela, Ezra Kent —, quem come quem aqui? Vocês sabiam que tem gente que *come* tubarões?

Maya olha para ele com a testa franzida.

— É mais as barbatanas. Só pra deixar claro.

— Certo! Usam pra fazer sopa — diz Ezra. — A sopa de barbatana de tubarão é uma iguaria especial porque a barbatana é macia e crocante *ao mesmo tempo*. Pensa só nisso. Mas, claro, eu experimentaria.

Alguns dos colegas fingem ânsia de vômito, embora esteja óbvio que era essa a reação que Ezra queria. A maioria das pessoas o chama de EZ, que eu achava que era uma referência a numerosas escapadas sexuais, mas agora acho que é só por ele ter uma reputação de piadista. Os professores da escola aprenderam a não o colocarem sentado perto do Quint.

— Enfim — diz Maya, tentando levar a apresentação de volta ao assunto. Ela fala sobre os métodos horríveis que os caçadores usam para pegar os tubarões e cortar as barbatanas para depois soltá-los na água. Sem as barbatanas, eles afundam até o fundo do mar e sufocam ou são comidos vivos por outros predadores.

A turma toda faz uma careta.

— E depois fazem sopa deles! — acrescenta Ezra, para o caso de alguém ter perdido essa parte antes.

Outro minuto passa. Eu mordo a bochecha por dentro para tentar acalmar o nervosismo dentro de mim. A mesma falação frustrada começa a se repetir na minha cabeça pela oitava milionésima vez este ano.

Quint Erickson é a pior pessoa.

Eu até o avisei no dia anterior. Lembra, Quint, temos uma apresentação importante amanhã. Você vai levar o relatório. Você tem que me ajudar com a introdução. Então, por favor, pelo amor de todas as coisas boas e certas deste mundo, pelo menos desta vez, não se atrase.

A resposta dele?

Um dar de ombros.

Eu sou um cara ocupado, Prudence. Mas vou fazer o que puder.

Certo. Porque ele tem muita coisa para fazer antes das 8h30 em uma terça.

Eu sei que consigo fazer a introdução sozinha. Fiquei ensaiando sem ele, afinal. Mas ele tinha que levar os papéis. São os papéis para os quais o resto da turma pode olhar enquanto falamos. Os papéis que vão manter os olhos entediados e desinteressados longe de *mim*.

A turma começa a aplaudir sem muito ânimo, e eu volto a prestar atenção. Junto as mãos para bater palmas duas vezes antes de baixá-las para a mesa. Maya e Ezra pegam o quadro de apresentação deles. Eu olho para Jude, na primeira fila, e, embora só consiga ver a parte de trás da cabeça dele, sei que seu olhar não se afastou de Maya desde que ela se levantou e que não vai se afastar até ela estar sentada no lugar dela e ele não ter escolha além de olhar para outro lugar ou correr o risco de chamar atenção. Eu amo muito meu irmão, mas esse *crush* na Maya Livingstone está bem documentado desde o quinto ano e, para ser bem sincera, já começou a parecer desesperado.

Ele tem minha solidariedade. De verdade. Ela é *Maya Livingstone*, afinal.

Praticamente toda a nossa turma do primeiro ano do ensino médio é a fim dela. Mas eu também conheço meu irmão. Ele nunca vai ter coragem de convidá-la para sair.

Portanto, zero esperanças.

Pobrezinho.

Mas voltando à pobre *eu*. Maya e Ezra estão se sentando e ainda não há sinal de Quint. Não há sinal dos papéis que ele tinha que trazer.

Em um ato de desespero, pego meu batom vermelho na bolsa e aplico rapidamente uma nova camada, para o caso de ter começado a sair desde que o passei antes da aula. Eu não gosto de usar muita maquiagem, mas um batom ousado é um impulso instantâneo na minha confiança. É a minha armadura. A minha arma.

Você consegue fazer isso, digo para mim mesma. *Você não precisa do Quint.*

Meu coração começou a falhar no peito. Minha respiração está acelerando. Enfio o batom de volta na bolsa e pego minhas fichas. Acho que não vou precisar delas. Eu treinei tantas vezes que falo sobre habitats e ambientalismo até dormindo. Mas tê-las comigo vai ajudar a acalmar meus nervos.

Pelo menos, é o que eu acho. O que espero.

Até eu ter o medo repentino de que as minhas palmas das mãos suadas façam a tinta borrar, deixando-as ilegíveis, e meus nervos voltam com tudo.

— Isso nos leva à nossa última apresentação do ano — diz o sr. Chavez, me olhando de um jeito que é quase solidário. — Desculpe, Prudence. Nós adiamos o máximo que deu. Talvez Quint chegue antes de você ter terminado.

Eu forço um sorriso.

— Tudo bem. Eu planejei falar a maior parte mesmo.

Não está tudo tão bem assim. Mas nada pode ser feito quanto a isso agora.

Eu me levanto lentamente, guardo as anotações no bolso e pego o quadro de apresentação e a bolsa cheia de material adicional. Minhas mãos estão tremendo. Faço uma pausa para expirar, apertar bem os olhos, repetir o mantra que sempre digo para mim mesma quando preciso falar ou me apresentar na frente de pessoas.

São só dez minutos da sua vida, Prudence, e depois vai ter acabado e você pode seguir adiante. Só dez minutos. Você consegue.

Eu abro os olhos, empertigo os ombros e vou para a frente da sala.

Não é que eu seja péssima em falar em público. Até acho que sou boa depois que começo. Sei projetar a voz para todo mundo me ouvir. Sempre pratico antes muitas vezes para não tropeçar nas palavras e me esforço para ser animada e divertida.

São os momentos antes de começar que são horríveis. Estou sempre convencida de que alguma coisa vai dar errado. De que a minha mente vai ficar vazia e eu vou esquecer tudo. De que eu vou começar a suar. De que vou ficar vermelha. De que vou desmaiar.

Mas, quando eu começo, normalmente fico bem. Eu só preciso começar… e aí, antes que me dê conta, a coisa toda acabou. E vou ouvir o que sempre ouço: *Uau, Prudence. Você falou com tanta naturalidade. Você é ótima em apresentações. Muito bem.*

Palavras que acalmam minha mente frenética.

Pelo menos, os meus professores costumam dizer coisas assim. O resto dos meus colegas raramente prestam atenção.

E, por mim, está ótimo assim.

Eu levo alguns segundos para arrumar tudo, para equilibrar o quadro da apresentação na bandejinha do quadro-branco e para botar minha bolsa de brindes de lado. Em seguida, puxo a mesa de rodinhas com a maquete que levei antes da aula começar, ainda coberta por um pano azul.

Com as fichas em uma das mãos, eu pego a vareta que o sr. Chavez usa para mostrar detalhes nos slides de PowerPoint com a outra.

Eu sorrio para os meus colegas.

Tento chamar a atenção do Jude, mas ele está desenhando no bloco e não está aberto a receber mensagens.

Caramba, mano. Valeu pelo apoio.

O resto da turma me olha, praticamente num coma de tédio.

Meu estômago fica embrulhado.

Começa logo.

São só dez minutos.

Você vai ficar bem.

Eu respiro fundo.

— Eu teria material suplementar pra vocês olharem — digo. Minha voz fica aguda e paro para limpar a garganta antes de continuar. — Pra poderem

acompanhar a apresentação. Mas Quint que ia trazer e… ele não está aqui.

Trinco os dentes. Quero comentar o quanto isso é injusto. As duplas de todo mundo compareceram! Mas a minha nem se deu ao trabalho.

— Ah, bem — eu continuo, balançando a vareta dramaticamente no ar. — Vamos lá.

Eu ando na frente do quadro e solto o ar, tensa.

Começa logo.

Abro um sorriso e começo a introdução que preparei.

— Uma coisa que aprendemos em relação à biologia marinha, graças às aulas excepcionais do sr. Chavez — faço uma pausa para apontar com entusiasmo para o nosso professor. Ele aponta para mim, com emoção evidentemente menor — é que nós temos muita sorte aqui em Fortuna Beach de ter acesso à vida marinha próspera. Nossas praias e águas costeiras são lar de muitas espécies impressionantes. Peixes e mamíferos e tartarugas-marinhas e tubarões…

— Tubarões *são* peixes — diz Maya.

Eu fico tensa e olho para ela de cara feia. Nada como uma interrupção desnecessária para destruir uma apresentação bem ensaiada.

As interrupções são o inimigo.

Eu reabro o sorriso. Fico tentada a recomeçar, mas me obrigo a voltar de onde parei. *Peixes e mamíferos e tartarugas-marinhas e tubarões…*

— Até os ricos ecossistemas de plâncton e vida vegetal encontrada em Orange Bay. Esses recursos são uma dádiva, e é nossa responsabilidade não só apreciá-los, mas protegê-los. E é por isso que, como projeto do semestre, Quint e eu decidimos concentrar nossos esforços — faço uma pausa para obter efeito dramático — na preservação marinha por meio de ecoturismo!

Com um floreio, eu puxo o pano azul e revelo minha maquete feita à mão da rua Main, o ponto central de turismo de Fortuna Beach, paralela à praia e ao calçadão.

Não consigo resistir a dar uma olhada nas reações dos meus colegas. Alguns na fila da frente estão esticando a cabeça para ver a maquete, mas uma boa quantidade de pessoas está distraída, olhando pelas janelas ensolaradas ou tentando enviar discretamente mensagens de texto com os celulares escondidos debaixo das mesas de laboratório.

O sr. Chavez pelo menos parece intrigado enquanto observa a maquete. E

Jude olhou para cima, por saber de perto as longas e incansáveis horas que passei na preparação da apresentação. Ele me olha e faz um sinal de positivo sutil e encorajador.

Eu dou a volta na mesa para poder ficar atrás da maquete e apontar as características mais notáveis. Minha adrenalina está com tudo e não sinto mais que vou desmoronar numa bolinha de pânico. Agora, estou energizada.

— Nosso novo polo central de turismo será o Orange Bay Resort e Spa, que vai atender a clientes de alto nível. Visitantes que apreciam luxo, desejam aventura, mas, caramba! — Eu estalo os dedos com humor — Mas que também se importam com a preservação do meio-ambiente. — Eu bato com a vareta no prédio alto. — Com material de construção reciclado e numerosas características de preservação de água e energia, esse resort vai ser o assunto da cidade. Mas nossos turistas não vêm aqui só para dormir. Eles vêm para explorar. E é por isso que Fortuna Beach precisa de novas estações de aluguel de bicicletas elétricas posicionadas nas duas extremidades do calçadão — eu bato com a vareta nas estações de bicicleta — e de aluguel de barcos elétricos saindo da doca particular do resort. — *Tum.* — Mas o que vai mesmo atrair a clientela, o que vai destacar Fortuna Beach como destino essencial para os nossos viajantes ecoconscientes…

A porta da sala se abre e bate com força na parede.

Eu dou um pulo.

— Desculpa, sr. C! — diz uma voz que faz os cabelos da minha nuca ficarem arrepiados. Minha surpresa passa e é substituída por raiva mal controlada.

Meus dedos apertam a vareta e eu desvio o olhar para Quint Erickson. Ele anda entre as mesas e dá um *high five* em Ezra, o cumprimento habitual deles.

Parte de mim deseja que ele tivesse parado na frente primeiro e oferecido de *me* cumprimentar com um *high five*. Seria a oportunidade perfeita para bater nele com a vareta.

Eu trinco os dentes e olho para sua nuca quando ele chega à nossa mesa de laboratório conjunta na última fileira e coloca a mochila lá. O zíper soa alto como o motor de um jato. Ele começa a assobiar — *assobiar!* — enquanto mexe no caos de papéis e livros e canetas e nove meses de lixo acumulado que guarda naquela coisa.

Eu espero. Alguém na turma tosse. Com o canto do olho, vejo Jude começar a se agitar, incomodado por mim. Só que, por algum motivo, eu não estou

incomodada. Normalmente, uma interrupção grande daquela me deixaria agitadíssima, mas agora eu estou ocupada demais estrangulando a vareta e fingindo que é o pescoço do Quint. Eu poderia ficar o dia inteiro ali parada, com ou sem silêncio constrangedor, esperando Quint se dar conta da perturbação que causou.

Mas, para minha frustração infinita, Quint parece alegremente alheio à minha irritação. Ao fato de que me interrompeu no meio da *nossa* apresentação. Ao silêncio constrangedor. Eu nem sei se ele sabe o que *constrangedor* significa.

— Ahá! — anuncia Quint com um tom de vitória e tira uma pasta verde-néon da mochila. Mesmo de onde eu estou vejo que o canto está dobrado. Ele abre a pasta e começa a tirar os relatórios. Não sei dizer quantas páginas. Três ou quatro, provavelmente frente e verso, porque quem desperdiça papel em um relatório sobre ambientalismo?

Eu espero que ele tenha feito frente e verso.

Quint distribui os relatórios, páginas grampeadas para os nossos colegas e uma pasta de três aros para o sr. Chavez. Ele não faz pelo método eficiente de cada um pega um e passa o resto para trás que eu teria empregado, possivelmente porque é o ser humano mais ineficiente do planeta. Não, ele anda pelos corredores e distribui um a um. Sorrindo. Recebendo sorrisos. Ele poderia ser político, com esse jeito de encantar as pessoas com o andar casual e o sorriso relaxado. Uma das garotas até pisca para ele quando pega o relatório e murmura um *Obrigada, Quint* em tom de flerte.

Os nós dos meus dedos estão brancos apertando a vareta. Imagino Quint batendo o dedão do pé na perna da mesa ou escorregando em produtos químicos derramados e torcendo o tornozelo. Ou, não, melhor ainda, eu imagino que, no atraso e na pressa, ele pegou a pasta errada e acabou de distribuir 32 cópias de uma carta de amor apaixonada que ele escreveu para a diretora, a sra. Jenkins. Nem *ele* poderia ficar imune a esse tipo de constrangimento, não é?

Mas nada disso acontece, claro. Meu sonho de justiça cósmica não se torna realidade. Mas meus nervos estão um pouco mais calmos quando Quint chega até a frente da sala e finalmente se digna a me olhar. A mudança é momentânea, o jeito defensivo que surge nele, o levantar do queixo, o escurecimento dos olhos quando nos preparamos para a batalha. Alguma coisa me diz que ele está se preparando para aquele momento desde que entrou na sala. Por isso demorou

para distribuir os papéis.

Eu tento sorrir, mas parece um rosnado.

— Que bom que você pôde se juntar a nós.

A mandíbula dele treme.

— Eu não perderia isso por nada, parceira. — O olhar dele vai em direção da maquete, e, por um momento, há um sinal de surpresa em seu rosto. Talvez ele esteja até impressionado.

E deveria estar mesmo. Impressionado e com vergonha de ser a primeira vez que ele está vendo.

— Que maquete bonita — murmura ele, assumindo a posição no lado oposto da minha rua em miniatura. — Estou vendo que você deixou de fora o centro de reabilitação que eu sugeri, mas…

— Se eu tivesse tido mais ajuda, talvez pudesse ter atendido a pedidos gratuitos.

Ele solta um gemido baixo.

— Cuidar de animais que são feridos como resultado do turismo e do consumismo não é…

O sr. Chavez tosse alto e interrompe a conversa. Ele olha para nós dois com cansaço.

— Mais dois dias, pessoal. Vocês têm que aguentar a companhia um do outro por só mais dois dias. Será que nós podemos seguir com a apresentação sem derramamento de sangue?

— Claro, sr. Chavez — eu digo ao mesmo tempo que Quint diz:

— Desculpe, sr. C.

Eu olho para ele.

— Posso continuar ou você tem algo com que contribuir?

Quint finge se curvar e balança a mão num floreio na minha direção.

— O palco é seu — diz ele, e acrescenta baixinho: — Não que você fosse dividi-lo.

Alguns colegas na frente da sala ouvem e dão risadinhas. Ah, sim, ele é hilário. Na próxima vez, tentem *vocês* trabalharem com ele e vejam como ele é engraçado.

Eu mostro os dentes de novo.

Mas, quando me viro para o quadro de apresentação, minha mente está vazia.

Onde eu estava?

Ah, não. *Ah, não.*

É isso. Meu pior pesadelo. Eu sabia que isso ia acontecer. Sabia que eu ia esquecer.

E sei que é tudo culpa do Quint.

Meu organismo é tomado de pânico quando pego as fichas e mexo nelas com uma só mão. *Resort e Spa… aluguel de bicicletas elétricas…* Algumas caem no chão. Meu rosto fica quente de repente como uma boca de fogão.

Quint se curva e pega as fichas que caíram. Eu as pego da mão dele, o coração disparado. Sinto os olhos da turma em mim.

Eu odeio o Quint. O desprezo dele por todo mundo que não seja ele mesmo. A recusa de chegar na hora. A incapacidade de fazer qualquer coisa útil.

— Eu poderia também dizer alguma coisa? — pergunta Quint.

— Deixa comigo! — respondo com rispidez.

— Tudo bem, vai. — Ele levanta as mãos em um gesto protetor. — Só estou falando. A apresentação é minha também, sabe.

Claro. Porque ele fez *tanto* para ajudar na preparação.

— O que vai fazer Fortuna Beach se destacar? — sussurra Jude. Eu fico imóvel e olho para ele, tão grata a ele quanto estou irritada com Quint. Jude faz outro sinal de positivo, e talvez nossa telepatia de gêmeos esteja funcionando hoje, porque tenho certeza de que consigo ouvir as palavras encorajadoras dele. *Você está no controle, Pru. Relaxa.*

Minha ansiedade diminui. Pela milionésima vez, me pergunto por que o sr. Chavez precisou nos torturar com parceiros designados de laboratório quando Jude e eu teríamos sido uma equipe tão incrível. O primeiro ano seria um passeio no parque se não fossem a biologia marinha e Quint Erickson.

DOIS

O *brigada*, digo para Jude com movimentos labiais e colocando as fichas na mesa. Eu só precisava daquele lembrete, e as palavras voltam com tudo. Continuo a falar, me esforçando para ignorar a presença de Quint. Pelo menos, alguns dos nossos colegas voltaram a atenção para os papéis que ele distribuiu, e nem *todo mundo* está olhando agora.

— Como eu estava dizendo, o que vai atrair uma nova variedade de viajantes ecoconscientes entusiasmados é nossa fenomenal oferta de eventos e aventuras. Os visitantes podem ir até o fundo do mar a bordo de submarinos para grupos exclusivos. Vai haver passeios de caiaque até a ilha Adelai, onde será possível ajudar a identificar, rastrear e até batizar sua própria foca. E, meu favorito, nós vamos oferecer festas semanais incríveis na praia.

Alguns dos olhares vidrados dos meus colegas ganham foco com isso. Ezra até solta um gritinho. A cara *dele*, claro.

Animada, eu sigo em frente.

— Isso mesmo. Fortuna Beach será famosa pelas festas regulares na praia, onde será possível comer frutos do mar de fontes sustentáveis e *hors d'oeuvres* orgânicos enquanto socializa com indivíduos com consciência ecológica como você. A melhor parte? Todo mundo na festa recebe um saco de lixo e uma garra ao chegar, e, no fim da noite, depois de terem enchido o saco com o lixo recolhido da praia, as pessoas podem trocá-lo por uma bolsa reutilizável cheia de presentes escolhidos a dedo. Coisas como… — Eu coloco a vareta na mesa e enfio a mão na bolsa no chão. — Uma garrafa de água de alumínio sem BPA! — Eu pego a garrafa e jogo para os alunos. Joseph quase não pega e leva um susto. — Talheres de bambu portáteis! Um diário feito de materiais reciclados! Xampu em barra sem embalagem de plástico! — Eu jogo os brindes para a turma. Meus

colegas estão prestando muita atenção agora.

Quando todos os brindes acabam, eu enrolo a bolsa e jogo na direção do sr. Chavez, mas só percorre metade do caminho. Ezra a pega no ar. As pessoas estão começando a reparar que cada brinde tem o logo novo e o slogan que eu inventei.

FORTUNA BEACH: MEIO-AMBIENTE AMIGO, AMIGO DO MEIO-AMBIENTE!

— Essas ideias e muitas outras estão descritas em detalhes no nosso relatório — digo, indicando um dos papéis grampeados na mesa mais próxima. — Pelo menos, estou supondo que estejam. Eu ainda não vi, pois algo me diz que ficou pronto dez minutos antes da aula hoje cedo. — Eu abro um sorriso doce para Quint.

A expressão dele está tensa. Irritada, mas também meio arrogante.

— Você nunca vai saber.

Esse comentário gera um arrepio de incerteza pela minha coluna, e tenho certeza de que era exatamente o que ele pretendia. O trabalho também tem meu nome, afinal. Ele sabe que vou ficar maluca querendo saber o que há ali e se está bom.

— Antes de terminarmos — digo, me virando de volta para a turma —, nós queremos agradecer ao sr. Chavez por nos ensinar tanto sobre esse cantinho maravilhoso do mundo onde moramos e sobre toda a vida marinha incrível e os ecossistemas que temos aqui no nosso quintal. Não sei quanto a vocês, mas sei que *eu* quero ser parte da solução, quero garantir que possamos proteger e preservar os mares para nossos filhos e netos. E, para a nossa sorte, como acho que conseguimos provar hoje: ao *escolher o verde*, Fortuna Beach pode *trazer as verdinhas*! — Eu esfrego os dedos e finjo estar segurando dinheiro. Eu tinha falado para Quint como eu ia encerrar a minha fala. Ele deveria ter falado comigo, mas claro que ele não fala. Nem se dá ao trabalho de exibir o dinheiro imaginário. — Obrigada por ouvirem.

A turma começa a bater palmas, mas Quint se adianta e levanta a mão.

— Eu gostaria de acrescentar uma coisa.

Eu murcho.

— Você precisa?

Ele abre um sorrisinho e vira as costas para mim.

— A sustentabilidade e o turismo não costumam andar de mãos dadas. Os

aviões geram muita poluição e as pessoas costumam produzir mais lixo quando viajam do que quando ficam em casa. Dito isso, o turismo é bom para a economia local e, bem, não vai deixar de existir. Nós queremos que Fortuna Beach seja conhecida por cuidar bem dos visitantes, claro, mas também da natureza.

Eu dou um suspiro. Eu já não falei isso tudo?

— Se vocês lerem o relatório na sua frente — continua Quint —, que sei que ninguém vai ler, exceto o sr. Chavez, vocês vão ver que uma das nossas maiores iniciativas seria estabelecer o Centro de Resgate de Animais Marinhos de Fortuna Beach como o destino turístico principal.

Eu preciso de toda a minha força de vontade para não revirar os olhos. Ele está falando sobre essa ideia de centro de reabilitação o ano todo. Mas quem quer passar as férias olhando golfinhos subnutridos em piscininhas tristes quando podem ir nadar com golfinhos de verdade na baía?

— Para as pessoas entenderem o efeito que suas ações têm no meio-ambiente, elas precisam ver de perto as consequências, e é por isso que nós… — Ele faz uma pausa. — Por isso que *eu* acredito que qualquer plano de ecoturismo deveria se concentrar em educação e voluntariado. O relatório vai explicar isso com mais detalhes. Obrigado.

Ele me olha. Nós trocamos um olhar de desdém mútuo.

Mas, pronto. Acabou. Esse projeto horrível que sugou minha alma finalmente acabou.

Estou livre.

— Obrigado, sr. Erickson, srta. Barnett. — O sr. Chavez está folheando o relatório de Quint e não consigo deixar de imaginar se ele incluiu *alguma* das minhas ideias. O resort, as bicicletas, as festas na praia? — Acho que é bem óbvio, mas, só para esclarecer, vocês podem me contar a contribuição de cada um com esse projeto?

— Eu fiz a maquete — digo — e o quadro da apresentação e elaborei e encomendei os produtos ecológicos. Eu também diria que fui a gerente do projeto no geral.

Quint dá uma risada debochada.

O sr. Chavez ergue uma sobrancelha.

— Você discorda, sr. Erickson?

— Ah, não — diz ele com um balanço veemente de cabeça. — Ela gerenciou mesmo. Gerenciou taaaanto.

Eu fico tensa. Sinto a explosão na minha língua. *Alguém tinha que gerenciar! Você não ia se mexer pra fazer nada disso!* Mas, antes que saia, o sr. Chavez pergunta:

— E você escreveu o relatório?

— Sim, senhor — diz Quint. — E forneci as fotografias.

Nosso professor faz um som de que aquilo é uma informação interessante, mas meu lábio se curva de consternação. Forneceu as fotografias? Sinto muito, mas um aluno de segundo ano do fundamental consegue cortar fotos da revista *National Geographic* e colar em um pôster.

— Ótimo. Obrigado aos dois.

Nós vamos na direção da nossa mesa de laboratório, cada um de nós pegando um corredor diferente para chegar lá, mas o sr. Chavez me para.

— Prudence? Vamos deixar a vareta na frente, certo? Eu odiaria que o sr. Erickson fosse empalado agora que estamos tão perto do fim do ano.

A turma ri quando levo a vareta até a frente e a coloco na bandeja do quadro-branco, tentando não ficar com vergonha. Com as mãos livres, pego a maquete e levo comigo até a mesa.

Quint está com o rosto aninhado em uma das mãos, cobrindo a boca, vendo eu me aproximar. Ou vendo a maquete. Eu gostaria de poder interpretá-lo. Queria poder ver culpa nele, por saber que não fez nada para ajudar com essa parte do projeto. Ou, pelo menos, vergonha por ter se atrasado no dia mais importante do ano e ter me deixado fazendo tudo sozinha.

Eu até gostaria de ver seu constrangimento ao perceber que a minha parte do projeto arrasou com a dele. Ou talvez uma demonstração de apreciação por eu ter sustentado essa suposta parceria o ano todo.

Coloco a maquete na mesa e me sento. Nossos bancos estão afastados para cada uma das extremidades da mesa, um instinto para abrir o máximo de espaço entre nós. Minha coxa direita está machucada há meses por ficar espremida na perna da mesa.

Quint afasta o olhar da maquete.

— Eu achei que nós tivéssemos decidido não fazer os passeios de barco até Adelai, pois poderiam prejudicar a população de elefantes-marinhos.

Eu mantenho a atenção grudada no sr. Chavez quando ele vai para a frente da sala.

— Se queremos que as pessoas cuidem dos elefantes-marinhos, nós temos que mostrar elefantes-marinhos a elas. E não uns bichos meio mortos mamando numa maca.

Ele abre a boca, e sinto a resposta dele sendo preparada. Eu me preparo para descartar qualquer comentário vazio que ele for fazer. Minha fúria está crescendo de novo. Sinto vontade de gritar. *Você não podia estar aqui? Só desta vez?*

Mas Quint para e balança a cabeça, e eu também seguro a minha raiva.

Nós ficamos em silêncio, a maquete entre nós, um dos relatórios fechados e grampeados ao alcance da minha mão, embora eu me recuse a pegá-lo. Mas consigo ver a capa. Pelo menos, ele manteve o título que combinamos: "Preservação pelo Ecoturismo em Fortuna Beach", um relatório de Prudence Barnett e Quint Erickson. Biologia Marinha, sr. Chavez. Embaixo dos nossos nomes tem uma fotografia de uma tristeza sem-fim de um animal marinho, uma lontra ou leão-marinho ou talvez até foca, eu nunca sei a diferença. Está enrolado em linha de pesca, como uma múmia, com lacerações fundas na garganta e nas barbatanas. Os olhos pretos encaram a câmera com a expressão mais triste que acho que já vi.

Engulo em seco. É eficiente em despertar emoções, isso eu tenho que admitir.

— Estou vendo que você colocou meu nome primeiro — digo. Não sei bem o que me faz falar isso. Não sei o que me faz falar metade das coisas que eu falo perto do Quint. Tem alguma coisa nele que torna fisicamente impossível para mim ficar de boca calada. Parece que sempre tem mais uma bala na minha munição e que eu não consigo não dar todos os tiros.

— Acredite se quiser, mas eu sei colocar as coisas em ordem alfabética — murmura ele. — Eu passei pelo jardim de infância, afinal.

— Um choque — respondo.

Ele suspira.

O sr. Chavez termina de fazer anotações na prancheta e sorri para a turma.

— Obrigado por uma série de apresentações fantásticas. Estou impressionado com o esforço e a criatividade que eu vi este ano. Suas notas serão entregues amanhã. Podem passar seus relatórios finais de laboratório para a frente.

Cadeiras são empurradas e papéis são mexidos conforme meus colegas remexem nas mochilas. Eu olho com expectativa para Quint.

Ele me olha, confuso.

Eu levanto uma sobrancelha.

Ele arregala os olhos.

— Ah! — Ele puxa a mochila para mais perto e começa a mexer no caos lá dentro. — Eu esqueci completamente.

Faz sentido.

— Você se esqueceu de trazer? — digo. — Ou se esqueceu de *fazer*?

Ele faz uma pausa e uma careta.

— As duas coisas.

Eu reviro os olhos, e ele levanta a mão, o constrangimento momentâneo já desaparecendo.

— Não precisa falar.

— Falar o quê? — respondo enquanto uma enxurrada de palavras como *incompetente* e *preguiçoso* e *incorrigível* surge nos meus pensamentos.

— Eu vou conversar com o sr. Chavez — diz ele. — Vou dizer que foi erro meu e que posso enviar o relatório por e-mail hoje à noite…

— Não precisa. — Eu abro minha pasta de biologia com o relatório final de laboratório pronto em cima, digitado com capricho e com um gráfico de torta sobre toxicologia ambiental de bônus. Eu me inclino sobre a mesa e passo o trabalho para frente.

Quando olho para o lado, Quint parece… zangado?

— O quê? — pergunto.

Ele indica o trabalho, que desapareceu na pilha de papéis.

— Você não confiou que eu faria?

Eu me viro para olhar para ele.

— E estava certa de não confiar.

— O que aconteceu com o trabalho em equipe? Talvez, em vez de fazer, você pudesse ter me lembrado. Eu teria feito.

— Não é meu trabalho te lembrar de fazer o seu dever. Nem de chegar na hora à aula.

— Eu estava…

Eu o interrompo e levanto as mãos em exasperação.

— Deixa pra lá. Não importa. Vamos só agradecer por essa *parceria* ter finalmente acabado.

Ele faz um ruído no fundo da garganta, e embora eu ache que ele está concordando comigo, fico vermelha de irritação. Carreguei a equipe nas costas o ano todo, fiz bem mais do que a minha parte do trabalho. Até onde eu sei, sou a melhor coisa que poderia ter acontecido a ele.

O sr. Chavez pega os últimos trabalhos que são passados até a frente da sala.

— Sei que amanhã é o último dia do ano letivo e que vocês estão todos ansiosos para entrarem de férias, mas ainda vai ter aula, o que quer dizer que vocês têm dever de casa. — A turma solta um gemido unânime enquanto ele tira a tampa de uma caneta verde e começa a escrever no quadro-branco. — Eu sei, eu sei. Mas só pensem. Essa pode ser a última chance que tenho de passar para vocês minha sabedoria superior. Me permitam meu momento, está bem?

Eu pego uma caneta e começo a copiar o dever no meu caderno.

Quint, não.

Quando o sinal toca, ele é o primeiro a sair pela porta.

TRÊS

— Eu não sou contra dever de casa de um modo geral — diz Jude, virando distraidamente as páginas do livro de biologia marinha. — Mas dever de casa no penúltimo dia de aula? Isso é coisa de um senhor tirano.

— Ah, para de reclamar — replica Ari, por trás do cardápio. Ela passa muito tempo estudando o cardápio cada vez que vamos lá, apesar de sempre acabarmos pedindo as mesmas coisas. — Pelo menos, vocês têm férias de verão. Nossos professores nos deram listas de leitura e planos de tarefas detalhados para nos "manter ocupados" nas férias. Julho é o mês da mitologia grega. Viva.

Jude e eu olhamos para ela com consternação. Nós três estamos sentados num compartimento de canto no Encanto, nosso lugar favorito na rua Main. O restaurante é meio que uma armadilha para turistas, bem na rua principal. Dá até para ver partes da praia pelas janelas. Mas só fica cheio nos fins de semana, o que o torna o lugar tranquilo perfeito para depois da aula. Em parte, porque a comida, fusão de mexicana e porto-riquenha, é absurdamente boa. E em parte, porque Carlos, o dono, nos dá refrigerante de graça e tortilhas e molho à vontade sem reclamar de ocuparmos um espaço valioso de mesa. Para ser sincera, eu acho que ele gosta de nos ter por perto, mesmo que a gente só peça comida entre 15h e 18h para poder pagar metade nas entradas especiais.

— O quê? — pergunta Ari, reparando no olhar que Jude e eu estamos lançando para ela.

— Eu estudaria mitologia grega no lugar de plâncton em qualquer dia da semana — diz Jude, indicando uma ilustração no livro.

Ari bufa daquele jeito típico de quem quer dizer "vocês não entendem". E admito que não entendemos mesmo. Nós três discutimos sobre o que é pior,

estudar na prestigiada St. Agnes Prep ou navegar pela Fortuna Beach High, desde que nos conhecemos, quatro anos antes. É uma situação típica de a grama do vizinho é sempre mais verde. Jude e eu morremos de inveja dos tópicos aparentemente obscuros e dos planos de aula dos quais Ari reclama. Coisas do tipo “Como o comércio transcontinental de especiarias mudou a história” ou “A influência do paganismo nas tradições religiosas modernas”. E Ari deseja a normalidade de filmes de adolescentes: almoços de refeitório de má qualidade e o fato de não ter que usar uniforme todos os dias.

E é justo, né.

Mas uma coisa que Ari não pode negar é que St. Agnes tem um programa de música bem superior a qualquer coisa que ela encontraria numa escola pública. Se não fossem as aulas de teoria da música e composição, eu desconfio que Ari teria suplicado aos pais para deixarem que ela pedisse transferência.

Jude e eu retornamos para os nossos trabalhos, enquanto Ari volta sua atenção para duas mulheres que estão dividindo uma sobremesa na mesa ao lado. Ari está com o caderno aberto e está com a cara de “estou tentando pensar em uma rima para fazer essa música funcionar”. Imagino uma balada sobre pudim de coco e o começo do amor. Praticamente todas as músicas de Ari são sobre o começo do amor. Sobre isso ou sobre a dor tumultuada do amor que deu errado. Nunca um meio-termo. Mas acho que isso pode ser dito sobre todas as músicas.

Eu leio o dever de casa de novo, pensando que talvez inspire uma ideia.

— Duzentas e cinquenta palavras sobre que tipo de adaptação submarina seria útil no nosso ambiente terrestre. — Não é um dever difícil. Eu devia ter terminado uma hora antes. Mas, depois das últimas noites passadas terminando o projeto de ecoturismo, meu cérebro parece que passou por um moedor de carne.

— É isso! O tubarão-elefante! — diz Jude, batendo com um dedo no livro. A imagem mostra um tubarão horrendo, a bocarra aberta, mostrando dentes não enormes e afiados, mas o que parece ser o esqueleto ou caixa torácica dele, ou algo que se estende para dentro do corpo. Faz com que eu me lembre da cena em que o Pinóquio é engolido pela baleia. — Ele nada pela água pegando qualquer pedaço de comida que estiver no caminho.

— E isso seria útil pra você como? — pergunto.

— Eficiência. Qualquer comida que cruzasse o meu caminho poderia entrar pela minha garganta. Eu nunca teria que mastigar e nem parar pra comer. — Ele

faz uma pausa, uma expressão pensativa surgindo nos olhos. — Na verdade, isso daria um excelente monstro do calabouço.

— Isso daria um monstro nojento — digo.

Jude dá de ombros e anota no caderno que está sempre com ele.

— É você a obcecada por gerenciamento de tempo.

Ele tem razão. Eu solto um grunhido e mexo no meu livro pela sexta vez enquanto Jude pega nosso notebook compartilhado e o puxa para si. Em vez de abrir um documento novo, ele apenas apaga meu nome no alto e coloca o dele antes de começar a digitar.

— Vamos lá, abelhinhas trabalhadoras — diz Carlos, quando chega com uma cesta de tortilhas, guacamole e dois tipos de molho. Um molho doce com base de goiaba para mim e Jude e um extremamente picante pseudomasoquista "por que alguém faria isso consigo mesmo" para Ari. — As aulas ainda não acabaram?

— Amanhã é o último dia — responde Jude. — As da Ari acabaram semana passada.

— Isso quer dizer que eu vou ver vocês menos ou mais?

— Mais — responde Ari, sorrindo para ele. — Nós vamos morar aqui neste verão, se você não se importar. — Ari tem um crush por Carlos desde que começamos a ir lá. E isso pode parecer meio estranho, considerando que ele deve ter quase quarenta anos, só que ele é bem parecido com um jovem Antonio Banderas. Isso, mais o sotaque porto-riquenho, além de que o homem sabe cozinhar. Quem pode culpar uma garota por se encantar?

— Vocês três são sempre bem-vindos — diz ele. — Mas tentem não tirar muita vantagem da minha política de refil à vontade, tá?

Nós agradecemos pelas tortilhas, e ele vai atender outra mesa.

Jude se encosta e limpa as mãos.

— Pronto.

Eu levanto o olhar de uma foto de um peixe-diabo.

— O quê? Já?

— São só 250 palavras. E esse dever não vai contar pra nada. Acredita em mim, Pru, é só o jeito de senhor tirano de testar nossa lealdade. Não pense demais.

Eu amarro a cara. Nós dois sabemos que é impossível eu não pensar demais.

— Esse aí é bom — diz Ari, indicando o livro com uma tortilha na mão. Um

pouco de molho cai no canto da página. — Ops, desculpa.

Eu limpo o molho com o guardanapo.

— Eu não quero ser um peixe-diabo.

— O dever não é pra dizer o que você *seria* — explica Jude —, só que tipo de adaptação seria útil.

— Você teria uma lanterna embutida — acrescenta Ari. — Isso poderia ser útil.

Eu murmuro, pensativa. Não é horrível. Poderia pensar em alguma coisa sobre ser uma luz brilhante em tempos sombrios, o que pode ser meio poético para um trabalho de ciências, mas mesmo assim.

— Tudo bem — digo, puxando o laptop de volta. Eu salvo o documento de Jude antes de começar o meu.

Eu acabei de terminar meu primeiro parágrafo quando há uma comoção na frente do restaurante. Olho e vejo uma mulher empurrando um carrinho cheio de alto-falantes, equipamentos eletrônicos, uma televisão pequena, uma pilha de fichários de três aros e rolos de fios.

— Você veio! — exclama Carlos atrás do bar, alto o suficiente para todo mundo olhar para a mulher de repente. Ela faz uma pausa, pisca na luz fraca e deixa os olhos se ajustarem depois de sair da tarde luminosa. Carlos corre até ela e pega o carrinho. — Pode deixar comigo. Pensei em montar tudo aqui.

— Ah, obrigada — diz ela, afastando uma franja que foi tingida de vermelho-maçã-do-amor. Fora a franja que quase cobre os olhos, o cabelo está preso num coque alto apressado e revela o louro natural nas raízes. Ela está usando roupas que pedem atenção: botas de caubói surradas e desbotadas; uma calça jeans escura que tem tantos buracos quanto tecido; uma regata de veludo vinho; tantas bijuterias que daria para afundar um barco pequeno. É bem diferente dos chinelos e shorts de surfista que costumam ocupar a rua Main nessa época do ano.

E ela é bonita. Lindíssima, na verdade. Mas é meio difícil perceber, considerando o delineador preto e o batom roxo manchado. Se ela fosse da região, nós teríamos reparado nela, mas tenho certeza de que nunca a vi antes.

— Que tal? — pergunta Carlos, ignorando o fato de que a maioria dos clientes está olhando para os dois.

— Perfeito. Lindo — diz a mulher com um leve sotaque do sul. Carlos

costuma oferecer música ao vivo nos fins de semana, e eles estão na pequena plataforma onde as bandas tocam. Ela leva um minuto inspecionando a área antes de apontar para a parede. — Aquela é a única tomada?

— Tem outra aqui atrás. — Carlos puxa um carrinho do canto.

— Excelente. — A mulher passa um tempo girando, inspecionando as televisões penduradas em todo o restaurante, quase sempre exibindo esportes. — É ótimo. Vai funcionar. Que lugar legal você tem aqui.

— Obrigado. Você quer ajuda pra arrumar ou…?

— Não, pode deixar. Não é minha primeira vez. — Ela faz sinal para ele ir.

— Tudo bem. — Carlos dá um passo para trás. — Quer uma bebida?

— Ah. Hã… — Ela pensa por alguns segundos. — Um Shirley Temple?

Carlos dá uma gargalhada.

— Claro.

Ele volta para o bar, e a mulher começa a mover mesas e a montar o equipamento que levou. Depois de alguns minutos, pega a pilha de fichários e se aproxima da mesa mais próxima. A *nossa*.

— Ora, ora, vocês não são a cara da juventude respeitável de Fortuna Beach? — diz ela, olhando nossos livros e computadores.

— O que está acontecendo? — pergunta Ari, indicando as coisas que ela levou.

— Noite semanal do karaokê! — diz a mulher. — Bom, essa é a primeira, mas estamos torcendo pra que vire um evento semanal.

Karaokê? Sou tomada na mesma hora por visões de idosos cantando baladas e mulheres de meia-idade gritando e um monte de bêbados que não conseguem cantar afinado e… ah, não. Já era nosso estudo tranquilo. Pelo menos, o ano letivo está praticamente no fim.

— Eu sou Trish Roxby e serei a apresentadora — continua ela. Ao reparar nas nossas expressões nada entusiasmadas, ela aponta para o bar com o polegar. — Vocês não viram as placas? Carlos me disse que está anunciando há semanas.

Eu olho na direção do bar. Demoro um minuto, mas encontro. No quadro-negro ao lado da porta, acima da lista de especiais do dia, em caligrafia esquisita, alguém rabiscou as palavras: VENHA PARA O KARAOKÊ SEMANAL TODAS AS QUINTAS DE JUNHO ÀS 18H.

— E aí, vocês vêm hoje? — pergunta Trish.

— Não — Jude e eu dizemos ao mesmo tempo.

Ari só morde o lábio inferior e olha para o fichário.

Trish ri.

— Não é tão assustador quanto parece. Juro que pode ser bem divertido. Além do mais, garotas gostam que cantem pra elas, sabia.

Ao perceber que ela está falando com *ele*, Jude começa a se mexer.

— Hum. Não. Essa é minha irmã gêmea. — Ele inclina a cabeça na minha direção e faz um gesto entre ele e Ari. — E nós não somos… — Ele para de falar.

— Sério? Irmã gêmea? — diz Trish, ignorando o que ele e Ari não são. Ela olha para mim e para Jude por um momento e assente lentamente. — Ah, sim. Estou vendo agora.

Ela está mentindo. Ninguém nunca acredita que Jude e eu somos parentes, menos ainda gêmeos. Nós não somos nem um pouco parecidos. Ele tem 1,85 metro e é magrelo como nosso pai. Eu tenho 1,65 metro e sou cheia de curvas como a minha mãe. (Nossa avó adora brincar que eu peguei toda a "gordura de bebê" do Jude pra mim quando nós estávamos no útero. Nunca achei essa piada engraçada quando nós éramos crianças, e não melhorou com o tempo. Inserir emoji revirando os olhos aqui.)

Jude é louro e superbranco. Tipo vampiro. A pele dele queima depois de trinta segundos no sol, o que torna viver no sul da Califórnia o oposto de ideal. Eu, por outro lado, tenho a pele mais escura e estarei com um bronzeado bem razoável até o final de junho. Jude tem as maçãs do rosto bem definidas. Eu tenho covinhas. Jude tem lábios carnudos que o fazem parecer um pouco um modelo da Abercrombie, apesar de ele *odiar* quando eu digo isso. E eu? Bom, pelo menos, tenho o meu batom.

Trish limpa a garganta com constrangimento.

— Vocês já foram num karaokê?

— Não — responde Ari. — Mas já pensei em ir.

Jude e eu trocamos olhares porque, na verdade, nós já fomos a karaokês. Muitas vezes. Quando crianças, nossos pais nos levavam a um gastropub que tinha karaokê para toda a família no primeiro domingo do mês. Nós cantávamos uma música dos Beatles atrás da outra, e meu pai sempre acabava a "lista dele", como ele chamava, com "Dear Prudence", depois nos chamava para cantarmos

com ele “Hey Jude”. No final, todo o restaurante estava cantando *Naaaa na na… nananana!* Até Penny cantava, apesar de só ter dois ou três anos e provavelmente nem fazer ideia do que estava acontecendo. Era meio mágico.

Uma parte meio nostálgica de mim se anima de pensar na interpretação meio desafinada do meu pai de “Penny Lane” ou das tentativas exageradas da minha mãe de cantar “Hey Bulldog”.

Mas houve uma época, eu não devia ter mais de dez ou onze anos, em que alguém bêbado na plateia gritou: *Acho que essa criança devia passar menos tempo cantando e mais fazendo abdominais!*

Nós todos sabíamos de quem ele estava falando. E a magia foi destruída depois disso.

Pensando bem, ali pode ter sido o começo da minha ansiedade de falar em público e desse medo abrangente de que todo mundo vai estar me olhando, me criticando, esperando que eu pague mico.

— Bom, pensem direitinho — diz Trish, e coloca um fichário ao lado das tortilhas. Ela pega uma caneta e umas folhas de papel no bolso e coloca na mesa também. — Se vocês encontrarem uma música que querem cantar, escrevam aqui e entreguem pra mim, tá? E se a música que vocês quiserem não estiver no fichário, me avisem. Às vezes, eu encontro on-line. — Ela pisca para nós e vai para a mesa seguinte.

Nós ficamos alguns segundos olhando para o fichário como se fosse uma cobra venenosa.

— Olha — murmura Jude, e começa a jogar as coisas dele dentro da mochila. — Não vai rolar.

Eu sinto exatamente a mesma coisa. Não cantaria na frente de estranhos por nenhum dinheiro do mundo. Nem na frente de não estranhos, na verdade. Fortuna Beach não é uma cidade grande, e é impossível ir a algum lugar sem encontrar alguém que a gente meio que conhece. Mesmo agora, ao olhar ao redor, vejo a cabeleireira da minha mãe no bar e um gerente do mercadinho da esquina de casa a uma das mesinhas.

Mas Ari ainda está olhando o fichário. Os olhos dela brilham de vontade.

Eu já ouvi Ari cantar. Ela não é ruim. Pelo menos, eu sei que ela consegue cantar afinada. Além disso, ela quer ser compositora. Sonha em ser compositora desde que era criança. E nós todos sabemos que, para ter algum sucesso, vai

haver ocasiões em que ela provavelmente vai ter que cantar.

— Você devia tentar — digo, empurrando o fichário na direção dela.

Ela se encolhe.

— Não sei. O que eu cantaria?

— Tipo qualquer música gravada nos últimos cem anos? — diz Jude.

Ela olha para ele de um jeito engraçado, apesar de estar claro que o comentário dele a agrada. Ari ama música. Todo tipo de música. Ela é uma Wikipédia ambulante de tudo, desde jazz dos anos 1930 a punk dos anos 1980 e *indie* moderno. Na verdade, nós provavelmente não teríamos nos conhecido se não fosse a sua obsessão. Meus pais são donos de uma loja de discos a um quarteirão da rua Main, a Ventures Vinyl, batizada em nome de uma banda popular de surf-rock dos anos 1960. Ari começou a comprar lá quando estávamos no fundamental II. A mesada que os pais dela davam era bem mais do que eu ganhava, e todos os meses ela levava o dinheiro que tinha guardado e comprava o máximo de discos que conseguia.

Meus pais adoram a Ari. Eles brincam que ela é a sexta filha deles. Gostam de dizer que Ari sozinha os manteve no mercado nos últimos anos, o que seria fofo se eu não tivesse medo de estar perto de ser verdade.

— A gente pode cantar em dueto? — pergunta Ari, me olhando com esperança.

Eu seguro o *não* instintivo e apaixonado e indico o livro com desânimo.

— Desculpa. Ainda estou tentando terminar o trabalho.

Ela franze a testa.

— Jude escreveu o dele em dez minutos. Vamos lá. Uma música dos Beatles? — Não sei se ela sugere isso por causa do quanto eu amo os Beatles ou se é porque é a única banda que dá para ter certeza de que eu sei quase todas as letras. Como crescemos na loja de discos, meus irmãos e eu fomos apresentados a uma variedade musical ao longo dos anos, mas ninguém aos olhos dos meus pais vai competir com os Beatles. Eles até batizaram cada um dos cinco filhos em homenagem a músicas da banda: “Hey Jude”, “Dear Prudence”, “Lucy in the Sky with Diamonds”, “Penny Lane” e “Eleanor Rigby”.

Quando percebo que Ari ainda está esperando uma resposta, eu suspiro.

— Talvez. Não sei. Preciso terminar isso. — Enquanto ela continua mexendo no fichário com as músicas, eu tento voltar o foco para o papel.

— O Shirley Temple parece bom — diz Jude. — Mais alguém quer?

— Meio feminino, você não acha? — brinco.

Ele dá de ombros e sai do compartimento.

— Eu me sinto bem à vontade com a minha masculinidade.

— Eu quero a sua cereja! — diz Ari quando ele se afasta.

— Ei, você está dando em cima do meu irmão.

Jude faz uma pausa, olha para mim, para Ari e fica vermelho como uma beterraba.

Ela e eu caímos na gargalhada. Jude balança a cabeça e anda na direção do bar. Eu coloco as mãos em concha em volta da boca para gritar para ele:

— Sim, traz pra nós também!

Ele acena sem olhar para avisar que ouviu.

Nós não podemos atravessar a grade que divide a área para maiores de vinte e um anos do resto do restaurante, então Jude para na barreira invisível para fazer nosso pedido para o barman.

Escrevi mais um parágrafo do trabalho quando Jude volta, carregando três copos altos cheios de refrigerante rosa borbulhante e cerejas extras em cada um. Sem perguntar, Ari apanha uma colher e pega as cerejas do meu e do de Jude e coloca no copo dela.

— Oi, pessoal, e bem-vindos à nossa primeira noite semanal de karaokê! — diz Carlos, falando em um microfone que Trish levou. — Eu sou Carlos, o dono dessa espelunca. Agradeço a presença de vocês e espero que todos se divirtam hoje. Não fiquem tímidos. Nós todos somos amigos, então venham mostrar o que sabem fazer! Com isso, tenho o prazer de apresentar a anfitriã do karaokê, Trish Roxby.

Há algum aplauso quando Trish pega o microfone, e Carlos se vira na direção da cozinha.

— Opa, opa, você não vai cantar? — pergunta Trish.

Carlos se vira, os olhos arregalados de horror. Ele ri de leve.

— Semana que vem, talvez?

— Vou cobrar — diz Trish.

— Eu disse *talvez* — diz Carlos, recuando mais um pouco.

Trish sorri para os clientes do restaurante.

— Oi, pessoal. Estou muito animada de estar aqui hoje. Sei que ninguém

gosta de ser o primeiro, então vou começar a festa. Tragam seus papeizinhos e me contem o que *vocês* querem cantar hoje, senão vão ter que ficar me ouvindo nas próximas três horas.

Ela digita alguma coisa na máquina e um *riff* de guitarra toca nos alto-falantes: “I Love Rock and Roll”, de Joan Jett.

Eu tento gemer, mas… caramba. Como posso me concentrar em terminar o trabalho com *isso* tocando no fundo? Estamos em um restaurante, não em um show de rock.

— Nossa, que inesperado — comenta Jude.

— Pois é — diz Ari, assentindo com apreciação. — Ela é boa mesmo.

— Não isso — retruca Jude, me dando uma cotovelada na lateral. — Pru, olha. É o *Quint*.

QUATRO

Eu levanto a cabeça. Por um segundo, tenho certeza de que Jude está fazendo uma pegadinha comigo. Mas, não. Ali está ele. Quint Erickson, parado ao lado da plaquinha que diz PODE ESCOLHER SUA MESA depois da entrada. Ele está com uma garota que eu não conheço: asiática, pequena e com o cabelo preso em dois coques desgrenhados atrás das orelhas. Ela está de short jeans e uma camiseta desbotada que tem uma imagem do Pé Grande com as palavras CAMPEÃO MUNDIAL DE PIQUE-ESCONDE embaixo.

Diferentemente de Quint, que está vendo Trish cantar a plenos pulmões, a garota está absorta em alguma coisa no celular.

— Opa — diz Ari, inclinando por cima da mesa e baixando a voz, apesar de não ter a menor chance de ninguém nos ouvir com a exigência gutural de Trish Roxby de botar outra moeda no jukebox, baby. — Aquele é Quint? *O* Quint?

Eu franzo a testa.

— Como assim, *o* Quint?

— O quê? Você só falou dele este ano.

Uma gargalhada escapa de mim, cruel e sem humor nenhum.

— Não é verdade!

— É, sim — diz Jude. — Não sei qual de nós está mais animado para o verão começar. Você, pra não ter mais que aguentá-lo, ou eu pra não ter que te ouvir reclamar dele.

— Ele é mais bonito do que eu imaginava — comenta Ari.

— Ah, é, ele é um garanhão — diz Jude. — Todo mundo ama o Quint.

— Só porque esse jeito ridículo dele apela para o menor denominador comum da sociedade.

Jude ri com deboche.

— Além do mais — eu abaixo a voz —, ele não é tão atraente. Aquelas sobrancelhas.

— O que você tem contra as sobrancelhas dele? — questiona Ari, olhando para mim como se eu devesse ter vergonha de sugerir uma coisa dessas.

— Por favor. São enormes — digo. — Além do mais, a cabeça dele tem um formato engraçado. É meio… quadrada.

— E esse preconceito, vai bem? — murmura Ari, me lançando um olhar de provocação que me causa um arrepio.

— Só estou falando.

Não vou abrir mão desse ponto. É verdade que Quint não é *feio*. Eu sei disso. Qualquer pessoa com olhos sabe. Mas não tem elegância em suas feições. Ele tem olhos castanhos básicos, chatos, comuns, e embora eu tenha certeza de que ele deve ter cílios, nunca chamaram a minha atenção. E com aquele bronzeado perpétuo, o cabelo curto ondulado e aquele sorriso idiota, ele parece qualquer garoto surfista da cidade. O que quer dizer que é totalmente esquecível.

Eu coloco os dedos no teclado e me recuso a deixar que Quint ou o karaokê ou qualquer outra coisa atrapalhem meu foco. Esse é o último dever de casa do primeiro ano. Eu consigo.

— Ei, Quint! — grita Jude, levantando a mão no ar em um cumprimento.

Meu queixo cai.

— Seu traidor!

Jude se vira para mim com uma careta.

— Desculpa, mana. Ele me viu, eu entrei em pânico.

Eu inspiro lentamente pelas narinas e ouso olhar na direção da entrada do restaurante. Quint e a amiga estão vindo em nossa direção. Quint está sorrindo, como sempre. Ele é um daqueles cachorrinhos idiotas que não consegue se dar conta quando está cercado de gente que gosta de gatos. Eles só supõem que todo mundo fica feliz em vê-los o tempo todo.

— Jude, e aí? — cumprimenta Quint. A atenção dele se volta para mim, e ele olha para o meu livro e para o meu computador, o sorriso ficando um pouco mais tenso. — Prudence. Trabalhando muito, como sempre.

— Trabalho de qualidade não aparece do nada — digo.

Ele estala os dedos.

— Sabe, eu achava isso, mas, depois de um ano trabalhando com você, estou

começando a duvidar.

Eu aperto os olhos.

— Foi ótimo mesmo te encontrar. — Meu sarcasmo é tão pesado que eu quase engasgo. Eu olho para a tela. Levo um momento para lembrar qual era o trabalho.

— Quint — diz Jude —, esta é nossa amiga Araceli. Araceli, Quint.

— Oi — cumprimenta Quint. Eu olho por trás dos meus cílios e os vejo baterem punhos. Com Quint iniciando o gesto, parece o cumprimento mais suave e natural do mundo, apesar de eu achar que nunca vi Ari bater no punho de alguém antes. — É um prazer te conhecer, Araceli. Que nome legal. Você não é da nossa escola, é?

— Não. Eu estou na St. Agnes — responde ela. — E pode me chamar só de Ari.

Eu faço uma careta, mas minha cabeça ainda está baixa e ninguém pode ver.

— Ah, e essa é Morgan. Ela estuda na escola técnica de Turtle Cove. — Quint indica a garota, que ficou a alguns passos e está olhando para o palco com uma expressão que parece de consternação. Quando Quint diz o nome dela, o foco dela se volta para nós e ela abre um sorriso incomodado.

— É um prazer conhecer vocês — diz ela, educada, mas morna.

Há uma série de *ois* e *olás* constrangidos, mas a atenção de Morgan já voltou para o palco, onde alguém está cantando uma música country, falando sobre cerveja gelada e frango frito.

— Morgan diz que a comida aqui é ótima — diz Quint. — Ela quer que eu experimente… o que mesmo? Ton… Tol… — Ele olha para Morgan com expressão de dúvida.

— Tostones — corrige ela, voltando a atenção para o celular. Ela parece zangada quando clica na tela com os polegares, e tenho uma visão de uma guerra horrível de mensagens de texto acontecendo entre ela e um namorado.

— É bem gostoso — diz Jude.

Quint indica o karaokê.

— Eu não estava esperando o jantar com entretenimento gratuito.

— Nem nós — murmuro.

— É uma coisa nova que o restaurante está experimentando. — Ari empurra o fichário de músicas na direção da beira da mesa. — Fica a fim de cantar?

Quint dá uma risada quase autodepreciativa.

— Não, vou ter misericórdia das pobres pessoas lá fora. Não ia querer espantar os turistas tão no começo da estação.

— Todo mundo se acha horrível cantando — diz Ari —, mas bem poucas pessoas são tão ruins quanto acham que são.

Quint inclina a cabeça para o lado e olha de Ari para mim.

— Perdão. Você é amiga *dela*?

— Como é que é? — digo. — O que isso quer dizer?

Ele dá de ombros.

— É que eu estou tão acostumado com as suas críticas que é estranho que alguém me dê o benefício da dúvida.

— Ah, olha! — grita Jude. — É o Carlos! Bem na hora de impedir um momento dolorosamente constrangedor.

Carlos passa carregando uma bandeja de copos vazios.

— Só vim dar uma olhada na minha mesa favorita. Vocês vão se juntar a eles? Querem umas bebidas?

— Hã… — Quint olha para Morgan. — Claro. Uma bebida é uma boa. O que é isso aí? — Ele indica nossas bebidas avermelhadas.

— Shirley Temple — diz Ari.

Quint parece confuso.

— É o nome de uma atriz, não é?

Ari se anima.

— Você nunca tomou? Quer dizer, sim, ela era uma atriz, uma estrela mirim. Mas a bebida… Você devia experimentar. Pense em alegria num copo.

— Pense em diabetes e uma falta de dignidade absurda — murmura Morgan, ainda absorta em digitar mensagens.

Quint olha para ela de um jeito que é quase divertido, misturado com uma coisa que parece pena. Fico irritada por reconhecer o olhar. Tem sido usado comigo quase todos os dias desde o começo do ano letivo.

— Eu acabei de perceber o quanto você e Prudence se dariam bem — diz ele.

Morgan levanta o olhar, confusa, e sei que ela está se perguntando quem é *Prudence*, mas, em vez de perguntar, ela diz:

— Por que isso pareceu um insulto?

Quint balança a cabeça.

— Longa história. — Ele assente para Carlos. — Nós vamos querer dois Shirley Temples.

— Não. Eu passo — diz Morgan. — Quero um café gelado com leite de coco.

— Pode deixar — responde Carlos. — Vocês vão se sentar aqui com meus clientes regulares?

Quint olha para o nosso compartimento. É grande, provavelmente caberiam oito pessoas que estivessem dispostas a ficarem grudadinhas. Mais dois caberiam com facilidade.

Mas seu olhar pousa em mim e na mirada gelada que estou lançando para ele, e ele milagrosamente capta o recado.

— Não, nós vamos… — Ele se vira. O restaurante está enchendo rápido, mas tem uma mesa alta de dois ao lado do palco que acabou de ser esvaziada, com meia cesta de tortilhas e alguns guardanapos amassados deixados para trás. — Aquela mesa está livre?

— Está, sim. Vou limpar pra você. — Carlos indica o fichário de músicas. — Não fiquem tímidos. Nós precisamos de mais cantores. Cantem suas músicas, tá? Estou olhando pra você, Pru.

Quint faz um som na garganta, algo entre descrença e diversão. Minha pele fica arrepiada.

— Engraçado — diz ele quando Carlos vai na direção do bar.

— O que é engraçado? — pergunto.

— A ideia de você cantar num karaokê.

— Eu sei cantar — digo na defensiva, antes de me sentir compelida a acrescentar: — Mais ou menos.

— Eu sei que sim — replica Quint, sorrindo. Afinal, quando ele não está sorrindo? — É que é difícil imaginar você se soltando o suficiente pra isso.

Se soltando.

Ele não sabe (ou talvez saiba), mas Quint acabou de enfiar o polegar numa ferida muito dolorida. Talvez seja parte de ser perfeccionista. Talvez seja porque eu sigo regras, vivo atrás de me superar e sou o tipo de pessoa que prefere ser líder de um grupo de estudo a ir a uma festa. Talvez seja porque meus pais me deram o nome infeliz de *Prudence.*

Não gosto que me digam pra me soltar.

Eu sei relaxar. Sei me divertir. Quint Erickson não me conhece.

Mas Jude me conhece muito bem. Ele está me olhando, a expressão sombria de preocupação. Ele se vira para Quint e diz, talvez alto demais:

— Na verdade, Pru e eu cantávamos no karaokê o tempo todo quando a gente era criança. Ela fazia uma interpretação brilhante de “Yellow Submarine”.

— É mesmo? — diz Quint, surpreso. Ele está fitando Jude, mas o olhar se desvia para mim, e percebo que ele não tem ideia do quanto meu sangue está fervendo agora. — Eu pagaria pra ver isso.

— Quanto? — eu digo.

Ele faz uma pausa, como se não soubesse se estou brincando ou não.

Uma garçonete aparece e indica a mesa pequena, agora limpa, sem os pratos sujos e com dois copos de água com gelo.

— Sua mesa está pronta.

— Obrigado — diz Quint. Ele parece aliviado de ter uma fuga daquela conversa. Eu estou em êxtase. — Foi bom te ver, Jude. E foi um prazer te conhecer… Ari, né? — O foco dele volta para mim. — Bom, a gente se vê na aula.

— Não esquece. — Eu bato no livro. — Duzentas e cinquenta palavras sobre sua adaptação aquática favorita.

— Certo. Obrigado pelo lembrete. Viu? Foi tão difícil?

— É que parece tão sem sentido — eu digo docemente —, considerando que nós dois sabemos que você vai escrever cinco minutos antes da aula começar de qualquer jeito. Isso se escrever.

O sorriso dele continua firme, mas vejo que está ficando cansado.

— Sempre um prazer, Prudence. — Ele faz uma saudação com um dedo antes de ele e Morgan seguirem para a mesa.

— Ugh. Você sabe que ele vai esquecer. Sabe qual é a pior parte? O sr. Chavez vai deixar passar, como sempre. É…

— Irritante — dizem Ari e Jude juntos.

Eu bufo.

— Bom, é mesmo. — Eu pego o laptop. Levo um minuto para lembrar sobre o que estava escrevendo.

— Não me mate por dizer isso — comenta Ari —, mas até que ele não pareceu tão ruim.

— Ele não é — diz Jude. — É um péssimo parceiro de laboratório, talvez,

mas é um cara legal.

— Péssimo é pouco. Sinceramente, não sei o que eu fiz pra merecer uma punição cármica dessas.

— Ah! — Os olhos de Ari se iluminam. — Isso me deu uma ideia. — Ela puxa o fichário e começa a virar as páginas.

Meu irmão e eu nos olhamos, mas não perguntamos que música ela está procurando. Jude pega a bebida dele e a termina em um gole grande.

— Eu preciso ir. Tenho que encontrar os caras às sete pra começar a planejar nossa próxima campanha. — Ele franze a testa e olha para Ari. — Você acha mesmo que vai cantar? Eu posso ficar se você precisar de apoio moral.

Ela balança a mão para ele.

— Eu vou ficar bem. Vai explorar seus calabouços infestados de goblins ou o que for.

— Infestados de kobolds, na verdade — corrige Jude, saindo do compartimento. — E eu tenho umas ideias ótimas pra armadilhas nessa campanha. Além do mais, sabe como é, acho que vai ter um dragão.

— Um dragão nunca é demais — diz Ari, ainda olhando o fichário de músicas.

Eu penso em perguntar o que é um kobold, mas não sei se tenho espaço cerebral para uma das explicações entusiasmadas do Jude, então eu só abro um sorriso.

— Não é à toa que se chama Dungeons and Dragons.

— Tem aqui! — exclama Ari, virando o fichário e apontando. — Sei que você conhece essa música.

Estou esperando que ela tenha escolhido alguma coisa dos Beatles, mas ela está apontando para o título de uma música da carreira solo do John Lennon: “Instant Karma! (We All Shine On)”.

— Ah, sim, essa é boa — diz Jude, se inclinando por cima da mesa para olhar. — Você consegue, Pru.

— Eu não vou cantar.

Ari e Jude erguem as sobrancelhas para mim.

— O que foi?

Ari dá de ombros e puxa o fichário de volta.

— Eu só achei que você podia querer provar que o Quint está errado.

Eu levanto um dedo irritado.

— Eu não tenho que provar nada pra ele.

— Claro que não — diz Jude, colocando a mochila no ombro. — Mas não tem nada de errado em mostrar às pessoas que você pode fazer mais do que só tirar A. Que você até sabe — ele dá um passo para trás, talvez com medo de eu bater nele, e sussurra — se divertir.

Faço cara feia para ele.

— Eu sei me divertir.

— *Eu* sei disso — diz Jude. — Mas até você tem que admitir que é um segredo muito bem guardado.

CINCO

Jude vai embora e eu tento me concentrar no meu trabalho. Só tenho mais algumas frases para terminar, mas o progresso está lento. As palavras do meu irmão estão na minha cabeça e, para minha eterna irritação, as do Quint também. *Se solta. Se diverte.*

Sinto Ari me dando olhares incertos ocasionais. Ela é a pessoa com mais empatia que eu já conheci e sempre sabe quando alguém está chateada. Mas ela também sabe que eu só vou falar quando estiver pronta e que me cutucar não vai dar em nada. Então, trabalhamos em silêncio: eu terminando o trabalho e ela anotando uma letra de música no caderno. Bom, *silêncio* é um termo relativo, considerando os vários níveis de perícia de canto que continuam a agredir nossos ouvidos. Alguns cantores até são bons. Um cara canta a música mais recente do Bruno Mars, e uma das mulheres da mesa ao lado faz uma encarnação impressionante da Cher. Mas os outros cantores não são isso tudo. Tem muitos murmúrios e incômodo e olhares constrangedores para a tela projetando a letra.

Eu tenho uma teoria, que desenvolvi durante nossas noites de karaokê em família. Ninguém na plateia espera o próximo show da Beyoncé no palco, mas, se for para subir lá, é melhor tentar pelo menos entreter. Se sua voz for ótima, que maravilha. Cante a plenos pulmões. Mas, se não for, é preciso compensar de alguma forma. Dançando. Sorrindo. Fazendo contato visual com a plateia. Parecendo que você está se divertindo, mesmo que, na verdade, esteja morrendo de medo, e isso vai levar a apresentação bem mais longe do que era de se esperar.

— Pronto — digo, desligando o computador. — Último dever de casa do ano. Feito. — Eu tomo um gole do meu Shirley Temple, que tinha deixado de lado. Está meio aguado, mas a delícia xaropenta de cereja dá uma sensação de prêmio

merecido.

Eu nem estava prestando atenção em Ari direito, mas percebo que ela está com ideias novas. Estou quase perguntando se ela está trabalhando em coisa nova ou aperfeiçoando algo antigo quando ouço seu nome ser chamado.

— A próxima é Araceli Escalante!

Nós duas olhamos, sobressaltadas. Trish Roxby está nos olhando e oferecendo o microfone.

— Com um nome assim, acho que temos nossa próxima superstar vindo para o palco. Venha, Araceli!

Ari me olha com nervosismo.

— Quando você botou seu nome lá? — pergunto.

— Quando você estava escrevendo — responde ela. — Lá vou eu.

Ela sai do compartimento e se aproxima do palquinho, os movimentos rígidos e robóticos. Nem pegou o microfone ainda, mas já estou sofrendo por ela. Agora, eu queria ter contado a ela minha história de karaokê.

A maior parte dos cantores escolheu ficar de pé durante a música, embora haja um banco perto do monitor para quem quiser. Ari se senta no banco e o puxa para mais perto do suporte do microfone. Acho que é a escolha errada, porque nós temos mais energia de pé, mais movimento, mas sei que é um consolo e agora ela só deve estar querendo acabar com tudo sem os joelhos se dobrarem e ela cair.

A música dela surge na tela da televisão pendurada na parede dos fundos: “A Kiss to Build a Dream On”, de Louis Armstrong. Não é uma música que eu conheça, mas isso não é dizer muito.

Ari fecha os olhos quando uma melodia de piano meio jazz começa a tocar. Ela fica com eles fechados quando começa a cantar. A voz dela é doce, quase frágil, e a música é a cara *dela*. Romântica. Sonhadora. Esperançosa. Sinto as emoções de Ari quando ela canta e fica claro que ela ama a música. A letra, a melodia, ambos a afetam, e ela está segurando os sentimentos numa bolha que está precariamente perto de explodir.

É lindo ouvi-la, e fico orgulhosa dela por ter tido coragem de ir lá em cima e cantar, não querendo reação da plateia, mas com o coração.

Não sei bem por quê, mas meu olhar se desvia para o Quint. Ele está de costas para mim, vendo Ari, e a amiga continua olhando o celular. Reparo que o

cabelo do Quint está embaraçado atrás, como se ele não tivesse parado para pentear hoje.

De repente, Quint vira a cabeça. A expressão dele está azeda. Por um segundo, eu acho que ele está se virando para me olhar, como se talvez me sentisse olhando, *julgando*. Mas, não, ele está olhando o compartimento ao lado do meu. Eu estico o pescoço e vejo dois caras com idade de faculdade, um virando o resto de uma caneca de cerveja. O outro coloca as mãos em concha em volta da boca e grita:

— Chega desse jazz chato!

Meu queixo cai. *Como é?*

O amigo dele ri, e o da cerveja levanta a caneca vazia.

— Vem aqui. Vou te dar um beijo dos sonhos.

O outro cara acrescenta:

— Aí pode ser que dê pra botar música de verdade!

Não acredito. Eles estão *interrompendo*. Qual é o problema das pessoas?

Eu volto minha atenção para Ari. Ela ainda está cantando, mas está de olhos abertos e a voz está com um tom de incerteza. As bochechas dela estão vermelhas.

Penso no quanto o momento deve significar para ela, e meus punhos se fecham embaixo da mesa porque aqueles cretinos estragaram.

Olho para as expressões arrogantes dos garotos. Imagino um deles se engasgando com uma tortilha. O outro derramando molho na camisa Tommy Bahama. Sinceramente, universo, se você…

Uma coisa pequena voa na direção do compartimento e acerta o primeiro cara no olho. Ele dá um gritinho e bota a mão no rosto.

— Que porra foi essa? — berra ele. Ele pega um guardanapo, mas não percebe que a ponta da caneca de cerveja está em cima. Ele puxa. O copo vira e cai, derramando cerveja pela beirada da mesa e no colo dos dois. Há uma série de xingamentos quando eles tentam se afastar da poça no banco.

Ari solta uma gargalhada. Os acordes continuam a tocar, mas ela parou de cantar. A vergonha dela sumiu e foi substituída por gratidão, e, por um segundo, eu acho que fui eu. *Eu acabei de…?*

Mas Ari olha para Quint e vejo os ombros dele tremendo de tanto segurar a risada. Ele está girando uma colher no copo, o gelo batendo no vidro.

Os garotos do compartimento ao lado ainda estão olhando em volta e secando as calças encharcadas com guardanapos de papel. Um deles encontra o projétil e o ergue. Uma cereja.

Carlos vai até eles tentando parecer o dono de restaurante preocupado, mas há uma frieza em sua expressão que me faz pensar que ouviu os dois falando antes. Ele pede desculpas e coloca uma pilha de guardanapos na mesa.

Ele não se oferece para substituir a cerveja perdida.

Ari termina a música e sai correndo do palco como se estivesse pegando fogo. Senta-se no nosso compartimento com um suspiro de alívio.

— Foi muito horrível?

— Não, claro que não! — eu digo, e estou falando sério. — Você foi ótima. Ignora aqueles patetas.

Ela chega mais perto de mim.

— Você viu o Quint jogar aquela cereja neles?

Eu faço que sim. Por mais que não queira, não tenho alternativa além de admitir:

— Foi incrível. — Eu reviro os olhos dramaticamente. — Acho que ele até tem umas qualidades que salvam. Mas pode acreditar. São poucas e muito espaçadas.

Nós ficamos para ouvir mais algumas pessoas. Tem muitas músicas contemporâneas que eu sei que ouvi, mas não sei dizer quem é o artista. Ariana Grande? Taylor Swift? Uma pessoa vai lá e canta uma música do Queen, e, pelo menos, eu conheço a banda.

— Agora, para o prazer de vocês — diz Trish, olhando uma coisa na máquina de karaokê — deem as boas-vindas ao palco para… Prudence!

Ari e eu voltamos a atenção para ela, mas olho imediatamente para Ari.

— Você botou meu nome lá?

— Não! — diz ela com veemência, levantando as mãos. — Eu não faria isso! Não sem a sua permissão, eu juro.

Eu rosno, mas não para Ari. Acredito nela. Não é o tipo de coisa que ela faria.

Será que tem outra Prudence no bar? Quais são as chances? Eu nunca conheci ninguém com meu nome e não tem ninguém indo para o palco.

— Jude deve ter dado um papel pra ela antes de ir embora — digo.

— Você não precisa ir — diz Ari. — Diz que você mudou de ideia. Ou que

botaram seu nome sem perguntar.

Eu e Quint trocamos um olhar. Ele está olhando para trás, surpreso. Curioso.

Minha pulsação está disparando. Ari está certa. Eu não preciso ir lá. Não botei meu nome na lista. Não aceitei fazer isso.

As palmas das minhas mãos ficam suadas. Eu nem saí da mesa ainda e já parece que os olhares de todo mundo estão em mim. Esperando. Julgando. Deve ser apenas a minha imaginação, mas saber disso não impede que minha garganta se feche.

— Prudence? — chama Trish, procurando na plateia. — Cadê você?

— Quer que eu diga que você mudou de ideia? — pergunta Ari.

Eu faço que não.

— Não. Não, tudo bem. É só uma música. Vou cantar. — Expiro fundo e saio do compartimento.

— Espera!

Eu olho para Ari. Ela se inclina para a frente, passa o polegar no canto da minha boca e esfrega com força.

— Seu batom estava manchado — diz ela, se acomodando no lugar. Ela assente de forma encorajadora. — Está melhor. Você está linda.

— Obrigada, Ari.

Eu limpo a garganta e me aproximo do palco, fazendo questão de não fazer contato visual com os cretinos da outra mesa. Nem com Quint. Digo para mim mesma que não estou nervosa. Que não estou simplesmente apavorada.

São só quatro minutos da sua vida. Você consegue.

Mas, por favor, que Jude tenha escolhido uma música boa…

Trish coloca o suporte do microfone na minha frente e eu olho o monitor, que mostra a escolha de música. *Ufa.* Tranquilo. Não é ruim. Jude aceitou a sugestão de Ari e escolheu a música do John Lennon, uma que eu amo e sei de cor.

Passo a língua nos lábios e mexo o ombro para tentar entrar no clima de apresentação. Não sou uma grande cantora, sei disso. Mas o que me falta em talento natural, eu consigo compensar em presença de palco. Eu sou Prudence Barnett. Não acredito em mediocridade e nem em tentativas pífias, e isso inclui cantar aos berros uma música de karaokê numa armadilha de turista mal iluminada na rua Main. Vou sorrir. Vou interagir com as pessoas. Talvez até dance. Eu penso: meu canto pode não me render prêmios, mas isso não quer

dizer que eu não posso me divertir.

Relaxar. Não é, Quint? Vamos ver você subir nesse palco e relaxar.

Os primeiros acordes de “Instant Karma!” soam nos alto-falantes. Eu não preciso do monitor mostrando a letra. Eu jogo o cabelo e começo a cantar.

— *Instant karma’s gonna get you!*

Ari grita de forma encorajadora. Eu pisco para ela e sinto que estou entrando na música. Movo os quadris. Meu coração dispara tanto de adrenalina quanto de nervosismo. Meus dedos se abrem como fogos de artifício. Mãos de jazz. A música cresce, e faço o possível para canalizar John Lennon e a paixão que ele deu à música. Meu braço livre se estica para o alto e desce na direção da plateia, o dedo apontando, procurando.

— *Who on Earth do you think you are? A superstar? Right, you are!*

Estou tentando cantar para o Carlos, mas não o encontro, e logo me vejo apontando para Quint. Fico sobressaltada de vê-lo me observando com atenção. Ele está sorrindo, mas de um jeito atordoado, quase perplexo.

Com a pulsação trêmula, eu volto a atenção para Ari, que está dançando sentada à mesa, balançando os braços no ar.

Pego baquetas imaginárias e bato nos pratos junto com o solo de bateria que me joga no refrão. Estou quase eufórica enquanto canto.

— *Well, we all shine on, like the moon… and the stars… and the sun!*

A música segue nos acordes familiares e na letra querida. Eu mexo os ombros. Abro os dedos apontando para o céu. Canto até o final. Não ouso olhar para o Quint de novo, mas sinto o olhar dele em mim, e, apesar da minha determinação de não permitir que a presença dele me deixe nervosa, estou nervosa. O que só serve para me deixar *mais* determinada a parecer *não nervosa.* Porque seria uma coisa se ele estivesse me ignorando ou fazendo caretas de constrangimento por minha causa.

Mas, não. Naquela fração de segundo em que o encarei, houve algo inesperado lá. Acho que não foi simples diversão e nem mesmo pura surpresa, embora eu ache que o tenha surpreendido. Houve algo mais do que isso. Algo quase… hipnotizado.

Estou pensando demais. Preciso parar de pensar e me concentrar na música, mas estou no piloto automático enquanto a letra se repete e vai chegando ao fim. *Like the moon and the stars and the sun…*

Quando a música acaba, eu me curvo de forma elaborada e faço um floreio com a mão na direção do Quint, como ele fez na aula de biologia de manhã.

Ainda assim, os gritos do Quint são os mais altos do bar.

— Arrasou, Pru!

Sinto um calor subir pelo pescoço e queimar as bochechas. Não é exatamente constrangimento. É mais uma agitação, um brilho, por causa da aprovação dele, indesejada, não solicitada e totalmente desnecessária.

Quando me afasto do microfone, não consigo segurar um olhar na direção dele. Ainda estou energizada pela música, um sorriso nos lábios. Ele me encara e, por um momento, só um momento, eu penso que talvez ele até seja meio legal. Que talvez a gente até possa ser amigos. Desde que nunca mais tenha que trabalhar juntos.

Para a minha surpresa, Quint levanta o copo, como se brindando a mim. É nessa hora que percebo que estou olhando fixamente.

O momento termina. A ligação bizarra se rompe. Eu afasto a atenção dele quando volto para a mesa.

Ari aplaude com entusiasmo.

— Você foi tão bem! — diz ela, e não consigo de deixar de notar que é com uma sensação sincera de incredulidade. — O restaurante todo ficou hipnotizado!

Suas palavras me lembram a expressão que o Quint fez para mim durante a música, e fico ainda mais vermelha.

— Eu gostei mais do que achei que gostaria.

Ela levanta a mão para um *high five*. Ainda estou a uma certa distância, passando pela mesa onde os cretinos estavam, apesar de eles já terem ido embora.

Eu me estico para bater na mão dela.

Esqueci a bebida derramada.

Meu calcanhar escorrega para frente. Eu ofego e jogo o peso para tentar recuperar o equilíbrio. Tarde demais. Meus braços balançam nas laterais do corpo. Meus pés voam embaixo de mim.

Eu caio com tudo.

SEIS

Está tocando Prince nos alto-falantes, mas ninguém está cantando. A parte de trás da minha cabeça parece ter sido atingida por um pedaço de madeira. O latejamento dentro do meu crânio está em sincronia perfeita com a batida de “Raspberry Beret”.

Preciso tentar três vezes para conseguir abrir os olhos, só para eles serem agredidos por anúncios de tequila de luz néon e uma televisão na parede mostrando um daqueles vídeos estranhos de karaokê dos anos 1980 que não têm nada a ver com a música. Faço uma careta e fecho bem os olhos de novo. Ari está dizendo alguma coisa sobre chamar uma ambulância. Carlos também está falando, a voz confiante e calma, mas não entendo o que ele está dizendo.

— Está tudo bem, Pru — diz outra voz, mais grave. Uma que parece muito do… Quint?

Mas Quint nunca me chamou de *Pru*.

Sinto a mão de alguém na minha nuca. Dedos no meu cabelo. Abro os olhos de leve de novo, e a luz está menos intensa desta vez.

Quint Erickson está ajoelhado ao meu lado, olhando meu rosto com uma expressão que é bizarramente intensa, principalmente com aquelas sobrancelhas escuras sobre o olhar. Está tão diferente do sorriso bobo de sempre, que arranca uma gargalhada dolorida de mim.

Ele pisca.

— Prudence? Você está bem?

O latejamento na minha cabeça piora. Eu paro de rir.

— Bem. Estou bem. É que… essa música…

Ele olha para o monitor, como se tivesse esquecido que estava tocando música.

— A letra não faz sentido — continuo falando. — Nunca encontrei uma boina cor de framboesa num brechó. Você já? — Trinco os dentes por causa de outro latejamento na cabeça. Acho que eu tinha que parar de falar.

Quint está com a testa mais franzida.

— Você talvez tenha uma concussão.

— Não. — Eu solto um gemido. — Talvez. Ai.

Ele me ajuda a me sentar.

Ari está do meu outro lado. Trish Roxby também está perto, roendo a unha do polegar, junto de uma garçonete segurando um copo de água que acho que deve ser para mim. A amiga do Quint, Morgan, finalmente largou o celular e está me olhando como se nem ligasse.

— Eu estou bem — digo. As palavras não saem arrastadas. Pelo menos, eu acho que não. Fico confiante e as repito de forma mais enfática: — Estou *bem*.

Ari coloca dois dedos na frente do meu rosto.

— Quantos dedos têm aqui?

Eu faço cara feia para ela.

— Doze — respondo, sem titubear. O latejamento na parte de trás da minha cabeça está começando a diminuir, e é nessa hora que percebo que Quint ainda está me segurando, os dedos enfiados no meu cabelo.

Fico alarmada e empurro o braço dele.

— Estou bem.

Quint parece sobressaltado, mas não particularmente magoado.

— Seu amigo está certo — diz Carlos. — Você talvez tenha uma concussão. Nós deveríamos…

— Ele não é meu amigo — retruco. É um pouco por reflexo. Agora que já comecei, acabo continuando, com um dedo explicativo erguido. — Além do mais, eu já vi como ele lida com resultados de laboratório. Me perdoe se não tenho tanta confiança no diagnóstico do dr. Erickson.

— Bom, ela parece bem — diz Ari.

Eu estico a mão para a borda da mesa e a uso para me levantar. Assim que estou de pé, sinto uma onda de tontura. Eu me apoio na mesa e fecho bem os olhos.

Tateio a parte de trás da cabeça com a mão livre. Tem um galo, mas pelo menos eu não estou sangrando.

— Prudence — diz Quint, ainda perto demais. — Isso pode ser sério.

Eu me viro para ele tão rápido que minha vista se enche de estrelas, que interrompem minha resposta apressada.

— Ah, *agora* você decide levar alguma coisa a sério? — pergunto, quando as estrelas começam a se dissipar.

Ele dá um passo para trás, parece desanimar e esfrega o alto do nariz.

— Por que eu me dou ao trabalho?

— Por que *mesmo*? Eu não preciso da sua ajuda.

Sua expressão se endurece e ele levanta as mãos em rendição.

— Obviamente — diz ele.

Mas, em vez de se virar, ele estica a mão para trás de mim, tão perto, de repente, que aperto o quadril na mesa com uma onda de pânico. Quint pega a pilha de guardanapos que os cretinos deixaram e se vira sem reagir e talvez sem nem perceber minha reação. Ele joga os guardanapos na bebida derramada em que eu escorreguei e começa a secar o líquido, empurrando os papéis molhados com a ponta do tênis.

— Pru? — Ari toca no meu cotovelo. — Falando sério, não é melhor a gente chamar uma ambulância? Ou eu te levar para o hospital?

Dou um suspiro.

— Por favor, não. Não estou desconcertada nem nada. Minha cabeça está doendo um pouco, mas só isso. Só preciso de um Tylenol.

— Se ela consegue usar corretamente a palavra *desconcertada*, ela deve estar bem — comenta Trish, e percebo que ela está tentando ajudar. — Está com sede, querida?

Ela me oferece a água, mas eu recuso.

— Não. Obrigada. Mas acho que vou pra casa. — Eu me viro para Ari. — Minha bicicleta está lá fora, mas…

— Eu te dou carona — diz ela, sem me deixar terminar. Ari volta até nossa mesa para pegar nossas coisas.

— Obrigada — murmuro. Fico com a sensação de que eu devia dizer alguma coisa, fazer alguma coisa. Carlos e Trish, Quint e Morgan, todos estão parados ali, me olhando. Bom, Quint está jogando os guardanapos molhados em um cesto de lixo e evitando contato visual, mas o resto está olhando, com expectativa. Eu devo abraçar cada um, por acaso?

Carlos me salva colocando a mão no meu ombro.

— Me liga amanhã ou passa aqui depois da aula? Pra eu saber que você está bem?

— Sim, claro — respondo. — Hum… essa coisa de karaokê… — Eu olho para Trish, atrás dele. — É uma ideia bem legal. Espero que continue.

— Toda terça, às seis — diz Trish. — Ao menos é esse o plano.

Sigo Ari até a porta dos fundos. Faço questão de manter o olhar afastado do Quint, mas sinto que ele está ali, mesmo assim. O nó no meu estômago parece culpa. Ele só estava tentando ajudar. Eu não devia ter sido ríspida com ele.

Mas ele teve o ano todo para ajudar. Tarde demais.

Ari abre a porta dos fundos e vamos parar no estacionamento de cascalho atrás do Encanto. O sol já se pôs e tem uma brisa refrescante vindo do mar, cheia de maresia e familiaridade. Sinto-me reavivada na mesma hora, apesar da dor na parte de trás do meu crânio.

Ari dirige uma van azul-turquesa dos anos 1960, uma banheira que foi presente de seus pais no décimo sexto aniversário. Ela tenta não se gabar, mas sua família tem dinheiro. A mãe é uma das corretoras de imóveis de mais sucesso no país e ganhou uma pequena fortuna vendendo casas de veraneio chiques para pessoas muito ricas. Quando Ari começa a demonstrar paixão por uma coisa, tipo um carro vintage nada prático, não é surpresa que ele apareça na porta da casa. O que pode bastar para alguns adolescentes sentirem que merecem tudo, mas a *abuela* dela, que mora com eles, parece manter as rédeas puxadas em relação a isso. Ela seria a primeira a derrubar Ari do pedestal se ela começasse a agir como uma menina mimada, mas, com Ari, acho que não há motivo para preocupação. Ela é a pessoa mais gentil e generosa que eu conheço.

Eu tento ajudá-la a colocar minha bicicleta atrás do carro, mas ela me manda entrar e relaxar. A dor de cabeça começou a piorar, então não discuto. Sento-me no banco do passageiro e apoio a cabeça no encosto.

Às vezes, acho que Ari está tentando intencionalmente viver a vida como se estivesse em um documentário de época. Ela usa roupas vintage quase o tempo todo, como o macacão mostarda que está usando agora, dirige um carro vintage e até toca um violão vintage. Embora saiba bem mais sobre música contemporânea do que eu, a verdadeira paixão dela é o apogeu dos cantores/compositores dos anos 1970.

Com a bicicleta presa, Ari se senta no banco do motorista. Eu prendo o cinto de segurança enquanto ela faz o procedimento cuidadosamente orquestrado de verificar os espelhos, apesar de não ser possível que eles tenham mudado de posição desde que ela dirigiu até ali algumas horas antes.

Ela ainda está se acostumando a dirigir com câmbio manual e só deixa o carro morrer uma vez antes de entrar na via principal. É uma melhoria enorme em comparação a quando ela ganhou o carro e moveu o câmbio umas cinquenta vezes antes de conseguir engrenar.

— Tem certeza de que você está bem? Eu posso te levar ao hospital. Ou ligar para os seus pais? Para Jude?

— Não, eu só quero ir pra casa.

Ela morde o lábio inferior.

— Eu fiquei tão preocupada, Pru. Você chegou a desmaiar.

— Só por um segundo, né?

— É, mas…

Eu coloco a mão na dela e digo solenemente:

— Estou bem. Juro.

O rosto dela cede antes das palavras. Depois de um segundo, ela assente. Eu suspiro e olho pela janela. Nós passamos por sorveterias e butiques que são tão familiares quanto meu próprio quarto. Eu não tinha percebido como estava tarde. O sol acabou de descer atrás do horizonte, e a rua Main está iluminada como um set de cinema, as palmeiras enroladas em luzinhas brancas, o comércio pintado em tons pastel brilhando sob os postes de luz de estilo antigo. Em mais uma semana, a cidade estará cheia de turistas de férias, trazendo algo parecido com vida noturna. Mas, agora, as ruas parecem quase abandonadas.

Nós saímos da rua Main e vamos para o subúrbio. Nos primeiros dois quarteirões ficam as mansões, a maioria uma segunda casa para gente que tem dinheiro para uma propriedade quase na beira da praia. Mas logo passa a ser só um bairro. Uma mistura de estilos Mission e Colonial Francês. Telhados de telha, paredes de estuque, janelas coloridas, jardineiras de janela cheias de petúnias e gerânios.

— Não fica com raiva — diz Ari, e na mesma hora eu me irrito com a expectativa de ficar com raiva —, mas eu achei o Quint legal.

Eu relaxo quando percebo que, por algum motivo, eu estava me preparando

para um insulto. Mas Ari é doce demais para criticar qualquer pessoa. Mesmo, evidentemente, Quint Erickson. Eu dou uma risada debochada.

— *Todo mundo* acha o Quint legal, mas só até terem que trabalhar com ele. — Eu faço uma pausa para pensar. — Não é que eu ache que ele é um cara ruim. Ele não é cretino nem agressivo e nem nada do tipo. Mas ele é tão… tão… — Eu flexiono os dedos, procurando a palavra certa.

— Fofo?

Eu olho para ela com expressão gelada.

— Você consegue coisa melhor.

Ela ri.

— *Eu* não estou interessada nele.

Tem alguma coisa no jeito como ela fala, como se ela estivesse deixando algo não dito. *Ela* não está interessada, mas…

As palavras pairam no ar entre nós. Ela está dando a entender que eu estou?

Que nojo.

Cruzo os braços com força.

— Eu ia dizer inepto. E egoísta. Ele chega atrasado na aula o tempo todo, como se qualquer coisa que ele esteja fazendo fosse muito mais importante do que o que nós temos que fazer. Como se o tempo dele fosse mais valioso e não houvesse problema ele chegar dez minutos atrasado, atrapalhando o sr. Chavez, fazendo todo mundo esperar ele se acomodar, e aí solta uma piada idiota sobre a situação, como se… — Eu deixo a voz grave, imitando-o. — *Ah, cara, esse trânsito de Fortuna, né?* Quando todo mundo sabe que não tem trânsito em Fortuna.

— Então ele não é pontual. Tem coisas piores.

Eu suspiro.

— Você não entende. Ninguém entende. Tê-lo como parceiro de laboratório foi um sofrimento.

Ari ofega de repente. O carro desvia. Eu seguro no cinto de segurança e viro a cabeça quando faróis brilham pelo para-brisa traseiro. Não sei quando o carro esporte apareceu atrás de nós, mas está colado na nossa traseira. Eu me inclino para a frente para olhar pelo retrovisor lateral.

— Tinha uma placa de pare lá atrás! — grita Ari.

O carro esporte começa a se mover de um lado para o outro, acelerando.

— O que ele quer? — grita Ari, já à beira da histeria. Apesar de ter habilitação, a confiança dela atrás do volante ainda tem um longo caminho a percorrer. Mas algo me diz que ter um carro errático na cola deixaria até o motorista mais experiente surtado.

— Acho que ele quer ultrapassar.

— Nós não estamos numa via expressa!

Nós estamos em uma rua residencial estreita, ainda mais estreita por causa das filas de veículos estacionados nos dois lados. O limite de velocidade é só de 40 quilômetros por hora, o qual tenho certeza de que Ari está respeitando precisamente. Agora, na ansiedade, a velocidade caiu para 30. Desconfio que isso só esteja irritando mais o motorista atrás de nós.

Ele enfia a mão na buzina, muita grosseria.

— Qual é o problema dessa pessoa? — eu grito.

— Eu vou encostar — diz Ari. — Talvez… tenha uma mulher em trabalho de parto no banco do passageiro, sei lá.

Olho para ela sem acreditar. É a cara da Ari dar desculpas para esse comportamento indesculpável.

— O hospital fica pra lá — digo, apontando com o polegar na outra direção.

Ari chega para o lado da rua. Encontra um espaço entre dois carros estacionados e faz o melhor possível para entrar, o que não é uma tarefa fácil considerando o tamanho da van. Ainda assim, sobra espaço para o outro carro passar.

O motor acelera de novo e o carro esporte passa. Tenho um vislumbre de uma mulher na janela do passageiro com um cigarro aceso. Ela mostra o dedo do meio para Ari quando eles aceleram.

Sou tomada de fúria.

Aperto os punhos e enfio as unhas nas palmas. Imagino a justiça cármica os atingindo. Um pneu furado que os jogaria girando para fora da rua, até baterem num poste telefônico e…

BANG!

Ari e eu gritamos. Por um segundo, acho que foi um tiro. Mas vemos o carro quase um quarteirão à frente, girando descontrolado.

O pneu estourou.

Eu aperto a mão na boca. Parece que estou vendo um vídeo em câmera lenta.

O carro roda 180 graus, milagrosamente sem tocar nos outros veículos estacionados nas laterais da rua. Sobe na calçada e só para quando o para-choque dianteiro bate não num poste telefônico, mas numa palmeira gigante. O capô amassa como uma lata de alumínio.

Por um momento, Ari e eu ficamos paralisadas olhando o acidente. Mas Ari logo tira o cinto e abre a porta. Ela sai correndo na direção do local do acidente antes que eu consiga pensar em me mexer, e, quando finalmente me mexo, é só para abrir os punhos fechados.

Meus dedos estão formigando, quase dormentes. Olho para eles, minha pele tingida de laranja da luz do poste.

Coincidência.

Só uma coincidência bizarra.

Nem sei como consigo pegar o celular e ligar para a polícia, e quando termino de dar as informações para o atendente, minha mão parou de tremer, e Ari está voltando na minha direção.

— Todo mundo está bem — diz ela, sem ar. — Os airbags se abriram.

— Eu liguei pra polícia. Vão chegar daqui a pouco.

Ela assente.

— *Você* está bem? — pergunto.

Ari afunda no banco.

— Acho que sim. Só levei um susto gigante.

— Eu também. — Estico a mão e aperto a dela.

Sua expressão está sofrida quando ela me olha.

— Isso é horrível, mas, quando aconteceu… tipo, naquela fração de segundo depois da batida, meu primeiro pensamento foi… — Ela para de falar.

— Bem feito — eu concluo por ela.

O rosto dela se contrai com culpa.

— Ari, eles foram uns cretinos. E estavam dirigindo de forma perigosa. Eu odeio dizer isso, mas… bem feito, *sim*.

— Você não está falando sério.

Em vez de responder, porque tenho certeza de que *estou* falando sério, eu tiro a mão de cima da dela.

— Estou feliz de ninguém ter se machucado seriamente — digo. — Inclusive nós. — Levanto a mão e massageio a parte de trás da cabeça, onde o galo parece

estar diminuindo. — Acho que minha cabeça não ia aguentar outra colisão hoje.

SETE

Minha dor de cabeça praticamente passou na manhã seguinte, mas estou com uma sensação grogue que ocupa meu crânio quando imprimo o trabalho sobre o peixe-diabo, junto com o do Jude sobre o tubarão-elefante, e me visto.

— Último dia — sussurro para o meu reflexo no espelho do banheiro. As palavras são uma espécie de mantra que me motiva enquanto escovo os dentes e desembaraço os mesmos nós de cabelo que desembaraço todas as manhãs. *Último dia. Último dia. Último dia.*

Dormi até quase uma hora depois do horário em que gosto de acordar e dá para ouvir o caos da minha família já a toda no andar de baixo. Meu pai está com um disco do Kinks tocando e é uma das músicas animadas e rápidas, "Come Dancing". Ele tem uma teoria de que começar a manhã com uma música que faz sentir bem vai automaticamente deixar o dia incrível. Eu até acho que faz algum sentido e acredito em começar o dia com o pé direito o máximo de vezes possível, mas às vezes suas músicas matinais animadas são mais irritantes do que inspiradoras. Todo mundo na família tentou dizer isso para ele em diferentes ocasiões, mas ele descarta a crítica. Acho que já deve ter a playlist matinal do verão toda escolhida.

Por cima da música, Ellie (de quatro anos e cheia de Grandes Emoções) está gritando sobre sabe-se lá o quê. Tem dias em que eu tenho a sensação de que a vida da Ellie é só um grande ataque de birra. *Não, eu não vou tomar banho. Não, eu não quero calçar as meias. Não, eu odeio biscoito Goldfish. Ei, a Lucy está comendo meu biscoito Goldfish, não é juuuuuuusto.*

Ouço um baque alto e algo cai no andar de cima, seguido imediatamente do grito agudo da minha mãe.

— Lucy! Eu falei que em casa não!

— Desculpa! — Esse é o pedido de desculpas de quem não parece nada arrependido. Um segundo depois, ouço as dobradiças da porta dos fundos gemerem.

Lucy, treze anos e amarga por ir para o nono ano depois do verão, quando vai voltar para o fim da fila da ordem de implicância social por ser na escola em que o nono ano faz parte do ensino médio, deve ter sido trocada no nascimento com nossa verdadeira irmã. Pelo menos, é a teoria que Jude e eu formulamos. Lucy é popular, para começar. Bizarramente popular. E não daquele tipo clichê de filme adolescente. Ela não vai de salto para a escola, não passa o tempo livre todo no shopping e não é burra e nem cruel. As pessoas simplesmente gostam dela. Todo tipo de pessoa. Pelo que consigo perceber com meu conhecimento limitado dos círculos sociais atuais da Escola de Ensino Fundamental II de Fortuna Beach, ela tem ligação com todos. Pratica quase todos os esportes. Tem um conhecimento funcional de reuniões esportivas e eventos de arrecadação de fundos e outros eventos escolares que Jude e eu costumamos evitar. É meio perturbador de assistir.

O único grupo com o qual ela parece não ter muita ligação somos nós. Ela não tem interesse nenhum em música; ela mal escuta rádio e costuma botar fones para ouvir os podcasts de crimes reais em vez de o disco do dia do meu pai. Ela é a única da nossa família que nunca nem tentou aprender um instrumento. (Enquanto eu fiz piano por dois anos e Jude investiu de verdade no violão. Nenhum de nós conseguiu ficar bom, e nós dois desistimos antes do fim do fundamental II. O pobre teclado que meus pais compraram para mim na lojinha de coisas usadas está pegando poeira no canto da sala desde essa época.)

E tem Penny, de nove anos, que ama música, mas não do tipo que meus pais se esforçaram tanto para nos fazer amar. Ela gosta de pop e R&B e algumas coisas alternativas, o tipo de hits Top 40 que não costuma aparecer em uma loja de discos. Ela é o único motivo para eu conhecer alguma coisa de música contemporânea e, para ser sincera, a minha familiaridade é bem fraca. Na verdade, se meus pais não tivessem nos arrastado para ver *Yesterday*, um filme inspirado nos Beatles, eu provavelmente ainda não saberia quem é Ed Sheeran.

Ironicamente, Penny também é a única dos filhos dos Barnett que toca um instrumento. Mais ou menos. Ela está aprendendo violino há três anos. Era de se

pensar que, por ser criança, ela teria feito progresso em três anos, mas os sons que ela arranca daquelas cordas continuam fazendo nossos ouvidos sangrarem do mesmo jeito que no dia em que ela começou. Eu a escuto praticando no quarto que ela divide com Lucy enquanto passo o batom vermelho mais forte que tenho. Preciso de energia hoje. Não sei se ela está tentando tocar junto com a música dos Kinks ou se está se preparando para uma aula. Seja qual for, está fazendo minha dor de cabeça voltar. Eu bufo de irritação e começo a fechar a porta do banheiro.

Um pé aparece do corredor e faz a porta parar. A porta volta na minha direção.

— Ei — diz Jude, se apoiando na moldura da porta. — Está sentindo o gosto de liberdade no ar?

Estalo os lábios pensativamente.

— Engraçado. Está com gosto de pasta Crest com branqueador. — Eu fecho o batom e coloco na bolsinha de maquiagem. Passo por ele, espremida, e entro no meu quarto. — Você fez todos os seus planos do cerco da Caverna Goblin ou sei lá como era?

— É Ilha de Gwendahayr, se você quer mesmo saber. Estou elaborando tudo para incluir uma série de ruínas antigas que guardam todas as pistas de um feitiço muito poderoso, mas quem tentar enunciar o feitiço de forma errada ou sem ter todas as partes vai sofrer uma coisa horrível. Ainda não sei o quê. — Ele hesita e acrescenta: — Talvez abra uma caverna cheia de goblins.

Ele me seguiu, mas para na porta. É uma regra tácita da nossa casa: nunca entrar em um quarto sem convite verbal. Em geral, nossa família não tem limites firmes, e esse é um que Jude e eu protegemos a todo custo. A casa em que moramos não foi feita para nós sete. Só há três quartos oficiais: a suíte dos meus pais, Lucy e Penny num quarto com beliche e eu no terceiro quarto, com Jude no porão convertido. Mas com a “bebê” Ellie ainda dormindo numa caminha de criança no quarto dos meus pais, mas crescendo rápido, já se andou falando em ter que rearrumar tudo. Estou morrendo de medo de que isso signifique que vou perder meu santuário particular. Por sorte, meus pais andam tão ocupados com a loja de discos que não conseguem rearrumar e redecorar, então o status quo continua. Por enquanto.

— E como foi o resto do karaokê?

Eu franzo a testa para ele.

— Que gentileza sua perguntar, considerando que *alguém* inscreveu meu nome pra cantar “Instant Karma!” e nem se deu ao trabalho de me avisar.

Ele franze a testa de volta.

— Sério?

Eu bufo.

— Ah, para. Está tudo bem. Eu não estou com raiva. Até que foi — balanço a cabeça para um lado e para o outro — meio divertido. Mesmo assim. Da próxima vez, me avisa antes, tá?

— O quê? Não fui *eu* que botei seu nome lá.

Eu paro de trançar o cabelo e olho para ele. De verdade.

Ele parece legitimamente perplexo.

Ari também pareceu na hora.

— Não?

— Não. Eu não faria isso. Não sem você dizer que tudo bem.

Eu enrolo um elástico na ponta da trança.

— Mas, se não foi você, não foi Ari…

Nós ficamos em silêncio por um momento, e Jude acaba dizendo com hesitação:

— Quint?

— Não. — Eu estava pensando a mesma coisa, mas tenho que descartar a ideia. Quint não poderia ter nos ouvido falando sobre a música. E Carlos também não estava perto. — Talvez a mulher do karaokê? Será que ela nos ouviu e achou que eu precisava de um empurrão?

— Não seria muito profissional.

— Não. Não seria. — Pego a mochila na cadeira, onde deixei na noite anterior. — Bom, não importa mais. Eu cantei. Eu dancei. Até que fui bem, se é que posso dizer isso.

— Pena que eu perdi.

— Pena mesmo. Aliás, eu imprimi seu trabalho pra você. — Entrego a folha impressa para ele.

— Obrigado. Então… — Ele bate com os dedos na moldura da porta. — Eu estava pensando em ir à fogueira do fim das aulas hoje.

— Como é que é? Você? — A festa anual da fogueira de Fortuna Beach é tão

estranha para Jude quanto para mim. Nós não fomos ano passado, apesar de muita gente do nono ano ter ido. Até me lembro de alguns dos nossos colegas irem quando a gente ainda estava no fundamental II. — Por quê?

— Pensei em ver como é. Aquela coisa de só falar mal depois de conhecer. Será que você e Ari querem ir?

Minha reação automática é *De jeito nenhum, a gente está bem sem ir, obrigada*. Mas ainda estou tentando entender os motivos do Jude. Eu aperto os olhos para ele. Ele está com uma expressão casual. Casual demais.

— Aaaah — digo, me sentando na beira da cama para calçar as meias. — É porque a Maya vai, né?

Ele me olha com expressão nada impressionada.

— Acredite se quiser, mas eu não vivo a minha vida de acordo com a agenda da Maya Livingstone.

Eu levanto as sobrancelhas. Não estou convencida.

— Deixa pra lá — resmunga ele. — Eu não tenho nada pra fazer hoje e, sem os deveres de casa pra te ocupar, sei que você também não tem. Vamos conhecer.

Imagino a situação. Eu, Jude e Ari tomando refrigerante na frente da fogueira, com areia nos sapatos, o sol nos olhos, vendo os formandos encherem a cara de cerveja barata e lutarem nas ondas.

Meu puro desinteresse deve ficar estampado na cara, porque Jude começa a rir.

— Eu vou levar um livro — comenta ele. — Só para o caso de ser horrível. No pior cenário possível, nós arrumamos um lugar perto da comida e ficamos lendo a noite toda. E vou falar pra Ari levar o violão.

Minha interpretação da noite muda e vejo nós três relaxando, um livro em uma mão, um s'more na outra, enquanto Ari dedilha sua canção mais recente. Isso sim parece uma noite deliciosa.

— Tudo bem, eu vou — digo enquanto pego a mochila. — Mas não vou entrar na água.

— Eu nem ia pedir — replica Jude. Ele sabe que eu morro de medo do mar, principalmente por causa dos *tubarões*. Eu também estaria mentindo se não dissesse que a ideia de botar um biquíni na frente de metade dos alunos da escola não me enchesse de um pavor descontrolado.

Nós descemos a escada. Meu pai acabou de colocar um disco novo, e a

harmonia animada dos Beach Boys começa a tocar na sala. Olho pela porta e o vejo dançando em volta da mesa de centro. Ele tenta puxar Penny para dançar com ele, mas ela está deitada no chão, jogando no tablet do meu pai, ignorando-o solenemente.

Eu costumo tentar evitar a sala, porque ao longo dos anos se tornou uma espécie de depósito de tralhas. Limpar e arrumar não é prioridade na vida dos meus pais há um tempo, e todas as coisas aleatórias que nós não sabemos onde botar acabam empilhadas nos cantos. Não só meu teclado velho, mas também caixas de projetos abandonados de artesanato e pilhas de revistas não lidas. Além do mais, tem discos. Tantos discos de vinil, espalhados em todas as superfícies, empilhados no tapete antigo. Fico estressada só de olhar.

Jude e eu viramos na direção da cozinha. A birra da Ellie parece ter acabado, graças aos céus, e ela está sentada na mesa da cozinha, usando o vestido favorito com o macaco de lantejoulas na frente, enfiando cereal na boca sem prestar atenção no que faz. Tem uma revista aberta na mesa. Ela ainda não sabe ler, mas gosta de olhar as fotos de animais na *National Geographic Kids*. Pela janela, vejo Lucy no quintal, chutando uma bola de futebol na parede de trás da casa.

Os anos letivos do fundamental I e II terminaram ontem, e hoje é o primeiro dia oficial de férias de verão da Penny e da Lucy. A pré-escola da Eleanor acabou semana passada. Um olhar na direção da mamãe, sentada na frente da Ellie com um copo de suco de tomate, o laptop e duas pilhas de notas fiscais em volta, sugere que ela já está nervosa com essa mudança.

— Eu queria fazer panqueca para o último dia de aula de vocês — diz ela quando Jude e eu entramos, antes de nos dar um abraço desamparado. — Mas acho que não vai rolar. No fim de semana, talvez?

— Não esquenta — responde Jude, pegando um prato fundo no armário. Ele sobreviveria tranquilamente de cereal se nossos pais deixassem.

Pego o liquidificador e boto na bancada para fazer minha vitamina matinal de sempre. Pego o leite e o creme de amendoim, depois me viro na direção da fruteira. Fico paralisada.

— Onde foram parar todas as bananas?

Ninguém responde.

— Mãe? Você não comprou dois cachos de banana tipo uns dois dias atrás?

Ela mal levanta o rosto para longe da tela.

— Sei lá, querida. Tem cinco crianças em idade de crescimento nesta família.

Enquanto ela fala, um movimento chama minha atenção. Ellie levantou a revista e colocou na frente do rosto.

— Ellie? — digo em tom de aviso enquanto atravesso a cozinha e puxo a revista da mão dela, ao mesmo tempo que ela enfia os últimos pedaços de banana na boca. Suas bochechas ficam lotadas e ela tem dificuldade de mastigar. A casca ainda está na mão dela. Tem uma segunda casca de banana ao lado do prato vazio de cereal. — Eleanor! É sério? Que grosseria! Mãe!

Minha mãe levanta o rosto de cara feia… para mim, claro.

— Ela tem quatro anos e é só uma *banana*.

Eu começo a gemer, mas mordo a língua. Não é porque é uma banana. É o princípio da coisa toda. Ela me ouviu falando que eu queria e esse foi o único motivo para ela ter enfiado tudo na boca. Se fosse Jude, ela teria entregado para ele em uma bandeja de prata.

Eu jogo a revista na mesa.

— Tudo bem — murmuro. — Vou arrumar outra coisa.

Mas ainda estou irritada quando começo a remexer no freezer na esperança de encontrar um saco de frutas vermelhas congeladas. Como não encontro nada, dou um passo para trás e aperto as mãos. Lanço um olhar fulminante para Ellie por cima do ombro, na hora que ela engole a banana. Ugh. Que egoistinha…

Uma bola de futebol aparece voando. Bate no copo da minha mãe e o derruba na mesa. Ela grita quando o suco de tomate se espalha por toda a superfície. Minha mãe pega a pilha de notas fiscais mais próxima enquanto Ellie fica paralisada e de olhos arregalados, sem fazer nada enquanto um rio de suco vermelho-escuro escorre pela borda da mesa no colo dela.

Eu pisco e tenho lembranças dos cretinos bêbados no Encanto na noite anterior. A cereja. A cerveja derramada. O déjà vu é bizarro.

— Lucy! — grita minha mãe.

Lucy está na porta dos fundos, as mãos ainda esticadas como se houvesse uma bola de futebol invisível nelas. Ela está com uma expressão atordoada.

— Eu não fiz nada!

Minha mãe faz um som de repulsa.

— Ah, claro. Tenho certeza de que o universo arrancou a bola das suas mãos e jogou na mesa!

— Mas…

— Não fica aí parada olhando! Pega um pano!

Eu sei que ela está falando com Lucy, mas Jude está um passo à frente de todo mundo e leva um bolo de toalhas de papel para ajudar a secar a sujeira.

— Mãe! — A voz da Ellie está tremendo. — É o meu vestido favorito!

— Eu sei, querida — diz a minha mãe, mas percebo que ela mal está ouvindo enquanto olha embaixo do computador para ver se foi parar suco lá. — Pru, você pode ajudar sua irmã a se trocar?

Ouvir meu nome me tira do torpor. É só um copo virado. É só uma bola de futebol. É só uma coincidência.

Mas também é tão *estranho*.

Meus dedos formigam quando abro os punhos e os estico. Contorno a mesa, e Ellie levanta os braços obedientemente para que eu puxe o vestido grudento e molhado pela cabeça.

— É o meu favorito — diz ela, fazendo beicinho. — Dá pra salvar?

O jeito como ela fala é mais do que melodramático, mas não consigo evitar uma pontada de sentimento de culpa. Apesar de não ser *minha* culpa. Eu não estava perto daquele copo de suco e nem da bola de futebol. Lucy precisa aprender a tomar mais cuidado.

— Vou botar Spray ’n Wash nele e vamos torcer pelo melhor — respondo. — Vai escolher outra coisa pra vestir hoje.

Ela faz cara feia para Lucy, que nem percebe porque está ajudando a minha mãe e Jude a limpar tudo. Ellie faz um ruído no fundo da garganta e sobe a escada batendo os pés.

— Jude, vou botar isso aqui pra lavar e a gente tem que ir — digo. — É o último dia. A gente não devia se atrasar.

Ele assente e joga as toalhas de papel sujas de vermelho no lixo.

— Quer um bagel pra comer no caminho?

— Claro, obrigada. — Vou para a lavanderia, pego o removedor de manchas no cesto de plástico ao lado da máquina de lavar e abro o tecido molhado. A mancha está cobrindo o vestido todo, desde acima da orelha do macaco brilhante até a barra da saia.

Deve ser coisa da minha imaginação, mas posso jurar que a mancha tem a forma exata de uma banana.

OITO

Eu nem passei direito pela porta da sala quando o sr. Chavez grita para mim:

— Trabalhos na mesa, por favor, e peguem seu projeto final corrigido ali. — Ele aponta para uma pilha de papéis na frente da mesa com a ponta de um marcador de quadro-branco tampado.

Pego meu relatório sobre o peixe-diabo e coloco em cima dos outros. Quando sigo pelas mesas, levo um susto ao perceber que a minha mesa de laboratório não está vazia. Quint já está lá. Ele chegou cedo. Mais cedo do que *eu*.

Fico paralisada. Não esperava que Quint fosse à aula hoje, mesmo ele tendo falado que ia na noite anterior. Por ser o último dia antes das férias, eu supus que ele sumiria, assim como metade do primeiro ano e quase todos os alunos do segundo e do terceiro.

Mas ali está ele, mexendo em um fichário cheio de plásticos protetores. É o relatório que ele entregou no dia anterior. O nosso relatório.

Olho para ele com cautela enquanto sigo até a mesa do sr. Chavez e pego a maquete da rua Main. Procuro alguma indicação da minha nota, mas não vejo nada.

Quint levanta o olhar para mim quando me aproximo da nossa mesa e coloco a maquete na ponta.

— Como você está se sentindo? — pergunta ele.

A parte de trás da minha cabeça lateja de leve em resposta à sua pergunta. Não me incomodou quase nada a manhã toda, mas ser lembrada da queda me faz botar a mão instintivamente no galo na cabeça. Sumiu quase totalmente.

— Depende — digo, me sentando. — Como a gente foi?

Quint dá de ombros e puxa um adesivo azul da capa do relatório. Ele coloca o

papel na mesa entre nós.

Meu estômago despenca quando leio as palavras.

Prudence: B-
Quint: B+
Geral: C

— O quê? — digo, praticamente gritando. — Isso é piada?

— Eu achei que você não ia ficar muito animada — responde Quint. — Me diz uma coisa, é o C que te incomoda ou o fato de a minha nota individual ser maior do que a sua?

— As duas coisas! — Eu me inclino para a frente e leio as palavras que o sr. Chavez escreveu embaixo das notas; *Prudence: trabalho exemplar, mas pouca ciência aplicada. Quint: conceitos fortes, mas execução bagunçada e escrita sem foco. O projeto tem uma falta geral de coesão e continuidade das ideias-chave. As duas notas se beneficiariam imensamente de comunicação melhorada e trabalho em equipe.*

— O quê? — repito, seguido de um rosnado consternado no fundo da minha garganta. Eu balanço a cabeça. — Eu sabia que devia ter escrito o relatório.

Quint ri. É uma risada calorosa, que atrai mais do que uns poucos olhares. — Claro que é isso que você conclui dos comentários. Obviamente, o meu envolvimento foi o problema, embora… — Ele se inclina para a frente e bate com o dedo no B+ dele.

Eu o encaro.

— Isso só pode ser erro.

— Naturalmente.

Meus batimentos estão disparados no peito. Minha respiração está curta. Como é possível? Eu nunca tirei um C na vida, em nada. E a minha maquete! Minha linda maquete, na qual trabalhei tanto, tantas horas, cada detalhe… Isso só me rendeu um B-?

Tem alguma coisa errada. O sr. Chavez confundiu quem fez o quê. Ele estava cansado de avaliar tantos trabalhos quando chegou no nosso.

Não pode estar certo.

— Tudo bem, mas, falando sério, deixando as notas de lado — diz Quint,

pegando o papel adesivo e colocando de volta no relatório —, como está a sua cabeça?

Eu sei que é uma pergunta legítima. Sei que ele não deve estar querendo dizer nada cruel ao perguntar. Mesmo assim, parece quase uma acusação, como se eu estivesse exagerando na reação a uma coisa que ele acha insignificante.

— A minha cabeça está ótima — respondo, furiosa.

Eu afasto o banco da mesa e pego o fichário. Vou batendo os pés até a frente da sala. Os poucos alunos que não decidiram matar aula ainda estão chegando, e Claudia pula do meu caminho quando passo como uma escavadeira pelo corredor.

O sr. Chavez me vê chegando e percebo a mudança de postura, nos ombros, na expressão. Uma preparação, uma expectativa, uma total falta de surpresa.

— Eu acho que houve um erro — digo, mostrando o fichário, para ele ver seu bilhete incompetente. — Isso não pode estar certo.

Ele suspira.

— Eu tinha a sensação de que você me procuraria, srta. Barnett. — Ele entrelaça os dedos. — Seu trabalho é forte. Você é excelente na apresentação, suas ideias são embasadas, a maquete ficou linda. Se isso fosse uma aula de administração, seria trabalho pra A+, com certeza. — Ele faz uma pausa, a expressão solidária. — Mas esta aula não é de administração. É de biologia, e seu trabalho era apresentar um tópico relacionado às matérias que cobrimos este ano. — Ele dá de ombros. — Claro que ecoturismo e biologia têm várias áreas que se cruzam, mas você não abordou isso. Falou sobre o potencial de lucro e campanhas de marketing. Agora… se eu acreditasse que você se envolveu com *qualquer coisa* daquele relatório, sua nota individual e a combinada teriam ficado significativamente melhores. Mas você e o Quint deixaram claro que isso não foi tratado como um trabalho em grupo. — Ele ergue as sobrancelhas. — Não é verdade?

Eu o encaro. Não tenho como argumentar e ele sabe disso. Claro que não foi um trabalho em grupo. Em minha opinião, é um milagre Quint ter feito o relatório. Mas não é minha culpa ter sido colocada com ele!

Sinto o ardor repentino de lágrimas nos olhos, nascidas da frustração, basicamente.

— Mas eu me esforcei tanto — digo, lutando (sem conseguir) para deixar a

voz firme. — Estou pesquisando desde novembro. Entrevistei líderes da comunidade, comparei os esforços de mercados similares, eu…

— Eu sei — diz o sr. Chavez, assentindo. Ele está com expressão triste e cansada, o que torna tudo pior. — E sinto muito, mas você não cumpriu o pedido no trabalho. Era um projeto de ciências, Prudence. Não uma campanha de marketing.

— Eu sei que é um projeto de ciências! — Olho para o fichário nos meus braços. Aquela fotografia está me olhando, a da foca ou do leão-marinho ou sei lá, enrolado em linha de pesca. Os olhos sofridos falam mais do que eu conseguiria. Balançando a cabeça, eu mostro para o sr. Chavez. — E você deu uma nota melhor para o Quint do que pra mim? Ele só pegou as minhas ideias e digitou, e, de acordo com seu bilhete aqui, ele nem fez *isso* muito bem!

O sr. Chavez franze a testa e se balança nos calcanhares. Ele está me olhando como se eu tivesse começado a falar um outro idioma de repente.

É nessa hora que eu percebo que a turma está em silêncio. Todo mundo está nos ouvindo.

E eu não estou mais sozinha na frente da sala. O olhar do sr. Chavez se desvia para o lado. Sigo o olhar e vejo Quint parado ao meu lado, os braços cruzados. Não consigo interpretar sua expressão, mas é quase como se ele estivesse dizendo para o nosso professor *Está vendo? Foi isso que eu tive que aguentar.*

Eu empertigo a coluna e fungo com tanta força que meus seios nasais latejam, mas pelo menos as lágrimas não caem.

— Por favor — peço. — Você nos disse que esse projeto vale trinta por cento da nossa nota, e ele não pode puxar minha média pra baixo. Deve ter um jeito de resolver isso. Posso refazer?

— Srta. Barnett — diz o sr. Chavez, com voz cautelosa —, você leu seu relatório?

Eu pisco.

— O meu relatório?

Ele move os dedos na capa.

— O nome de Quint não é o único aí. Está óbvio que vocês dois tiveram dificuldade de trabalhar juntos. Vocês devem ter tido mais dificuldade do que todos os outros grupos da turma. Mas você pelo menos leu o relatório. Não leu?

Eu não me mexo. Não falo.

O olhar do sr. Chavez se desvia para Quint, cheio de descrença, e de volta para mim. Ele ri e massageia o alto do nariz.

— Bom. Isso explica algumas coisas.

Olho para o relatório em minhas mãos, curiosa pela primeira vez para ver o que tem nele.

— Se eu permitir que você refaça — diz nosso professor —, vou precisar oferecer a mesma oportunidade pra todo mundo.

— E daí? — Eu aponto para a turma, ainda meio vazia. — Ninguém vai querer.

Ele franze a testa, apesar de nós dois sabermos que é verdade. Dá outro suspiro, mais longo desta vez, e olha para Quint.

— E você, sr. Erickson? Está interessado em refazer o projeto?

— Não! — grito, ao mesmo tempo que Quint começa a rir, como se fosse a coisa mais engraçada que ele já ouviu. Eu olho para ele, perplexa, e tento virar o ombro para ele quando olho para o sr. Chavez de novo. — Eu não quis dizer… Eu gostaria de fazer o relatório de novo. Sozinha, desta vez.

Nosso professor começa a balançar a cabeça, e Quint recupera o fôlego e acrescenta:

— É, não. Por mim está bom assim. Estou perfeitamente feliz com o C, obrigado.

Eu faço um sinal na direção dele.

— Viu?

O sr. Chavez dá de ombros, impotente.

— Então, não. Sinto muito.

As palavras dele desabam sobre mim, e agora sinto como se estivesse tendo dificuldade de traduzir.

— Não? Mas você ia…

— Oferecer aos dois a chance de refazer se vocês quisessem. E — ele ergue a voz e olha em volta — para qualquer um que achasse que não fez o trabalho da melhor forma possível e quisesse mais uma chance. Mas… isso é um trabalho de grupo. Ou o grupo todo trabalha para melhorar a nota ou não conta.

— Mas isso não é justo! — digo. O choramingo na minha voz me deixa tensa. Pareço a Ellie. Mas não consigo controlar. Quint diz que não quer fazer. Eu não devia ter que contar com *ele*, uma das pessoas mais preguiçosas que eu já

conheci, só para melhorar a minha própria nota!

Atrás de mim, Quint dá uma risadinha, e devolvo um olhar ardente na direção dele. Ele fica em silêncio rapidamente, vira de costas e vai até nossa mesa.

O sr. Chavez começa a escrever alguma coisa no quadro. Eu abaixo a voz e chego mais perto.

— Quero um parceiro diferente, então — digo. — Vou fazer com o Jude.

Ele balança a cabeça.

— Sinto muito, Prudence. Quer você goste ou não, Quint é seu parceiro.

— Mas eu não o escolhi. Não devia ser punida pela falta de motivação dele. E você viu como ele sempre chega atrasado. Quint não liga pra essa aula e nem pra biologia marinha e nem pra esse projeto!

O sr. Chavez para de escrever e me olha. Eu quero acreditar que ele está reconsiderando a posição dele, mas alguma coisa me diz que não é isso. Quando ele fala, minha irritação só continua a aumentar a cada palavra.

— Na vida — diz ele, falando devagar —, nós raramente podemos escolher as pessoas com quem trabalhamos. Nossos chefes, nossos colegas, nossos alunos, nossos companheiros de equipe. Ora, a gente nem escolhe a família, exceto os cônjuges. — Ele dá de ombros. — Mas a gente tem que se virar. Esse projeto era tanto para encontrar uma forma de vocês trabalharem juntos quanto era sobre biologia marinha. E sinto muito, mas você e Quint não fizeram isso. — Ele ergue a voz e se dirige à turma de novo. — Qualquer um que queira reenviar o projeto pode me mandar por e-mail os relatórios revisados até 15 de agosto e precisa incluir um resumo sobre como o trabalho foi dividido.

Meus dentes se apertam. Percebo que eu estava apertando o fichário, apertando-o contra o peito.

A atenção do sr. Chavez se volta para mim de novo e ele olha para o fichário, sem dúvida reparando em meus nós dos dedos brancos.

— Um conselho, Prudence.

Engulo em seco. Não quero ouvir o que ele tem a dizer, mas que escolha eu tenho?

— Isso é biologia. Quem sabe se passar um tempo aprendendo sobre os animais e habitats que seu plano se esforça tanto para proteger, você vai poder dizer para as pessoas por que elas deveriam se importar. Por que os *turistas* deveriam se importar. E… — Ele vira a caneta na direção do fichário. — Talvez

parar um tempo para ler o que seu parceiro escreveu. Sei que pode te surpreender, mas ele até que tem umas ideias bem boas.

Ele me olha de um jeito que é quase uma repreensão e se vira para o quadro.

Como fui obviamente dispensada, volto para a mesa, onde Quint está sentado com o banco inclinado para trás, os dedos entrelaçados atrás da cabeça. Imagino chutar o assento de debaixo dele, mas me controlo.

— Que coisa — diz Quint jovialmente quando me sento ao lado dele. — Eu até que tenho umas ideias bem boas. Quem podia imaginar?

Eu não respondo. Minha pulsação está latejando nos meus ouvidos.

É tão injusto.

Será que posso falar com o diretor? Isso não pode ser permitido.

Fuzilo o sr. Chavez com o olhar enquanto ele fala sobre as notas finais com alguns outros alunos. Eu nunca me senti tão traída por um professor. Debaixo da mesa, aperto as mãos em punhos. Imagino a caneta do sr. Chavez vazando e espalhando tinta azul-escura por toda a camisa dele. Ou café derramando no teclado do computador. Ou…

— Bom dia, sr. C! — retumba Ezra, dando um tapa forte nas costas do sr. Chavez enquanto anda até a cesta de lixo.

— Ai! — exclama o sr. Chavez, levando a mão à boca. — Ezra, menos. Você me fez morder a língua. — Os dedos dele se afastam da boca e, embora esteja longe demais para ter certeza, acho que tem um pouco de sangue neles.

Ora.

Eu não estava querendo necessariamente dano físico, mas, quer saber? Aceito.

— Desculpa, cara. Esqueci que você é velho e frágil. — Ezra ri enquanto anda até a mesa, onde Maya está olhando o relatório.

Eu me acomodo no meu banco. Sinto-me um pouquinho apaziguada, mas ainda estou irritada com a nota.

Ezra faz um ruído alto e oferece o punho a Maya.

— B mais! Arrasamos!

Meu queixo cai.

— Até o Ezra tirou uma nota melhor do que a gente? E ele só falou da palatabilidade da sopa de barbatana de tubarão!

Não. Isso não pode ficar assim.

Enquanto isso, Quint pegou o celular e está olhando as fotos, perfeitamente relaxado.

Minha mente está girando, e estou pensando no que o sr. Chavez disse sobre a minha maquete, a minha apresentação. Não consigo imaginar o que eu mudaria. Mais ciência? Mais biologia? Mais abordagem em habitats locais? Eu fiz tudo isso.

Não fiz?

Ainda assim, certo ou errado, tem um C me observando daquele papel adesivo, e um B- ao lado do meu nome. Eu expiro com força pelas narinas.

— Quint? — digo. Baixo. Devagar. Olhando para o papel odioso.

— O quê? — responde ele, irritantemente alegre.

Engulo em seco. Debaixo da mesa, enfio os dedos nas coxas. Uma precaução. Para não dar na cara dele.

— Você — limpo a garganta — pode *por favor* refazer esse projeto comigo?

Meu foco segue pela borda da mesa. Até as mãos dele e o celular nelas. Sou obrigada a virar a cabeça. Só um pouco. Só até poder olhar em seus olhos.

Ele está me encarando. Sem expressão nenhuma.

Eu prendo o ar.

Finalmente, ele responde, a voz carregada de sarcasmo.

— É uma proposta tentadora. Mas… não.

— Ah, para com isso — digo, virando-me para encará-lo de frente. — Você tem que aceitar!

— Certeza absoluta de que não tenho.

— Mas você ouviu o que o sr. Chavez falou! Tem que ser trabalho de grupo.

Ele ri.

— Ah, e *agora* eu tenho que acreditar que vamos ser um grupo? — Ele balança a cabeça. — Eu não sou masoquista. Passo.

— Tudo bem, turma — diz o sr. Chavez, batendo palmas para chamar nossa atenção. — Considerem essa aula livre enquanto eu dou nota nos trabalhos.

A turma explode de alegria de saber que não vai haver teste surpresa de último minuto.

Quint levanta a mão, mas não espera ser chamado.

— A gente pode mudar de lugar?

A atenção do sr. Chavez vai até nossa mesa e pousa brevemente em mim.

— Tudo bem, mas em silêncio, certo? Eu tenho trabalho a fazer.

Quint arrasta o banco pelo piso de linóleo. Ele nem olha para mim enquanto pega seu material.

— Até o ano que vem — diz ele e vai se sentar com Ezra.

Eu rosno quando os dois fazem um *high five* para comemorar as notas do projeto.

Isso não pode estar acontecendo. Quint não pode estar no comando da minha nota, do meu sucesso, do meu futuro!

— Pru? Tudo bem? — pergunta Jude enquanto senta no lugar vazio do Quint.

Eu me viro para ele. Minhas entranhas parecem uma nuvem de tempestade.

— Quanto você e o Caleb tiraram no trabalho?

Jude hesita e tira um papel de dentro do fichário. Tem outro papel adesivo azul. Só tem A.

Dou um gemido de irritação. E, ao perceber como isso vai parecer, olho para Jude com ressentimento.

— Quer dizer, que bom pra você.

— Muito convincente, mana. — Ele olha para a nuca do Quint. — Você quer mesmo tentar refazer?

— Quero, mas o Quint se recusa. Mas vou pensar em alguma coisa. Ele não pode me impedir de reenviar a *minha* parte do projeto, pode?

— O Quint ou o sr. Chavez?

— Os dois. — Eu cruzo os braços, a cara amarrada. — Evidentemente, eu não incluí *ciência* suficiente. Então, agora, meu plano é encher esse relatório de ciência. Vou imaginar um setor de turismo de Fortuna Beach tão focado em ciência que os residentes vão virar mestres automaticamente.

— Excelente. Isso vai me economizar um dinheirão de faculdade.

Jude pega o bloco e começa a desenhar um grupo de elfos ensanguentados e feridos de guerra. Ele não tem problema em relaxar, e não devia mesmo, com aquele monte de As.

No fim do tempo de aula, o sr. Chavez devolve nossos trabalhos. Nosso último dever de casa inconsequente. Por optar pelas adaptações do peixe-diabo, eu tiro A+. Mas não diminui minha raiva.

Assim que o sinal toca, eu deixo Jude para trás na hora em que ele começa a guardar o bloco. Quint e Ezra já estão na porta. Corro atrás deles.

— Espera! — digo, segurando o braço do Quint.

O… bíceps dele?

Caramba.

Quint se vira para mim. Por um momento, ele parece sobressaltado, mas a expressão esfria rapidamente.

— Agora você só está agindo com desespero.

Eu mal o escuto. O que é isso debaixo da camiseta dele?

— Prudence?

Volto à realidade e afasto a mão. Minhas bochechas se enchem de calor.

Quint aperta os olhos com desconfiança.

— Por favor — digo. — Eu não posso ter um C no meu histórico.

Ele curva os lábios para um lado, como se meus probleminhas fossem hilários para ele.

— Você faz parecer que vai ser presa. É só biologia de primeiro ano. Você vai sobreviver.

— Eu ouvi isso! — exclama o sr. Chavez, que está arrumando a mesa.

— Sr. Chavez, por favor! — digo. — Diz pra ele que ele tem que fazer isso comigo, ou… ou diz que eu posso fazer sozinha!

O sr. Chavez olha e dá de ombros.

Gah.

— Olha — eu digo, me virando para o Quint. — Eu sei que não é o fim do mundo, mas nunca tirei um C na vida. E me esforcei muito com aquela maquete. Você não faz ideia do quanto eu me dediquei a esse projeto. — Meus olhos começam a lacrimejar, o que me pega de surpresa. Eu os aperto bem e tento controlar as emoções antes de dar a Quint mais munição para atacar a Prudence Workaholic.

— Você está certa — diz ele.

Eu abro os olhos, sobressaltada.

— Eu não faço ideia do quanto você se dedicou a esse projeto. — Ele dá um passo para trás e dá de ombros. — Porque eu não tive sua confiança pra ajudar.

Você não teve confiança?, tenho vontade de gritar. *Você nem tentou!*

— Além do mais — acrescenta ele —, eu tenho coisas mais importantes a fazer no meu verão.

Eu dou uma risada debochada.

— Tipo o quê? Jogar videogame? Surfar?

— É — responde ele com uma risada irritante. — Você me conhece tão bem. — Ele gira e sai andando.

Sinto que fiquei sem opções. Sou tomada de impotência e fico com mais raiva. Não gosto de sentir impotência.

Enquanto olho para as costas do Quint se afastando, fecho as mãos e imagino a terra se abrindo embaixo dele e o engolindo inteiro.

— Ah, espera. Sr. Erickson? — chama nosso professor.

Quint para.

— Quase esqueci. — O sr. Chavez remexe nos papeis e pega uma pasta. — Aqui está aquele trabalho valendo pontos extras. Excelente trabalho. As fotos estão impressionantes mesmo.

O rosto do Quint se suaviza e ele pega a pasta com um sorriso.

— Obrigado, sr. C. Tenha um bom verão.

Fico boquiaberta e perplexa enquanto Quint sai da sala.

O que foi aquilo?

Eu me viro para o sr. Chavez.

— Espera aí. Você deixou ele fazer um trabalho valendo pontos extras? Mas eu não posso fazer uma coisa pra aumentar a *minha* nota?

O sr. Chavez suspira.

— Ele teve circunstâncias extenuantes, Prudence.

— *Quais* circunstâncias extenuantes?

Ele abre a boca, mas hesita. E dá de ombros.

— Talvez você devesse perguntar ao seu parceiro de laboratório.

Solto um rugido enfurecido e volto à mesa para pegar as minhas coisas. Jude está me olhando, preocupado, os dois polegares atrás das alças da mochila. Nós somos os únicos alunos que restaram na sala.

— Foi um esforço válido — diz ele.

— Não fala comigo — resmungo em resposta.

Sempre solícito, Jude não diz mais nada, só espera enquanto enfio o fichário na mochila e pego a maquete da rua.

A sensação é a de que o universo está fazendo uma pegadinha comigo.

NOVE

O resto do dia na escola segue sem grandes acontecimentos. Está claro que os professores estão tão ansiosos pelas férias quanto nós, e a maioria deles está cumprindo tabela nessas horas finais. Na aula de espanhol, nós passamos o tempo todo vendo uma novela brega. Em história, jogamos o que o sr. Gruener chama de jogos "semieducativos": *War*, batalha naval, *Colonizadores de Catan.* Na aula de inglês, a sra. Whitefield lê umas citações indecentes de Shakespeare. Tem muitos insultos e humor sexual, que ela precisa traduzir da linguagem antiquada para nós. Mas quando o tempo acaba, meus colegas estão rindo e chamando uns aos outros de coisas como "seu carbúnculo tumefeito!" e "seu velhaco livoroso!".

Acaba sendo um dia divertido. Eu até consigo esquecer o dilema de biologia por um tempo.

Quando estamos saindo da nossa última aula, a sra. Dunn se despede de nós com sacolinhas cheias de jujubas e petiscos, como se tivéssemos seis anos e estivéssemos indo para um piquenique. Acho que é nosso prêmio por nos darmos ao trabalho de ir no último dia.

— *Sayonara! Farewell! Adieu!* — cantarola ela quando entrega as sacolinhas na porta. — Façam boas escolhas!

Eu encontro Jude esperando na escada da escola. Os alunos estão saindo em ondas, eletrizados com a liberdade repentina. As semanas se projetam à nossa frente, cheias de potencial. Praias ensolaradas, dias preguiçosos e maratonas de Netflix, festas na piscina e ficar à toa no calçadão.

Jude, que teve aula com a sra. Dunn cedinho, está quase acabando a sacolinha de guloseimas. Eu me sento ao lado dele e entrego automaticamente as minhas, pois não acho nenhuma remotamente interessante. Ficamos sentados em um

silêncio companheiro. É uma das coisas que eu mais amo em ser gêmea. Jude e eu podemos ficar sentados juntos por horas, sem falar uma palavra, e, no fim, fico com a sensação de que tivemos a conversa mais profunda do mundo. Nós não falamos trivialidades. Não precisamos divertir um ao outro. A gente pode só ser a gente.

— Se sentindo melhor? — pergunta ele. E como é a primeira vez que o vejo depois da aula de biologia, eu sei na mesma hora sobre o que ele está falando.

— Nem um pouco — respondo.

Ele assente.

— Imaginei. — Ele termina as guloseimas, amassa a sacolinha e a joga na lata de lixo mais próxima. Cai a mais de um metro. Ele resmunga, se levanta e a pega.

Ouço o carro de Ari chegando antes de vê-lo. Alguns segundos depois, a van azul entra no estacionamento, nunca passando do limite de 10 quilômetros por hora das placas. Ela para no pé da escada e se inclina para abrir a janela, com uma língua de sogra na boca. Sopra uma vez e a tira prateada listrada se desenrola com um ruído agudo.

— Vocês estão livres! — grita ela.

— Livres dos soberanos! — responde Jude. — Não faremos mais o trabalho braçal servil!

Nós entramos no carro; Jude e suas pernas compridas na frente, eu atrás. Nós planejamos essa tarde por semanas, determinados a começar o verão do jeito certo. Quando saímos do estacionamento, eu esqueço Quint e nossa apresentação horrenda pelo resto do dia. Concluo que posso ter um dia para relaxar nas férias antes de começar a pensar em resolver esse problema. Vou pensar em alguma coisa amanhã.

Ari vai direto para o calçadão, onde vamos poder tomar sundaes no Salty Cow, uma sorveteria chique conhecida por preparar sabores estranhos como “hortelã e alfazema” e “semente de papoula e cúrcuma”. Mas, quando chegamos lá, tem uma fila saindo pela porta, e as expressões impacientes de alguns clientes me fazem pensar que a fila não anda tem um tempo.

Troco um olhar com Ari e Jude.

— Vou dar uma espiada pra ver o que está acontecendo — digo quando os dois entram na fila. Eu me espremo pela porta. — Com licença, não estou

furando fila, só quero ver o que está acontecendo.

Um homem com três crianças parece prestes a explodir.

— É *isso* que está acontecendo — replica ele, indicando a caixa com irritação.

Tem uma mulher discutindo, não, *gritando* com a pobre garota atrás do balcão, que parece ser só um pouco mais velha do que eu. A garota está quase chorando, mas a mulher é implacável. *Que incompetência a sua! É só sorvete, não é um bicho de sete cabeças! Eu fiz o pedido um mês atrás!*

— Me desculpe — pede a garota, o rosto vermelho. — Eu não recebi o pedido. Não sei o que aconteceu. Não tem nenhum registro…

Ela não é a única à beira das lágrimas. Tem uma garotinha de marias-chiquinhas com as mãos no vidro do freezer dos sorvetes, olhando para a mulher raivosa e para os pais.

— Por que está demorando tanto? — choraminga ela.

— Eu quero falar com o gerente! — berra a mulher.

— Ele não está — diz a garota atrás do balcão. — Não tem nada que eu possa fazer. Sinto muito!

Não sei por que a mulher está com tanta raiva e nem sei se importa. Como ela falou, é só sorvete, e obviamente a pobre caixa está fazendo o melhor possível. Ela poderia ao menos ser educada. Sem mencionar que ela está impedindo as pobres crianças — e *eu* — de tomar nosso sorvete.

Respiro fundo e me preparo para ir até a mulher. Talvez, se pudermos ser racionais, seja possível conseguir o telefone do gerente e ele vir resolver.

Aperto as mãos ao lado do corpo.

Dou dois passos para frente.

— O que está acontecendo aqui? — berra uma voz severa.

Faço uma pausa. As pessoas da fila saem da frente quando um policial entra na sorveteria.

Eu também poderia… deixar que ele resolva, né?

A mulher no balcão abre a boca, prestes a começar a gritar de novo, mas é interrompida por todos os clientes esperando. A presença do policial encoraja as pessoas, e, de repente, estão todos dispostos a falar em nome da caixa. *Essa mulher está sendo um incômodo. Está sendo grosseira e ridícula. Ela tem que ir embora!*

Da parte dela, a mulher parece genuinamente chocada quando ninguém, principalmente os clientes na fila que ouviram a história, parte na defesa dela.

— Me desculpe, senhora, mas parece que preciso acompanhá-la até lá fora — diz o policial.

Ela parece envergonhada. E perplexa. E ainda com raiva. Com um rosnado, ela pega um cartão de visitas no balcão e faz expressão de desprezo para a garota, que está secando as lágrimas das bochechas.

— Vou ligar para o seu gerente para falar sobre isso — diz ela antes de sair da sorveteria, seguida de uma gritaria de aprovação.

Eu volto até Jude e Ari e balanço as mãos. Meus dedos estão com aquela sensação estranha de formigamento de novo. Explico o que aconteceu e logo a fila começa a andar de novo.

Depois que terminamos o sorvete, pagamos caro pelo aluguel de um quadriciclo e passamos uma hora pedalando no calçadão debaixo do toldo amarelo-limão, com Ari tirando fotos demais de nós fazendo careta e Jude e eu gritando para ela deixar de ser preguiçosa e mover as pernas.

Até que encontramos um grupo de turistas que está ocupando toda a largura do calçadão, andando a passos de tartaruga.

Nós vamos devagar com o quadriciclo para não os atropelar. Ari toca a buzina.

Um dos turistas se vira para trás, nos vê e volta a conversar. Fazendo questão de nos ignorar.

— Com licença! — diz Jude. — Será que a gente pode passar?

Eles não respondem.

Ari buzina de novo. E *de novo*. Eles continuam sem sair da frente.

Que droga! Eles acham que são donos do calçadão, por acaso? Saiam da frente!

Os nós dos meus dedos ficam brancos no volante.

— Passando! Não dá pra parar! Saiam da frente! — alguém grita, vindo na nossa direção, em mão contrária.

Os turistas gritam de surpresa e se espalham quando cinco adolescentes de skate seguem para cima deles. Uma das mulheres perde a sandália, que é esmagada pelas rodinhas de um skate. Um homem se joga para trás tão rápido que perde o equilíbrio e cai da beirada do calçadão, sentado na areia. Todos

começam a gritar com os adolescentes delinquentes sem consideração, enquanto Jude e Ari e eu olhamos uns para os outros e damos de ombros.

Nós pedalamos rapidamente entre os turistas antes que eles possam se reunir de novo.

Depois de devolvermos o quadriciclo, nós pedimos uma porção gigante de batata frita com alho no quiosque de peixe empanado com batata frita e nos sentamos no calçadão, chutando areia nas gaivotas que chegam perto demais, tentando pegar uma batata. Quando uma delas chega tão perto que Ari grita e se abaixa atrás da mesa, Jude joga uns pedaços queimados do fundo da cestinha para as aves brigarem para comer.

Um segundo depois, um dos funcionários do quiosque o vê fazendo isso e começa a gritar porque "qualquer idiota sabe que não deve alimentar os animais!". Jude fica com expressão culpada no rosto. Ele não lida bem com repreensões.

Assim que o funcionário se vira, eu sacudo o punho para as costas dele. Estou baixando o braço quando uma gaivota mergulha e pega o chapéu de papel na cabeça do funcionário. Ele grita e se abaixa de surpresa e a ave sai voando.

Eu vejo a ave e o chapéu desaparecerem no pôr do sol.

Ora.

Sou só eu ou…?

Olho para a minha mão.

Não. Isso é ridículo.

Quando o sol começa a descer na direção do horizonte, nós seguimos para a enseada onde a festa da fogueira acontece todos os anos, um trecho de areia que fica a um quilômetro e meio do centro, para o norte. Não sei há quanto tempo a tradição da fogueira existe. Quantas turmas dançaram embriagadas em volta das chamas, quantos formandos caíram de roupa no mar, quantos amassos aconteceram nas grutas de pedras para onde as pessoas vão, bem, para ficar de amassos. Supostamente. Eu não teria como saber por experiência própria, mas a gente ouve histórias.

Nós não somos os primeiros, mas chegamos cedo. Dois formandos estão tirando coolers da caçamba de uma picape. Um garoto que reconheço da aula de matemática está preparando gravetos para a fogueira. Os primeiros a chegar já estão se acomodando, estendendo toalhas e cobertores na areia, pegando bolas

de vôlei e latas de cerveja dentro de bolsas grandes de palha.

Nós escolhemos um lugar perto da fogueira, abrimos o cobertor que Ari levou e montamos umas cadeiras de praia. Em minutos, Jude é chamado por alguns colegas nossos e vai conversar.

Ari se vira para mim.

— Eu já sei a resposta, mas, só para ter certeza: quer entrar na água?

Eu franzo o nariz com desprezo.

— Foi o que eu pensei. — Ela se levanta e me surpreende tirando o vestido estampado pela cabeça e revelando um biquíni rosa-claro por baixo. Ela ficou usando aquilo o dia todo, e fico um pouco surpresa de me dar conta de que eu não fazia ideia.

— Espera aí, você vai nadar? — pergunto.

— Não *nadar* — diz ela. — Mas é uma festa na praia. Achei que devia pelo menos molhar os pés. Tem certeza de que não quer ir comigo?

— Absoluta. Obrigada.

— Tudo bem. Toma conta do meu violão?

Ela nem espera a minha resposta, porque é claro que eu tomo conta do violão dela. Ari vai até a água. Não diz oi para ninguém, e reparo em algumas pessoas olhando para ela com curiosidade, se perguntando se deveriam reconhecê-la. Jude diz que ela nem hesitou quando ele a convidou para a festa, apesar de ela não conhecer ninguém. Fico pensando se Ari quer conhecer alguns outros jovens de Fortuna Beach aqui, fazer novos amigos. Eu devia apresentá-la para algumas pessoas quando ela voltar, mas…

Olho ao redor e franzo a testa. Para falar a verdade, eu também não conheço muita gente presente. Até agora, praticamente só tem gente do segundo e do terceiro anos. E os poucos alunos de primeiro ano que reconheço, Maya e seu grupo, não são exatamente meus amigos.

Mas Jude conhece muita gente. Apesar de ele ser meio nerd, que vê temporadas antigas de *Star Trek* e tem uma prateleira inteira de Funkos de *O senhor dos anéis*, as pessoas gostam dele. Ele tem um charme próprio. Tem uma presença tranquila, fácil.

Mais um motivo para ninguém acreditar quando contamos que somos irmãos.

Então, se Ari estiver interessada em fazer amigos, ele pode ajudar melhor.

Eu estico a mão, pego a caixa do violão da Ari e puxo para perto.

— Não vai pra água, Puritana?

Levanto o rosto e vejo Jackson Stult com um sorriso debochado para mim. Agora que tem minha atenção, ele ri e bate na testa com exagero.

— Deixa pra lá, foi uma pergunta idiota. Você é praticamente alérgica a diversão, não é?

— Não, eu só sou alérgica a babacas — digo, antes de acrescentar com voz firme: — Atchim.

Ele dá uma risadinha e acena como se tivesse sido uma conversa ótima antes de ir se juntar a outros amigos igualmente irritantes na beira da água.

Suas palavras magoam, apesar de eu saber que não deviam. Afinal, tudo que sei sobre Jackson Stult é o seguinte: primeiro, ele se importa mais com jeans e camisas de marca do que qualquer outra pessoa que eu conheço; e, segundo, ele faz qualquer coisa para fazer as pessoas rirem, mesmo que seja zoando outra pessoa. O que costuma ser o caso.

Eu ficaria mais ofendida se ele gostasse de mim.

Mas, mesmo assim.

Mesmo assim.

A mágoa está lá.

Mas, se o plano do Jackson era arruinar minha noite, eu me recuso a permitir. Eu me deito no cobertor e olho para as nuvens laranja que passam no céu. Tento mergulhar nas coisas boas desse momento. As risadas na praia. As ondas quebrando. O gosto de sal e o cheiro de fumaça quando a fogueira é acesa. Estou longe demais para sentir o calor das chamas, mas o cobertor e a areia estão quentes por terem ficado sob os raios de sol a tarde toda.

Estou relaxada.

Estou satisfeita.

Não vou pensar em projetos de biologia.

Não vou pensar em intimidadores sem coração.

Não vou nem pensar em Quint Erickson.

Eu expiro devagar. Li em algum lugar que meditação regular pode ajudar no foco, deixando a pessoa mais eficiente e produtiva com o tempo. Venho tentando praticar meditação desde esse dia. Parece tão fácil. Inspirar. Expirar. Manter o foco na respiração.

Mas sempre tem pensamentos que invadem a serenidade. Sempre tem

distrações.

Tipo agora e aquele grito apavorado se espalhando pela praia.

Eu me apoio nos cotovelos. Jackson está carregando Serena McGinney para a água. Ele está rindo, a cabeça inclinada para trás de um jeito quase maníaco, enquanto Serena se debate e luta para se soltar.

Eu me sento totalmente agora e contraio a testa. Todo mundo sabe que Serena tem medo de água. Ficou claro para todos quando ela se recusou a participar de uma aula de natação obrigatória no nono ano, chegando ao ponto de levar um bilhete dos pais a dispensando de qualquer atividade na piscina. Ela não tem só uma aversão, como eu. Chega a ser fobia.

Os gritos dela se intensificam quando Jackson chega na beira da água. Ele a está carregando nos braços, deitada, e até agora ela estava se debatendo para tentar fugir. Mas agora se vira e agarra o pescoço dele, gritando:

— *Não ouse fazer isso, não ouse fazer isso!*

Eu aperto os olhos. Escuto um dos amigos dele gritando:

— Mergulha ela! Vai!

Engulo em seco. Acho que ele não vai fazer, mas não tenho certeza.

— Para com isso, a água só vai até o tornozelo! — diz Jackson, manipulando a plateia.

Está claro que Serena não acha engraçado. Ela ficou pálida de repente, e apesar de eu saber que ela deve estar odiando Jackson agora, seus braços apertam o pescoço dele como um torno.

— Jackson Stult, seu cretino! Me bota no chão!

— Botar no chão? — questiona ele. — Tem *certeza*?

Os amigos estão gritando para ele agora. É um cantarolar doentio: *Bo-ta. Bo-ta. Bo-ta.*

Eu me levanto e coloco as mãos em concha em volta da boca.

— Deixe ela em paz, Jackson!

Ele me encara, e sei que cometi um erro. Virou desafio agora. Ele vai fazer ou não?

Apoio as mãos nos quadris e tento passar por osmose que, se ele tiver alguma dignidade, vai deixá-la em paz.

Ele ri de novo, um som quase cruel. E, em um movimento fluido, solta as pernas de Serena e usa a mão para soltar os braços dela do seu pescoço.

Enquanto ela ainda está tentando passar os joelhos em volta dele, ele a joga o mais longe que consegue nas ondas.

O grito dela perfura meus tímpanos. Os amigos dele comemoram.

Não é tão fundo, mas, quando ela cai de costas, a água vai quase até o seu pescoço. Ela se levanta e corre da água, o vestido coberto de areia e grudado nas coxas.

— Seu babaca! — grita Serena, empurrando Jackson na barriga quando passa correndo.

Ele mal se mexe, só limpa a areia que ela deixou na camisa dele.

— Ei, isso aqui só pode ser lavado a seco — diz ele, a voz carregada de diversão.

Serena sai andando, tentando puxar a saia molhada dos quadris. Quando passa por mim, vejo lágrimas furiosas nos olhos dela.

Estou com os dentes trincados quando me viro para Jackson. Ele está com os braços erguidos em sinal de vitória. Não muito longe, ainda com água só até os joelhos, Ari o observa claramente confusa.

— Cara — diz Sonia Calizo, repugnada, mas alto o suficiente para quase toda a praia ouvir —, ela quase *morreu afogada* quando era pequena.

Jackson debocha:

— Ela não vai se afogar. Meu Deus, são só uns 60 centímetros de profundidade.

— Você não viu que ela estava morrendo de medo? — pergunta Ari. Estou surpresa. Não é a cara da Ari confrontar ninguém, menos ainda um estranho. Mas ela também tem um senso apurado de justiça, então talvez eu não devesse estar surpresa.

De qualquer modo, Jackson a ignora. A expressão dele ainda é de triunfo, sem nenhum remorso.

Eu expiro quando Jackson dá um passo na direção da areia e o imagino tropeçando e caindo de cara. Imagino aquelas roupas bonitas e caras cobertas de água salgada e areia molhada.

Aperto os punhos.

Jackson dá outro passo, e eu prendo o ar, esperando.

Nada acontece. Ele não tropeça. Ele não cai.

Meus ombros murcham. Sinto-me boba por ter tido esperança, mesmo por um

segundo, de que as coincidências das últimas 24 horas pudessem ter sido causadas por mim. Como? Por algum tipo de retribuição cósmica dada a mim pelo universo?

Ah, tá.

Ainda assim, a decepção desaba sobre mim como uma onda.

Como… como *aquela* onda.

As risadas dos amigos do Jackson param quando eles também reparam. Uma onda, uma das maiores que já vi, cresce atrás do Jackson, emoldurando-o embaixo da coroa de espuma.

Quando vê a expressão dos amigos, ele se vira. Tarde demais. A onda vai para cima dele. E não para. A água se espalha pela praia e molha as pernas dos amigos dele e vai até as toalhas e cadeiras dele, derrubando latas de cerveja no caminho.

As ondas não param de vir. Na minha direção.

Estou com o queixo caído. Nem passa pela minha cabeça sair dali enquanto vejo a onda quebrar. A espuma se quebra sobre si mesma. Os últimos vestígios da força da onda começam a se reduzir, de um fluxo de água a um recuo lento.

O limite da água, com um beijo de espuma branca, chega a dois centímetros dos dedos dos meus pés e da caixa do violão da Ari. Para, parece hesitar pelo mais breve momento e volta para o mar.

Acompanho o movimento, atordoada. Quando levanto o rosto, troco um olhar com Ari. Ela parece tão perplexa quanto eu, talvez ainda mais. Porque a coisa mais estranha não é o fato de a água ter chegado tão perto de mim, mas não ter tocado. A coisa mais estranha é que Ari estava tão perto do Jackson, mas a onda passou direto por ela.

Na verdade, apesar do tamanho enorme da onda, as únicas pessoas em quem ela tocou foram Jackson e os amigos dele.

DEZ

Meu cérebro demora um minuto para entender o que acabou de acontecer. Para a descrença desmoronar e sumir e se reconstruir em uma coisa, bem, quase crível.

Minha mão se abre e eu flexiono os dedos, sentindo cada articulação. A palma está quente. Os nós dos dedos doem como se tivessem ficado contraídos por horas, em vez de alguns segundos.

Ao meu redor, as pessoas estão morrendo de rir. É divertidíssimo ver Jackson se levantar. Ele está encharcado da cabeça aos pés. As roupas estão grudadas como uma segunda pele, cobertas de lama de areia. Tem um fio de alga pendurado no ombro dele. O cabelo está grudado na testa.

O rosto dele está impagável.

— Rá! — grita uma garota. — Ninguém escapa do carma!

Eu pisco e viro a cabeça. É Serena. Sua roupa ainda está molhada, mas todos os sinais de lágrimas sumiram. Ela está com um sorriso largo. A cor voltou às bochechas dela.

Carma.

Carma imediato. “Instant Karma!”

— Caramba — sussurro quando algo começa a fazer sentido. Um pouco. Faz sentido? Pode ser real?

Eu considero as evidências.

O acidente de carro.

O suco de tomate derramado.

O sr. Chavez ter mordido o lábio.

A sorveteria. Os turistas no calçadão. O funcionário grosseiro do quiosque de peixe empanado e batata frita…

E agora, isso. Uma onda que veio do nada e caiu só sobre o Jackson e os amigos idiotas dele, mesmo naquela praia lotada.

Não pode ser coincidência. Não tudo, pelo menos.

Mas, se não for coincidência, o que é?

A letra da música do John Lennon ecoa pela minha cabeça. Eu a cantarolo baixinho. *O carma imediato vai te pegar, vai bater na sua cabeça.…*

Levo a mão à parte de trás da cabeça, onde ainda sinto um galo pequeno e dolorido da queda. Repasso os eventos da noite anterior. Quint e a amiga. Os caras atormentando Ari quando ela estava cantando. Nossa conversa sobre carma. Meu nome sendo chamado, apesar de ninguém ter admitido que me inscreveu para cantar. Eu cantando a música. Dançando. Quint me olhando com perplexidade. Eu escorregando na cerveja. Batendo a cabeça…

Se não for coincidência, isso quer dizer que, de alguma forma, por algum motivo… fui eu. Eu causei essas coisas. Eu… exerci carma imediato sobre aquelas pessoas.

— Pru? Você está bem?

Vejo Ari se aproximando pela areia. Ela pega uma toalha no encosto de uma das cadeiras de praia e enrola na cintura. Ainda está quase toda seca, mas tem areia grudada nos tornozelos.

— Estou — digo, com um frio no estômago. — Aquilo foi estranho, né? Ela ri.

— Estranho demais. Mas perfeito! Ele é sempre desse jeito?

— Aham. O Jackson sempre foi implicante. É bom vê-lo ter o que merece, para variar. — Eu me inclino na direção dela e baixo a voz. — Aposto qualquer coisa que aquela camisa custou uns duzentos dólares. Ele vai tentar bancar o descolado, mas, pode acreditar, isso está acabando com ele.

Ari se senta na toalha e pega um refrigerante no cooler pequeno que nós levamos. Ela abre a lata e a aponta na direção da água, como se num brinde.

— Belo trabalho, mar. — Ela olha em volta. — Só espero que a garota esteja bem.

Eu não respondo. Estou distraída, olhando para as toalhas de praia e cobertores e cadeiras que ocuparam a areia. Estou distraída por Jackson, usando o canto de uma toalha para tirar água das orelhas.

— Já volto. — Eu me viro e ando pela areia, procurando a solidão das rochas.

Está cedo demais para os famosos amassos terem começado, e tenho facilidade de encontrar um cantinho no meio das pedras altas. Eu me encosto em uma rocha e aperto a mão no peito. Meu coração está disparado sob a pele.

— Isso é só imaginação — sussurro. — Um conto de fadas. Gerado pelo estresse de fim de ano e todas aquelas fantasias de querer punir pessoas quando elas merecem e… talvez uma leve concussão.

Apesar das minhas palavras racionais, meu cérebro responde com uma série de contra-argumentos. A música. A batida do carro. A onda.

Mas, cada vez que começo a pensar "talvez *tenha* sido eu", eu me repreendo. Estou mesmo considerando a possibilidade de que cantei uma música de karaokê e agora tenho… o quê? Poderes mágicos? Alguma espécie de dom cósmico? A capacidade absurda de exercer a justiça do universo?

— Coincidência — repito, começando a andar de um lado para o outro. Minhas sandálias ficam cheias de areia e eu as tiro. Ando entre as pedras. — É só isso. Um monte de coincidências bizarras.

Mas…

Eu paro.

Coincidências demais têm que significar alguma coisa.

Afasto o cabelo da cara com as mãos. Preciso ter certeza. Preciso de provas.

Preciso ver se consigo fazer de novo, de propósito desta vez.

Mordo o lábio inferior e espio por um vão nas pedras, observando a praia lotada. Não sei bem o que estou procurando. Inspiração, acho. Alguém deve estar merecendo punição por *alguma coisa*.

Meu olhar pousa logo no Quint. Ele está ajudando alguns dos nossos colegas a montar uma rede de vôlei.

Rá. Perfeito. Se alguém merece retribuição cósmica pelo comportamento este ano, esse alguém é Quint Erickson.

Penso em todas as vezes que ele chegou atrasado. Em todas as vezes que ficou de preguiça. Em como me deixou sozinha no dia da apresentação.

Em como ele se recusa terminantemente a me ajudar a refazer o projeto do semestre.

Eu aperto bem as mãos.

E espero.

— Ei, Quint — diz uma garota da nossa turma enquanto anda até ele. Eu me

animo. O que ela vai fazer? Dar um tapa nele por algum melodrama misterioso que eu desconheço?

— E aí? — cumprimenta Quint, retribuindo o sorriso dela.

— Tudo bem. Eu trouxe uns biscoitos que eu fiz. Quer? — Ela oferece uma lata para ele.

— Claro que quero — responde ele, pegando um biscoito. — Obrigado.

— De nada. — Ela abre um sorriso antes de se afastar.

Fico estupefata.

Será que o biscoito está envenenado? Duvido muito.

Quint devora o biscoito e termina de prender a rede.

Fico olhando mais um minuto, confusa. Logo fica claro que nada de ruim vai acontecer com o Quint. Na verdade, quando o jogo de vôlei começa, ele marca o primeiro ponto da equipe e recebe elogios e *high fives*.

Faço beicinho e abro as mãos.

— Bom. É isso — murmuro. A decepção é difícil de engolir, mas não tenho certeza se estou mais decepcionada com o universo ou comigo por quase acreditar em algo tão absurdo.

Eu remexo os ombros. Chega disso. Vou passar o resto da noite lendo o livro que levei, comendo s'mores, ouvindo Ari tentar compor a progressão certa de acordes da nova música. Vou relaxar.

Pego minhas sandálias e começo a calçá-las.

— Por favor. Ele é tão nerd. Você sabe que ele joga *Dungeons & Dragons*, né?

Eu fico paralisada. Não preciso olhar para saber que é Janine Ewing, a voz chegando fácil na pequena gruta. Não consigo vê-la e nem com quem está falando, mas tem poucos garotos sobre quem ela poderia estar falando. Jude e os amigos dele: Matt e César, também do primeiro ano, ou Russell, um garoto do nono ano que entrou para o grupo deles uns meses antes.

— Sério? — pergunta outra voz feminina. Katie? — Aquele RPG esquisito dos anos 1980? Que os garotos jogam em *Stranger Things*?

— Esse mesmo — confirma Janine. — É tipo… sério? Você não tem nada melhor pra fazer com o seu tempo?

Eu espio pelo vão nas pedras e vejo Janine e Katie a uma curta distância da beira do penhasco, deitadas em toalhas de praia coloridas, de biquini e óculos de

sol. E… ah. Maya também está com elas. Juntas, elas parecem uma propaganda de protetor solar, e não de um jeito ruim. Maya parece uma estrela de Hollywood. Ela é o tipo de garota que podia ter acabado de sair de um comercial de maquiagem. Pele escura aquecida pelo sol poente, cabelo preto denso natural e cacheado em volta do rosto e uma série de sardas que são tão incrivelmente encantadoras, que poderiam inspirar sonetos inteiros.

Para a surpresa de absolutamente ninguém, Jude não é o único cara da escola que tem ela como *crush*.

— *Demons & Dragons* não é um jogo de adoração do diabo? — pergunta Katie.

Eu reviro os olhos e, para o crédito de Maya, ela desliza os óculos pelo nariz e olha para Katie de um jeito que sugere que ela concorda comigo sobre esse comentário ter sido totalmente desnecessário.

— Dungeons *& Dragons* — diz ela. — E eu tenho quase certeza de que é um boato criado pelas mesmas pessoas que achavam que Harry Potter era satanista.

E tenho que admitir que, embora eu viva questionando a dedicação desmiolada de Jude por ela, Maya tem seus momentos.

Ela coloca os óculos no lugar.

— De qualquer modo, esquece. Eu gosto do Jude.

Eu arregalo os olhos. Pausa. Volta. Ela *gosta* do Jude?

Ela quer dizer que gosta *gosta* dele?

Fico eufórica. Apuro os ouvidos para captar todas as palavras que elas estão dizendo. Se pudesse voltar para Jude com evidências empíricas de que os sentimentos dele não são unilaterais, eu seria candidata forte para o prêmio de Melhor Irmã do Ano.

— Claro que você gosta dele — diz Janine. — Quem não gosta? Ele é tão legal.

— Tão legal — concorda Kate enfaticamente. Tão enfaticamente que quase parece um insulto.

— Mas ele também é… — Janine para de falar. Ela demora um pouco para encontrar as palavras e elaborar. — Tipo, *tão* a fim de você. É meio sinistro.

Emito um som de desprezo. Jude não é sinistro!

Eu me abaixo atrás da pedra antes que elas possam olhar para trás e me ver, mas a conversa nem hesita.

— Ele meio que me encara às vezes mesmo — concorda Maya. — Eu achava lisonjeiro, mas… sei lá. Não quero ser cruel, mas ele já devia ter se tocado de que eu não estou a fim, né?

Faço uma careta.

Já era meu plano.

— Fica mesmo parecendo meio obsessivo — acrescenta Kate. — Mas de um jeito meio fofo, né?

Espio pelas pedras de novo, de cara amarrada. Jude não é obsessivo!

Pelo menos, não *tanto*.

Ele só está a fim dela. Não é crime! Ela deveria estar feliz da vida de ter chamado a atenção de uma pessoa tão gentil e maravilhosa como Jude!

— Digo de novo, eu gosto do Jude — diz Maya. — Mas me sinto meio culpada por saber o que ele sente sabendo que… bom, nunca vai rolar.

— Você não tem motivo nenhum pra sentir culpa! — replica Janine. — Você não fez nada.

— É, eu sei. Acho que não é minha culpa eu não estar interessada nele.

Kate a manda fazer silêncio de repente, mas com uma risadinha quase cruel.

— Shh, Maya, meu Deus. Ele está bem ali. Vai ouvir.

— Ah! — diz Maya, cobrindo a boca com a mão. — Eu não sabia.

Mas Janine só a cutuca com o cotovelo.

— Ah, bem. Talvez ele se toque assim.

Olho em volta e vejo Jude passando. Nem consigo ver direito a cara dele porque ele se vira para voltar para o nosso lugar na praia, e não consigo saber se ele ouviu ou não. Não consigo saber se a expressão fechada que surge no rosto dele é constrangimento, mágoa… ou só efeito das sombras de quando o sol afunda no horizonte.

Não importa, na verdade. Foi uma coisa cruel de se dizer. Essa conversa toda parece nascida da crueldade, um diálogo desnecessário com a intenção de debochar do Jude, pelo único motivo de impulsionar o ego já inflado da Maya.

E ela ser cruel logo com o *Jude*. O paciente e atencioso Jude, que é amado por todos. Que não tem inimigos. Que consegue entrar em qualquer conversa, se sentar a qualquer mesa de almoço, ir a qualquer festa.

E, tudo bem, talvez ele jogue D&D nos fins de semana e leia livros com dragões na capa e tenha ficado legitimamente empolgado de ir à primeira Feira

Medieval no verão passado. Até vestiu uma túnica e, na minha opinião, ficou um verdadeiro cavalheiro. Mas odeio pensar no que Maya e as amigas diriam se vissem as fotos.

Eu fuzilo a cabeça da Maya com o olhar. Como ela ousa o magoar assim?

Minha mão se fecha.

Desta vez, eu sinto. É uma energia pequenininha, quase imperceptível na base da barriga. Tipo o frio na barriga quando nós damos uma cambalhota embaixo da água, mas mais sutil.

Só que continua a não acontecer nada.

Eu espero. E espero.

O sol desaparece e cobre o céu em tons de violeta. As primeiras estrelas começam a piscar no céu. Os penhascos estão iluminados com raios alaranjados da fogueira.

Maya se senta e pega o suéter comprido ao lado da toalha. Vejo-a enfiar os braços nas mangas. Eu me sinto amarga e mais do que um pouco irritada. Com ela. Comigo mesma. Com o universo.

Eu suspiro e saio da segurança do meu santuário. Chega disso. Não herdei nenhum poder mágico para restaurar o equilíbrio do universo. Para punir os cruéis e indignos.

Hora de seguir em frente.

Jude e Ari estão no nosso cobertor. Ari está tocando uma coisa no violão e algumas pessoas até pararam para ouvir, algumas sentadas na areia em um semicírculo em volta dela. Mas Jude está olhando para as ondas, a postura encolhida. Não preciso ver seu rosto para saber que ele está chateado. Deve ter ouvido Maya, afinal.

Fico irritada tudo de novo.

Começo a ir na direção deles, mas ouço um ruído. Um som horrível, sobressaltado.

— Não! Não, não, não. Isso não pode ser sério.

Eu me viro lentamente. Maya está de quatro, cavando freneticamente na areia.

— O que foi? — pergunta Katie, recuando quando Maya levanta a beirada da toalha dela. — O que aconteceu?

— Meu brinco — diz Maya. — Eu perdi um brinco! Parem de olhar e me

ajudem a procurar!

As amigas dela ainda parecem meio atordoadas, mas não discutem. As três começam a remexer na areia. De vez em quando, Maya para e bota a mão na orelha, tateia no suéter, mexe no cabelo. Em pouco tempo fica claro que a busca é em vão. Um sorriso se abre nos meus lábios e acho que entendo uma coisa.

Carma *imediato*.

Talvez tenha que ser imediato. Uma retribuição imediata por fazer algo ruim. Nada aconteceu com Quint porque nossa briga foi horas atrás.

Mas Maya estava sendo cruel *agora*.

Sua expressão é de sofrimento, à beira das lágrimas, quando ela desiste de procurar, mas eu não sinto a menor pena. O brinco dela podia ser chique e caro. Vejo o outro pendurado na outra orelha. É um brinco de gota, com uma pedra no centro que acho que pode ser um diamante. Talvez seja da mãe dela, que vai ficar com muita raiva por a filha ter perdido um. Ou talvez fosse um presente para comemorar uma das muitas conquistas da Maya: “Aluna da Semana” ou “Eu doei sangue!” ou alguma outra coisa. Para mim, não importa. Ela magoou meu irmão e merece pagar o preço.

Dou meia-volta e começo a seguir na direção dos meus amigos. Tem um gingado novo no meu passo. Meus dedos estão formigando, como se um poder cósmico inesperado estivesse correndo nas minhas veias.

Estou tão distraída que quase não reparo na bola de vôlei vindo na minha direção. O instinto entra em ação e eu me abaixo, gritando.

Uma figura aparece na minha periferia, bate na bola e a joga na direção da rede.

Eu levanto o rosto, os braços ainda erguidos de forma protetora em cima da cabeça.

Os lábios do Quint estão repuxados, os olhos agitados. Está claro que ele está fazendo tudo que pode para não rir de mim.

— O que você achou que era, um tubarão?

Abaixo os braços. Tento recuperar a dignidade da melhor forma que conheço: com desdém palpável.

— Eu estava distraída — digo, olhando para ele com irritação. — Levei um susto.

Ele solta uma risadinha.

— A gente está precisando de um jogador. Será que você estaria interessada?

Eu solto uma risada. Se tem um esporte para o qual tenho dom natural, ainda preciso descobrir qual é. Com certeza não é nada que nos fazem jogar na aula de educação física.

— Nem um pouquinho. Mas obrigada… por aquilo.

— Por te salvar? — questiona ele, alto o suficiente para qualquer pessoa próxima ouvir. Ele parece quase exultante. — Você pode dizer de novo, mas mais alto? — Ele se inclina na minha direção, a mão em concha em volta da orelha.

Eu amarro mais a cara.

— Pode falar — diz ele. — Acredito que as palavras exatas que você esteja procurando são *Obrigada por salvar a minha vida, Quint. Você é o melhor!*

Eu faço um ruído de deboche. Mas uma ideia me ocorre e eu abro um sorriso e dou um passo na direção dele. Ele deve ver algo de perturbador no meu rosto, porque dá um passo para trás na mesma hora. A expressão de diversão vira desconfiança.

— Vou dizer obrigada depois que você aceitar refazer o projeto de biologia comigo.

Ele geme.

Atrás dele, uma garota do segundo ano grita:

— Quint, vem! Você vai continuar jogando, certo?

— Vou, vou — diz ele, balançando a mão na direção dela. Eu olho para a garota. Ela está me observando, a boca repuxada para o lado.

Não se preocupe, quero dizer para ela. *Ele é todo seu.*

Quint começa a andar de costas na direção da rede. Levanta um dedo e aponta diretamente para mim.

— A resposta continua sendo não — diz ele. — Mas admiro sua persistência. — Ele se vira e corre de volta ao jogo.

Eu expiro com força. Valeu a tentativa.

— Ei, Prudence — chama uma voz.

Demoro um segundo para me dar conta de que é Ezra Kent, parado do outro lado da rede de vôlei, esperando o jogo recomeçar. Quando tem minha atenção, ele inclina o queixo para uma coisa atrás de mim.

— Quem é a gata com o violão?

Eu pisco e olho em volta. Por um segundo, esqueci o que estou fazendo, para onde estava indo. Mas vejo Ari sentada de pernas cruzadas no nosso cobertor, o violão no colo, mas ela não está tocando. Está falando com umas pessoas da escola: uma garota que eu sei que é da banda de jazz e dois formandos com quem eu nunca conversei. Jude também está lá, mas ele está um pouco afastado do grupo, ainda chateado. Seus pés descalços estão enterrados na areia.

Eu me viro e olho com expressão de aviso para Ezra.

— Uma pessoa que não é para o seu bico.

Ele esfrega as mãos de forma exagerada.

— Eu gosto de um desafio.

Abro um sorriso doce.

— E ela gosta de integridade, então nem perca seu tempo.

Ele ri.

— Ah, cara. Vou sentir saudade de você no verão.

— Somos um só — murmuro, revirando os olhos. Estou quase me afastando dali quando um pensamento me ocorre.

Eu hesito e me viro quando Quint está se preparando para o saque.

— Ei, Quint?

Ele faz uma pausa e me olha. Eu chego mais perto para poder falar baixo e uma das sobrancelhas enormes dele sobe, como se a minha presença fosse motivo de desconfiança.

— Quer saber, o Jude até joga vôlei direito. Caso você ainda esteja querendo mais um jogador.

Pode ser mentira. Mas pode não ser. Meu irmão e eu não temos aula de educação física juntos desde o sexto ano, então nem faço ideia de como ele joga vôlei.

Quint olha para trás de mim, na direção do meu irmão.

— Ah, legal. Ei, Jude! Quer jogar?

Eu saio andando, me esforçando para parecer casual e Jude não saber que eu instiguei o convite. Mas dá certo. Dois segundos depois, meu irmão está correndo pela praia. Ele assente para mim, talvez percebendo que é a primeira vez que nos vemos desde que chegamos.

— Está tudo bem, mana? — pergunta ele quando passa. Entendo o que tem por trás da pergunta. O verdadeiro significado. Eu não queria ir à festa. Ele

basicamente arrastou a mim e Ari.

Mas penso na onda que caiu sobre Jackson e na voz de pânico da Maya enquanto procurava o brinco desaparecido e no pequeno grupo que parou para ouvir Ari e o violão, e de repente estou sorrindo. É um sorriso de verdade. Um sorriso ridículo, satisfeito, totalmente eufórico.

— De verdade? Eu estou me divertindo muito. — Inclino a cabeça na direção do jogo de vôlei. — Vai jogar?

— É, vou ver como vai ser. Tentar não fazer papel de bobo.

— Você vai tirar de letra. — Dou um soco encorajador no ombro dele, e seguimos cada um para um lado.

A areia debaixo dos meus pés virou nuvem enquanto ando na direção de Ari, sentindo que todo o poder do universo está nas pontas dos meus dedos.

ONZE

Eu acordo cedo na manhã seguinte, o cheiro de madeira queimada grudado no cabelo, prova de que a festa da fogueira foi real. Que eu não sonhei tudo. Tem uma voz lógica no meu cérebro insistindo de que essa coisa toda de justiça cármica é coisa da minha cabeça, mas faço o que posso para silenciá-la.

Fico deitada na cama, pensando em todas as vezes em que fiquei frustrada com as injustiças da vida. Com os alunos que não fazem nada e conseguem a aprovação dos professores. Com os valentões que parece que nunca são pegos. Com os cretinos que chegam ao topo da escada social.

Bom, não mais. Pelo menos, não em Fortuna Beach.

Tem uma nova juíza na cidade.

Estou eufórica quando me levanto e cumpro minha rotina de sempre de arrumar a cama, escovar os dentes, trocar de roupa. O dia parece cheio de potencial. A minha *vida* parece cheia de potencial.

Eu olho o relógio: 6h55 da manhã do primeiro dia inteiro de férias de verão. Estou vestida e pronta, com batom e tudo, mas o resto da casa continua dormindo. Sei que deveria estar exausta, pois Jude e eu só voltamos para casa depois da meia-noite, mas estou bem desperta.

Eu me sento na beirada da cama e batuco com os dedos nos joelhos. Costumo adorar essa hora do dia, quando sou a única da família acordada. A serenidade e a solidão parecem um presente raro a ser apreciado. Sempre que possível durante o ano letivo, eu tento acordar para poder fazer coisas sem ser incomodada pelos meus pais e minhas irmãs, mas agora parece que estou num limbo.

Não tenho dever de casa. Não tenho projetos. Não tenho nada para fazer.

Eu olho para a estante pensando em talvez ler um pouco, mas sei que não vou

conseguir me concentrar.

Meus olhos pousam na pilha de pastas e cadernos que tirei da mochila na noite anterior, todos no canto da minha mesa.

O fichário do Quint está bem em cima, a foca desamparada espiando na capa.

Eu o pego. Aquele papel adesivo odioso me encara e faço uma careta. Não quero abri-lo. Uma parte enorme de mim quer rasgar o relatório em pedacinhos e jogá-lo pela janela, mas isso seria jogar lixo no chão, e decido não fazer. Ainda assim, sinto algo que é quase medo quando levo o relatório para a cama e me acomodo nos travesseiros.

Mas medo de quê? De eu poder ter me enganado esse tempo todo? De Quint, em uma virada chocante, poder ter feito um bom trabalho? De as palavras nas páginas estarem bem escritas, pesquisadas detalhadamente e serem brilhantes? De talvez ser *eu* o elo fraco no nosso grupo?

Leio as palavras do sr. Chavez de novo, mas desta vez foco na crítica que ele fez a Quint. *Execução bagunçada. Escrita sem foco.* Bom. Tem isso. Eu sei que não é uma grande produção literária. Sei que há falhas.

Mas a nota dele é maior do que a minha, maior do que a *nossa*.

Eu me preparo e abro o fichário.

Primeiro, enquanto passo os olhos pelo relatório do Quint, fico surpresa e até um pouco impressionada. Primeiras impressões podem ser muito úteis e, bem, a primeira impressão do trabalho dele não é nada como eu esperava. Em vez do padrão típico de fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço duplo, que é padrão na escola, Quint fez a diagramação do relatório para parecer um artigo de revista com duas colunas justificadas intercaladas com fotos de natureza e habitats marinhos. Cada seção está dividida por um título em negrito azul-piscina e as legendas embaixo das fotos são caprichadas, estilizadas. Ele até incluiu um rodapé bege sutil embaixo de cada página: *Preservação Marinha por Meio do Ecoturismo | Prudence Barnett e Quint Erickson.*

O efeito geral é bom. Tem classe. Parece até profissional. Não é o que eu esperava e sinto um pouco de arrependimento. Como ele era capaz dessa qualidade de trabalho esse tempo todo e eu nem tinha ideia?

E tem também as fotos. Cada página tem pelo menos uma fotografia, e elas são tão impressionantes quanto apavorantes. Aves marinhas encharcadas de petróleo. Focas com cortes fundos no corpo. Leões marinhos com dezenas de

anzóis presos na pele. Eu nunca dei muito crédito para a ideia de que uma imagem vale mil palavras, mas tenho que admitir que aquelas ilustrações são muito eficientes. Meu estômago dá um nó quando volto para a primeira página.

Eu começo a ler o texto e… minha opinião começa a despencar.

Erros de digitação. De ortografia. Frases desconexas. Declarações redundantes, quase incoerentes.

Caramba. Como esse cara passou no nono ano?

Mas as partes que consigo ler sem sofrer e desejar ter um lápis vermelho na mão são apaixonadas e, surpreendentemente, cheias de fatos e estatísticas relevantes. Ele passa muito tempo delineando como o comportamento humano afetou negativamente nossos ecossistemas locais. Entra em detalhes explícitos sobre a população cada vez menor de várias espécies marinhas e como elas estão sendo impactadas por causa de lixo, poluição e práticas de pesca em excesso. É bem mais do que eu teria feito. Afinal, o relatório é sobre ecoturismo, não declínio ambiental. Mas tenho que bater palmas para ele, tem muita ciência. Até aprendo algumas coisas lendo, coisas que me fazem querer checar as fontes e ver se são reais, incluindo uma série de estatísticas que sugerem que o ecoturismo em si, se não for cuidadosamente monitorado, pode ser mais maléfico do que benéfico ao meio-ambiente do que os visitantes que desejam preservá-lo.

Minha avaliação de Quint e do trabalho dele estão começando a melhorar quando eu *finalmente* chego na parte do trabalho sobre nossas sugestões para criar uma indústria vibrante de ecoturismo em Fortuna Beach. Espero que as páginas seguintes sejam familiares. Afinal, foi isso que nós discutimos nas poucas ocasiões em que o sr. Chavez nos deu tempo na aula para trabalharmos juntos no projeto. Estou ansiosa para ler a versão em texto do meu plano bem elaborado. O resort. As aventuras marinhas. As festas na praia. Todas as coisas que vão fazer os turistas procurarem Fortuna Beach em nome da diversão, da exploração e de uma boa dose de filantropia.

Só que… não tem nada disso. Ele não fala do resort. Deixa de fora minha ideia brilhante de passeios de barco e mergulhos. Não tem nem uma palavra sobre o spa com tratamentos orgânicos e naturais!

Em vez disso, de acordo com Quint, os turistas virão para Fortuna Beach para… serem voluntários num centro de resgate de animais.

Dou um gemido alto e bato com a cabeça na cabeceira da cama. Ela ainda

está doendo, um lembrete da queda da outra noite.

É sério? Em todas as nossas conversas, Quint insistiu que devíamos focar no Centro de Resgate de Animais Marinhos de Fortuna Beach. Ele achava que as pessoas que realmente se importavam em ajudar os oceanos adorariam ir ao centro e ajudar a cuidar dos animais, aprender sobre o que a reabilitação envolve e descobrir mudanças benéficas em estilo de vida que elas podem fazer.

Eu revirei os olhos cada vez que ele tocou no assunto, assim como estou revirando agora. Por que nossa comunidade botaria dinheiro na construção de um centro de reabilitação de animais quando podemos ter um *spa*? Nós queremos atrair milionários, não hippies!

Estou furiosa enquanto leio os últimos parágrafos e viro para a última página. Pelo menos, ele se deu ao trabalho de incluir uma bibliografia, embora eu repare que ele não creditou as fontes de onde tirou as fotos, o que é uma blasfêmia nos trabalhos escolares, na minha opinião.

Meu olhar para em uma das fontes e fico imóvel. Diferentemente das outras coisas, que são mais sites de internet com duas revistas ou livros, Quint incluiu uma entrevista.

Rosa Erickson, fundadora e dona do Centro de Resgate de Animais Marinhos de Fortuna Beach. Entrevista conduzida por Quint Erickson.

— Espera aí — murmuro, me sentando mais ereta. — O centro de resgate existe?

Pego o celular no carregador na mesa de cabeceira e faço uma pesquisa rápida. Lá está: não em um site oficial, mas numa lista de negócios com endereço comercial alguns quilômetros ao norte do centro. Um pouco mais de pesquisa leva ao nome. Rosa Erickson.

— Seu cretino! — Largo o celular no cobertor, pulo da cama e começo a andar de um lado para o outro. Não sei se Rosa é mãe ou tia ou avó do Quint, mas eles devem ser parentes. Como ele pôde ter deixado de mencionar que o centro de resgate que ele estava tão determinado a incluir é um lugar de verdade, que existe? Com o qual ele tem uma conexão pessoal? Se eu soubesse disso, teria refeito completamente meu plano para o projeto. Nós poderíamos ter nos concentrado no impacto de centros de resgate numa comunidade ou feito demonstrações bem legais do tipo de trabalho que o centro faz. Poderíamos ter convidado essa tal de Rosa para ir falar com a turma ou talvez até pedido

permissão para levar os colegas num passeio incrível.

Nós podíamos ter arrasado com esse projeto!

Como Quint pôde guardar segredo disso? E talvez o mais importante: *por quê?* Por que ele não me contou?

Eu paro de andar de um lado para o outro e fuzilo o relatório com o olhar. Voltei para a capa quando pulei da cama, e lá está o papel adesivo de novo. Aquele C, debochando de mim.

Pelo menos, eu consigo entender o bilhete do sr. Chavez melhor. Não tem quase nada entre minha maquete da rua e o relatório do Quint que indique que éramos um grupo trabalhando juntos num projeto coeso. Mas isso não é *minha* culpa, e eu me recuso a deixar minha média geral cair porque Quint não pôde se dignar a me contar essa informação absurdamente relevante.

Pego o celular e verifico de novo o endereço do centro de resgate.

Não ligo para o sr. Chavez e suas regras. Vou refazer esse projeto e vou deixá-lo tão brilhante que ele não vai ter escolha além de me dar a nota que eu realmente mereço.

DOZE

Meu pai está na cozinha, sentado sozinho à mesa com uma xícara de café e a edição mais recente da revista *Rolling Stone.*

Ele levanta o rosto quando eu entro e olha o horário no relógio do fogão.

— Acordada antes das oito! Você não está de férias?

— Pai, desde quando eu durmo até depois das oito, seja de férias ou não? — Coloco uma fatia de pão na torradeira. Tem um cacho novo de bananas na bancada, mas não estou com vontade de mexer no liquidificador. — Tenho coisas a fazer, sabe.

— Tem? — pergunta meu pai com uma risadinha. — Não muito, espero. Sua mãe e eu temos algumas ideias sobre como você pode passar seu tempo este verão.

Eu franzo a testa, tensa de repente.

— Tipo o quê?

— Bom… — Ele usa um daqueles cartões de assinatura para marcar onde parou e fecha a revista. — A gente ia esperar e falar com você no jantar, mas, já que perguntou… Nós pensamos que está na hora de você e Jude começarem a ajudar na loja.

Eu o encaro. Ajudar na loja?

Na loja de *discos*?

Os três próximos meses passam pela minha mente, cheios de turistas desavisados que acham que uma loja de vinis antigos é *uau, uma novidade tão legal*, e também dos aficionados por música chatos, que gostam de falar sem parar que a música digital *não tem alma, cara*, e também de gente que aparece tentando vender a coleção do avô e não consegue entender por que só pagamos

50 centavos por um vinil velho de *Hotel California*.

Eu olho para o meu pai e sei que rir alto é a tática errada, então só digo:

— Ah.

Só isso. É a única coisa que consigo pensar em dizer. *Ah.*

Meu pai, sentindo meu total desinteresse, muda rapidamente de alegre e esperançoso a repreensivo.

— É um negócio de família, sabe. E você é parte dessa família.

— É, não, eu sei — digo rapidamente. — É só que… — Eu enrolo em busca de uma desculpa. Qualquer desculpa. Qualquer desculpa além de *Eu não tenho a menor vontade de passar meu verão atrás do balcão da sua loja velha de discos, com cheiro de naftalina, dizendo para os clientes regulares que, não, desculpe, nós não recebemos nada novo de hair metal desde a semana passada.*

— É que… eu estava… pensando em fazer trabalho voluntário — eu me ouço dizer.

Espera. O quê?

Meu pai ergue uma sobrancelha e diz sardonicamente:

— Trabalho voluntário? Onde, no calçadão?

Meu peito se enche de indignação. Não pode ser *tão* surpreendente eu doar meu tempo para uma causa digna. Por todo o fundamental II, dei aula para dois alunos de pré-escola e do primeiro ano depois da aula, duas vezes por semana, o que basicamente significava ficar sentada lendo livrinhos com eles, mas mesmo assim. Acredito em fazer o bem e em caridade. Posso não ter tido muito tempo ultimamente, mas a ideia de que eu faria algo filantrópico não deveria gerar desconfiança.

— Não, não no calçadão — digo, debochando da consternação dele. — Em um lugar chamado, hã, Centro de Resgate de Fortuna Beach. Acolhem animais feridos lá. Leões marinhos, essas coisas. E os ajudam a se recuperar. — Pelo menos, eu acho que é isso que eles fazem. Passei os olhos pela maioria das páginas do trabalho do Quint e continuo apenas com uma vaga noção do objetivo do centro de resgate.

— Ah — replica meu pai. Eu conheço esse *ah*. Ouço páginas de confusão escritas nesse *ah.*

Ah, eu não sabia que você gostava de animais. *Ah*, tem tanto tempo que você não fala de voluntariado. *Ah*, eu achei que você estivesse planejando passar suas

férias de verão todas com Ari, tomando sorvete e contando os dias para o período em que é socialmente aceitável começar a ficar obcecada por se inscrever nas faculdades. (Não antes do começo do segundo ano, evidentemente, embora eu tenha começado uma lista para quando esse dia chegar.)

Mas meu pai não diz nada disso. Ele só fala:

— Nunca ouvi falar.

— Eu também não tinha ouvido. Um amigo me contou sobre o lugar. — Tremo visivelmente com a ideia de que Quint seja um *amigo*, mas me viro para a torrada, que acabou de sair da torradeira, e me concentro em cobri-la de creme de amendoim.

— É pra escola?

Eu hesito.

— Mais ou menos. E também… sabe como é. Eu achei que seria bom fazer alguma coisa pela comunidade e nossos habitats… marinhos… locais. — Coloco a faca na pia. — Pensei em ir lá hoje e ver se eles precisam da minha ajuda. — Eu hesito com um sorriso incerto e pergunto: — Tudo bem?

Ele franze a testa.

— Bem — responde ele lentamente, inseguro. Consigo ver as engrenagens girando em sua cabeça enquanto ele tenta determinar a melhor abordagem parental. Insistir que a filha ajude com o negócio familiar para construir responsabilidade pessoal e uma ética forte de trabalho ou encorajar esse interesse inesperado no altruísmo e bem-estar animal? Por fim, ele limpa a garganta. — Vamos fazer assim. Vai falar com eles hoje e ver se é uma coisa boa pra você; eu vou conversar com a sua mãe, e nós falamos de novo no jantar hoje. — Ele termina a declaração com um movimento satisfeito de cabeça. Eu praticamente o vejo se parabenizando sobre outro dilema parental conquistado. Ou, pelo menos, adiado até minha mãe poder dar opinião. — Você precisa que eu te leve lá?

— Não, obrigada. Vou de bicicleta. São poucos quilômetros.

Ele assente de novo, mas parece reconsiderar uma coisa.

— Sabe, Pru, eu estava de brincadeira antes, sobre passar seu tempo no calçadão. Você se esforçou muito este ano. Merece relaxar nas férias. Então… seja voluntária nesse lugar de resgate aí ou venha ficar na loja comigo ou o que for melhor. Mas não se esqueça de sair e apreciar o sol de vez em quando, tá?

Eu o encaro. Ele fala de um jeito tão inocente, mas não consigo deixar de

sentir que tem um ataque pequeno escondido por trás das palavras dele. *Não trabalhe tanto a ponto de se esquecer de se divertir.*

Por que todo mundo fica achando que eu não sei me divertir? Relaxar? Sim, eu estudo muito. Sim, eu acredito em ser prática e eficiente e excelente nas coisas que faço. Qual é o problema disso?

Mas não falo nada disso. Só abro um sorriso tenso para o meu pai.

— Obrigada pelo conselho. Vou pensar nisso.

Ele suspira para mim.

— Pensa, sim. — Ele volta a atenção para o café e para a revista, apreciando os momentos de paz antes que meus irmãos comecem a despertar.

Eu pego minha torrada e saio pela porta. Ainda não decidi o que acho da minha mentirinha quando estou botando o capacete e enfiando o último pedaço de torrada na boca. Não tinha pensado em oferecer minhas horas do verão como voluntária numa organização sem fins lucrativos sob circunstância nenhuma; ao menos, eu acho que o centro não tem fins lucrativos, embora nem isso esteja claro. De qualquer modo, se eu pretendesse me voluntariar em algum lugar, teria escolhido algo como escrever newsletters para a ACM da cidade, ou cuidar de uma Bibliotequinha Gratuita na rua Main, ou organizar vendas de pães e bolos para ajudar nos estudos de alguma criança em um país pobre de terceiro mundo, ou... alguma coisa assim. Mas tartarugas marinhas e lontras, ou sei lá com que bichos trabalham naquele lugar? Eu não tenho nada contra animais marinhos. E preciso consertar o projeto para o sr. Chavez, e esse parece um jeito certo de fazer isso.

Ainda assim. Não é bem a causa do meu coração.

Talvez, se as coisas não forem bem hoje, eu possa pensar num plano B. Encontrar alguma outra organização na qual ser voluntária, algo um pouco mais adequado aos meus interesses, e dizer para os meus pais que houve mudança de planos.

Fazer curadoria de uma Bibliotequinha Gratuita *seria* divertido…

Faço uma pausa e franzo a testa com esse pensamento. Alguma coisa me diz que bem poucas pessoas concordariam com esse sentimento. É possível que a *minha* ideia de atividades divertidas, relaxantes e agradáveis esteja mesmo tão distante da de todo mundo?

Mas isso quer dizer que tem alguma coisa errada comigo ou com as pessoas?

Balanço a cabeça. O que quer que eu decida sobre ser voluntária, pelo menos vai ficar ótimo nas fichas de candidatura para as faculdades. Um verão passado em um centro de resgate de animais marinhos pode não ter sido o plano original, mas percebo agora que vai ter resultados positivos de longo prazo. Estou visualizando todas as redações incríveis que vou poder escrever contando como consegui tornar o mundo um lugar melhor com minha dedicação altruísta. Meu futuro currículo vai estar um patamar acima dos currículos dos outros candidatos por eu ter passado uma parte do meu tempo fazendo um serviço tão impressionante.

Isso é bom, eu digo repetidamente para mim mesma, enquanto minhas pernas pedalam na bicicleta.

Vai ser melhor assim.

Pelo menos, é bem melhor do que um verão passado na loja.

O vento salgado é refrescante nas minhas bochechas, soprando meu cabelo. A manhã está quente, mas agradável. Eu passo por um monte de gente passeando com os cachorros e até por algumas crianças brincando com sprinklers nos gramados de casa. Passo por um homem idoso cortando a grama e um grupo de pintores de casa montando um andaime. Passo por mais pessoas de bicicleta: algumas de terno, algumas de roupa de praia. Nós abrimos sorrisos cordiais umas para as outras.

Eu paro na frente de uma loja de conveniência para esperar o sinal abrir. O carro ao meu lado está com as janelas abertas e eu sorrio quando “Good Day Sunshine” sai dos alto-falantes. Até me imagino cantando essa música no karaokê… isso se voltarmos a alguma noite de karaokê.

Descontando os cretinos e as bebidas derramadas, até que foi divertido.

Eu ainda estou distraída, pensando que poderia fazer um dueto com Ari, quando o sinal da rua transversal fica amarelo. Ajusto os pedais e me preparo para ir, mas olho na direção do estacionamento da loja de conveniência. Tem um utilitário novinho entrando em uma vaga.

Eu aperto os olhos como raios laser.

É a vaga para pessoas com deficiência. Mas não tem adesivo de pessoa de cadeira de rodas na placa do carro, nenhuma plaquinha pendurada no retrovisor.

Eu viro a roda da frente da bicicleta para o meio-fio. Examino o carro com mais atenção quando chego perto, procurando algum sinal de que a pessoa pode

merecer a cobiçada vaga na entrada. A vaga que só deve ser usada por quem realmente precisa.

A porta do motorista se abre e vejo um homem de meia-idade sair e entrar correndo na loja. Pelo que percebo, ele não tem deficiência. Não está nem mancando.

E não tem passageiro.

Eu balanço a cabeça com repulsa. Quem ele acha que é? Alguém que precisa de verdade da vaga pode aparecer a qualquer minuto! Ele vai fazer alguma pobre vovó idosa atravessar o estacionamento inteiro de andador ou de bengala?

Eu balanço os dedos primeiro e sinto o sangue correndo por eles. Tem um momento em que penso: você está se enganando, Prudence. Isso não vai funcionar.

Mas eu ignoro a dúvida e aperto bem a mão.

Assim que faço isso, uma gaivota passa voando e solta uma bola branca perfeita de excremento no para-brisa do carro, bem na cara do motorista.

Uma gargalhada surpresa escapa e coloco a mão na boca. *Na mosca.*

O homem sai correndo da loja um segundo depois, só com um energético na mão. Ele dá uma olhada no carro e fala um palavrão.

Eu viro a bicicleta e volto para a rua, o corpo todo formigando de satisfação.

O trajeto fica mais interessante depois disso. Eu sou como um radar, procurando as injustiças do mundo. Meu poder recém-descoberto está formigando nas pontas dos meus dedos, pronto para ser libertado. Estou faminta por outra chance de vê-lo em ação, e as oportunidades, de repente, estão por toda parte.

Passo por dois garotos pré-adolescentes roubando da máquina de refrigerantes na frente do Mercado do Ike.

Eu aperto as mãos e os refrigerantes roubados explodem na cara deles.

Reparo em uma garotinha jogando pedras num esquilo. Um segundo depois, ela bate o dedão do pé e sai correndo para a mãe, chorando.

Vejo um homem em um ponto de ônibus soltando um assobio indecoroso para uma mulher que passa correndo. Ela o ignora, a expressão pétrea. Quando ele se inclina para frente para admirar a bunda dela, eu presenteio a calça jeans com um rasgo na costura da bunda *dele*.

Estou superanimada. Estou tremendo de satisfação. Estou inebriada de poder

e sei disso, mas eu nem pedi por esse dom, então acho que devo ter feito alguma coisa para merecer.

Estou a poucos quarteirões do centro de resgate quando passo por um outdoor pelo qual devo ter passado umas cem vezes sem prestar muita atenção. Só que agora tem uma escada encostada nele e uma pessoa parada na plataforma, usando um moletom largo e um boné verde, com uma lata de tinta spray na mão.

Eu paro a bicicleta, um pouco atordoada de pensar que alguém teria a ousadia de vandalizar um outdoor em plena luz do dia assim.

O outdoor é uma propaganda do Blue's Burgers, uma lanchonete que é um pilar da nossa comunidade desde os anos 1960. Do lado direito da imagem gigantesca, tem um close de um cheeseburger, cheio de picles e alface e um molho especial cremoso. Ao fundo, tem um pasto verde com duas vacas malhadas de preto e branco, pastando alegremente. O slogan do Blue's está impresso em balões de fala acima da cabeça delas: NÓS SOMOS VACAS FELIZES E VOCÊS SERÃO CLIENTES FELIZES!

Mas o vândalo pintou um X por cima da mensagem e está começando a escrever alguma coisa em cima da imagem das vacas.

A indignação arde dentro de mim. É um negócio local. É propriedade pública. E agora alguém vai ter que limpar aquilo ou pagar para trocar.

Eu bufo e aperto a mão.

O vândalo estica a mão para pegar um spray de outra cor… e escorrega.

A escada balança. Ouço um grito e levo um susto ao perceber que é uma garota.

Ela cai.

Acontece em câmera lenta. A mão tentando segurar a escada e não encontrando nada. O corpo caindo por, pelo menos, três metros até o chão. Há uma área com grama e mato, não asfalto, mas, mesmo assim… eu ouço o estalo.

Meu estômago dá um nó e a bile sobe para a minha boca com o barulho horrível, seguido do grito de dor.

O boné dela caiu. Ela tem cabelo preto brilhoso preso em dois coques apertados atrás das orelhas.

Meu coração pula. É *Morgan*, a amiga do Quint da outra noite.

Eu largo a bicicleta encostada numa árvore e me preparo para atravessar a rua correndo para ajudá-la, mas um carro parou no acostamento e uma mulher já está

fazendo o mesmo, um celular na mão. *Ah, meu Deus, você está bem? Vou chamar uma ambulância!*

Eu engulo em seco e dou um passo para trás. Ainda estou enjoada. Um suor frio se acumulou na minha nuca e o capacete parece pesado demais, me confinando. Ignoro a sensação e passo a perna por cima do banco da bicicleta.

Eu me viro e pedalo o mais rápido possível na outra direção.

TREZE

Pedalo até um parque próximo e largo a bicicleta antes de cair sentada em um banco de madeira. Arranco o capacete e apoio a testa nas mãos. Fico vendo sem parar aquele momento em que o pé dela escorregou. Quando ela perdeu o apoio. Quando ela gritou e caiu.

Eu fiz aquilo. *Eu* fiz aquilo.

Eu poderia tê-la matado.

Levo um tempão para me acalmar. Um tempão para o meu coração parar de palpitar e eu conseguir pensar racionalmente sobre o que acabou de acontecer.

Levo um tempão ainda maior para me convencer de que, não, claro que *eu* não fiz aquilo.

As punições que tenho distribuído não vieram de mim. Posso ter achado que algo devia acontecer com aquelas pessoas, mas o universo é que decide que punições devem ser. *Eu* jamais teria feito alguém cair de uma escada, quer a pessoa estivesse violando a lei ou não. Foi coisa do universo.

Além do mais, se alguém tem culpa, é a própria Morgan. Ela se colocou em perigo ao subir lá. Não deve ter pensado em prender a escada. Ou talvez seja naturalmente desastrada.

Além do mais, ela deve ter merecido. Estava fazendo mal a outra pessoa por meio de suas ações. O sustento de um dono de comércio da região. A beleza da nossa pitoresca cidade costeira. Além do mais, ela foi tão metida quando nos conhecemos no Encanto, com aquele jeito que não parava de olhar o celular, mesmo quando as pessoas estavam cantando.

O universo sabe o que faz. Tem que saber. É o *universo*.

Gradualmente, minhas mãos param de tremer.

Eu sei que estou tentando justificar o que aconteceu, mas o que mais posso

fazer? Tenho que acreditar que o universo está do meu lado nisso.

Finalmente, depois de respirar fundo algumas vezes, tentando expirar toda a minha energia negativa, eu subo de volta na bicicleta.

Estou mais perto do centro de resgate do que tinha percebido, e o resto do trajeto é só descer por uma rua de duas pistas ladeadas de ciprestes e arbustos de amoras grandes demais. Não só eu não vejo ninguém se comportando mal como não vejo ninguém. A rua é tranquila, uma rua na qual eu nunca estive. É longe o suficiente da rua Main e da praia para não atrair turistas. Vejo sinais de algumas casas no meio das árvores, fazendas com galinhas e bodes e terreno.

Quase passo direto pelo centro. No último minuto, aperto o freio e coloco o pé no asfalto.

Não sei o que eu estava esperando até o prédio não ficar à altura das expectativas. De repente, fica claro por que Quint não se deu ao trabalho de incluir fotos desse destino "turístico" de salvamento de animais da vida real no relatório. Acho que eu estava imaginando um aquário. Algo lustroso e moderno, com um monte de vagas no estacionamento para caberem ônibus cheios de crianças chegando para passeio de escola. Estava imaginando um centro educacional, com placas expondo os delicados ecossistemas nos nossos oceanos e como os humanos podem ajudar bebendo menos água engarrafada e escolhendo comer peixes pescados de forma sustentável. Estava visualizando tanques enormes de vidro cheios de peixes tropicais e um ocasional leão-marinho alegre, ou talvez até jaulas gigantescas para baleias e golfinhos. E também uma piscina para podermos passar os dedos pela superfície de uma estrela marinha ou deixar que os ouriços enrolassem os espinhos nos nossos dedos.

Mas percebo, quando entro no estacionamento de cascalho, que eu estava imaginando o centro de preservação no filme *Procurando Dory*, da Pixar. Tecnológico. Chique. Com mensagens educativas da Sigourney Weaver saindo dos alto-falantes a cada dois minutos.

E pode ter sido uma expectativa irreal. Afinal, se Fortuna Beach tivesse uma instituição assim, eu já saberia antes de hoje.

Mas a realidade do Centro de Resgate de Animais Marinhos de Fortuna Beach é que… é pequeno. E, ao menos por fora, totalmente comum.

O fedor de peixe morto me atinge antes de eu parar de pedalar. Não tem

bicicletário, então encosto a minha bicicleta numa grade de escada perto da entrada. Tiro o capacete, penduro no guidom e observo o pequeno prédio de dois andares. É longo, mas estreito, com um telhado achatado comprido e paredes de concreto. Muito industrial. Muito utilitário. Nem um pouco acolhedor. Pelo menos, alguém fez uma tentativa de alegrar a fachada com uma camada de tinta coral.

Duas vans brancas no estacionamento de cascalho têm o nome e o número de telefone do centro na lateral, encorajando as pessoas a ligarem se virem um animal preso ou ferido. Tem uma pilha de caixas junto da cerca, junto a uma fileira de casinhas de cachorro, algo do tipo que se veria num canil. Há dois depósitos temporários de plástico ali perto, as portas fechadas com cadeados. Ouço latidos e levo um momento para lembrar que não estou num canil. Devem ser focas fazendo o barulho, talvez leões-marinhos.

Por um momento, eu me pergunto o que estou fazendo aqui. Tenho que escrever um relatório, um relatório *melhor,* algo que vá conquistar o sr. Chavez e as regras absurdas dele, e, hoje de manhã, eu estava convencida de que aquele lugar era meu ingresso para isso. Eu descobriria a conexão do Quint com o centro e refaria a minha parte da apresentação, para se alinhar com o relatório que ele escreveu. Se eu fizer tudo direitinho, posso até conseguir enviar o projeto revisado sem o sr. Chavez saber que Quint não esteve envolvido. Porque… ele *está* envolvido. De um jeito meio torto.

Acho que consigo fazer dar certo.

Observo o prédio de novo, franzindo o nariz quando um novo sopro de frutos do mar estragados supera o primeiro cheiro de sal e peixe.

Mas ainda não me comprometi com nada. Vou só entrar e dar uma olhada, falar com as pessoas, descobrir quem é Rosa Erickson e o que ela é do Quint e aproveitar o que puder usar no meu projeto revisado. Depois, vou cair fora. Quanto ao que vou dizer aos meus pais sobre meu novo trabalho de voluntariado… bom, vou atravessar essa ponte quando chegar a ela.

Passo uma camada de batom, ajeito o amassado da camisa e vou até a entrada, uma porta amarela desbotada com uma abertura para cartas na parte de baixo. Eu hesito, na dúvida se devo bater. É um local de trabalho, mas, até onde dá para perceber, não está aberto à visitação pública.

Bato com os dedos na porta. Espero, mas só ouço os gritos contínuos do

animal marinho que está fazendo a barulheira.

Depois de alguns segundos, tento a maçaneta. A porta se abre e coloco a cabeça na salinha, que acho que pode ser uma recepção, embora seja menor do que o meu quarto em casa. Tem várias moscas zumbindo em volta de uma escrivaninha abarrotada de papéis. Uma parede está coberta de um painel de madeira falsa, quase idêntica às coisas do nosso porão, que foi reformado nos anos 1970. Tem uma coleção de fotografias emolduradas mostrando homens e mulheres segurando mangueiras e vassouras e sorrindo para a câmera, ou de braços dados na praia, ou examinando uma tartaruga marinha numa mesa de metal.

Na parede oposta, há uma porta aberta que leva a um corredor longo e estreito. Uma olhada rápida me faz pensar num estábulo de cavalos, com uma série de paredes baixas divididas em seções, espaços separados para os animais. Mas, em vez de feno, aquele estábulo tem piso de linóleo e fede a peixe em vez de fertilizante.

Ao lado da porta, tem um pôster de filme emoldurado: o icônico pôster do *Tubarão*, olha só.

Mas, não; olhando melhor, eu vejo que é uma brincadeira. A cabeça gigantesca de tubarão saindo das profundezas na verdade é uma lancha cinza vista de cima e a garota nadando foi substituída por um tubarão com aparência inofensiva. O título, *Legislação*, tem uma legenda: HUMANOS MATAM 11.400 TUBARÕES POR HORA. TUBARÕES MATAM 12 HUMANOS POR ANO. PETIÇÃO PARA MUDAR AS LEIS DE ABATE DE TUBARÕES.

— Por hora? — murmuro. Essa estatística pode ser real?

Também não consigo evitar um tremor pelo segundo número. A ideia de ser agarrada no mar por um grande tubarão branco já me manteve acordada à noite, e eu nunca nem vi *Tubarão*.

Uma única folha de papel branco chama minha atenção. Alguém imprimiu outro pôster imitando *Tubarão* e grudou ao lado do outro. Desta vez, o título é *Canudão*, a garota nadando foi substituída por uma tartaruga marinha, e o "monstro" saindo das profundezas para devorá-la não passa de um amontoado de canudos na forma de uma cabeça de tubarão.

Solto uma risada. Esse é bem inteligente.

De repente, o latido dos animais marinhos aumenta, e eu me viro na direção

da porta telada dos fundos. Atrás dela, tem um pátio grande cheio de alambrados e piscinas de plástico azul e… bom, encontrei os barulhentos.

Eu contorno a escrivaninha, tomando o cuidado de não esbarrar em nenhuma das pilhas altas de papel, e me aproximo da porta de tela.

O pátio não tem tanques chiques. Nem aquários gigantes. Mas muitas focas. Ou talvez leões-marinhos. Ou lontras? Não sei, mas os animais são lustrosos e relativamente fofos e se revezam nos pulos pelas piscinas de plástico ou correndo atrás umas das outras pelo concreto, que brilha com poças de água para todo lado.

Reparo que, embora algumas piscinas sejam piscininhas de plástico de criança como as que eu compraria na loja de artigos gerais na rua Main, existem outras piscinas maiores, construídas no chão na extremidade do pátio. Uma série de toldos e tendas de armar e lonas amarradas no alto dos alambrados oferece sombra, com o sol aparecendo na lateral do prédio. Um emaranhado de mangueiras segue de plataforma em plataforma, e tem equipamento empilhado em todos os cantos: coolers e redes de piscina e escovas e mais baldes de plástico do que se veria na loja de material de construção da cidade.

Uma porta bate na minha direita e me faz pular. Duas mulheres, usando camisetas amarelas idênticas, surgem da extremidade do prédio. Elas se aproximam de uma das piscinas de criança, que está abrigando um animal solitário. Ele vê as mulheres se aproximarem, os bigodes tremendo no nariz.

— Com licença — digo, empurrando a porta de tela, que grita nas dobradiças.

As mulheres se viram na minha direção. Uma delas parece ser da idade da minha mãe, com cabelo preto fino preso numa trança improvisada. A outra é mais velha e mais corpulenta, com uns setenta anos, talvez, cabelo branco cacheado acima dos ombros e um colar de pérolas no pescoço que não combina com a camiseta básica.

— Oi — diz a mulher mais jovem. — Posso ajudar?

— Sim, talvez. Meu nome é Prudence Barnett e estou fazendo um projeto sobre ecoturismo local. Eu gostaria de aprender mais sobre este centro. O que vocês fazem aqui e como beneficia a vida selvagem local, além da comunidade. Talvez eu pudesse até… ajudar? Tipo, voluntariamente? Por algumas horas… ou fazer algumas perguntas, se vocês não estiverem ocupadas demais.

A mulher mais velha ri e prende uma prancheta debaixo do braço.

— Ah, que fofa. Nós estamos sempre ocupadas. — Ela suspira e olha para a outra mulher. — Vou ver se consigo pegar os panfletos do ano passado pra dar pra ela.

Mas a mulher de cabelo preto a ignora. Ela está me olhando, a testa franzida.

— Você disse *Prudence*?

— Sim, senhora. — Ouso dar alguns passos para longe da porta. Olho para a piscina mais próxima, que fica em uma das áreas cercadas. Os animais lá parecem não reparar que tem uma estranha no meio deles. Ou isso ou não ligam. — Não vou ocupar muito do seu…

— Você estuda na Fortuna High? — pergunta ela, me interrompendo.

Eu faço uma pausa.

— Estudo.

— Ah. — O olhar da mulher me percorre da cabeça aos pés, mas não sei o que ela está tentando avaliar. — Acho que você talvez conheça meu filho. Quint.

Eu fico paralisada. Minha expressão permanece neutra, profissional, mas por dentro estou chocada. Essa é a mãe do Quint? E, além disso… ele falou de mim? Para a *mãe*?

Droga. Só posso imaginar todas as acusações horríveis que fez contra mim. Se ele reclamar sobre mim metade do que eu reclamei dele, vai ser uma batalha árdua conseguir ser bem recebida por aquela mulher.

Considero brevemente pedir desculpas e sair correndo, mas me mantenho firme. Meu sorriso se alarga e tento esquecer que Quint e eu fomos inimigos mortais nos últimos nove meses. Talvez, só *talvez*, ele só tenha contado para a mãe que éramos parceiros de laboratório, com a tarefa de fazer o projeto do semestre juntos.

— Isso mesmo — digo com uma animação adicional na voz. — Nós fomos parceiros de laboratório este ano em biologia. Você deve ser Rosa.

— Sou. — Ela arrasta a palavra. Ela parece bem confusa. — Essa é nossa gerente, Shauna.

Shauna sorri para mim, o rosto redondo se enchendo de covinhas.

— É um prazer conhecer uma amiga do Quint. Eu estava imaginando quando ele ia começar a trazer garotas. Achei que era só questão de tempo.

Dou uma risada constrangida. Ah, se ela soubesse.

— É um prazer conhecer vocês duas.

— Você está fazendo aulas de verão ou algo do tipo? — pergunta Rosa.

— Ah, não. É que… — Faço uma pausa. O quanto devo contar para ela? — Eu só estou fazendo um trabalho por uns pontos a mais. Todo mundo diz que eu devia parar de ser tão perfeccionista, mas não consigo controlar! E… bom, a aula do sr. Chavez me fez apreciar mais a vida marinha local. Estou louca pra aprender mais sobre ela.

Pela primeira vez, minha resposta parece agradar a mãe do Quint.

— Você sabe que nós não somos uma instituição pública? — pergunta Shauna. Ela solta uma caneta que está presa na prancheta e bate com ela nos papéis. — Mas eu posso te ajudar a marcar uma hora. Rosa, vai olhar sua agenda da semana. — Ela entra no prédio, cantarolando.

— Desculpe — digo para Rosa. — Eu não quis incomodar. Será que posso fazer algumas perguntas sobre, digamos, habitats marinhos locais e talvez como o turismo impacta nas vidas desses animais lindos?

Rosa ri, mas sem humor.

— Bom, eu poderia te dar um monte de informações sobre isso — responde ela secamente. — Mas Shauna está certa. Não é um bom dia. Desculpe. Um dos meus voluntários não apareceu, e acabamos de salvar um leão-marinho hoje. É a segunda vez que ela é trazida, o que é… — O gemido que Rosa solta é cheio de decepção. Mas ela balança a mão para mim e descarta a frustração. — Deixa pra lá. É uma história triste. Será que podemos marcar uma ligação? Ou, olha, vou te dar meu cartão pra você mandar as perguntas por e-mail.

— Tudo bem — replico quando Rosa passa por mim para entrar na recepção. Ela começa a remexer numa gaveta da escrivaninha. — Está bom assim. Seria ótimo.

Ela encontra um cartão e me entrega, depois recua, dois dedos apertados nos lábios. A testa apreensiva voltou.

— Sabe — diz ela com incerteza —, Quint poderia te contar tanto sobre este lugar quanto eu. Será que você não pode falar com ele?

Dou uma risada. Não consigo segurar. Se ela está fazendo essa sugestão, ela não deve estar sabendo os detalhes da nossa parceria nada colaborativa.

— Não — respondo, desejando poder voltar atrás com a risada assim que ela sai. — Quer dizer, tenho certeza de que ele é… Eu só acho que vai ficar melhor no meu projeto se eu puder falar com… — Olho para o cartão. — Dona e

diretora. Não com, você sabe. O filho dela.

— Bom, seja como for, sei que seu professor de biologia apoiou muito o tempo que Quint passou aqui. Se decidir voltar, talvez a gente possa conversar um pouco sobre o voluntariado que você mencionou. Sinceramente, tem muito tempo que não temos novos ajudantes, então não sei bem o que eu faria com você. Mas, com um pouco de treinamento, pode ser legal ter mais gente para ajudar.

— Certo — digo, guardando o cartão no bolso. — Voluntariado. Claro. Que pena que não tem ninguém pra… me treinar? Sei que deve levar muito tempo e esforço. É melhor eu te deixar voltar ao trabalho. Mas vou mandar umas perguntas por e-mail, claro. Obrigada.

Os olhos dela franzem nos cantos quando ela sorri, e é estranho como ela consegue ao mesmo tempo parecer bem jovem e bem velha. Eu me vejo procurando alguma semelhança com o filho dela. O cabelo e a pele dela são mais escuros e as sobrancelhas são razoavelmente domadas… embora eu ache que possa ser manutenção e não só genética. É uma mulher bonita e vejo vestígios da juventude dela. Acho que ela pode ter sido mais parecida com o Quint em algum outro momento. Mas também parece cansada, estressada. Como se houvesse um peso em seus ombros que não é tirado de lá há muito tempo. Já Quint, ele exala uma confiança tranquila, como se não houvesse nada no mundo que pudesse preocupá-lo.

— Obrigada por passar aqui — diz ela.

— Claro. — Eu inclino a cabeça em agradecimento enquanto recuo na direção da porta. — Vou te deixar…

Minhas costas se chocam com alguma coisa, e eu tropeço. Alguém segura meu braço para eu não cair.

Olho para trás e fico paralisada.

Ele também, a mão ainda no meu braço.

— Ah. Quint — digo, ousando sorrir. — Uau. Que mundo pequeno!

CATORZE

—Prudence? — gagueja Quint.

Ele também está com uma camiseta amarela, e agora vejo o logo no peito. As palavras CENTRO DE RESGATE DE ANIMAIS MARINHOS DE FORTUNA BEACH cercadas por um anel de tartarugas e focas e golfinhos.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, apesar de estar olhando para a resposta.

Ele trabalha lá.

Mas isso quer dizer que Quint Erickson tem um emprego. Ou, ao menos, um trabalho voluntário. Eu me pergunto se ele é pago pela mãe para ir lá. De alguma forma, essa ideia parece mais fácil de digerir. Mas, de qualquer forma, a total falta de responsabilidade que ele demonstrou o ano todo torna impossível imaginá-lo ficando como empregado de alguém por muito tempo.

Talvez a mãe não tenha coragem de despedi-lo.

Quint levanta uma sobrancelha e puxa a mão. Ele me contorna e entra na recepção, que fica lotada de repente com nós três lá dentro.

— Eu trabalho aqui — diz ele. Ele aperta os olhos, primeiro com ceticismo, depois com algo quase como arrogância. — Você leu o relatório, né?

Eu cruzo os braços.

— Talvez.

Eu queria que sua mãe não estivesse ali para eu poder começar a gritar com ele na mesma hora. Todas as minhas irritações da manhã voltam com tudo. Como sumiu durante o projeto sem nem se dar ao trabalho de me informar sobre a informação particularmente relevante, e talvez até útil, de que *a mãe dele tem um centro de resgate de animais*.

— E aí? Você veio criticar minha ortografia?

— Esse não seria meu primeiro comentário, mas já que tocou no assunto… você sabe que *Fortuna* se escreve com *a* no final e não *e*, né?

Ele contrai o maxilar.

— Corretor automático — diz ele.

— Revisão — respondo.

— Está bem! — Ele praticamente grita. — Foi um encontro divertido. Obrigado pela visita.

A mãe dele limpa a garganta e atrai nossos olhares. Ela olha para Quint com expectativa.

Ele murcha os ombros até quase fazer beicinho e indica preguiçosamente a mãe e eu.

— Mãe, essa é Prudence. Prudence, essa é a minha mãe. Acho que eu talvez a tenha mencionado… uma vez. Ou duas.

— Sim, nós nos conhecemos alguns minutos atrás — diz Rosa. Ela sorri para mim. — Quint me contou que você é excepcionalmente dedicada aos estudos.

Quint parece quase incomodado com essa declaração. Nós dois sabemos que *dedicada* não foi a palavra que ele usou para me descrever. Mandona, talvez. Ou controladora. Ou *impossível de agradar*. Se ele ficar à vontade de falar palavrões perto da mãe, talvez até tenha dito coisa pior.

Tenho certeza de que, o que quer que ele tenha contado, não foi algo tão generoso quanto *dedicada*.

— Ah! — diz Rosa, os olhos se iluminando de repente. — É isso! Você pode treiná-la!

Meu foco volta para ela.

— Como é?

— É perfeito! Vocês já se conhecem, já trabalharam juntos… Não sei por que não me ocorreu antes. — Ela suspira e prende uma mecha da trança atrás da orelha. — Meu cérebro está péssimo ultimamente.

— Opa, opa — diz Quint, olhando para ela e para mim. — Do que nós estamos falando?

— A Prudence — responde ela, fazendo sinal na minha direção — veio aqui hoje porque está fazendo trabalho pra ganhar uns pontos na aula de ciências e quer ter informações práticas, talvez até passar um tempo como voluntária aqui.

Quint me olha. Eu abro um sorriso tímido.

— E eu não tenho tempo de treinar uma pessoa nova, mas *seria* legal ter uma mãozinha no verão. E aí você apareceu e… sei lá. Parece coisa do destino.

Quint ergue a sobrancelha.

— Pontos extras, é?

Eu dou de ombros.

— Preciso elevar aquela nota.

— Ah, e, Quint… — Rosa coloca a mão no ombro dele e a expressão dela fica consternada. — Eu ia te mandar uma mensagem assim que tivesse tempo, mas… bom, a Luna foi trazida de novo hoje. Ela foi encontrada em Devon's Beach, horrivelmente desidratada.

Fica claro que a notícia incomoda Quint. Desconfio que Luna seja o leão-marinho que ela mencionou antes, mas fico surpresa com sua reação. Ele nem tenta disfarçar o horror.

— Ela está…?

— Opal está com ela agora. Por enquanto, não dá pra afirmar nada. Você sabe como essas primeiras horas são críticas.

Quint engole em seco e, depois, assente.

— Ela vai lutar. Lutou da última vez.

Mas Rosa não parece tão confiante.

— Parece que ainda está com dificuldades pra se alimentar. Estou preocupada… — Ela faz um som desesperado e consternado na garganta. — É possível que a gente não consiga reabilitá-la. Se ela superar isso, a gente talvez precise reconsiderar as opções. Não sei. Vamos esperar e ver o que Opal vai descobrir.

Quint passa a mão pelo cabelo e faz a parte da frente ficar arrepiada acima da testa.

Um silêncio lastimoso se prolonga entre eles.

Eu me aproximo.

— Hum. Quem é Luna?

Quint fecha os olhos, como se tivesse esquecido que eu estava lá, ou talvez só estivesse com esperança de que eu tivesse sumido magicamente.

— Ninguém.

Mas Rosa responde:

— É um leão-marinho que foi encontrado na praia ano passado. Nós ficamos

com ela por cinco meses e achamos que estava pronta pra voltar, então a soltamos algumas semanas atrás. Mas… — Ela balança a cabeça. — Ela foi trazida de volta esta manhã.

— Como você sabe que é ela?

— Nós marcamos todos os nossos animais pra poder acompanhá-los mesmo depois que eles são devolvidos ao mar — responde Rosa. — E… ela sempre foi uma das favoritas do Quint. Eu a reconheceria mesmo sem a etiqueta.

Quint franze a testa para ela e volta a irritação para mim.

— É melhor você ir — diz ele. — Nós temos coisas pra fazer aqui, e eu tenho certeza de que você não pretende ser voluntária de verdade.

Eu me empertigo.

— Você não sabe disso.

— Por favor. Você? Trabalhando com animais marinhos?

— Quint… — diz Rosa com um tom de aviso na voz, mas ele a interrompe.

— É uma péssima ideia, mãe. Acredite em mim. Morgan e eu podemos cuidar da alimentação e da limpeza muito bem, principalmente agora que eu estou de férias.

— Morgan não vem hoje — replica Rosa. — Ela sofreu um acidente hoje de manhã e precisou ir para o hospital.

— Hospital? — pergunta Quint.

— Parece que ela quebrou a perna e vai ficar fora por algumas semanas, pelo menos.

— Quebrou a perna? Como?

Rosa dá de ombros.

— Ela disse que estava pintando e caiu de uma escada.

Meu coração salta.

Espera. *Morgan*.

Ah, caramba.

— Tudo bem, tudo bem. — Quint balança as mãos para a mãe. — Eu me viro. Vai cuidar das piscinas. Vou começar com a comida.

— E…? — Rosa inclina a cabeça na minha direção.

A voz do Quint fica mais sombria.

— Vamos ver.

A mãe dele deve saber que isso é tudo que vai arrancar dele agora. E também

deve sentir a animosidade entre nós. Ela abre um sorriso agradecido para Quint e sai pela porta. Vejo Shauna ainda lá fora, parada na frente de uma piscina e tomando nota na prancheta.

— Bom — diz Quint assim que a mãe dele sai de perto. — Eu tenho muita coisa pra fazer. A gente se vê, Prudence. — Ele se vira para seguir pelo longo corredor.

— Espera! — protesto, indo atrás dele. — Eu vou refazer o projeto quer você goste ou não, e só vou sair daqui quando tiver informações baseadas em ciência suficientes para poder voltar e delinear o melhor plano de ecoturismo que o estado da Califórnia já viu.

Ele se vira tão rápido que quase me choco contra o seu corpo pela segunda vez no dia. As sobrancelhas grossas estão franzidas, deixando suas feições quase severas. Fico surpresa de perceber que ele está com raiva. Não irritado. Não meio aborrecido. É raiva de verdade.

Quint Erickson não fica com raiva.

Eu dou um passo para trás, mas não sinto orgulho disso.

— Você alguma vez escuta o que os outros dizem?

Eu pisco.

— Caso você não estivesse prestando atenção, nós recebemos um resgate novo hoje, o que quer dizer que a minha mãe e a veterinária já têm muita coisa pra resolver, e nós ficamos, de repente, com um funcionário a menos, o que faz com que sobre pra mim limpar umas vinte piscinas e alimentar quase cem animais, e você e eu sabemos que você não veio aqui hoje pra poder carregar baldes de entranhas de peixe por aí.

Eu faço uma careta.

— Além disso, o sr. Chavez deixou bem claro que só aceitaria uma revisão se fosse trabalho de grupo, e não existe poder no universo que me faça passar mais um minuto trabalhando com *você*.

Fico olhando para ele, boquiaberta. Sem palavras. Sua respiração está irregular, as bochechas estão vermelhas. É um lado do Quint que eu nunca vi, e levo um minuto para perceber que… ele não está só com raiva, embora esteja óbvio que eu fiz alguma coisa que o aborreceu. Não. Ele está *estressado*.

O relaxado e despreocupado Quint Erickson leva o trabalho a sério.

Como não digo nada, ele se vira e sai andando. Suas palavras ecoam em mim.

Não existe poder no universo…

Eu tento conjurar minha própria raiva. Ele não pode ir embora. Precisa me ajudar com o projeto. Precisa, pelo menos, me deixar tentar.

Aperto a mão, tentando conjurar esse poder, porque ele está errado. Talvez o universo possa persuadi-lo a fazer o projeto comigo. Ou possa, ao menos, puni-lo por ser tão cretino sobre o assunto.

Fico parada com os ombros contraídos, a mão fechada, e espero.

Até que…

Uma coisa dura bate na minha cabeça.

— Ai! — grito, e me viro. A vassoura que estava pendurada em uns ganchos na parede um segundo antes cai no chão. Eu esfrego a lateral da minha cabeça, onde ela bateu.

— O quê? — pergunta Quint. Eu me viro e vejo que ele parou de andar e está me olhando de cara amarrada, como se achasse que eu poderia ter batido em mim mesma com a vassoura para chamar a atenção dele.

Até parece.

— A vassoura acabou de me atacar — digo.

Ele ri. É um som debochado, que acho muito injusto. Afinal, a vassoura me atacou *mesmo*. E doeu!

Só que eu sei que não foi a vassoura. Foi algo bem maior.

Qual é a grande ideia, Universo?

— Devo chamar um médico? — pergunta Quint.

Amarro a cara enquanto pego a vassoura e a penduro no gancho, verificando se está bem presa antes de me afastar rapidamente. Como a vassoura não faz mais nenhum movimento repentino, eu encaro Quint de novo.

— Olha. Eu sei que esse último ano foi horrível. Não quero refazer esse projeto tanto quanto você. Mas não posso tirar um C!

— Não é problema meu. — Ele começa a se virar de novo.

— Eu faço um acordo com você! — Estou praticamente gritando agora.

Quint para de andar. Ele massageia a testa.

— Eu não estou interessado…

— Você me ajuda com esse relatório. Não muito, só o suficiente para mostrar que nós fizemos juntos. Tipo, me contar mais sobre o centro, e talvez a gente possa passar alguns minutos debatendo ideias sobre como poderíamos envolvê-

lo no turismo local.

Ele revira os olhos para o céu.

— Que ótimo. Um debate. Adoro.

— Em troca — digo, meus batimentos acelerando — eu trabalho aqui por… por uma semana. Todos os dias. Vocês nem precisam me pagar.

Ele me olha de lado.

— Sim, porque… voluntários normalmente não são pagos. Você sabe disso, né?

Eu faço uma careta.

— Claro que sei disso. Eu só estou dizendo que… vocês estão com pouco pessoal, você está sobrecarregado…

— Eu não estou sobrecarregado.

— Sua mãe parece estar.

Ele não discute.

Aperto a mão no peito.

— Eu estou aqui. Posso ajudar. Você sabe que sou muito dedicada. Posso — eu me preparo para o que vou dizer — carregar tripas de peixe ou o que você precisar.

Ele me observa e, pela primeira vez, percebo que estou fazendo progresso.

Tento abrir um sorriso. Estou chegando perigosamente perto de suplicar, mas só importa que ele diga sim.

Mas ele não diz sim. Ele só diz:

— Quatro semanas.

Eu faço expressão de desprezo.

— Quatro semanas? Todos os dias? Ah, não. Acho que pode haver leis contra trabalho infantil…

— Não todos os dias. — Ele pensa. — Quatro dias por semana.

— Dois.

— Aí são só oito dias, o que é só mais um além da sua proposta inicial.

Eu dou de ombros.

— Quatro dias por semana — repete ele. — É o número de dias que Morgan trabalhava. Com sorte, no fim da sua sentença, ela vai estar de volta.

Eu repuxo os lábios para o lado. Quatro semanas. Com Quint.

Parece horrível. Mas tenho que focar no prêmio.

— E em troca? — pergunto.

Quint suspira.

— A gente pode refazer o projeto idiota.

Um sorriso se abre nos meus lábios e estou a dois segundos de um gritinho quando ele dá um passo gigante na minha direção e levanta um dedo entre nós.

— Mas, desta vez, nós vamos mesmo trabalhar juntos.

Ah, *por favor*, tenho vontade de dizer. Ele vai me dar sermão sobre trabalho em equipe? O cara que não pôde se dar ao trabalho de aparecer na metade das vezes?

Mas estou tão perto e decido que é melhor não tocar nesse assunto. Vamos ver o quanto ele realmente pretende se envolver quando começarmos. Só preciso que ele assine o produto final, mas agora não é hora de discutir os detalhes.

— Tudo bem — digo, juntando as mãos. — Manda ver. Vamos fazer isso.

Ele me olha pelo que parece uma eternidade ante de algo mudar na expressão dele. Seus lábios se curvam só um pouco. Os olhos se escurecem em algo que parece quase cruel.

Ele faz sinal para eu ir atrás dele.

— Então vem. Vamos arrumar um avental pra você.

QUINZE

Preparação de comida. Quint me diz que vamos começar com preparação de comida.

Quero acreditar que isso significa que vamos fazer sanduíches de queijo para os funcionários, mas algo me diz que eu não vou ter essa sorte. Nós seguimos pelo longo corredor e passamos por mais uns seis funcionários de camisetas amarelas. Estava começando a achar que éramos só eu, Quint, Rosa e Shauna. Ah, e aquela Opal que ele mencionou, que eu acho que pode ser a veterinária. Eu me pergunto se as outras pessoas ali são voluntárias ou funcionárias pagas. Elas parecem ocupadas, seja lá o que for, cuidando de animais nos cubículos que me lembraram baias de cavalos. Algumas dão sorrisos e assentem para Quint e lançam olhares curiosos para mim, mas, na maior parte, elas estão concentradas nas tarefas.

Eu observo o máximo que posso do centro para tentar entender o que pode ser útil, mas o local é o mais longe de um destino turístico quanto posso imaginar. Algumas paredes têm chuveiros e o piso tem ralos. Alguns até tem piscininhas de plástico de criança. Tem caixas cheias de cobertores e toalhas espalhadas por todo o corredor, e carrinhos de metal carregados de produtos de limpeza e tesouras, caixas de luvas de látex e tubos de plástico, medidores e coleiras, uma série de ferramentas e equipamentos médicos bizarros.

A parede ao lado de cada cercado tem um pedaço de papel enfiado num suporte de plástico com o nome do animal que está dentro, junto com anotações sobre seu cuidado. Eu tento ler alguns e vejo coisas como horário de alimentação e remédios, mas Quint me leva bem rápido até o fim do corredor.

Nós entramos numa salinha não muito maior do que um armário, com três pias utilitárias grandes. Quint pega um avental de lona na parede e entrega para

mim. Eu o penduro no pescoço e amarro a cordinha na cintura. O avental pesado está coberto de manchas amarronzadas tipo ferrugem sobre as quais eu *não* quero pensar.

Quint abre uma geladeira gigante e o fedor de peixe aumenta absurdamente.

Eu cambaleio para trás, o estômago se contraindo. Estou olhando para baldes de peixe morto, os olhos pretos embaçados e saltados.

Coloco a mão sobre a boca e o nariz.

— Que nojo.

— Bateu dúvida? — diz Quint enquanto coloca um par de luvas de látex. Sem esperar resposta, ele pega um balde e o coloca numa bancada próxima. — Muitos dos animais que vêm parar aqui não aprenderam a se alimentar sozinhos.

— Parece uma falha na evolução — murmuro, pensando na aula de ciências do nono ano e toda aquela conversa da *sobrevivência do mais forte*. Não falo isso em voz alta e acho que Quint não capta a mensagem. *Que os mais inteligentes, que descobriram como devorar peixe do jeito certo, vivam e o resto se torne comida de tubarão. É o ciclo da vida, certo?*

Ele pega uma tigela de aço inoxidável e coloca em uma balança elétrica ao lado do balde.

— Bom, às vezes é porque eles foram separados das mães cedo demais, antes que elas pudessem ensiná-los a caçar sozinhos.

Eu mordo a língua, odiando que ele tivesse uma explicação perfeitamente lógica e deprimente.

— Eles precisam comer os peixes pela cabeça — diz ele — porque, se comerem pelo rabo, as escamas arranham a garganta. — Ele trabalha enquanto fala, tirando peixes mortos do balde, inspecionando cada um antes de jogar na tigela. — Nós também verificamos cada peixe para ver se não tem nenhum corte no corpo, que poderia levar bactérias perigosas para dentro dos animais. E aí, os separamos por tamanho. Esta tigela vai para Joy, no cercado quatro, que ainda é bem novinha, por isso ela recebe peixes de pequenos a médios, e os peixes maiores vão para os animais mais maduros no pátio. — Ele aponta para uma etiqueta na tigela, que realmente diz *Joy – cercado 4 – 2,5 kg*.

— Parece fácil — murmuro.

Quando a balança chega a 2,5 quilos, Quint abre a torneira e começa a passar cada peixe pela água, usando as mãos enluvadas para tirar… o que quer que ele

esteja tirando. Sal? Areia? *Escamas?*

— Por fim, nós enxaguamos as escamas — diz ele, e eu me encolho. Estava com esperanças de que não fosse isso. — Mais pra que não entupam os ralos e sujem a água. E pronto. Vamos fazer o próximo. — Ele coloca a tigela na bancada e pega outra, essa com etiqueta de Ladybug, no cercado cinco. — Eles são alimentados três ou quatro vezes por dia, dependendo das necessidades. Você e eu vamos preparar a comida pra esta manhã e os voluntários da tarde cuidam da próxima vez.

Quando a tigela de Ladybug está pronta, ele faz uma pausa e olha para mim.

— Você não vai vomitar, né?

— Não — digo com desafio a voz, embora desconfie que meu rosto tenha assumido um tom meio esverdeado.

— Então o que está esperando? Você disse que queria ajudar.

— É, mas *ajudar* não pode ser, tipo… sei lá. Treinar uma foca fofa pra equilibrar uma bola no nariz?

A expressão que ele me dá é tão cheia de desprezo que eu murcho um pouco.

— Isso aqui não é um circo. Nós resgatamos animais que estão quase mortos, fazemos o melhor possível pra tratá-los e os soltamos de volta na natureza. É isso que a gente faz aqui. Você sabe disso, né?

— É? — questiono, embora eu só tivesse uma vaga ideia disso tudo.

— Então que utilidade haveria em ensinar truques de circo?

— Relaxa, Quint. Foi uma piada. — Fico na defensiva de repente. Odeio o jeito como ele está falando comigo, me olhando. Como se eu fosse uma esnobe metida que só está ali para ter uma boa citação para o trabalho e depois ir embora. Como se eu fosse o tipo de pessoa que não liga para as coisas.

Eu ligo para as coisas. Ligo para muitas coisas.

Só nunca liguei muito para animais marinhos.

Mas ele recua um pouco, e por um segundo acho até que talvez esteja com uma certa cara de culpa. Expira pelo nariz e balança a cabeça. Fecha os olhos, e a rigidez da expressão dele some.

— Uau — diz ele, abrindo os olhos de novo. — Nunca pensei que *você* fosse *me* dizer pra relaxar.

— Ah, bom, você estava reagindo de um jeito meio intenso. São só animais, sabe.

Ele me olha, e não consigo saber o que ele está pensando. Seja o que for, parece passar. Ele indica o balde.

— Você vai ajudar ou não?

Eu engulo em seco.

— Posso usar luvas?

Ele enfia a mão na caixa presa na parede e tira outro par de luvas de látex. Pego-as com avidez e coloco-as nas mãos. É a primeira vez que eu uso luvas de látex e detesto o jeito como grudam em mim, mas quando enfio a mão no balde para pegar meu primeiro peixe morto, fico mais do que grata de estar com elas. Mesmo assim, acho que sinto a textura gosmenta, as escamas escorregadias. Não consigo ignorar os olhos mortos bulbosos e nem os lábios de peixe inchados e sem vida. Não consigo afastar a repulsa do rosto, mesmo quando sinto Quint me olhando, me julgando, rindo de mim.

— É incrível você não chegar na escola com cheiro de peixe todos os dias — digo depois de terminarmos o primeiro balde.

— Sinceramente, às vezes eu tenho medo disso — diz ele —, então vou interpretar isso como elogio. Você vai querer tomar um banho depois de trabalhar aqui por algumas horas. O cheiro fica em você.

— A gente se acostuma?

— É, mais ou menos — responde ele. — Mas, quando fico uns dias sem vir, o cheiro me atinge com tudo quando volto.

Enquanto estamos trabalhando, outro voluntário entra e empilha as tigelas preparadas em um carrinho de metal antes de levar para o corredor. Vejo consternada nosso trabalho desaparecer.

— Espera. A gente não vai dar a comida?

— Nós estamos com a tarefa de preparação de comida, não de alimentar.

Eu me viro para ele, perplexa.

— Mas como eu posso ser aquele voluntário? O que vê as carinhas fofas empolgadas com a comida?

— Pra começar, tem que ser voluntária por mais de vinte minutos — diz Quint. — Se você ficar mesmo pelas quatro semanas, em algum momento vai dar a comida pra eles.

Eu franzo a testa. Está claro que ele acha que é uma fase passageira e não posso culpá-lo. Apesar do nosso acordo, não sei se consigo me imaginar

voltando para aquele lugar dia após dia. Sinto que já vi o suficiente para entender o centro e a missão dele no meu plano de ecoturismo. Não posso esperar que os turistas paguem pelo prazer de separar peixes fedorentos, mas *alimentar* os animais parece ter certo apelo.

Mas como eu posso fazer Quint aprovar a ideia?

— Então — digo, tentando agir com interesse —, quantos baldes mais vamos ter que limpar?

— Todos.

Eu fico paralisada, com um corpo frio e escorregadio na mão.

— Todos? Você quer dizer tudo… ali dentro? — Eu uso o peixe para apontar para a geladeira.

— Isso mesmo — responde ele. O brilho cruel em seus olhos está de volta. — Nós recebemos toneladas de peixe por semana. São entregues em caixas.

Eu olho para a geladeira. Para o balde. Para o peixe na minha mão.

— Viva.

Quint ri.

— Não é a vida glamorosa de voluntária que tinha em mente? Talvez você fosse mais adequada a — ele pensa por um segundo — liderar uma tropa de escoteiras, sei lá.

— Infelizmente, acho que isso não me ajudaria com o sr. Chavez.

Ele grunhe.

— Me diz, você ao menos gosta de animais?

Eu abro a boca, mas hesito. Não é que eu *não goste*, mas sei que não é a mesma coisa. Por fim, eu confesso:

— A gente teve um gerbil quando eu era pequena. Eu gostava dele.

Por um momento, Quint não se move. Ele só sustenta meu olhar, como se estivesse esperando mais.

E joga a cabeça para trás e ri.

— Que ótimo — comenta ele. — Vai dar certinho.

Eu me irrito, mas não tem muito mais a ser dito, então nós dois voltamos ao trabalho. Agora que sei que tenho que lavar os peixes de todos os baldes, eu me obrigo a ir mais rápido. Por mais enojada que esteja, não vou dar ao Quint nenhum motivo para me chamar de preguiçosa. Afinal, essa fala é minha.

— Então — diz ele quando terminamos o quinto balde —, os animais mais

saudáveis recebem o peixe inteiro. Esses são os que estão aqui há um tempo e mais ou menos entenderam como é isso de comer. Mas, quando eles chegam aqui, costumam estar tão fracos e desidratados que precisam de mais ajuda. O que nos leva ao segundo passo: vitamina de peixe.

Eu fico pálida.

— Me diz que isso não é o que parece.

Ele sorri e aponta para um liquidificador industrial.

— É exatamente o que parece.

É repugnante, isso sim. Quint e eu passamos quarenta minutos cortando as cabeças e rabos de mais peixes, jogando no liquidificador junto com xarope de milho e Pedialyte e vendo tudo virar uma gosma de entranhas e escamas e espinhas. O cheiro, embora pareça impossível, fica pior ainda. Quando estamos passando a última porção para outro voluntário, que vai dar o alimento para os resgatados recentes, estou novamente repensando minha convicção. Isso não pode valer uma boa nota. Não um verão inteiro disso.

Vou dizer para o meu pai que não deu certo. Vou arrumar outro jeito de pesquisar os habitats animais e nossos ecossistemas sensíveis.

Quint limpa a bancada e me lança um olhar estranho e conhecedor com o canto do olho.

— Pronta pra pausa do almoço?

Meu estômago fica embrulhado de pensar em comida. Minha repugnância deve ser óbvia, porque ele começa a rir de novo quando joga a toalha num cesto. Dá para ver que ele está gostando da tortura que inflige em mim.

— Eu nem consigo acreditar que você ainda está aqui.

— Falei que ia ajudar, né? — É irritante pensar que ele consegue ver através de mim. Que estou morrendo de vontade de correr para a saída na primeira oportunidade que tiver. Mas ainda não fui. Talvez para provar alguma coisa para mim mesma ou para os meus pais ou talvez até para o sr. Chavez, embora eu não consiga deixar de desconfiar que parte de tudo pode ser também provar alguma coisa para Quint.

Ele ainda está me olhando, sem tentar esconder que está desconfiado. Encarando. Esperando que eu ceda e admita que aquilo não é o que eu queria. Que vou me despedir agora, obrigada.

Coloco a mão no quadril, desafiando-o a testar minha determinação.

— E aí? — pergunto, rompendo o silêncio. — O que vem agora? A gente prepara torta de polvo? Talvez um bolinho de siri?

A bochecha dele treme.

— Siri é caro demais. Mas eles gostam de lula.

Eu tenho ânsia de vômito.

— Delícia.

— Você nunca comeu lula? É uma delícia.

— Tudo fica delicioso frito.

— Vem. Se você ainda não ficou assustada, acho que está na hora do passeio completo.

Tenho a sensação de que tudo pode ter sido um teste e de que, surpreendentemente, eu passei. Nós saímos para o corredor, e Quint começa a explicar as várias salas e estações de trabalho. É aqui que os animais são inspecionados primeiro: sinais vitais medidos, sangue retirado, examinados para ver se há feridas. Aqui é a sala de cirurgia. Lavanderia. Louça. É aqui que os animais em condição crítica ficam, os que precisam de monitoramento constante. Depósito e administração no andar de cima, junto com uma sala de descanso e uma pequena cozinha porque, de acordo com Quint, meu apetite vai voltar em algum momento. Não sei se acredito, mas tudo bem.

É um pouco desconcertante a maneira como ele está sendo educado. Como eu estou sendo educada.

E aí, me dou conta.

Nós fizemos uma coisa juntos.

Claro, essa coisa não foi nada além de bater entranhas de peixe, mas, mesmo assim, o fato de que eu só quis estrangulá-lo umas poucas vezes parece importante.

Todos os sinais do Quint raivoso sumiram. Ele voltou a seu eu casual de sempre. Mas, não. Não exatamente como o eu antigo, o Quint Erickson que me deixou louca o ano todo. É mais como estar com um clone do Quint. Nunca, nem em um milhão de anos, eu teria imaginado que ele trabalhava num lugar assim. Na praia, sim. Numa prancha de surfe, claro. Jogando videogame no porão da mãe até os quarenta anos, ah, sem dúvida. Mas esse é um lado do Quint que eu não sabia que existia, que nunca considerei como possibilidade.

Mas a confiança dele aqui, o conhecimento, a capacidade de fazer o que

precisa ser feito… É perturbador.

E enlouquecedor.

Por que *esse* cara não pôde ser meu parceiro de laboratório?

— Pronta pra conhecer alguns dos pacientes? — pergunta Quint, alheio aos meus pensamentos silenciosos.

Abro um sorriso tenso.

— Estou esperando o dia todo.

Nós voltamos para o longo corredor. A maioria dos cubículos tem três ou quatro animais dentro, com os nomes dos pacientes escritos em um quadro-branco pequeno ao lado de cada portão, mas Quint não precisa olhar quando passamos.

— Nós podemos ter até uns duzentos animais em uma única estação — diz ele — e pode ser difícil pensar em nomes pra todos, então a gente costuma botar em grupos. Ultimamente, estamos numa onda de super-heróis, então temos Peter Parker, Lois Lane e o Homem de Ferro. Vingador e Hulk estão no pátio.

— Sua mãe que dá os nomes?

— Não, normalmente a gente deixa a equipe de resgate escolher, ou quem os encontrou e nos ligou. As pessoas ficam empolgadas quando escolhem os nomes dos animais que encontraram, e isso pode inspirar uma série de nomes. Este ano, alguém batizou um elefante marinho de Vin Diesel, o que inspirou todo um grupo de filmes de ação: Bruce Willis, Lara Croft, James Bond… Nós também temos um grupo grande de Harry Potter agora, porque um dos voluntários é muito fã. Até agora, nós temos… — Ele inspira fundo e seu olhar se desloca para o teto enquanto ele tenta lembrar todos. — Harry, Hagrid, Percy, Jorge, Fred, Krum, Draco, McGonagall, Dumbledore, Tom Riddle — ele faz uma pausa para me olhar de um jeito secreto e sussurra — ele sempre ficava intimidando os outros. E… — Ele se anima e se agacha na frente de um dos portões. Um animal de aparência triste está deitado de lado, olhando para nós sem piscar. — Luna Lovegood. — Ele balança a cabeça. — Você não devia que voltar pra cá. O que houve? — Ele balança a cabeça. — Pobre menina. Está péssima.

Eu olho para o animal. Não acho que ela esteja tão péssima. Só cansada. E definitivamente mais magra do que muitos dos outros pelos quais passamos.

— Ela perdeu muito peso desde que a soltamos — diz Quint, como se lendo a minha mente. Ele suspira. — Voltamos à estaca zero.

— Vocês vão tentar soltá-la de novo? Depois que ela melhorar?

— Não sei. — Ele se levanta. — Nosso objetivo sempre é devolvê-los ao mar, mas, se ela não conseguir sobreviver sozinha… — Ele dá de ombros. — Vamos ver o que a Opal acha.

— Opal é a veterinária?

Ele assente.

— Desculpa, acho que eu tenho que te apresentar a mais gente. — A expressão dele está hesitante, e sei que está pensando que seria uma perda de tempo. Eu sei que ele ainda não espera que eu volte.

Mas, pela primeira vez no dia todo, eu percebo que não estou ansiosa para fugir. Deixando as tripas de peixe de lado, até que está sendo interessante.

— Os animais daqui, eles… o que houve? Eles foram parar na praia? E alguém chamou vocês?

— Normalmente, é assim mesmo. As pessoas percebem que tem alguma coisa errada. Muitas vezes, são coisas óbvias, tipo feridas de mordida de tubarão, ou até linha de pesca enrolada no corpo. — A expressão de Quint fica sombria. — Uma vez, nós resgatamos um leão-marinho que tinha 19 anzóis presos na pele.

Eu tremo porque me lembro da foto do relatório.

— Que horror. Ele ficou bem?

— Ele sobreviveu. Nós o soltamos uns dois anos atrás. Escolhemos pra ele o nome de Capitão Gancho.

Dou uma risada.

— Teve também um Peter Pan?

— Não — diz Quint em um tom que sugere que a pergunta é ridícula. Mas sorri. — Mas tivemos um Sr. Smee e uma Tinker Bell.

Eu cruzo os braços em cima do muro baixo que separa o cercado da passagem e olho para Luna.

— O que são essas marcas na lateral dela?

— É como os diferenciamos. É tipo um código. Tem um gráfico no escritório que explica, mas basicamente cada marca é um número. Nós raspamos o pelo, mas é mais fácil fazer linhas retas do que curvas, então eles recebem um V em vez do número 5 e dois travessões em vez de um 9, esse tipo de coisa.

As marcas de Luna são duas setas, cada uma apontando na direção da cabeça.

— Quantos voluntários são? — pergunto. — Que não sejam funcionários?

— Só tem três pessoas na equipe de funcionários: a minha mãe, a Shauna e a Opal, dra. Jindal. E temos… — Ele faz uma pausa, e percebo que está contando em pensamento. — Dezesseis voluntários, incluindo eu e a Morgan. A minha mãe adoraria contratar mais gente, mas a grana… — Ele para de falar. — Quer dizer, nós dependemos muito de ajuda do governo, que mal dá pra pagar a comida dos animais, e fica difícil para pagar vários funcionários. Mas os voluntários são ótimos. É tipo uma família, e todo mundo dá importância ao que estamos fazendo. — Ele faz uma pausa e olha para mim, e vejo um toque de acusação ali de novo: *o que* você *está fazendo aqui?* Mas passa rápido. — Olha só esses olhinhos. Dá pra não se apaixonar?

Eu levo um susto. Meu coração dá um pulo, e demoro um segundo para perceber que ele está mostrando Luna. Só que, quando eu olho, ela está com os olhos fechados. Acho que ela pode estar dormindo.

— Bom — diz Quint —, preciso voltar ao trabalho. Vou te deixar em paz.

— Nossa, que generosidade — replico, mas estou com a testa franzida. — Mas por que não me deixar ajudar?

Ele balança a cabeça.

— Eu faço mais rápido sozinho. Nós vamos continuar seu treinamento amanhã. — Ele me olha de lado quando começamos a andar na direção da recepção. — Isso se você ainda estiver planejando voltar. Porque, se isso não for pra você…

— Estarei aqui — digo. Com firmeza. — E, até o fim do verão, vamos enviar um relatório matador para o sr. Chavez. Esse é o acordo, né?

A mandíbula do Quint parece se contrair, mas ele estica a mão.

Eu engulo em seco, mas minha hesitação é breve. Seguro a mão dele e damos um aperto de mão determinado.

DEZESSEIS

— É tão nojento! — digo, me sentando no sofá da sala de Ari. — É literalmente um purê de peixe. Fora que eu tive que cortar a cabeça deles! Ugh, fico enjoada só de pensar. E *aí* a gente não pode só dar para os animais, né? Ah, não. Tem que ser por um tubo. — Eu tremo.

Ari faz um som como se estivesse tentando se importar com as minhas reclamações, mas sei que ela está me ignorando. Está sentada de pernas cruzadas no chão, o violão no colo, inclinada para a frente estudando alguma coisa no celular.

Eu suspiro e olho para o teto.

— Mas tenho que voltar — digo, tanto para mim mesma quanto para Ari. — Se eu quiser refazer aquele projeto, vou ter que voltar. Por quatro semanas.

Ari dedilha algumas cordas, franze a testa e balança a cabeça. Finalmente, olha para mim.

— Por que você não aceita logo o C?

Eu a fuzilo com o olhar.

Ela dá de ombros.

— Só estou dizendo. É o que quase todo mundo faria.

— Bom, não é o que eu faria. Um *C*. Vai me assombrar pelo resto da vida se eu não resolver.

— Vai mesmo? — pergunta Ari docemente. — Não vai precisar de crédito de ciência quando se candidatar à faculdade de administração. Ninguém além de você liga pra esse projeto e pra nota que você tirou.

— Exatamente. *Eu ligo*, que é o mais importante.

Ela pensa nisso.

— Acho que é verdade. Então você vai se voluntariar mesmo num centro de

resgate animal por um mês. Que altruísta da sua parte, querida Prudence.

— Ei, eu sei ser altruísta — digo, reparando na secura do tom dela.

Ela ri.

— Eu sei que sabe, mas você não vê a ironia? Você só está fazendo isso pela nota.

— E daí? — Eu me sento ereta, na defensiva, de repente. — São as ações que tornam uma pessoa boa, não motivos.

— Não sei se concordo com isso — diz ela com melancolia. — Mas seria um bom tema de música. Bom ou mau, certo ou errado… os meios justificam o fim e vice-versa… — Ela faz aquela expressão atordoada de composição, mas passa rápido. Inclina-se sobre o celular de novo, com fios compridos de cabelo castanho-escuros caindo sobre o rosto como uma cortina. Ela os puxa com uma das mãos, torce o cabelo na nuca e o deixa cair sobre o ombro. Os fios vão cair de novo em poucos minutos, e penso em oferecer meu elástico a ela, mas ela nunca usa, então não falo nada.

Ari franze a testa e dedilha as cordas de novo. Ela resmunga, frustrada.

— Fora a vitamina de peixe, como foi trabalhar com o Quint?

Eu rosno.

— Tenho a sensação de estar sendo punida por alguma coisa. — Minha testa se franze quando penso mais. — Se bem que acho que não foi tão horrível quanto poderia ter sido.

Ari ergue as sobrancelhas, e eu pego uma almofada para jogar nela. Ela se inclina para frente e protege o violão.

— Para. Eu não estou interessada nele. Só estou dizendo, evidentemente, que ele pode ser um ser humano meio decente quando está fazendo algo de que gosta. — Porque deu para perceber que ele gosta do centro, e muito. — Isso continua não sendo desculpa pra todo o estresse que ele me fez passar ao longo do ano. E garanto que, quando chegar a hora de terminarmos o projeto, *de novo*, vou precisar da mesma insistência e perturbação de antes. O cenário ideal: eu faço sozinha e nós só usamos o e-mail do Quint pra enviar, pra que o nosso professor ache que ele participou.

— Achei que você tivesse dito que parte do motivo pra ter tirado nota ruim foi a falta de trabalho em equipe.

Eu faço uma expressão de desprezo.

— Novamente, não foi minha culpa. Tente *você* trabalhar com ele.

Ari ri.

— Mas você acabou de se meter justamente nessa furada.

— Eu sei. — Dou um gemido e me espreguiço.

Ari dedilha as cordas de novo, repetindo a mesma melodia sem parar até soltar um gemido frustrado.

— Olha, isso não está certo. Quem quer que tenha escrito esse arranjo não tinha ideia do que estava fazendo.

Ela se levanta e vai até a prateleira de discos de vinil. Olha as lombadas por um segundo até tirar um disco da capa de papel e colocar na vitrola antiga que mora ali desde que a conheço. Deve estar no mesmo lugar desde que a família dela se mudou para a casa. A coleção de discos de Ari é uma coisa: uma parede inteira de prateleiras embutidas, do chão ao teto, todas elas lotadas. Tem uma ordem no sistema, mas eu não entendo. Gênero? Época? Sei que tem uma seção de música mexicana em algum lugar porque Ari me apresentou para uma banda de rock dos anos 1980 chamada La Maldita um tempo atrás, e acabei achando a banda ótima, mas não poderia dizer onde ficam os discos no meio daquilo tudo.

Mas sei onde encontrar os Beatles.

Não é isso que Ari está colocando agora.

Uma linda melodia começa a tocar, mas levo um minuto para identificar.

— Elton John?

Ari me manda fazer silêncio.

— Só escuta. Ah, eu amo essa introdução. Flauta! Quem pensa nessas coisas? Eu jamais teria pensado. Mas é tão perfeito!

Faço uma careta. *Você que sabe, Ari.* Mas ela não está prestando atenção em mim.

No disco, Elton John começa a cantar sobre uma pessoa chamada Daniel, que vai viajar para a Espanha.

— Ah, isso me lembra — digo. — Jude falou com você sobre trabalhar na loja de disc…

— Falou! Prudence. Para de falar.

Eu aperto os lábios. Ari pega o violão de novo, mas não toca. O rosto dela está com aquele foco determinado enquanto ela ouve a música.

Minha mente volta para o centro e para todas as fotos no relatório do Quint.

Anzóis. Linhas de pesca. Mordidas de tubarão. Olhos tristes e trágicos.

Penso nele, no quanto pareceu zangado no começo.

E em como se animou quando começou a me contar sobre os diferentes animais que eles tiveram como pacientes este ano.

Por algum motivo, me vejo pensando em seu sorriso. No sorriso ansioso e sempre presente. Hoje, pareceu diferente. Mais energizado.

Ah, para com isso, Cérebro. A gente vai mesmo desperdiçar espaço valioso na análise dos sorrisos do Quint? Para com isso.

Minhas lembranças voltam para o modo como Quint e os outros voluntários pareceram tão ocupados e Rosa tão estressada. E por que eles não contratam mais gente.

A música termina e Ari pula para parar o disco antes que possa começar a música seguinte. Ela pega o violão, e percebo que ela está tentando descobrir como tocar a introdução, a parte que a flauta toca no disco.

— Eu acho que eles podem estar com problemas — digo.

Ari para de tocar.

— O quê? Quem?

— O centro. A mãe do Quint pareceu estar supertensa, e talvez seja só porque eles estavam com pouca gente hoje, mas sei lá. Tenho a sensação de que as coisas não estão indo tão bem lá. A maior parte do dinheiro deles vem de subsídio do governo, e parece que mal dá pra pagar as contas do lugar. — Eu massageio a testa. — Nem consigo imaginar quanto eles gastam só de *peixe*, menos ainda com tudo mais que é preciso pra manter o centro funcionando.

— Eles fazem eventos de arrecadação? — pergunta Ari.

— Não sei. — Eu penso nisso. Tinha aquela papelada toda na recepção. Relatórios financeiros? Informações de doadores? Pedidos de subsídio? Mas, se estão arrecadando fundos, parecem estar fazendo um péssimo trabalho.

— Araceli! — grita o pai dela da cozinha. — A Prudence vai ficar pra jantar?

Ari me olha.

— A Abuela vai cozinhar?

— Acho que não.

Faço beicinho, mas é a melhor proposta que eu tive.

— Tá, tudo bem. Desde que não seja peixe.

Ari coloca o violão no chão e corre para o andar de cima. Quando volta, ela

move a cabeça de forma afirmativa.

— Ele vai pedir pizza. Nada de frutos do mar.

Faço um sinal de positivo.

— E aí, você está animada pra trabalhar na loja de discos?

Ela solta um gritinho.

— Você está de brincadeira? É meu emprego dos sonhos! Bom, meu emprego de verão dos sonhos, pelo menos. Começo semana que vem.

— Melhor você do que eu.

Ela levanta a agulha da vitrola.

— Falando em empregos dos sonhos, você sabia que o Elton John não escreveu suas próprias letras? Ele fazia a música, mas a letra era quase toda escrita por um cara chamado Bernie Taupin. Dá pra imaginar? Eu quero *tanto* ser ele.

Ela recomeça a música, mas não pega o violão desta vez. Só se deita no chão e fecha os olhos, o rosto tenso de concentração. A introdução de flauta toca e é logo acompanhada de um teclado e a voz lamentosa do Elton.

— Escuta isso — diz Ari, os dedos dançando no ar. *I can see the red taillights heading for Spain.*… Ela levanta a mão e imita o crescimento da música, depois desce a mão com o punho fechado. — Aí! Ouviu esse acorde de mi com sétima? É um acorde dominante não diatônico, mas aí ele resolve diretamente no Lá menor. É brilhante. Sinceramente, os pianistas compõem os melhores acordes. — Ela aperta as palmas das mãos na testa e dá um suspiro profundo.

Eu não tenho a menor ideia do que ela está falando.

— Acho que eu devia começar a aprender piano — diz ela.

— Eu tenho um teclado. Pode ficar pra você.

Ela vira a cabeça para mim.

— Sério?

— Claro. Fica na nossa sala, abandonado, sem amor. Pode ficar com ele. Quer dizer, não é de muita qualidade. É provável que a sua mãe possa comprar algo bem melhor, mas, se você quiser…

Ari faz uma careta. Ela odeia quando alguém menciona a situação financeira confortável da família dela, e acho que entendo. Não quer ser julgada por ter dinheiro tanto quanto eu não quero ser julgada por *não* ter.

— Vou adorar ficar com ele. Obrigada — diz ela. — E prometo cuidar muito

bem dele. Agora, shh, escuta. Essa parte…

Elton canta sobre cicatrizes que não vão se fechar, sobre olhos que morreram. Ari parece eufórica quando levanta as duas mãos de novo e aponta para o teto. *Daniel, you're a star…*

— Ah — cantarola ela, melancolicamente. — Escuta essa nota alta! Ele está tocando a nota tônica sobre um acorde de empréstimo modal. Tão simples, mas tão brilhante. É… — Ela suspira e leva as mãos ao coração. Ela começa a cantar junto, mas mal escuto a voz dela.

Sinceramente, acho esses riffs de teoria musical dela brilhantes, mas Ari parece estar falando outro idioma. Um que eu não compreendo. Suas descrições musicais são ainda mais difíceis de entender do que o espanhol veloz com que ela fala com a família, porque, com a música, ela meio que espera que eu entenda o que está dizendo. Pelo menos, eu tenho *algum* conhecimento rudimentar de espanhol, por ter estudado por três anos na escola, mas das aulas de piano só lembro como tocar "Brilha, brilha estrelinha". (Com sentimento.)

Enquanto Elton segue cantando, minha mente passeia. Pelo ecoturismo. Pelo centro de resgate.

Por Quint Erickson e a mãe dele e que eles precisam de mais gente e como a sede estava velha.

O centro precisa parar de agir como uma entidade sem fins lucrativos voltada para ajudar pobres animais feridos e começar a agir como um negócio. Precisa de alguém com visão. Alguém que possa ajudá-los a terem lucro. Bom, lucro para uma entidade sem fins lucrativos, pelo menos. Se é que isso faz sentido. Não sei, não importa, porque minhas engrenagens estão trabalhando e fica claro de repente que…

O centro precisa de alguém como *eu.*

— É isso! — Eu me sento de repente e olho para Ari. — Ecoturismo! Eu posso… eu… — Franzo a testa. — Você está chorando?

Ari, constrangida por ter sido descoberta, seca as lágrimas das bochechas.

— Não — diz ela. E funga. E: — Estou! Não consigo controlar. É tão *triste.*

Eu escuto o verso final da música.

Oh, God, it looks like Daniel. Must be the clouds in my eyes.

Dou de ombros.

— E quem é Daniel?

Ari começa a rir.

— Eu não faço ideia!

Solto um gemido e me levanto para desligar a vitrola na hora que a última melodia de flauta toca.

— O tempo inteiro que Quint e eu trabalhamos naquele projeto de biologia, ele ficava falando desse centro de resgate animal. Bom, acho que talvez ele tenha razão. E se o centro pudesse se tornar uma grande atração pra turistas? Pode ser até que consigam ganhar algum dinheiro! Claro que continuariam sendo uma entidade sem fins lucrativos, mas alguns CEOs de organizações assim são milionários! Não que a questão seja dinheiro. Mas só estou dizendo. Eu poderia pegar o que aprendi fazendo aquele relatório idiota e… e se eu *resgatar* o centro de resgate?

Ari se senta e me olha. As bochechas dela estão rosadas, mas a onda de emoções gerada pela música parece estar passando.

— Desculpa. O que você vai fazer?

— Eu vou bolar um plano de negócios! Para o centro de resgate!

Ari continua parecendo confusa.

— Sabe, eu admiro sua ambição, mas você só passou um dia lá.

— O que me dá o ponto de vista perfeito de quem está de fora. Eu não estou focada no negócio diário e nos cuidados. Eles precisam de uma injeção de novas ideias, algo que traga nova vida à organização e sua missão. Algo que os torne… sabe como é… valiosos.

— Você não acha que salvar a vida de animais é valioso?

Eu reviro os olhos.

— Você fala como o Quint. Não é isso que eu quero dizer. Eles precisam de um jeito de ganhar dinheiro, e acontece que focas e tartarugas não têm bolso. — Eu me levanto e começo a andar, esfregando as mãos de um jeito que pode ser visto como meio maníaco. Meu cérebro está disparando em uns dez níveis diferentes, as possibilidades explodindo na minha frente. — É perfeito. Isso pode ser um exemplo de mundo real de como o ecoturismo beneficia os turistas, a comunidade, a economia local *e* o meio-ambiente. O trabalho praticamente se escreve sozinho, e se eu tiver sucesso, se *eu* tirar uma organização sem fins lucrativos da beira da falência, imagine como vai ficar bonito nas minhas candidaturas às faculdades! Vou poder escolher a faculdade de administração

que quiser.

— Você sabe que eles estão à beira da falência ou só está especulando?

— É um palpite com base — digo. — E para de tentar estourar a minha bolha. Isso é genial. Uau, eu até me empolguei pra contar ao Quint sobre isso. — Franzo a testa. — Mas não diz pra ele que eu falei isso.

— Seu segredo está seguro.

Eu começo a andar de novo. Não consigo evitar uma sensação de que o universo me empurrou para aquilo. Todos os sinais estavam apontando naquela direção, todos os dominós enfileirados do jeito certo. Ser parceira do Quint, a nota ruim, a queda de Morgan da escada, até mesmo a sugestão de Rosa de que Quint me treinasse como voluntária. Posso ter resistido no começo, mas agora faz sentido, principalmente considerando que tudo está acontecendo tão pouco tempo depois de eu descobrir meu poder cósmico novinho. Tem que significar alguma coisa. Algo maior do que eu, maior do que Quint.

Talvez seja um sinal de que eu fui colocada num caminho para o meu destino.

Agora, só preciso seguir e ver aonde vai dar.

DEZESSETE

Eu chego ao centro de resgate bem cedinho, como instruída, mas, desta vez, estou com uma pasta embaixo do braço. Quase não dormi à noite. Minha mente foi tomada de ideias, e fiquei acordada até tarde demais fazendo planos e pesquisando organizações sem fins lucrativos e métodos de arrecadação de dinheiro. Eu tenho ideias. Muitas. Elas estão me carregando agora, flutuando como um barril na água. Não estou nada cansada quando entro na recepção. Estou eletrizada. Estou pronta para fazer a diferença.

Mas meus pés param assim que passo pela porta. Quint e a mãe estão parados ao lado de uma mesa, com Shauna e uma mulher de jaleco branco. A dra. Jindal? Tem dois outros voluntários por perto. Todos estão parecendo tristes, os braços cruzados sobre as camisetas amarelas.

Quint pisca quando me vê.

— Você voltou — diz ele, claramente surpreso.

Eu me irrito e empurro os óculos de sol para o alto da cabeça.

— Claro que eu voltei. — De forma exagerada, olho meu relógio, aquele que Ari me deu de presente de aniversário no ano anterior. — E você não está atrasado, que novidade.

Ele quase sorri.

— Parece que milagres acontecem.

— Obrigada, Opal — diz Rosa, entregando uma folha de papel para a veterinária. — Vou começar a fazer ligações pra instituições hoje. — Ela dá de ombros com tristeza para os voluntários. — Hora de pegar os brinquedos, ao que parece. Tem um tempo. Espero que as bolas de praia não tenham desinflado.

Eu franzo a testa, imóvel, quando os voluntários e a dra. Jindal se afastam.

— O que está acontecendo?

— Luna tem um transtorno cognitivo — diz Quint. — Ela nunca vai conseguir se alimentar sozinha, o que quer dizer que não podemos devolvê-la ao mar.

— Ah. — Eu nem tento esconder minha confusão. Preciso de todas as minhas forças para não perguntar *Qual é o problema disso?* Mas, obviamente, é coisa séria para todo mundo. — Então ela vai pra um aquário ou zoológico?

— Quanto ela estiver pronta — responde Rosa. — Vai levar alguns meses. Estou muito feliz que a gente a encontrou e que ela vai sobreviver. Mas é que… a gente sempre tem esperanças de que eles vão ser devolvidos ao habitat natural no final.

— Tem um lado positivo — comenta Quint. — Quando nossos animais vão parar em zoológicos e aquários, eles podem ensinar às pessoas sobre a vida selvagem e sobre preservação. Eles se tornam tipo defensores de outros animais e do centro.

Ainda estou com a sensação de estar perdendo alguma coisa. Para mim, a ideia de ir para um zoológico lindo onde recebo peixe na boquinha todos os dias e posso brincar na água enquanto crianças adoráveis dão gritinhos e batem palmas parece uma vida bem melhor do que tentar caçar o jantar e correr o risco de ficar enrolada em linha de pesca. Mas sei que devo ser a única que pensa assim, então mordo a língua.

— Nós vamos encontrar um lugar bom — diz Shauna, apertando o ombro de Rosa. — O melhor que a aceitar. Vai ficar tudo bem.

Shauna está usando joias chamativas hoje. No lugar do cordão de pérolas, brincos de argola quase do tamanho de bolas de beisebol e um broche de pedra com formato de borboleta, preso na camiseta. Acho que, quando o uniforme é tão feio quanto aquelas camisetas amarelas, é natural querer exibir seu estilo pessoal. Comigo, é com batom. Com Shauna, obviamente são joias espalhafatosas. Pelo menos, os acessórios dela combinam com a energia de vovó fofa que ela emana.

— Olha, o momento pode ser meio ruim — digo, chegando mais perto da mesa. — Mas eu tive umas ideias pra compartilhar com vocês.

Rosa me olha.

— Que tipo de ideias?

— É — diz Quint com tom de cautela na voz. — Que tipo de ideias?

— Só umas coisas que me ocorreram. Sobre o negócio aqui e como as coisas são administradas…

Quint ri com deboche e olha para o céu, como se suplicando por paciência.

— Claro — murmura ele.

Eu não sei bem o que ele quer dizer com isso.

— São mais ideias pra arrecadação de fundos — continuo a falar, ignorando-o. — E um certo apelo à comunidade. Coisas que eu acho que vão ajudar a trazer mais atenção para o centro, gerar conscientização em relação aos animais… com sorte, até aumentar a renda. Fiquei com a impressão de que o dinheiro está apertado.

Rosa solta um gemido cansado.

— Apertado é generosidade. — Ela abre as mãos e as balança na direção das pilhas altas na mesa. — Nós tentamos eventos de arrecadação ao longo dos anos. Pode dar tudo certo ou tudo errado. — Ela faz uma expressão desanimada. Como se fosse um mero fato do mundo sem fins lucrativos. E talvez seja. Mas estou convencida de que não precisa ser. Pelo menos, não para esse centro. — Felizmente, tivemos sucesso mais consistente com subsídios.

— Certo — digo. — Eu também ouvi isso. Mas, bom, você sabe que Quint e eu fizemos um projeto de biologia este ano. — Por algum motivo, evito o olhar dele quando falo isso. Sinto-o me observando, a testa franzida, e estou ficando mais nervosa. Em parte, porque não tenho ideia do motivo para ele estar chateado. — E acho que posso usar minha pesquisa pra ajudar o centro, que, por sua vez, vai ajudar no meu trabalho pra elevar a nota. Estou pensando nisso como um relacionamento de simbiose. Como tubarões e aquelas rêmoras que os ajudam a ficar sem parasitas.

Abro um sorriso, orgulhosa de me lembrar daquela aula, e não consigo evitar um olhar na direção do Quint. Ele não parece nem um pouco impressionado. Sua voz está seca quando diz:

— Nesse cenário, você é o tubarão ou as rêmoras ou o parasita?

As palavras dele doem, e eu olho para ele boquiaberta. Até Rosa chama a atenção dele.

— Quint!

Mas não preciso dela para me defender. Eu dou um passo na direção dele.

— Me desculpe, mas qual é o seu problema? Fiz tudo que você pediu ontem,

apareci hoje e *na hora*, apesar de você obviamente não esperar que eu viesse. Então, qual é a questão?

Seus olhos estão ardentes e ele abre a boca para falar, mas hesita. Olha para a mãe e sua expressão se fecha. Ele cruza os braços sobre o peito e balança a cabeça de leve.

— Nenhuma. Só estou morrendo de vontade de ouvir essas suas ideias.

— Quint — diz Rosa de novo. — Você está sendo grosseiro. E os céus sabem que qualquer tipo de impulso financeiro faria um bem danado aqui.

— Obrigada — digo. Sustento o olhar do Quint por um segundo antes de me virar para Rosa. Aperto a pasta e começo a fazer o discurso que treinei mais de dez vezes na frente do espelho na noite anterior. — Me considere sua nova consultora administrativa. Primeiro, quero começar com um evento na comunidade, algo que a gente possa usar para envolver os moradores. Eu morei a vida toda em Fortuna Beach e acabei de descobrir sobre este lugar, então está na cara que nos falta visibilidade na comunidade, e isso precisa ser consertado. Além do mais, as pessoas querem ser parte de alguma coisa. Elas gostam de achar que podem fazer diferença com suas ações. Não é clicar no botão de doar no Kickstarter, certo? Mas quando virem o trabalho excelente que está acontecendo aqui, eu sei que mais gente também vai querer contribuir financeiramente.

Rosa me faz parar com uma gargalhada.

— Bom, o Quint não exagerou. Você é mesmo dedicada. Prudence, eu aprecio seu otimismo. — Ela coça a nuca. — Mas tenho que te fazer parar por aí porque, pra ser sincera, tenho a sensação de que tentamos *tudo* e nada parece vingar. Nós fizemos arrecadação de fundos todos os anos, mas o dinheiro parece evaporar tão rápido quanto chega. Nós tentamos organizar eventos e tivemos uma página de Facebook uma época, apesar de já ter um bom tempo que não a atualizamos. — Ela se balança, como se percebendo como está falando de um jeito cínico. — A questão é que ninguém aqui tem tempo pra isso. Inclusive eu. Principalmente eu. — Ela suspira e se levanta. — Não quero te desanimar. Será que a gente pode conversar mais nos próximos dias? Mas, agora, preciso dar uma olhada na Luna e em alguns dos outros pacientes. E eu sei que vocês dois têm muito trabalho pra fazer hoje. Desculpa, Prudence. Odeio te deixar no vácuo, mas… — Apesar das palavras dela, o olhar que ela lança para mim é a definição de

desencorajada. — Vamos conversar mais sobre isso depois, está bem?

Eu acho que ela não está falando sério. Nem acho que esteja tentando me dissuadir de ter ideias, mas parece exausta quando sai andando, e o dia dela acabou de começar. Talvez esteja tão sufocada com os esforços diários de manter o centro de pé que não consegue absorver a ideia de acrescentar qualquer coisa a isso.

O que quer dizer que, se é para dar certo, meus planos não podem revolver em torno de Rosa, ao menos não além de obter a aprovação dela.

Não fiquei desencorajada, longe disso. Na verdade, vai funcionar melhor ainda. Eu não queria que ela ficasse tomando conta mesmo, pois estou fazendo o melhor para dar um ar de vida nova para o centro.

Quando Rosa vai para o corredor, que eles chamam de ala dos cuidados críticos, eu sinto uma mão no meu ombro. Tenho um sobressalto e me viro e vejo Shauna sorrindo para mim, as rugas pronunciadas em volta dos olhos.

— Ela só está muito estressada. Tem sido difícil — diz ela. — Mas tenho que dizer, eu acho que campanhas de arrecadação de fundos ajudariam muito. Espero que você tente.

Eu faço que sim.

— Obrigada.

Shauna também se afasta a caminho da escada para o segundo andar.

Bato com a borda da pasta na palma da mão e me viro para Quint. Os olhos dele estão sombrios, os lábios apertados.

— O quê? — pergunto. — Por que você está me olhando assim? — Minhas bochechas já ficaram vermelhas e nós *ainda não estamos discutindo, mas sinto a animosidade dele, que está me deixando na defensiva, embora eu não tenha ideia do motivo pra briga.*

— Não tem motivo — responde ele, a mentira mais descarada de todos os tempos. — Eu tenho que trabalhar. — Ele se vira e abre a porta de tela.

Vou atrás, ainda segurando a pasta. Quint pega uma escova que estava encostada na parede e começa a esfregar uma das piscininhas. Tinha leões marinhos nela no dia anterior, mas agora está vazia. Eu me pergunto com que frequência as piscinas precisam ser limpas. Quanto tempo é gasto mudando os animais de local. Isso pode ser tão necessário assim? O habitat natural deles é a água suja e lamacenta do mar, afinal.

— Qual é o seu problema? — questiono. Dois voluntários estão dando peixes para os animais da piscina ao lado. Eles se viram para mim e Quint, sobressaltados, mas nós dois os ignoramos. — E me dá uma resposta real. Eu achei que você ficaria empolgado com isso!

— Ah, claro, é emocionante. — Quint borrifa detergente diretamente na piscina vazia. — Que pensamento brilhante, parceira. Que bom que temos você na equipe. — Ele pega a escova e começa a esfregar furiosamente.

Eu levanto a mão livre.

— Você ainda nem ouviu as minhas ideias! Você não *quer* que o centro ganhe dinheiro? Que seja um sucesso?

Quint para de esfregar, as duas mãos segurando o cabo da escova como se ele estivesse se segurando para não jogá-la em mim.

— Você está aqui há um dia, Prudence. Um. Dia. Já sabe a diferença entre uma foca e um leão-marinho?

Eu pisco para ele, atordoada, e olho para a piscina mais próxima. Para as criaturas gorduchas e de pele brilhante mergulhando na água.

— Aquelas são focas — digo, balançando a pasta na direção delas.

— Errou.

Droga.

— Os leões marinhos são os que tem abas sobre as orelhas, dentre outras coisas.

O quê? Que abas?

Eu olho de novo.

Ah. Eles têm umas orelhinhas engraçadas. Quem diria?

— Você sabe o que é um pinípede?

Eu franzo o nariz de irritação.

— Não. Mas aposto que sou capaz de soletrar melhor do que você!

Ele me olha de cara feia e, sim, eu sei, foi golpe baixo. Mas não entendo por que ele está agindo assim!

— Um pinípede é um mamífero que evoluiu para ter barbatanas em vez de patas. Tipo, por exemplo… as focas! E os leões marinhos!

Eu apoio uma das mãos no quadril.

— Eu não sei a terminologia. Que importância tem isso?

— E que tipo de peixe pesamos e cortamos ontem? Você nem perguntou.

— Eram peixes! Nojentos. Eles comem. Quem se importa?

— Importa porque *você não liga.* Só quer saber se vai conseguir entrar e assumir mais um projeto pra poder provar pra todo mundo como — ele balança a mão na minha direção — você é brilhante, sei lá. Mas não sabe nada sobre esses animais e nem o que a gente está fazendo aqui. Enquanto a minha mãe cuida deste centro há quase vinte anos. O que te faz pensar que o conhece melhor do que ela? Do que eu? Do que os voluntários que estão se dedicando de corpo e alma a este centro há anos? Ah, claro! — Ele bate com a mão na testa. — Você acha que a gente devia ganhar mais *dinheiro*? Uau, Prudence, você é um gênio. Por que a gente não pensou nisso?

Ele revira os olhos. Eu nunca fui atacada com tanto desprezo antes, e por um momento fico sem palavras, embora o sangue esteja fervendo debaixo da minha pele. Quint volta a esfregar a piscina. Os músculos dos seus ombros estão contraídos. Os voluntários do cercado ao lado esvaziaram o balde de peixe, mas os vejo esperando, sem saber se precisam se meter na nossa discussão ou se são xeretas demais para irem embora.

— Tudo bem. Pode ser que você esteja certo — digo, baixando a voz. Quint continua esfregando. Sinto que vai ser a piscina mais limpinha que aqueles animais já viram quando ele acabar. — Eu não sei muita coisa sobre o centro. Até ontem, eu nem sabia que existia. Mas acabei de passar os últimos seis meses pesquisando exatamente esse tipo de coisa: como organizações que cuidam de animais e do meio-ambiente podem ser lucrativas. É uma indústria em crescimento agora, e, pelo que vi, admito que num dia só, este centro não está aproveitando essa oportunidade. Vocês nem atualizam a página do Facebook! Quint, isso é exatamente o assunto do nosso trabalho. A ideia de que as pessoas pagarão pra fazer parte de uma coisa boa. De uma coisa importante. Mas primeiro a gente precisa que as pessoas saibam que o centro existe. Nós precisamos que elas se importem.

Ele desvia o olhar na minha direção. Não há sinal de ele estar cedendo.

— Nós?

Eu franzo a testa com a sugestão de que não faço parte da equipe, da *família*.

— Você. Sua mãe. Os voluntários. O que quero dizer é que eu posso ajudar.

— Claro. Porque você escreveu um relatório sobre ecoturismo. — Ele inclina a cabeça. — Me conta uma coisa, que nota você tirou mesmo?

Eu rosno. É um golpe baixo, e sinto que ele está se vingando pelo comentário anterior sobre soletrar.

— Eu não tirei nota ruim por não saber do que estou falando — digo por entre dentes. — Eu tirei nota ruim porque… — Volto a atenção de novo para os leões marinhos. Estão todos na piscina, mas, assim que eu olho, um pula para fora, e em segundos o resto foi atrás dele, para o deque. Como o jogo mais fofo do mundo de "macaco mandou".

Engulo em seco.

— Porque eu não sabia por que era importante — eu me ouço dizer. — Sei como a nossa comunidade pode ganhar dinheiro se concentrando no ecoturismo, eu só… não expressei por que é importante. Por que esses animais e seu habitat são importantes.

— E você *acha* que são importantes? — Ele aperta a escova no fundo da piscina e se apoia no cabo. — De verdade? Acha que salvar esses animais é uma causa digna? Ou é só mais um item pra você riscar na sua lista de realizações? Um bom acréscimo ao currículo de Prudence Barnett.

Eu solto um grunhido frustrado.

— Olha. Não vou mentir e dizer que não quero isso, mas, nesse caso, se eu tiver sucesso, você também tem. E a sua mãe. Você não pode, pelo menos, me deixar tentar?

— Tenho certeza de que eu não conseguiria impedir nem se quisesse.

— Por que você ia querer? — Minha voz está aumentando de novo. Eu não quero gritar, mas, *ah*, será que ele não pode nem me dar uma chance? Fico tentada a pegar a escova da mão dele e bater com ela em sua cabeça.

Ele expira alto pelas narinas e ignora minha pergunta. Empurra a escova para o lado, pega uma mangueira e começa a enxaguar a piscininha.

Uma vida se passa. Quint enxagua a piscina *três vezes* antes de desligar a mangueira e ousa olhar para mim de novo. Ainda estou furiosa, os dedos afundando no quadril. Mas ele, ao menos, parece estar se acalmando.

Eu quase não ouso ter esperanças de tê-lo convencido. E só quando percebo isso é que começo a me perguntar por que estou me dando ao trabalho de tentar convencê-lo. A organização é da mãe dele. É a opinião dela que conta.

Mas não posso ter que brigar com Quint a cada passo. Posso não precisar dele, mas vai ser mais fácil se ele estiver a bordo.

— Tudo bem — diz ele, por fim. Sua voz está rouca, e sinto que não é uma concessão fácil de ele fazer. Mas não ligo. O alívio já está crescendo em mim. — Eu vou te ouvir — acrescenta. — Mas não hoje. Nós estamos enrolados.

— Tudo bem. Vou colocar um avental pra ajudar a… limpar. Sei lá.

A bochecha dele treme.

— E será que a gente pode falar disso — eu mostro a pasta — amanhã? Quanto mais cedo começarmos, melhor. Não é?

Quint suspira. É um som pesado, quase melodramático.

— Claro, que ótimo — responde ele. — Eu mal posso esperar.

DEZOITO

O Encanto tem o que Carlos chama generosamente de “pátio” na frente. Na verdade, são três mesinhas em uma parte do calçadão, separadas por uma corda, mas pode ser um lugar bom para sentar e olhar as pessoas. É ali que me sento para esperar Quint. Estou com a minha pasta e vários materiais novos, a maioria panfletos online e estatísticas e relatórios de outras organizações sem fins lucrativos que encontrei on-line. Descobri uma caridade de pesquisa de câncer que atraiu quase um bilhão de dólares em um só ano. O salário do CEO era de 2,4 milhões de dólares! Não que eu ache que vamos chegar perto disso, principalmente num verão só, mas é bom saber que é possível. Acho que é meio surpreendente saber que as pessoas podem ser generosas com dinheiro e que podem realmente fazer uma diferença enorme no fim das contas.

Bom, não que nós tenhamos encontrado a cura do câncer ainda. Mas tenho que supor que a caridade fez *alguma coisa* que vale a pena com tanto dinheiro.

Quando estou pronta para o meu encontro com Quint, meus papéis organizados e uma lista de pontos de debate ao lado do cotovelo, eu olho o relógio. Vamos nos encontrar ao meio-dia. Cheguei 5 minutos mais cedo.

Um garçom vai me atender, e peço uma água com gás e tostones, uma especialidade porto-riquenha e o petisco principal do Carlos. Basicamente, é banana-da-terra, uma banana mais firme, que foi amassada, frita e salgada, uma delícia. Crocante por fora, macio por dentro. Além do mais, ele serve com molho de chimichurri e maionese com chipotle, e fico com água na boca só de pensar. Jude e eu costumamos pedir uma porção para cada porque é gostoso demais para dividir.

Penso em pedir alguma coisa para o Quint, mas isso pode ser estranho, então

não peço nada. O garçom desaparece lá dentro. Eu tiro os óculos e uso a saia do vestido para limpar uma mancha. Coloco-os no rosto e relaxo na cadeira para esperar.

A temporada dos turistas ainda não está a toda, mas a cidade já está mais movimentada do que duas semanas antes. Os vendedores estão limpando as mercadorias e lavando as vitrines e botando estantes de LIQUIDAÇÃO com os produtos do ano anterior para atrair os clientes novos começando a chegar.

Pego o celular e olho as redes sociais, mas ninguém importante para mim postou coisas novas, e fico logo entediada.

O garçom traz a minha água, e eu bebo quase metade do copo de um gole só. Meu nariz faz cosquinhas com o gás. Olho o relógio de novo. Parece que estou esperando há muito tempo, mas são só 12h03.

Tento manter a mente ocupada procurando gente nas ruas que pode precisar de um confronto cármico. Estou começando a perceber que, quando começo a procurar gente fazendo coisa errada, acabo vendo em todo lado: na garota que cola o chiclete embaixo da mesa ao lado. No homem que não limpa o cocô do cachorro dele.

Um sorrisinho superior e um aperto dos dedos e, quando vejo, a garota derrubou molho no vestido, e o homem, distraído, pisa na pilha de excremento.

Vira um jogo de procurar comportamento repreensível. E tem muita coisa para ver. Eu me pergunto se esse estranho poder está atraindo pessoas abomináveis, se as está colocando no meu caminho para que elas sintam a ira do universo, ou se tem mesmo tanta gente sem consideração no mundo.

Falando em falta de consideração…

Eu olho relógio. São 12h39!

Trinco os dentes. Fiquei tão distraída distribuindo punições aos que estão à minha volta que mal toquei no prato de tostones que foi levado à mesa. Pego um agora e enfio na boca. Estou ali há tanto tempo que estão começando a ficar frios.

Na minha mente, isso também é culpa do Quint.

Eu engulo em seco, dói um pouco.

Por um segundo, tento usar a tática de Ari e dar a ele o benefício da dúvida.

Poderia ele estar preso no trânsito?

Hã, não. A não ser que haja algum festival acontecendo, o trânsito em Fortuna

Beach é praticamente inexistente.

Será que ele esqueceu o horário? Ou esqueceu que a gente ia se encontrar?

Parece provável, mas não resolve o problema.

Será que ele está doente?

Por favor. Que sorte seria.

Sinceramente, depois de o ver às 8h no centro no dia anterior, eu tinha começado a achar que talvez tivesse me enganado sobre ele. Que talvez haja uma parte dele que sabe ser responsável. Que leva as obrigações a sério. Que talvez não seja um delinquente.

Assim que meu relógio marca 13h, o que o deixa com uma hora de atraso, sinto a irritação surgindo. Chegar atrasado na aula é uma coisa. Sim, teria sido legal ter um parceiro de laboratório de confiança, mas tudo bem. Eu fiz o trabalho sozinha. Mas me dar um furo assim? No meu dia de folga? Quando fiz esse trabalho todo para ajudar a mãe *dele* e o centro de resgate *dela*?

Não tem desculpa!

A reclamação continua na minha cabeça por mais dez… quinze… *vinte e dois minutos*, até eu estar pronta para gritar com as gaivotas irritantes que estão berrando ali perto, procurando comida no chão.

E aí, só *aí* eu o vejo.

Ele vem andando pela calçada, os olhos escondidos por óculos escuros, a luz da tarde brilhando no cabelo. Ele está de chinelos, bermuda e uma camiseta branca com a foto de um polvo surfando. Ele não está com pressa. Não parece ansioso nem arrependido. Parece relaxado. Relaxado até demais.

Como é que *eu* posso ter expectativas tão altas, tanto para mim quanto para os outros à minha volta, quando o Quint pode ser tão… tão *Quint*. Até passei esse último ano diminuindo minhas expectativas em relação a ele, aos poucos, mas ele ainda consegue decepcionar. Eu pedi tão pouco dele, de verdade. Só que aparecesse na hora para eu não ter que explicar a tarefa todos os dias. Só ler o capítulo do livro antes para ter uma ideia do que íamos conversar. Só tomar algumas notas ou medidas precisas ou fazer alguma coisa útil em vez de deixar tudo nas minhas costas.

Mas ele fracassou. Uma vez atrás da outra. E agora, isso. Não só chegar atrasado, mas agir com tanta casualidade.

Estou furiosa quando Quint me vê e abre um sorriso.

Um sorriso.

Que cretino!

Eu aperto a mão debaixo da mesa, aperto até sentir a pulsação do meu próprio sangue nos dedos.

Quint para por ter visto alguma coisa. Por favor, por favorzinho, que uma gaivota passe por cima e solte um cocozão na cabeça dele.

Ou que alguma criança enfie uma casquinha de chocolate meio comida direto naquela bunda com estampa havaiana dele. (Não que eu esteja pensando na bunda dele. Ah, que nojo, para, Cérebro!)

Ou… ou… *gah*, eu não quero nem saber, qualquer coisa horrível!

Enquanto eu olho, a mão doendo e imagens de vingança girando na minha cabeça, Quint se curva e pega alguma coisa na calçada. Eu aperto os olhos para tentar ver o que é.

Papel? Papel verde?

Espera aí. Ele acabou de encontrar *dinheiro*?

Quint anda até um lojista próximo que está varrendo a entrada da loja e mostra o papel para ele. O homem balança a cabeça. Quint se afasta, olha para um lado e para o outro da calçada, mas não tem mais ninguém para perguntar. Não tem ninguém com quem falar. Ele faz o equivalente facial a um movimento de ombros e volta a andar na minha direção.

Meu punho relaxa lentamente. O que está acontecendo aqui?

— Olha — diz ele, se sentando na cadeira à minha frente. — Eu acabei de encontrar vinte pratas.

Olho para a cédula na mão dele. *O quê?*

Ele me oferece o dinheiro.

— Vamos chamar de nossa primeira doação anônima. — Ele sorri. — Está vendo? Nós já estamos formando uma boa equipe.

Meu cérebro parece estar tendo um apagão. Não consigo assimilar o que acabou de acontecer. Sinto como se o universo tivesse me traído. Pego a nota de vinte, um pouco atordoada, e olho para ela. Será que é falsificada e ele vai ser preso quando usar?

Mas, não. Eu sei que é real. Sei que, por algum motivo, ele ganhou uma recompensa depois de estar quase uma hora e meio atrasado para o nosso encontro. Foi coisa do universo ou coincidência?

Essa seria uma explicação fácil, só que estou chegando a um ponto em que não sei mais se acredito em coincidências.

Coloco o dinheiro na mesa entre nós.

— Uau — digo, um pouco entorpecida. — Legal. Vou… começar um registro.

— Isso. Ou pode servir pra apagar o almoço. Estou morrendo de fome. — Ele pega um tostone sem pedir, mergulha no molho chipotle e coloca na boca. — Hum, que delícia — diz. Quint não parece reparar que está frio. Porque, afinal, os tostones ficaram ali por *mais de uma hora*.

— E aí — começo a falar porque minha raiva começa a ferver novamente. — Você sabe ver a hora, né? Não dormiu nessa aula do fundamental I?

Ele ergue uma sobrancelha para mim. Mastiga lentamente. Por fim, engole. Ele se inclina por cima da mesa.

— Ou — diz — você poderia tentar iniciar essa conversa com algo do tipo "Uau, Quint, você se atrasou à beça hoje. Aconteceu alguma coisa?"

Eu contraio o maxilar e me inclino para a frente.

— Ou *você* poderia começar com um pedido de desculpas. Estou aqui há uma hora e meia. Você achou que eu não tinha nada melhor pra fazer além de esperar você? Não pôde mandar uma mensagem ou…

— Eu não tenho o seu número.

Eu aponto para a vitrine ao nosso lado.

— Você sabia onde a gente ia se encontrar. Podia ter ligado para o restaurante.

Isso parece fazê-lo pensar. Ele chega um pouco para trás, a boca aberta. Leva alguns segundos para ele dizer:

— Eu não pensei nisso.

Dou uma bufada honrada e cruzo os braços sobre o peito.

— Tudo bem. Desculpa.

— Claro, tudo bem. Só espero que você estivesse se divertindo, batendo seu recorde no… no Pac-Man ou no que quer que você estivesse fazendo.

Ele aperta os olhos, uma mistura entre achar graça e estar irritado.

— Pac-Man?

Eu balanço a mão para ele.

— Ari tem um daqueles velhos… deixa pra lá.

Ele balança a cabeça.

— Ah, claro. Eu bati meu recorde no Pac-Man mesmo. Logo depois de eu ajudar nossa equipe de resgate a soltar uma lontra de uma rede de pesca. Você não vai comer mais? — Ele não espera resposta e come mais dois tostones.

O que é bom, porque eu estou sem palavras.

Eu quero acreditar que ele está inventando, mas… acho que não está.

O garçom volta e Quint pede uma gengibirra.

— Ela vai ficar bem — diz Quint quando o garçom se afasta. — A lontra. Caso você queira saber.

Eu limpo a garganta, me recusando a sentir vergonha.

— Pra deixar registrado, eu não tinha como saber isso.

— É, eu sei. — Quint dá de ombros. — Mas seria bom você de vez em quando não supor que eu sou um babaca.

— Eu não te acho um babaca. Só acho que você é…

Ele abre um sorriso cheio de expectativas.

— Continua. Você não vai me magoar.

— Irresponsável — digo.

Ele cantarola pensativamente e come o resto dos tostones.

— Só isso?

Quase parece que ele está debochando de mim, mas… *caramba*. Fui eu que tive que aguentar a imaturidade dele o ano todo.

— É o suficiente — digo. — Existe um limite de atrasos que uma pessoa pode ter pra aula até que as prioridades dela fiquem óbvias.

Ele lambe o sal dos dedos lentamente. Nosso garçom traz a gengibirra e Quint pede um prato de nachos com pernil assado por cima.

Assim que ficamos sozinhos de novo, Quint abre um sorriso que quase parece… que ele se sente mal por mim.

— Pra deixar registrado — diz ele, e novamente escuto o deboche na voz dele, repetindo minhas palavras de antes —, eu trabalho quase todas as manhãs no centro. Mesmo durante as aulas. É por isso que eu me atraso tanto, principalmente na primavera, porque é quando muitos dos animais se separam das mães e têm que sobreviver por conta própria, o que não dá muito certo pra todos, e nós recebemos um grupo de novos pacientes todos de uma vez. Vai ficar mais lento no outono. Não que você se importe.

Eu o encaro.

— O sr. Chavez sabe disso — diz Quint. — Ele entende que eu tenho *responsabilidades* — ele arrasta a palavra como se fosse a primeira vez que ele a fala — e me dá um passe para quando estou atrasado. Em troca, a cada duas semanas a minha mãe assina um formulário declarando o que eu fiz no centro, que justifica minha ausência na escola, e o sr. Chavez me dá um ponto por isso. É… qual foi a palavra bonita que você usou ontem? Ah, um relacionamento *simbiótico*. — Ele abaixa a voz em tom conspiratório. — Entre mim e você, acho que eu sou a rêmora.

Eu levanto a mão.

— Espera aí. Está me dizendo que esse tempo todo você me deixou acreditar que estava dormindo até tarde e… enrolando no fliperama ou algo assim quando, na verdade, você estava limpando piscinas e fazendo purê de peixe?

— Não esquece resgatando lontras bebês — diz ele.

Eu balanço a cabeça.

— Você não falou que era bebê.

Ele dá de ombros.

— Não era. Desta vez.

Eu levanto as mãos.

— Por que você não me contou?

— Eu tentei.

— Quando?

— No outono, depois da terceira ou quarta vez em que me atrasei. Eu percebi que você estava furiosa e comecei a explicar, mas você — ele balança a mão numa imitação da rainha da Inglaterra — me dispensou. Não quis ouvir. Na verdade, acho que suas palavras foram exatamente estas: “Eu não quero ouvir.”

— Mas…! Mas isso não quer dizer que eu não queria ouvir!

Ele ri.

— Você sabe como a linguagem funciona, né?

— Ah, para com isso. — Eu dou um chute nele por baixo da mesa.

A risadinha vira uma gargalhada alta.

— Tudo bem, tudo bem. Talvez eu devesse ter tentado mais. Mas você foi… Pensa bem. Você também me irritou. Eu pensei: se você não quer me dar uma chance de falar, por que eu deveria tentar?

— Porque nós tínhamos que ser parceiros!

Seu sorriso some e ele me olha de um jeito que é uma verificação de realidade silenciosa.

— Prudence Barnett. Você e eu nunca fomos parceiros e você sabe muito bem.

Quero discutir com essa declaração. Quero mesmo.

Mas… não posso.

Nós nunca fomos parceiros. É a verdade.

Mas isso é tão culpa dele quanto minha. Eu trinco os dentes e penso nos momentos horríveis em que me dei conta de que ele não chegaria para a nossa apresentação. Que ele tinha me abandonado no mais vital dos dias.

— Você não se deu ao trabalho nem de aparecer pra nossa apresentação — digo sombriamente. — Depois que eu… praticamente supliquei pra você chegar na hora. E você não pôde nem fazer isso.

— O centro estava sem gente naquele dia. Minha mãe precisava da minha ajuda.

Mas eu também precisava, tenho vontade de dizer. Mas não posso, não para ele. Então mordo a bochecha e afasto o olhar para observar a calçada. A lembrança daquela manhã traz de volta a mesma raiva, o mesmo medo, e Quint deve conseguir perceber que esse argumento é diferente, porque, quando ele fala de novo, a voz dele tem um tom de preocupação.

— Olha, eu sabia que você ficaria bem. Você é… — Ele para de falar e faz um sinal na minha direção. Uma mão circulando no ar.

Devolvo o olhar frio.

— Eu sou o quê?

— Você é boa! — diz ele com uma risada incomodada. — É a melhor da turma em apresentações. Você não precisava de mim.

— Precisava, sim! — eu grito.

Sobressaltado, ele se encosta na cadeira.

Eu expiro com força pelas narinas. Minhas mãos começaram a tremer. Preciso que ele entenda. Todas as outras vezes em que ele se atrasou? Tudo bem. Não importam. Eu consigo lidar. Mas aquele dia. *Aquele dia*. Foi uma traição. Ele não entende?

— Eu odeio falar na frente de pessoas — começo a dizer, mas faço uma pausa, fecho bem os olhos e balanço a cabeça rapidamente. — Não, isso não é…

Quando estou lá na frente, fica tudo bem. Mas antes? Pensar em todo mundo me olhando? É apavorante. O único motivo pelo qual consigo é porque eu pratico e pratico e pratico. E, lembra? Eu falei que a gente devia se encontrar e praticar a fala antes, e você disse que estava ocupado demais, embora obviamente não quisesse passar seu tempo precioso com o trabalho, ou talvez só não quisesse passar tempo comigo. E isso… eu entendo, tudo bem. — Balanço as mãos no ar. — Mas eu não consigo improvisar, como você! Então, tive que fazer tudo sozinha. Tive que planejar a fala sem você, tive que ensaiar sem você, mas pelo menos… pelo menos eu achei que você estaria lá na hora. Achei que você levaria os papéis e as pessoas não ficariam olhando pra mim, e também que poderia… você sabe. Fazer isso que você faz. — É minha vez de fazer um gesto vago na direção dele. — Fazer as pessoas rirem. Deixá-las à vontade. Aí, eu poderia fazer a apresentação e seria ótima. Só que você não apareceu! E perceber que você não estaria lá… foi horrível!

Termino.

Eu não terminei, exatamente. Poderia continuar falando. Que ele interrompeu minha fala. Que não se apressou para distribuir os papéis. Mas meus olhos estão começando a arder e eu não ouso continuar falando.

Não consigo olhar para ele e encaro a mesa enquanto coço a têmpora com a caneta.

Só quando Quint ri, o que é tão irritante quanto inesperado, é que percebi que usei a ponta da tinta e rabisquei meu rosto. Faço uma careta e esfrego o local com os dedos.

— Eu fiz de propósito — murmuro.

— Criadora de tendência — murmura ele em resposta. Ele pega um guardanapo, molha em um copo de água gelada e se inclina sobre a mesa. — Vem cá — diz ele, e esfrega a tinta da minha pele.

Quando termina, ele larga o guardanapo amassado na mesa. Nossos olhares se encontram. Não consigo interpretar a expressão dele, mas percebo que ele está refletindo sobre alguma coisa. Alguma coisa importante.

A mesa é pequena. Ele poderia se inclinar por cima e…

— Desculpa — diz ele, me arrancando do caminho não muito legal pelo qual meus pensamentos estavam seguindo. — Eu não sabia. Achei… Você sempre parece tão confiante na frente da turma. Eu não tinha ideia.

Ele parece legitimamente arrependido.

Inspira fundo e continua.

— Sabe a outra noite, quando teve o karaokê aqui?

Eu faço que sim. Nem pensei no karaokê nos últimos dias, mas agora as lembranças voltam com tudo. Os primeiros acordes poderosos de “Instant Karma!”. O jeito como o restaurante pareceu distante enquanto eu cantava. Tudo menos Quint, naquele momento, os olhos grudados em mim, o sorriso meio atônito…

Eu olho para a mesa, envergonhada de repente e… ah, céus, eu estou ficando *vermelha*.

Como assim?

— Eu estava vendo algumas pessoas irem cantar — diz Quint, e volto a atenção para ele. — E pensei que não consigo imaginar nada mais sofrido do que cantar na frente de um grupo, daquele jeito. Eu preferia um canal no dente. — Ele treme de forma exagerada. — Então, eu entendo. De certa forma. Medo de palco, sei lá. E você está certa. Eu devia ter estado lá. Você me pediu mesmo. — Ele faz uma pausa. — Me desculpa.

Nós ficamos em silêncio por um tempo, com turistas e outras pessoas indo para a praia passando na calçada. Pássaros gritando ali perto, na esperança de deixarmos migalhas de comida.

— Eu tenho um truque — digo, baixinho.

Quint ergue as sobrancelhas.

— Quando preciso me apresentar na frente de pessoas, eu digo pra mim mesma: são só cinco minutos da minha vida. Ou dez, ou vinte, o que for. No grande esquema das coisas, cinco minutos não são nada, né? E é isso que uso pra aguentar, depois acaba.

A boca do Quint treme.

— Se eu decidir cantar no karaokê um dia, o que é bem improvável, vou ter isso em mente.

— A maioria das músicas tem menos de quatro minutos.

Ele assente, e agora está sorrindo. Seu sorriso é familiar, mas não é tão comum que seja para mim.

Eu engulo em seco.

— Olha, Prudence. Não quero que esse verão seja tão sofrido quanto a aula

de biologia foi o ano todo. Será que a gente pode tentar algo diferente?

Eu não afasto o olhar porque a ameaça de lágrimas começa a passar.

— Bom, isso me parece melhor do que a alternativa.

DEZENOVE

O garçom chega e troca o prato vazio do petisco por uma travessa enorme de nachos cobertos de porco assado, queijo derretido e tudo que tem direito. Quint agradece e, assim que o garçom se afasta, ele empurra o prato na minha direção, em cima de alguns dos meus papéis.

— Pode comer se quiser.

— Obrigada — murmuro. — Considerando que você comeu a minha comida.

Quint abre um sorrisinho. Ele sabe tão bem quanto eu que, se eu fosse terminar os tostones, já teriam acabado antes de ele chegar.

Eu bufo e pego um nacho.

Quint geme de aprovação quando dá a primeira mordida e toma um gole de refrigerante.

— Tão melhor do que arroz com feijão.

— Arroz com feijão? Que comparação estranha.

Ele ri.

— Só tem três coisas nesse cardápio que Morgan come. Ela só vem aqui por causa dos tostones, que são uma delícia, mas um cara às vezes precisa de mais. Então, nós comemos arroz e feijão, mas no estilo porto-riquenho. Como se chama?

— *Arroz con gandules*.

Ele estala o dedo.

— Isso. Só que até isso às vezes é feito com presunto ou bacon, então ela pediu a versão vegetariana. Não estava ruim, mas isso? — Ele indica os nachos com a mão. — Ah, meu Deus. Que delícia.

— Ela é vegetariana?

— Vegana. E ela sempre *diz* que tudo bem as pessoas comerem carne e

derivados de leite na frente dela, mas… — Ele me olha com eloquência. — Pode acreditar, ela julga. Julga com força. Então, eu acho mais fácil comer o que ela pedir.

— Ah. Acho que isso explica o outdoor — digo, visualizando as vacas no pasto verde e o X enorme em cima de seus pensamentos felizes. Não alivia o que ela fez, mas, se é contra se comer carne, claro que é contra a hamburgueria local.

— Que outdoor?

Eu pisco e me dou conta de que Quint não deve saber sobre a pichação.

— Ah. Eu estava pensando num outdoor que eu vi, anunciando o Blue's Burgers, sabe? Alguém o pichou, e eu estava pensando que, pra mim, comer um cheeseburger não é bem questão de moralidade. Mas Morgan discordaria.

— Ah, ela discordaria com todos os fogos ardentes do inferno — diz Quint. E dá de ombros. — Ela é legal, sabe. Gosto muito da Morgan. Ela é inteligente e divertida de se trabalhar junto. Mas quando o assunto é a indústria da carne e o tratamento humano de animais, ela é… — ele leva um segundo procurando a palavra certa e escolhe: — ardente.

Algo me diz que ele está usando *ardente* para descrever Morgan da mesma forma que usou *dedicada* para me descrever.

— Acho que isso é bom saber — replico. — Sinceramente, ela pareceu bem grosseira na outra noite.

Ele faz uma careta.

— Pareceu, né? Eu sei que não devo pedir desculpas por outras pessoas, mas ela não costuma ser assim. Acho que tinha um abaixo-assinado on-line importante rolando, pra fazer o governo fechar umas fazendas locais que foram pegas usando práticas desumanas. Ela estava escrevendo e-mails para os políticos da região e tentando espalhar nas redes sociais.

Fazendas? Isso tem a ver com o incidente do outdoor?

Mas o Blue's Burger recebe carne de vacas que pastam alegremente na grama verde fresca o dia todo. É o que a propaganda nos diz há anos. Eles não têm nada a ver com fazendas sinistras.

E, mesmo que tivessem, Morgan ainda estava cometendo um crime. O universo a puniu por isso.

Quint continua, parecendo um pouco constrangido quando acrescenta:

— Não que ela não pudesse ter parado por dois segundos para dar atenção

para a sua amiga, ou aplaudido um pouco, sei lá. Pra você também.

Eu dou de ombros e me sinto envergonhada de repente. Mais uma vez, penso no olhar dele em mim, em como ele fez o brinde com o Shirley Temple quando eu saí do palco.

— Você foi ótima, aliás.

As palavras de Quint levam um momento para serem assimiladas.

— Acho que eu ainda não falei isso — continua. — Mas foi. — De repente, ele começa a prestar atenção nos nachos, como se escolher um com a quantidade perfeita de queijo, carne de porco e jalapeño como se fosse uma situação de vida ou morte.

Eu fico vermelha de novo, mas desta vez o rubor se espalha para o meu pescoço e peito.

— Obrigada — digo, baixinho. Eu tenho que limpar a garganta. — Mas sei que não tenho uma voz ótima. Não precisa…

— Não, eu sei. Não é… — Ele hesita. — Sua voz é boa.

— Boa — eu digo com uma risada errática — é um degrauzinho só acima de tolerável.

— Não foi isso que eu quis dizer. Você foi… — Ele para de falar.

— Estou lisonjeada — respondo.

Ele balança a cabeça.

— Eu só estou tentando dizer que você foi… — Ele move o pulso pelo ar, tentando encontrar uma palavra ou talvez passar a mensagem pelo floreio, mas a mensagem não está sendo traduzida.

Eu deveria apreciar ainda mais a telepatia de gêmeos que tenho com Jude. Obviamente, comunicação é uma coisa difícil.

— Eu fui?

Ele para os dedos e os aperta brevemente antes de descer e pegar um nacho na pilha.

— Deixa pra lá.

Meu joelho começa a balançar ansiosamente debaixo da mesa. Eu me vejo olhando para Quint quando ele vira a cabeça e fixa a atenção com determinação na parte da praia que dá para ver atrás dos prédios do outro lado da rua.

As bochechas dele. Também estão mais vermelhas do que antes.

Mas é óbvio que eu estou imaginando isso. Ou talvez ele tenha se esquecido

de passar protetor solar, um erro amador em Fortuna Beach.

Deve ser isso.

— É que você pareceu ter muita confiança lá cantando — diz ele, falando rápido demais de repente.

— Eu sou uma pessoa confiante de um modo geral.

— Pode acreditar, eu reparei. Mas foi mais que… você pareceu estar se divertindo muito. Só isso.

Ah. Pronto. A palavra com D. O tom de surpresa. A implicação… Uau! Prudence Barnett sabe se *divertir*? Quem poderia imaginar?

— Claro. Porque eu só sei ralar e tirar boas notas e estudar.

Ele me olha de cara amarrada e assim, de repente, estamos irritados de novo.

— Pra falar a verdade, eu já me perguntei isso.

É horrível o tanto que esse comentário magoa. Mas Quint não tem como saber que ele acabou de cutucar uma das minhas piores feridas. Eu sei que sou meio controladora demais. Sei que levo as coisas a sério demais às vezes. Sei que não sou piadista, nem a alma da festa e nem uma daquelas "garotas descoladas" que são retratadas nos filmes como a fantasia de todos os garotos de sangue quente por aí.

Eu sei que palavras uma pessoa como Quint usa para descrever alguém como eu.

Estraga-prazeres. Travada. *Puritana.*

Mas ele está enganado.

— Eu sei me divertir — retruco. — Eu me *divirto*. E, pra sua informação, eu tenho amigos que gostam de sair comigo. Gente que gosta mesmo da minha companhia. Posso não surfar e nem… nem encher a cara de cerveja plantando bananeira, sei lá…

— Opa, opa, opa — diz Quint. — Eu não… deixa pra lá, tá? Vamos esquecer que eu falei.

Inspiro pelas narinas. Minha pulsação está quente, mas seguro a raiva de onde veio. Admito para mim mesma que talvez, só talvez, minha reação tenha sido meio exagerada. Mas eu nunca daria a ele a satisfação de saber disso.

— Tudo bem — digo. — Já esqueci.

— Ótimo.

— Tranquilo.

— Beleza.

E… de repente, tudo fica esquisito. Incômodo. Como se algo tivesse ficado sem ser dito, mas nenhum de nós está disposto a dizer, e, para ser sincera, eu não tenho ideia de que coisa seja essa. Mas está pairando sobre a nossa cabeça, nos desafiando a reparar.

— Tudo bem! — digo de novo, tão alto que Quint dá um pulo. — Então vamos falar de estratégias de arrecadação de fundos, que tal? Tenho tantas ideias, estou transbordando ideias. Aqui. Eu fiz uma lista, organizada em ordem das que tem custo inicial menor até maior, mas neste lado eu anotei qual eu acho que pode ser a renda potencial. — Eu viro a folha de papel de cima e empurro na direção do Quint. Ele passa os olhos enquanto come mais nachos. Pego a caneta e bato no item de cima: venda de pães e bolos. — Obviamente, uma venda de pães e bolos seria algo barato e fácil, mas quanto dinheiro podemos esperar conseguir vendendo brownies?

— Sei lá. As pessoas adoram brownie.

— Verdade. E também tenho essa página de ideias suplementares, e dentro de venda de pães e bolos, pensei em fazer guloseimas temáticas. Tipo biscoitos em formato de golfinho, esse tipo de coisa. Mas eu também acho que podemos fazer melhor do que isso. — Bato em mais alguns itens da lista. — Outras opções de baixo custo são criar uma lista de e-mails e trabalhar no nosso alcance educativo com as escolas da região, e nós precisamos melhorar a situação nas redes sociais, definitivamente. O único custo disso é tempo. Do outro lado do espectro, aqui embaixo, temos coisas como…

— Presentes com doações? — pergunta Quint.

— Isso! Como no nosso projeto. Lembra? Ecobags e garrafas reutilizáveis, tudo com o logotipo do centro. É só um pequeno incentivo, com base em vários valores de doação. Mas nós teríamos que pagar pra produzir esses itens, e é melhor encomendar essas coisas no atacado pra que o preço de cada unidade fique mais baixo.

— Passeios?

— Isso mesmo! Eu pensei: se a gente conseguir deixar as crianças empolgadas com o centro, elas vão pra casa e vão contar aos pais. Nós podemos convidar turmas pra virem ver os animais, pra nos verem dar comida pra eles, talvez pra fazerem algum projeto de artesanato divertido. Eu achei uns

apanhadores de sol de tartaruga no Pinterest que são feitos de lenço de papel e são superfofos, e aí…

— Prudence. Uma pausa.

Minhas palavras engasgam.

— Antes de podermos fazer qualquer coisa disso, nós temos que definir nossa mensagem. Nossa missão. Eu sei por que a minha mãe abriu o centro e por que tantos voluntários doam o tempo deles pra lá, mas nós precisamos conseguir transmitir isso pras pessoas que nunca ouviram falar de nós. Que talvez não tenham ideia de que esses animais estão em perigo. Porque ninguém vai nos dar dinheiro se não souber por que é importante.

— Claro que é importante — digo, mais do que um pouco confusa.

Quint ri.

— *Você não acha.*

— Não é verdade. Eu estou aqui, não estou?

— Você está aqui porque quer nota melhor no projeto.

Eu me irrito e estou prestes a começar a discutir, mas Quint levanta as duas mãos.

— Só me acompanha aqui. Nós resgatamos e reabilitamos animais marinhos. Por quê?

— Porque… — Minha boca fica aberta, mas não sai mais nada. — Porque… porque as pessoas acham os bichinhos fofos?

Ele revira os olhos.

— As pessoas. Mas não você?

— Sei lá. Eles não são feios.

— Você já viu uma lontra bebê?

Eu reviro os olhos.

— Não, mas devem ser lindas. Só estou falando que eles são animais marinhos. Não cachorrinhos.

— Ah. Então você é uma pessoa que gosta de cachorros.

Eu faço uma careta.

— Eca. Não.

Quint ri, inclinando a cadeira e se equilibrando nas pernas de trás. Fico tentada a chutá-las. Reparo pela primeira vez que os dentes dele são bizarramente perfeitos. Tipo propaganda de pasta de dentes.

— Ah, para com isso — sibilo. — Eu não sou um monstro. Sei que filhotinhos de cachorro são fofos e sei que bebês lontras também devem ser. Mas… eu gosto de gente. Gosto de crianças.

Ele parece surpreso com isso.

— Gosta?

— Bom, claro. Quer dizer, quando não são meus parentes. Estou acostumada a dar aula pra crianças de jardim de infância, elas são as melhores.

Ele só me olha.

— Ah.

— Não me vem com *ah* — digo, apontando para a cara dele. — Eu faço mais do que estudar, sabe.

Quint inclina a cabeça para o lado e vejo que essa informação é nova para ele. Mas também o vejo lutando para não dizer isso.

— Você falou que gosta de crianças quando elas não são parentes. Jude não é seu único irmão?

— Quem me dera. Nós temos três irmãs mais novas. Lucy tem treze anos, Penny tem nove, e Ellie tem quatro.

— Ellie — diz ele, curioso. — Apelido de Eleanor?

Eu faço que sim.

— Uau. Seus pais se dedicaram muito a essa coisa dos Beatles, né?

Eu arregalo os olhos. Ele percebeu isso *bem rápido.*

— Você conhece músicas dos Beatles?

— Claro. Era a única coisa que meu pai ouvia quando eu era pequeno.

Pai? É a primeira vez que ouço falar do pai do Quint. Não me lembro de ter visto aliança na mão da Rosa, mas não fiquei prestando atenção. E, com a linha de trabalho dela, é possível que ela não use.

Mas aí entendo o subtexto das palavras do Quint. Que era a única coisa que o pai dele ouvia *quando ele era pequeno.*

Mas não agora?

Ele faleceu?

Sou tomada de curiosidade, mas sei que não devo perguntar. Então dou de ombros e ajo de um jeito meio indiferente.

— Ah, bom, eu só fico feliz de meus pais terem meninas, porque não são muitos os nomes bons pra garotos nas músicas dos Beatles. Tem Maxwell, o que

mata pessoas com um martelo. Ou Rocky, que leva um tiro num saloon… As escolhas são bem poucas mesmo.

Quint ri de novo, mas pelo menos desta vez ele não parece estar rindo *de* mim, uma mudança boa.

— Eu adoro. Eu sempre quis um irmãozinho ou uma irmãzinha.

— Todo mundo diz isso porque não faz ideia de como eles são um saco.

Ele dá de ombro.

— Acho que eu seria um irmão mais velho muito maneiro.

Eu quero discutir, apontar uns furos nessa teoria, mas… talvez ele esteja certo. Jude é um irmão mais velho ótimo. Ele é bem mais paciente com as nossas irmãs do que eu e está sempre mais disposto a brincar com elas e ajudar nos deveres de casa e cuidar delas. Não que seja competição, mas nós dois sabemos quem é melhor com as meninas.

— Você tem irmãos mais velhos? — pergunto.

— Não. Somos só eu e a minha mãe. — Ele faz uma pausa antes de acrescentar: — E como eu sei que você está doida pra perguntar, meu pai está vivo. Eles se divorciaram quando eu tinha nove anos.

— Ah — digo, tentando não demonstrar que eu estava imaginando uma tragédia infantil maior na qual o pai dele morreu de um jeito repentino e horrível. Algo parecido com alívio toma conta de mim, apesar de eu saber que um divórcio também pode ser bem difícil para uma criança.

— Ele mora em São Francisco com a esposa nova — acrescenta Quint. — Eu passo duas semanas com ele em todos os verões e alguns feriados importantes. Não fico triste. Não estou traumatizado. Está tudo bem.

Eu aperto os lábios. É tentador provocá-lo por causa desse discurso, que está na cara que ele já fez algumas vezes no passado, mas resisto. Por três segundos inteirinhos.

— E você passou quantos anos fazendo terapia tentando chegar a esse ponto de aceitação plena?

O olhar que ele me dá é fulminante, mas de um jeito divertido. Fico meio atordoada quando me dou conta de que aquela conversa acabou virando algo meio… caloroso.

— Que engraçado — diz ele. — E aí, você gosta do seu nome? Eu sempre quis saber.

Eu dou de ombros.

— Eu não desgosto. Houve ocasiões em que odiei, principalmente com um gêmeo chamado Jude, porque as piadas vieram prontas. Prudence, a puritana, e o irmão esquisito, Jude… Ouvi isso muito no fundamental.

Quint faz uma careta.

— Seus pais não pensaram nisso?

— Não sei como poderiam não ter pensado. Mas "Dear Prudence" é uma música linda, uma das minhas favoritas, na verdade. Então… sei lá. As pessoas são cretinas. Eu estou acostumada.

— Combina com você, né?

Fico tensa, as palavras como um soco nas costelas. Aperto os olhos.

— Porque eu sou *tão* puritana?

Ele faz expressão de sobressalto.

— Não, não é isso… Por que você fica fazendo isso?

Eu reviro os olhos.

— Por favor. Eu sei o que as pessoas acham de mim. Eu entendo. Não brinco muito. Levo as coisas muito a sério. Mas também não sou uma estraga-prazeres total. — Engulo em seco com uma dificuldade repentina de sustentar o olhar dele. Não falo em voz alta, mas esse é um dos meus maiores medos. De eu *ser* na verdade uma grande estraga-prazeres. E esses argumentos parecem defensivos até na minha cabeça, e eu percebo que estou mordendo a parte de dentro da bochecha só para não falar uma coisa grosseira para ele. *Se você tivesse aparecido na hora para a aula, você poderia ter perdido cinco minutos para me conhecer em vez de perguntar o que perdeu e copiar minhas anotações.*

— Eu sei que sou intensa às vezes. Sei que não sou… boba e nem paqueradora, sei lá, mas…

— Pode parar! — Quint se inclina por cima da mesa. — Você acabou de botar um zilhão de palavras que eu não disse na minha boca. Me desculpe. Eu não sabia que estava tocando num ponto fraco.

— Você não tocou num ponto fraco.

— Prudence. — Ele parece atordoado. — Dez minutos atrás, você quase arrancou minha cabeça por ter insinuado que você estava se divertindo cantando no karaokê. Aqui. Me dá um segundo. — Ele pega o celular e digita alguma coisa. — "*Prudente*. Adjetivo. Que age com ou demonstra cuidado e pensamento

no futuro.” — Ele vira o celular para eu ver a definição num dicionário online. — Você se importa com as coisas. Sim, você leva as coisas a sério. Isso não é necessariamente ruim.

Eu engulo em seco, me sentindo simultaneamente constrangida e… estranhamente lisonjeada.

— De qualquer modo — diz ele, guardando o celular —, é melhor do que ter o nome de um velho capitão do mar rabugento.

— Capitão?

— É. Quint. — Ele me encara com especulação no olhar. — Capitão Quint?

Eu faço que não.

— O caçador de tubarões de *Tubarão*?

Dou de ombros.

— Calma aí. Você não viu *Tubarão*?

— Calma aí. Sua mãe apaixonada por animais marinhos escolheu seu nome em homenagem a um caçador de tubarões?

— A minha pergunta primeiro.

Olho para ele com exasperação e aponto com o braço na direção do calçadão.

— Não, eu nunca vi *Tubarão*. A gente mora na praia. Já tenho medo de tubarão. Por que piorar as coisas?

Ele passa a mão pelo cabelo.

— Exatamente! A gente mora na praia! É o melhor filme de cidade de praia de todos os tempos!

— Não, obrigada. Eu estou bem sem ele.

— Não aceito isso. É um clássico. Você tem que ver.

— Eu não tenho que ver. A minha vida está perfeitamente satisfatória como está. — Bato com a mão na pilha de papéis. — Além do mais, a gente vai voltar a essa discussão alguma hora hoje ou você só me atraiu até aqui por causa dos nachos?

— Falando nisso. — Quint aponta para a travessa, da qual ele devorou dois terços pelo menos. — Você vai pagar? Porque, se não for, eu acho que preciso daquelas vinte pratas de volta.

Eu faço um som irritado, mas Quint começa a rir de novo na mesma hora.

— Estou brincando. Pode deixar que eu pago. Aquele seu negócio de banana também.

— Quanta generosidade. Claro, já que você que comeu quase tudo.

Os olhos dele brilham.

— Tudo bem. Onde a gente parou?

Eu tento pensar na nossa conversa. Nós falamos da venda de pães e bolos e das redes sociais…

Quint estala os dedos.

— Você já mergulhou com snorkel?

Eu o encaro. Obviamente, ele só está tentando me irritar agora.

— Snorkel?

— É. Você sabe o que é, o tubo e os óculos…

— Eu sei o que é snorkel. E, não, eu nunca fiz isso. O que isso tem a ver…

— Foi o que eu pensei. Então, vamos. Hoje. Você não tem biquíni *aí, né?*

Os olhos dele percorrem meu vestido, mas não de um jeito sinistro. Mesmo assim, ele parece entender o olhar e volta o foco rapidamente para o lugar certo.

— Não, eu não estou de biquíni, e, não, eu não vou mergulhar de snorkel. Não acabei de falar que tenho medo de tubarão?

Ele ri com deboche.

— Você sabe quais são as chances de você ser atacada por um tubarão?

— Morrem doze pessoas por ano! — declaro, lembrando a estatística do pôster no centro.

— Dentre quantos bilhões de pessoas no planeta?

Eu aponto na direção da praia.

— É, mas o quanto as chances aumentam quando alguém vai nadar na água *que tem tubarão?*

— Prudence, eu te protejo dos tubarões.

Uma risada escapa da minha boca.

— Obrigada. Eu estava mesmo esperando um show de chauvinismo.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Eu prefiro cavalheirismo, mas continua.

— Isso é porque seu nome foi escolhido em homenagem a um caçador de tubarões?

— Você está mudando de assunto. Eu estou falando sério. Você mora longe? A gente pode se encontrar aqui em… uma hora?

— Não! — Eu praticamente grito. — *Gah.* Parece a aula de biologia tudo de

novo. — Pego uma das pastas e sacudo na frente dele, me segurando para não ceder à tentação de jogar na cara dele. — A gente tem coisas pra fazer e você só quer brincar, até que eu tenho que fazer o trabalho todo sozinha! Por favor, me diz que essa tarde toda não foi um desperdício colossal do meu tempo.

Em resposta, Quint estica a mão e pega a pasta na minha mão.

— Pelo amor de Deus, Prudence, só *uma vez* será que você pode não discutir comigo? Será que pode confiar que talvez a minha ideia seja relevante?

— A sua ideia. De mergulhar com snorkel.

— Sim! Se vai ajudar o centro, você precisa entender qual é a motivação dele. Isso quer dizer entender a água aqui, os animais. E não só focas e leões marinhos, mas tudo. Tudo funciona junto. Você precisa ver em pessoa.

— Eu vi em pessoa. No aquário!

— Prudence. — Ele estica a mão livre por cima da mesa e coloca no meu pulso. Levo um susto com o toque. A palma da mão dele está surpreendentemente quente e surpreendentemente áspera com calos. — Você pode saber de administração, mas eu conheço o centro. E lembra que, desta vez, nós temos que ser um grupo.

Eu engulo em seco. Queria que ele parasse de jogar isso na minha cara.

Sua mão não me solta durante todo o tempo em que eu penso, e tento não ficar nervosa, nem pensar na partezinha de mim que imagina como seria virar a palma da minha mão para cima e entrelaçar os dedos com os dele. Mas isso seria muito estranho. Mais ainda do que esse momento, que só se prolonga…

— Tudo bem — murmuro.

Ele começa a sorrir. Ele e aqueles dentes perfeitos.

— Mas, se eu for comida por um tubarão, juro pela primeira edição do meu pai de *The White Album* que meu cadáver ensanguentado e parcialmente devorado vai te assombrar até o fim dos tempos.

VINTE

Apesar de ter vivido perto do mar a vida toda, eu nunca entendi a obsessão das pessoas com a água. Mesmo quando a gente era criança e nossos pais me levavam com Jude e Lucy para a praia, eu molhava os pés, pisava um pouco na água e passava o resto do tempo catando conchas e construindo castelos de areia da segurança da minha toalha da Rapunzel. Eu odiava quando a areia entrava no meu maiô e fazia as partes mais íntimas coçarem. Não gostava da forma como a água me puxava se eu entrasse muito. Não gostava das brincadeiras das pessoas sobre tubarões, apesar de todos os anos haver notícias da vida real sobre ataques reais de tubarão.

Tenho certeza de que as pessoas, pessoas como Quint, acham que eu perdi algumas das coisas mais maravilhosas de viver aqui. Surfar. Mergulhar. E, sim, snorkel também. Mas acho que a água não é minha praia. Não tem nada de errado com isso.

Por isso mesmo, fico intrigada de me ver vestindo o maiô, ainda novinho apesar de eu o ter comprado mais de dois anos antes, para ir mergulhar com snorkel com Quint Erickson. A sensação é de que fui enganada.

Quando me olho no espelho do quarto, tenho uma sensação de dúvida. Não perco muito tempo pensando no meu corpo e, quando penso, é com indiferença. Eu sei que não pareço modelo e, por mim, tudo bem. Penso nas minhas curvas em termos tépidos. Elas são moles e macias e são minhas. Nunca penso *sexy*, nunca penso *voluptuosa*, mas também nunca penso *gorda* e nem *nojenta*, como ouvi outras garotas falarem sobre si mesmas no vestiário depois da aula de educação física.

Mas, de repente, fico com vergonha. Tem muito tempo que não uso roupa de banho na frente de outros adolescentes, e a única ocasião em que vou nadar é

quando estou na casa da Ari, porque ela tem piscina, e, novamente, o mar e eu nunca nos demos bem. Historicamente falando.

E agora eu vou mergulhar com snorkel? Com Quint? É tão esquisito.

Enquanto passo a mão pela lateral do maiô, fico me perguntando se os sentimentos *dele* por curvas são tão indiferentes quanto os meus.

A pergunta some com a mesma rapidez e é substituída por uma vergonha de eu me importar, de sequer hesitar de vestir uma roupa de banho agora, com essa coisa toda tendo sido ideia dele. Que importância tem? É o *Quint*.

Coloco um vestido azul leve por cima e calço chinelos. Pego meu batom, mais por hábito, mas hesito. É estranho passar batom para ir mergulhar com snorkel?

Resmungando, jogo-o de novo na bolsa e saio antes de ficar me questionando.

Quint está esperando na praia, onde combinamos. Ele tirou a camiseta, mas vejo agora que está usando uma camiseta cinza de surfe por baixo, e há uma sensação perturbadora de decepção quando penso que ele não vai ficar sem camisa no nosso passeio.

Como assim, Prudence?

— Eu estava começando a achar que você ia me dar um cano — diz ele.

Eu abro um sorriso fulminante.

— Eu até pensei em te fazer esperar uma hora e meia.

— Por que não fez? — pergunta ele, me entregando um equipamento.

— Ah, você sabe como é. Eu valorizo as pequenas coisas, como pontualidade. Além do mais, já resgataram todos os bebês lontras, e eu não tinha nada melhor pra fazer.

Ele ri.

— Sabia que você até que é meio engraçada?

Eu paro de inspecionar a máscara e o tubo e olho para ele.

Quando percebe que chegou perto demais daquele ponto fraco de novo, Quint dá um passo defensivo para trás.

— Uma coisa totalmente esperada e nada surpreendente.

Ainda estou de testa franzida, mas deixo pra lá.

— Esse equipamento foi higienizado?

Ele ri, como se eu estivesse brincando.

— Que bom que você veio. Vai ser divertido.

Não sei se ele está brincando, mas percebo que evitou completamente responder à minha pergunta. Eu quero insistir. Afinal, não sei por onde essas coisas passaram. Mas a reação dele me faz achar que é uma preocupação ridícula, e já estou me sentindo bem constrangida.

— Você prometeu que seria educativo — digo. — Não me faça me arrepender.

— Divertido *e* educativo — confirma ele. — Vou te mostrar como usar isso quando a gente entrar na água. Você sabe nadar, né?

— Claro que eu sei nadar.

— Eu tinha que perguntar. Você ficaria impressionada com a quantidade de gente que não sabe.

O olhar dele percorre meu vestido, e eu sinto um chute leve na base do estômago. *Ele está me avaliando?* Parece prestes a dizer alguma coisa, mas parece pensar melhor e se vira.

— Vem, tem um lugar ótimo mais pra frente.

Eu o sigo em silêncio, nossos chinelos levantando areia. Só quando vejo duas toalhas de praia dobradas em uma pedra é que percebo que me esqueci de levar a minha. Quint, que provavelmente reparou a mesma coisa, não diz nada, tira os chinelos e vai em direção da água.

Eu tiro os chinelos e os coloco ao lado das toalhas. Meu coração começou a saltar erraticamente. Percebo o quanto não pensei nisso direito.

Vou estar de maiô. No mar. Com Quint Erickson.

Sozinha.

Por que a situação toda está começando a parecer um encontro?

Não é um encontro. Obviamente. Ele não falou nem fez nada que desse a entender que é um passeio romântico, e… bom, está bem claro o quanto ele não gosta de mim. Só está aqui porque eu basicamente o coagi a me ajudar com o nosso projeto e, em retribuição, ajudar o centro.

E é melhor assim, porque eu não estou nem um pouco a fim dele. Não assim. Não de jeito nenhum.

Minha mente está divagando. Eu faço um esforço para controlá-la.

Quint entra no mar, a água até as panturrilhas, e olha para mim, confuso.

— Tudo bem aí? — grita ele.

— Tudo — grito em resposta. Por garantia, faço um sinal de joinha.

— O que você está esperando?

Eu aperto o equipamento de mergulho como se estivesse segurando uma arma. Meu vestido leve parece um escudo de repente. Eu não quero tirá-lo. Não quero estar ali. Não quero fazer aquilo.

O que eu estava pensando?

Com a testa franzida, Quint começa a andar de volta na minha direção. Ele parece legitimamente preocupado.

— Tudo bem, eu não devia ter brincado sobre os tubarões. Mas verifiquei e *nunca* houve avistamentos de tubarões nesta parte da praia. Você vai ficar bem.

— Não é… — Eu balanço a cabeça.

Ele inclina a cabeça para o lado, refletindo.

— Você está com medo da água?

— Não — digo, talvez na defensiva demais, só percebendo depois que ter dito sim teria sido um jeito perfeito de escapar da situação.

— Prudence, tudo bem se estiver. Mas você deveria dizer…

— Eu não estou com medo da água!

Ele levanta as mãos, o equipamento pendurado nos dedos.

— Tudo bem, tudo bem. Então o que está incomodando?

Eu abro a boca, mas o que posso dizer? Que tenho vergonha de tirar o vestido? Que não quero que ele me veja de maiô, quando metade das pessoas da nossa cidade praticamente *vive* de roupa de banho naquela época do ano?

— Eu só… — Balanço a cabeça de novo. — Nada. Não importa. — Coloco a máscara de lado e me viro de costas para ele, porque é o mais próximo de procurar privacidade que consigo ter ali na praia. Inspiro fundo e, antes de poder me convencer a desistir, antes de eu poder tornar a situação mais constrangedora do que já é, tiro o vestido pela cabeça e coloco sobre a pedra, ao lado das nossas toalhas. Pego o equipamento e passo por Quint sem olhar para ele.

Não tenho ideia se ele e dá ao trabalho de me olhar. De olhar *olhar*.

E não quero saber.

Eu nunca entrei tão rápido na água.

A areia se move debaixo dos meus pés descalços. As ondas batem nas minhas pernas e quadris, e em pouco tempo a espuma está em volta da minha cintura.

— Não deixa o tubo encostar na água — diz Quint, e eu tenho um sobressalto. Não tinha me dado conta de que ele estava tão perto, e agora sua

mão está embaixo da minha, erguendo o equipamento para longe das ondas suaves. — Não há nada como um gole de água do mar pra estragar a experiência.

Ele sorri, os olhos capturando a luz que reflete na água, e não são olhos chatos, comuns e básicos. São intensos e cativantes.

Minha boca fica seca.

Pela madrugada, o que está *acontecendo* comigo? Por que estou com essa sensação de… de…

De interesse por um *crush*.

Rá! Não! De jeito nenhum. Uma tempestade de risadas silenciosas se espalha pelos meus pensamentos. Isso é absurdo.

Estou falando de Quint Erickson. Ele não é meu tipo. É o oposto extremo ao meu tipo.

Tudo bem que eu nem tenho certeza de qual é meu tipo, mas sei que não é *ele*.

— Pronta? — Quint coloca os óculos, e fico agradecida porque minha histeria interna é interrompida. Devo parecer confusa, porque ele tira meus óculos da minha mão e ajusta o tubo que fica na boca. — Assim — diz, puxando a tira elástica pela minha cabeça e puxando para encaixar embaixo do meu rabo de cavalo. Prendo o ar até as mãos dele se afastarem e eu ter que ajustar os óculos para eles encaixarem bem, formando uma área isolada em volta dos meus olhos. — Essa parte vai na sua boca. Não por cima, mas dentro dos lábios, tá? Depois, você só precisa deixar essa ponta pra fora da água. E pronto. — Ele sorri de novo antes de enfiar o bocal nos lábios, deixando-os inchados. Deixando-o com aparência ridícula.

Ele se inclina para frente e mergulha na água, flutuando na superfície, o tubo surgindo ao lado da orelha.

— Se controla, Prudence — sussurro antes de enfiar o tubo na boca. A sensação é estranha, o plástico incomoda as gengivas.

Tudo bem. Eu só preciso acabar com isso e dar continuidade ao meu dia. Quint ficará satisfeito. Ele não vai ter mais que gritar comigo sobre sermos “um grupo”, e vamos poder começar o trabalho de verdade.

Ando até as ondas estarem no meu peito antes de me curvar e botar o rosto na água.

Preciso de um coaching mental para convencer meu corpo de inspirar, e fico verificando se a ponta do tubo ainda está para fora da água. Mas, depois das primeiras respiradas, fica mais fácil, apesar de todos os instintos me lembrarem de que respirar debaixo da água não é natural.

Eu olho para o fundo.

Vejo… eu mesma.

Minhas pernas, horrivelmente pálidas e tingidas de verde-espuma.

Meu maiô, todo preto.

Meus dedos dos pés com unhas pintadas de rosa, cobertos de areia.

Faço um círculo e reparo em algumas conchas espalhadas no fundo.

É… bonito. Sereno. Gosto de como a luz que entra pela água gera um movimento em volta do…

Ah, meus macaquinhos de bicicleta!

Eu cuspo a peça que fica na boca e grito enquanto movo os braços para me deslocar para trás. Tiro a cabeça da água.

— Quint!

Ele está a quase dez metros de mim. Ele levanta a cabeça e puxa o tubo da boca.

— O quê?

— Vem cá! Corre!

Ele não faz perguntas, só vem nadando na minha direção com braçadas perfeitas de crawl, bem diferentes do cachorrinho desajeitado que eu considero ser a minha especialidade.

— Olha, olha, olha! — digo enquanto agarro o braço dele e aponto. Ainda com os óculos no rosto, ele enfia a cabeça na água. Coloco o tubo de volta na boca e me junto a ele, segurando o braço dele porque, apesar de animada, eu também estou com um pouco de medo.

Ele também vê.

Uma tartaruga marinha, no fundo do mar. É *enorme*. Tem pelo menos 1,20 metro de largura, a não ser que seja truque da água e a da luz. Se sabe que estamos aqui, ela está nos ignorando.

Quint troca um olhar comigo debaixo da água e compartilhamos um sorriso mútuo e impressionado. Pelo menos eu estou impressionada. Seu sorriso é mais no estilo *eu te disse*.

Mas não sei bem o que ele acha que me disse.

Quint tira a cabeça da água. Eu faço o mesmo, mas só então percebo que ele não estava com o tubo na boca. Ele leva um minuto para recuperar o fôlego, mas está com um sorriso no rosto.

— Incrível, né?

Eu cuspo o snorkel.

— Que coisa mais louca! Está, tipo… bem ali!

Ele assente.

— Eu vejo essas coisas por aqui o tempo todo.

Olho para ele boquiaberta, quase tão impressionada de ter visto a tartaruga marinha quanto estou de perceber que, para algumas pessoas, isso é uma ocorrência comum.

Ainda estou me segurando nele, como se fosse um bote me mantendo na superfície. Fico surpresa de ele não ter se soltado.

Passo a língua no sal dos lábios, solto a mão e coloco o pé de volta na areia. A correnteza nos puxou para mais longe e a superfície está quase no meu esterno agora. Somos apenas duas cabeças com óculos, sorrindo um para o outro como dois bobos.

— Eu ainda fico impressionado — diz Quint. — Quando estamos olhando pra água aqui de cima, nós nem temos ideia. — Eu olho para baixo, e ele está certo. A água é limpa, ou, pelo menos, sempre pensei que era, mas só consigo ver formas vagas e indefinidas dos nossos corpos. Não tem nada da clareza e do brilho que achei tão impressionantes embaixo.

Nós abaixamos as cabeças de novo. A tartaruga marinha se deslocou alguns metros, mas ainda está lá, no fundo do mar. Vejo Quint tirar alguma coisa de um bolso do short, tipo um celular, mas maior. Mais volumoso. Um celular de armadura de batalha.

Vejo-o mergulhar mais fundo e chegar tão perto da tartaruga que fico meio preocupada. Ele nada em volta algumas vezes, e me dou conta de que está tirando fotos. A tartaruga o ignora. Estou começando a achar que Quint vai desmaiar se prender o ar por mais tempo quando a tartaruga se vira, surpreendentemente rápida e graciosa, e nada na minha direção. Levo um susto e levanto as pernas para ficar longe dela. Ela passa embaixo de mim e segue para o raso.

Quint e eu saímos da água de novo. Ele está ofegante, os cabelos grudados no rosto. Demora alguns segundos para tirar a água do mar do snorkel, mas fica sorrindo o tempo todo.

— Isso é uma câmera? — pergunto.

— Não, só meu celular — responde ele, mostrando o aparelho. Parece um dispositivo extravagante saído de um dos filmes favoritos de ficção-científica do Jude. — Minha mãe comprou uma capa à prova d'água no meu aniversário. Estou guardando dinheiro pra uma lente maior que funcione com ele, mas por enquanto está bom. E aí? O que você achou do seu primeiro avistamento de vida selvagem real?

Eu penso nisso. Já vi tartarugas marinhas no zoológico, mas ver uma aqui, tão de perto, foi maravilhoso.

— Tem mais? — pergunto.

Ele ri.

— Vamos descobrir.

Eu esperava que nosso experimento com snorkel durasse uns quinze, talvez vinte minutos, mas Quint e eu acabamos ficando na água mais de duas horas. Quando voltamos para a areia, meus dedos estão enrugados, eu cortei o tornozelo numa pedra afiada e estou com a sensação de que viajei para um planeta alienígena e voltei para contar a história.

Quint sabia dos melhores lugares para ir. Ele me levou a umas formações rochosas e mostrou jardins submersos de algas e kelp. Nós vimos tantos peixes que minha mente está tonta tentando se lembrar de todos. Um caleidoscópio de cores, entrando e saindo das pedras, nadando em volta dos meus joelhos, cintilando como pedras preciosas. Para o grande final, que desconfio que Quint estivesse planejando o tempo todo, nós nadamos para mais perto da areia, até uma região de pedras grandes que não ficava visível das praias públicas. As rochas estavam cheias de focas, pulando e gritando e relaxando no sol da tarde.

Eu morei aqui a vida toda. Como não sabia que isso estava ali, a poucos quilômetros da minha casa?

Esqueci completamente minha vergonha anterior quando Quint e eu voltamos para a praia. A maré desceu, e a caminhada até nossas toalhas parece infinita. A areia gruda nas solas dos meus pés. Quint fica me olhando, sorrindo, quase que

cheio de segredos.

— E aí? — pergunta ele quando enrolo uma toalha no corpo.

— Foi… — Eu tenho dificuldade de encontrar as palavras. De repente, estou morrendo de sede, e sinto uma queimadura nas costas, mas tudo fica pequeno perto da tarde que eu tive.

— Eu sei — diz Quint, me poupando de ter que encontrar descrições adequadas. — Mas agora vem a pergunta de um milhão de dólares. — Pelo jeito que ele fala, parece que a tarde toda foi uma preparação para as palavras que vêm a seguir.

Fico na defensiva na mesma hora e o encaro. Há linhas vermelhas fundas em volta dos olhos dele, um delineado perfeito dos óculos. Devo estar com a mesma aparência boba. Meus cabelos estão se arrepiando em volta do rosto, agora que começaram a secar. Mas, depois do dia que tivemos, nada disso parece importar.

Quint me olha com conhecimento, quase arrogância.

— Vale a pena salvar?

Eu fico imóvel.

De repente, faz sentido.

Porque ninguém vai nos dar dinheiro se não souber por que é importante.

Eu me lembro de quando ele disse isso, mas não tinha sido registrado até agora. Sinto uma conexão mais forte com nosso trechinho de mar agora do que em qualquer outro momento da vida. Os cardumes mágicos de peixes, as conchas que cintilam no fundo do mar, as tartarugas marinhas. Eu nadei com tartarugas marinhas!

De repente, eu me importo.

Vale a pena salvar? Vale a pena proteger.

Sem a menor sombra de dúvida.

— Entendido — murmuro.

Ele sorri mais. Nós passamos um tempo secando as pernas, tirando areia dos pés. Visto rapidamente o vestido quando ele está virado. Quint pega a minha toalha e o equipamento, enfia tudo em uma bolsa, e nós vamos voltando pela praia na direção do calçadão.

— Está com fome? — pergunta ele.

— Morrendo — respondo automaticamente.

— Legal. Será que a gente pode comer uns tacos enquanto conversa sobre o

resto das suas ideias?

Ele está uns dois passos à minha frente, o foco voltado para o horizonte. Eu queria poder ver o seu rosto, porque a antiga incerteza volta com força, tudo tão inacreditável agora quanto antes.

Não é para ser uma coisa romântica. Não tem como.

Tem?

— Eu… hã… deixei a pasta em casa.

— Fica longe? — Ele olha para mim.

— Não — respondo, talvez devagar demais. — A gente mora na Sunset.

— Tudo bem. Eu vou com você. Ou você quer que eu pegue uma mesa pra gente em algum lugar?

Ele está agindo de um jeito tão casual. E esse deve ser o único motivo para eu reparar em como fiquei agitada.

— Na verdade, eu estou meio exausta. Será que a gente não pode conversar amanhã? No centro?

Se ele fica decepcionado, esconde bem, com um movimento de ombros, sem emoção nenhuma.

— Beleza.

Nós paramos no calçadão. A praia está mais cheia ali e há boas chances de encontrarmos alguém que conhecemos da escola, mas se Quint está com medo de ser visto comigo, evidentemente *comigo*, considerando nossos cabelos molhados e as marcas dos óculos no rosto, ele não demonstra. Quando fica claro que ele vai para um lado e eu para o outro, nós dois hesitamos e ficamos parados meio sem jeito.

— Então tá. Até amanhã. — Começo a me virar.

— Será que eu posso te ouvir falar? — pede ele. Eu olho para trás. Tem um brilho no olhar dele. — Só uma vez?

— Falar o quê?

— Eu só quero que você admita que isso — ele indica o mar — não foi uma perda de tempo. Que *eu* tive uma boa ideia. — Ele bate no peito.

Eu cruzo os braços e falo com uma voz robótica:

— Isso não foi perda de tempo. Você teve uma boa ideia.

— E você está feliz por ter vindo.

Dou um suspiro e paro de usar o tom robótico. Com sinceridade, eu confesso:

— Eu estou feliz por ter vindo.

— E nunca mais vai duvidar de mim e nem discutir comigo.

Eu aponto para o nariz dele.

— Aí já é demais.

Os dentes dele aparecem.

— Eu tinha que tentar. Ah, quase esqueci. Tenho uma coisa pra você.

Ele começa a remexer na bolsa, empurrando para o lado as toalhas úmidas e os óculos. A mão surge segurando uma camiseta amarela com o logo do Centro de Resgate de Animais Marinhos de Fortuna Beach.

Eu pego a camiseta da mão dele, surpresa, mas sem saber se devia ficar lisonjeada ou irritada por não ter recebido a camiseta no primeiro dia. Depois de um segundo examinando a camiseta, eu digo:

— Não sei se amarelo é a minha cor.

— Não sei se a é a cor de ninguém, mas era a opção mais barata. — Ainda sorrindo, ele acrescenta: — Além do mais, você pode estar se subestimando. Nos vemos na segunda, Prudence.

Eu sorrio e aceno.

Apesar de as camisetas dos voluntários serem mesmo muito feias, eu a aninho contra o peito durante toda a caminhada até em casa.

VINTE E UM

Estou empolgada, esboçando uma parte nova do nosso projeto de biologia revisado: aulas educativas de snorkel para turistas! As pessoas fariam mergulhos com um profissional treinado que poderia dizer que peixes e animais eles estavam vendo e explicar o equilíbrio delicado dos nossos ecossistemas marinhos rasos. O guia discutiria coisas como…

Um ruído de violino invade meus ouvidos. Eu grito de surpresa e cubro as orelhas com as duas mãos.

— Penny! — grito na direção do quarto ao lado.

— Desculpa! — grita ela, embora o pedido de desculpas venha rapidamente seguido de outro berro das cordas.

Eu suspiro, me levanto e fecho a porta do quarto. Volto para a cama, coloco o computador no colo e me esforço para ignorar os sons sofridos do quarto ao lado. Por que os meus pais ainda pagam para ela ter aulas? Não estão adiantando nada, e sei que eles têm coisa melhor com que gastar os fundos limitados.

Bom. Onde eu estava?

O guia discutiria coisas como… certo. A cadeia alimentar natural e a importância da biodiversidade. Como predadores, como lontras, ajudam a manter a população de ouriços do mar sob controle, o que impede que os ouriços se alimentem demais de kelp, que pode oferecer alimento e abrigo para muitas outras espécies. Há fatores ambientais maiores a…

A porta do meu quarto se abre e faz entrar não só os guinchos sofridos do violino de Penny, mas também Eleanor, usando o pijama de lhama favorito.

— Ellie, você tem que bater!

— Você pode brincar comigo?

— Não. Eu estou ocupada. Fecha a porta.

Ela projeta o lábio inferior.

— Mas ninguém quer brincar comigo. Penny está ensaiando com o violino, Lucy está no telefone e a mamãe está assistindo àquele programa idiota de bolos de novo.

— Nada disso é problema meu. Vai falar com o Jude.

— Ele foi comprar jantar com o papai.

Solto um gemido e saio da cama. O rosto de Ellie se ilumina, mas ela murcha assim que seguro o ombro dela e a guio porta afora.

— A autossuficiência é uma habilidade importante que você precisa começar a desenvolver.

Ela faz um som frustrado e bate o pé.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer vai brincar com as suas bonecas.

— O Jude sempre diz sim e você sempre diz não!

— Bom, parece que o Jude é uma pessoa melhor do que eu.

Eu fecho a porta. Ela grita do outro lado:

— É mesmo!

Faço uma mímica de estrangulamento e levanto as mãos. Penso em grudar uma placa de NÃO PERTURBE na porta, mas… para quê? Ela não sabe ler ainda.

Volto para o trabalho e releio o último parágrafo. Não está ruim. Vamos em frente.

Eu me lembro vagamente do sr. Chavez falando alguma coisa sobre plantas marinhas como kelp e algas serem mais eficientes para limpar a poluição do ar do que todas as florestas tropicais do mundo. Mas não me lembro dos detalhes, nem como funciona.

Entro na internet e começo a digitar uma busca.

Passos furiosos soam no corredor, e Lucy grita do lado de fora da minha porta:

— MÃE! Você pode fazer a Ellie ir lá pra baixo? Eu estou tentando ter uma conversa e ela não para de me atrapalhar!

— Eu estou dobrando roupas e vendo meu programa! — grita a minha mãe. — Deixa ela brincar com a sua maquiagem, sei lá!

— O quê? Não! Ela faz bagunça!

Eu me deito de costas e coloco um travesseiro por cima da cabeça.

Quint estava tão enganado. Ter irmãos é a pior coisa. Minha vida seria infinitamente melhor se fôssemos só eu e Jude.

Do lado de fora do meu quarto, o violino continua gritando. Lucy continua berrando. Ellie começou a chorar, um dos choros falsos de birra que irritam profundamente.

Meus dedos tremem. Eu poderia punir todos. Por serem tão grosseiros, tão sem consideração, tão *barulhentos.*

Mas pouco antes dos meus dedos se fecharem, eu faço uma pausa e me obrigo a abrir bem a mão. E se, ao tentar punir minha família inteira de uma vez pela barbaridade, o universo decidir botar fogo na nossa casa, sei lá?

Resmungando, saio da cama e vou procurar meu fone com cancelamento de ruído. Olho na escrivaninha, nas gavetas, na mochila. Não está em nenhum dos lugares onde costumo colocar.

Eu bufo porque sei exatamente quem pegou.

O corredor está vazio. Eu fecho a porta do quarto de Penny e Lucy quando outro som agudo escapa do violino. Passo pelo banheiro, onde Eleanor está sentada no tapete, começando a mexer na *minha* bolsinha de maquiagem.

— Não — digo, tirando a bolsinha dela.

Ela grita.

— A Lucy disse que eu podia!

Eu estico a mão por cima da cabeça dela, pego a maquiagem da Lucy na bancada e entrego para ela. Ela se anima. Com exceção dos meus batons de cor forte, a maquiagem da Lucy, cheia de brilhos e um curvex, é preferível à minha ou da minha mãe. Ao menos, de acordo com a criança de quatro anos da família.

Com o quarto compartilhado sendo usado como estação de tortura auditiva, Lucy foi para o quarto dos nossos pais. Eu abro a porta e a encontro deitada na cama, o celular no ouvido.

— Cadê meu fone?

— Espera — diz Lucy para o telefone antes de segurá-lo junto ao peito. Ela me olha com ódio. — O quê?

— Meu fone. Cadê?

— Como eu vou saber? Sai daqui.

— Aqui não é o seu quarto.

— A mamãe não se importa.

A raiva está fervilhando debaixo da minha pele agora. É tão difícil responder uma pergunta simples?

— Lucy, você sempre pega sem pedir. Onde está?

— Sei lá! — grita ela. — Olha na minha mochila!

Eu me viro. Mal voltei para o corredor quando ouço Lucy reclamar com a amiga:

— Falando sério, as minhas irmãs são um saco.

E, sim, pode ser hipócrita, considerando que eu acabei de reclamar sobre exatamente a mesma coisa alguns minutos atrás, mas, pelo menos, eu tive a decência de guardar meus pensamentos para mim. De qualquer modo, eu cheguei ao meu limite de boa vontade.

Paro do outro lado da porta e aperto a mão.

— Alô? Jamie? *Alô?* — diz Lucy, a voz ficando mais alta. Ela solta um gemido exasperado. — Que ótimo. E agora, estou sem bateria. Valeu, família!

Coloco a cabeça no quarto com um sorriso sereno.

— Isso deve querer dizer que você tem tempo de procurar meu fone.

Ela o encontra na mochila e entrega com um olhar gelado.

Acabei de voltar para o quarto e de me acomodar na cama quando ouço a porta da frente se abrir lá embaixo.

— Voltamos! — grita meu pai. — E trazendo presentes em forma de comida!

Minha mãe responde com um grito, como se meu pai precisasse de tradução.

— Meninas, hora do jantar!

Ellie solta um gritinho e corre escada abaixo, o que deve significar que papai e Jude foram comprar coisa boa, porque ela só costuma reclamar quando é chamada para jantar. Penny, Lucy e eu vamos atrás com menos entusiasmo. Lucy ainda está de cara amarrada.

Penny parece alheia ao fato de que houve conflitos.

— Aah, Blue’s Burgers! — diz ela quando chegamos na cozinha. — Viva!

Minha mãe e meu pai estão na bancada, pegando guardanapos e servindo bebidas. Jude está tirando cestinhas de batata frita e cheeseburgers de uma coleção de sacos de papel branco e colocando tudo na mesa.

— Uau, Ellie — diz ele, com um sorriso genuíno de Jude. — Você parece uma estrela de cinema.

Ela abre um sorriso e exibe as manchas de sombra roxa cintilante em volta

dos olhos e nas bochechas. Na verdade, parece que ela brigou num bar com uma fada madrinha, mas ela parece tão satisfeita consigo mesma que não consigo falar o que acho.

— Achei que a gente podia fazer nossa parte pra apoiar um comércio da nossa comunidade — diz meu pai, sentando-se e pegando um dos cheeseburgers com Jude. — Eles estão recebendo muita divulgação ruim com os outdoors sendo vandalizados.

Eu levanto as sobrancelhas enquanto me sento.

— Mais de um?

Meu pai assente.

— Cinco ou seis, acho. Alguém escreveu *mentiras* em alguns e desenhou carinhas tristes nas vacas. Acho que houve boatos de que o Blue's recebe a carne de umas fazendas horríveis onde as vacas ficam espremidas e comem restos, sei lá. Só sei que o Blue's Burgers existe desde os anos 1960 e que tudo continua tão delicioso quanto era quando eu era criança. Não sei por que alguém ia querer prejudicá-los, logo eles. Já é bem difícil um restaurante pequeno e familiar continuar de pé sem ter gente tentando derrubar.

— Sinceramente. Qual é o problema de algumas pessoas? — pergunta minha mãe enquanto distribui toalhas de papel.

Eu abro meu cheeseburger, cheio de tomate e picles e do molho secreto maravilhoso do Blue's. Minha boca já está cheia de água. Mas algo me faz parar. Penso no que Quint falou, que Morgan estava fazendo um abaixo-assinado para que o governo investigasse uma fazenda de confinamento, por causa de tratamento desumano dos animais. Mas isso não pode ter a ver com o Blue's Burgers. O gado deles vem de fazenda orgânica, alimentada de grama… sei lá… não lembro o que as propagandas dizem.

Não é?

E, se não for verdade, importa para mim? Eu não sou vegetariana. Nunca passou pela minha cabeça ser qualquer coisa além de uma onívora satisfeita. Acho que existe um motivo para os humanos estarem no topo da cadeia alimentar. E meus pais não têm grana para pagar a carne cara do açougue, então muita carne que consumimos ao longo dos anos deve ter vindo dessas fazendas que dão restos ou o que for para o gado comer, como meu pai sugeriu de forma tão sucinta.

Essa causa não significa nada para mim. São só vacas.

São só comida.

Mas Morgan. Independentemente do que eu sinto, essa causa tem importância para *ela*. Tanto que ficou disposta a subir numa escada bamba para dizer para todo mundo.

Uma escolha pela qual ela pagou um preço.

— Tudo bem, Pru? — pergunta a minha mãe.

Eu olho para ela. E sorrio.

— Sim, sim. — Tento afastar os pensamentos da cabeça. Minha família está me olhando. Dou uma tossidinha. — Eu só estava pensando… hum… no projeto no qual estou trabalhando. Vocês sabiam que as lontras têm papel vital no equilíbrio da saúde de florestas de kelp?

— O que é uma floresta de kelp? — pergunta Penny.

Eu suspiro.

— É uma floresta. De kelp. No fundo do mar.

Ellie arregala os olhos.

— Tem floresta no fundo do mar?

— Tem, mais ou menos — digo.

Minha mãe molha uma batata em ketchup.

— Você aprendeu isso no seu novo trabalho voluntário?

— Hum. É — digo, porque não vou contar que passei a tarde mergulhando com Quint Erickson. Jude já está me olhando com desconfiança.

— Tenho que dizer que fiquei chateado quando você decidiu não ir trabalhar na loja de discos — diz meu pai. — Mas parece que as coisas no centro de resgate estão indo bem até agora, né?

Dou de ombros.

— Até que não está ruim.

— E Ari é ótima, não é? — diz a minha mãe. — Eu só ouvi coisas boas.

— Ah, é. Aquela garota! — diz meu pai, pegando um picles que caiu do hambúrguer. — Acho que talvez ela saiba mais de música do que eu! E, claro, eu fico feliz de ter Jude lá.

Jude sorri, mas ele está de boca cheia, então não diz nada.

— Isso me lembra — digo, colocando o cheeseburger inteiro no prato e limpando as mãos numa toalha de papel. — Eu falei pra Ari que podia dar meu

teclado velho pra ela. Vocês não se importam, né?

Minha mãe e meu pai param de mastigar e trocam um olhar.

— O que foi? — pergunto. — A gente não está usando. Ninguém aqui sabe tocar.

— Ellie pode querer aprender a tocar — sugere Lucy, o que parece uma sugestão feita só para me espetar. Franzo a testa para ela e olho para Ellie.

— Ellie, você quer aprender a tocar piano?

Eleanor retorce a boca em concentração profunda e pensativa. Ela toma um gole de leite, ainda pensando. Quando coloca o copo na mesa, ela responde:

— Eu quero tocar bateria.

— Boa escolha! — diz meu pai com êxtase, enquanto o resto de nós faz uma careta. É tudo de que precisamos para acompanhar as aulas de violino de Penny.

— De qualquer modo — continuo —, se Ellie ou mais alguém decidisse que queria o teclado, tenho certeza de que Ari devolveria. Mas, nesse momento, garanto que ela usaria mais do que nós.

— A questão é a seguinte — retruca a minha mãe, limpando a boca com a toalha de papel. — A gente adoraria dar o teclado pra Ari se a gente soubesse, mas… bom. A gente não tem mais o teclado.

Eu olho para ela.

— O quê?

Empurro a cadeira para trás.

Ellie, a quem vivemos chamando a atenção para ficar à mesa durante o jantar, aponta para mim na mesma hora e grita:

— Nada de sair da mesa!

Eu a ignoro e vou olhar na sala.

Realmente, o teclado sumiu e deixou um buraco no meio da confusão onde ele ficava.

Eu me viro.

— Onde foi parar?

— A gente vendeu — responde a minha mãe, levantando as mãos num gesto que é quase um pedido de desculpas, embora não muito convincente. — Você não estava usando. Eu achei que nem ia reparar.

E ela está certa. Eu nem teria reparado se não quisesse dar para Ari.

Eu me sento de volta.

— Vocês podiam ter perguntado.

— E você podia ter treinado mais quando tinha aula — rebate o meu pai, apesar de eu não estar convencida de que esse argumento seja relevante para a conversa.

— Espero que Ari consiga encontrar um teclado legal — diz a minha mãe. — Ela é um amor de garota e a gente adora a ajuda dela na loja.

Aperto os olhos.

— Vocês estão pagando, né?

— Claro! — responde meu pai, parecendo ofendido. Mas eu tinha que perguntar. Tenho quase certeza de que Ari trabalharia lá de graça, mas não vou dizer isso. Ela merece ser paga pelo seu tempo.

— E como está a loja? — pergunta Lucy. — Financeiramente?

A pergunta dela me surpreende. Tão direta. Nós todos sentimos que a pergunta nos joga sobre gelo fino. Tenho que admitir que eu meio que admiro Lucy por tocar no assunto quando até Jude e eu preferiríamos continuar fingindo que está tudo bem.

Novamente, minha mãe e meu pai se olham. Até Penny parece ficar tensa. Só Ellie ignora o assunto, estando ocupada demais tentando fazer uma torre de batata frita na mesa.

— Bem — diz meu pai. — Lenta. Mas sempre fica nessa época do ano. A temporada dos turistas está chegando. Vai melhorar.

Ele fala com confiança, mas o que mais poderia dizer? Que a loja de discos está condenada e temos que entrar em pânico?

Mas minha mãe sorri e muda de assunto, pergunta a Lucy como foi o treino de softbol no começo do dia.

Eu pego meu cheeseburger e dou uma mordida. Sei que está delicioso, sempre está, mas, por algum motivo, nem sinto gosto direito.

VINTE E DOIS

— Ugh. Eu não consigo dizer. Não de novo. Por favor, não me obrigue.

Quint se apoia no muro baixo. Sinto o sorriso arrogante, percebo que ele está me olhando. Mas só tenho olhos para a criatura no cercadinho.

— Vamos lá, Prudence. Você consegue. Aqui, vou te ajudar a começar. Repete comigo. *Quint, você estava…*

Cubro os olhos com as mãos e balanço a cabeça. Mas não demora. Tenho que abrir os dedos. Tenho que espiar.

Ah, céus. Aquele rostinho peludo, o nariz tremendo, as patinhas fofas encolhidas na barriga enquanto ele rola no chão…

Eu solto um gemido e sinto que estou cedendo.

— Tudo bem. Quint. Você estava — faço uma careta e seguro a palavra o máximo que posso — certo.

Ele dá um soquinho de vitória.

— As lontras são umas *fofuras*. Mas você trapaceou! Você disse que não era bebê.

— Não é bebê. Ele deve ser… sei lá, da nossa idade, eu acho. Mas em anos de lontra. Os bebês não são *super*pequenos, mas são menores do que ele. — Quint se inclina para mim numa postura conspiratória. — Dois anos atrás, nós cuidamos de uma lontra grávida quando ela deu à luz. O bebê era do tamanho de uma bola de basquete. Uma bola de basquete peluda e absurdamente fofa.

— Para.

— Eu dei mamadeira algumas vezes.

— Te odeio.

— Eu sei.

Eu olho para ele. Ele está olhando para a lontra, mas tem um sorrisinho surgindo nos lábios.

Engulo em seco e afasto o olhar. Observo a lontra virando de barriga e se encolhendo em cima de uma toalha azul que foi deixada no canto para ele. As feridas estão quase imperceptíveis: algumas lacerações nas costas e na lateral, um corte na pata traseira. Eu nem teria visto se Quint não tivesse mostrado.

— Ele vai ficar bem?

— Ah, vai, ele vai para o pátio em pouco tempo e depois vai voltar para o mar.

Nós nos afastamos do novo paciente. Estamos com o segundo turno do dia, e o tempo de preparar a comida foi bem mais rápido. Quint e eu passamos um pouco mais de uma hora limpando a cozinha e lavando a louça, depois separando a entrega de peixe para a refeição do dia seguinte.

— O que o Jude está fazendo enquanto você se mata de trabalhar? — pergunta Quint enquanto eu seco mamadeiras e arrumo num armário.

— Ele está trabalhando na loja de discos este verão.

Quint me olha com surpresa.

— Na Ventures?

— É.

— É mesmo? Parece uma coisa meio… hipster. Para o Jude.

Dou uma risada, em parte porque a ideia da loja dos meus pais ser de "hipster" me parece hilária.

— Ah, sim, o Jude não combina nadinha. Mas nossos pais são os donos da loja. Você não sabia?

Ele me olha com surpresa.

— Não. Que legal. Tem anos que eu não vou lá.

— Você e 98% da população da cidade. — Eu suspiro, pensando no otimismo inabalável do meu pai, em sua certeza de que os negócios vão melhorar agora que os turistas estão chegando. Mas estou começando a ver rachaduras em sua aparência tranquila. — Você sabia que está havendo uma volta a discos de vinil há uma década? De repente, passou a ser coisa da moda de novo, e os fãs incondicionais falam sem parar sobre a qualidade superior de som e como é bom colecionar e que a música digital — eu curvo os dedos de forma dramática —

sugou a vida da música.

Ele ri.

— Mas, infelizmente, o aumento nas vendas de vinil aconteceu ao mesmo tempo que o aumento mais rápido no valor das propriedades da história de Fortuna Beach. Meus pais não falam sobre essas coisas com a gente, mas eu os ouço conversando às vezes e sei que estão preocupados. A loja está naquele lugar há 17 anos. Pode não ser o ponto mais popular da cidade, mas eles vendem coisas legais e é uma espécie de ponto turístico, né? Mas se o aluguel subir de novo… — Balanço a cabeça e olho para Quint com um pedido de desculpas. — Desculpa. Eu não pretendia ficar resmungando.

Mas ele está assentindo com solidariedade.

— Não é irônico? A economia está ótima, mas sempre é difícil para os menores.

Ele fala de um jeito quase sábio quando diz isso, e eu me pergunto se são palavras que a mãe dele falou no passado. Afinal, mais riqueza na comunidade deveria beneficiar todo mundo. Só que, se a riqueza não é distribuída…

Minha cabeça gira. Mal posso *esperar* para fazer economia na faculdade, para que tudo isso comece a fazer sentido.

— Mas não quero passar a mão na cabeça dos meus pais. Eles tiveram a oportunidade de comprar o imóvel muito tempo atrás, mas minha mãe tinha acabado de engravidar de novo e eles acharam que não poderiam pagar. Mas, se tivessem feito escolhas diferentes, estariam com uma mina de ouro imobiliária agora em vez de estressados com o aluguel do mês que vem.

Quint dá de ombros.

— Decisões como essa sempre parecem diferentes quando estão no passado. Além do mais, eles queriam filhos. Não podemos culpá-los por isso.

Faço uma careta.

— Eles já tinham gêmeos. Precisavam mesmo fazer mais três bebês?

— Lembra que eu sou o cara que tem inveja por você ter irmãos. Você não vai encontrar pena aqui.

Eu coloco a última mamadeira no armário e fecho a porta antes de olhar para ele, o avaliando.

— Quer uma? Podemos fazer um acordo ótimo pela Lucy.

— Ela é a pequena?

— Não, a pequena é Ellie. Lucy tem treze anos.

Ele faz uma careta.

— Ai. Acho que minha capacidade de irmão mais velho não está pronta para uma adolescente.

— Ninguém nunca está. Você sabe como é. A não ser que a adolescente seja eu. Sou um modelo de filha.

— Eu quero tanto debochar de você por essa frase — diz Quint quando penduramos nossos aventais —, mas algo me diz que deve ser verdade.

Nós subimos a escada para a sala de descanso, que tem uma mesa estreita e comprida e cadeiras que não combinam. Minha mochila está pendurada num gancho na parede, e eu a pego e procuro as pastas e papéis que tinha levado no encontro do dia anterior, apesar de ter ficado acordada por duas horas à noite fazendo alterações.

Quint se senta em uma das cadeiras. Alguém levou uma caixa de donuts, e ele passa alguns momentos avaliando as opções antes de escolher um coberto de canela e açúcar.

— Quando terminar aqui, vai usar seu conhecimento de negócios pra ajudar seus pais? Você pode fazer uma campanha na comunidade: Salvem a Ventures Vinyl!

Eu entrego uns papéis para Quint e me sento na frente dele.

— Não sei. Quer dizer… acho que é possível. Mas eu sempre vi como um problema que eles tinham que resolver.

— O centro também não era problema seu.

— É, mas… — Paro de falar.

— Ah. É. Você só veio por causa da nota.

— Não é verdade. — Eu faço uma pausa. — Não mais.

Um sorriso surge em seu rosto, mas ele rapidamente se esconde atrás de um dos papéis e começa a ler minhas anotações. Ainda estou pensando na loja de discos, me perguntando se eu *poderia* fazer diferença. Não trabalhando como funcionária recebendo salário mínimo, mas usando o mesmo tipo de ferramenta que quero usar para ajudar o centro. Marketing. Publicidade. Redes sociais. Eu sei que tem lojas de disco que estão indo muito bem, que não pagam as contas com dificuldade todos os meses.

Por que a Venture Vinyl *não pode* ser uma delas?

— Prudence?

Volto a atenção para Quint.

— Desculpa. Eu estava distraída.

Uma coisa de cada vez, digo para mim mesma. Já dediquei meu verão ao Centro de Resgate de Animais Marinhos de Fortuna Beach. A loja dos meus pais durou até agora; vai sobreviver mais alguns meses.

— Isso me parece familiar — diz Quint. Ele está olhando para a lista de ideias de arrecadação que eu compilei dois dias atrás enquanto come o donut.

— É, mas a gente não chegou a discutir nenhuma das opções.

— Um baile? — questiona ele, lendo o papel. — Por que as garotas gostam tanto de bailes?

— Bailes fazem gente rica doar muito dinheiro. Você oferece vinho e petiscos e faz um leilão, e a pressão dos outros para parecer generoso é tão grande que as pessoas ricas vão à loucura dando lances maiores do que os outros.

Ele lambe o açúcar dos dedos.

— E quanto custaria dar um baile chique?

Eu reflito.

— Cinco, dez mil dólares?

Ele fixa um olhar em mim.

— Deixa pra lá, um baile não. — Pego a réplica da lista que guardei para mim e risco esse item. — Que tal abrir o centro ao público? Digamos que, um dia por semana, as pessoas possam vir ver os animais, e nós poderíamos ter voluntários que contariam sobre questões ambientais e como se envolver. Vocês poderiam cobrar entrada… — Paro de falar. Quint está balançando a cabeça para mim.

— A gente fazia isso — diz ele, entrelaçando as mãos atrás da cabeça e inclinando a cadeira tão para trás que é puro desafio à gravidade ele não cair. — Nós abríamos para o público aos sábados e domingos. Mas é preciso ter muitos voluntários pra isso funcionar, e nossa equipe não gostou porque não sobrou tempo suficiente pra fazer o trabalho de verdade.

— A gente arruma mais voluntários.

— Como?

— Vamos fazer propaganda convocando.

— Com que dinheiro?

Eu levanto as mãos.

— Tudo bem, estou vendo o que está acontecendo. Isso é uma profecia autorrealizável. Ninguém sabe sobre o centro e por isso não pode apoiar. E, se ninguém apoiar, o centro não ganha dinheiro. E se o centro não ganhar dinheiro, não é possível organizar eventos e nem fazer propaganda nem coisas que vão informar mais gente sobre o centro!

— Exatamente. — Quint indica meu bloco. — Por sorte, nós temos Prudence Barnett trabalhando no caso. Você é a pessoa das ideias. Quais são elas?

— Eu estou tentando falar delas há três dias, mas cada vez que eu faço, ou sou interrompida ou sou coagida a fazer algum esporte aquático.

Quint franze o nariz.

— Snorkel não é bem um esporte.

Eu suspiro.

— Você não está ajudando muito. — Bato com a ponta da caneta na boca e olho para todas as ideias na lista. Não vou dar a ele a satisfação de dizer *de novo*, mas Quint pode estar certo. Ou, pelo menos, ele fez uma observação válida, com a qual estou lutando desde que a ideia de arrecadar dinheiro para o centro entrou na minha cabeça. Se houvesse dinheiro sobrando, nós teríamos muito mais opções.

Estou começando a entender o adágio: é preciso de dinheiro para ganhar dinheiro.

Percebo que Quint ficou estranhamente quieto e olho para cima.

O olhar dele está grudado nos… meus lábios? Meu batom está borrado? Eu levo a mão à boca no momento em que Quint se dá conta de que estou olhando para ele e volta a atenção para a caixa de donuts. Ele pega outro, com recheio de frutas vermelhas e açúcar de confeiteiro em cima, mas o corta no meio em vez de comer inteiro. Dá uma mordida enorme, ainda sem olhar para mim. Um pouco de açúcar cai na camiseta amarela dele.

Eu abaixo a mão com uma certa vergonha e aperto a caneta.

— Sua… hã… mãe disse que vocês já fizeram eventos de arrecadação de fundos. Você sabe se tem registros disso guardados? Será que a gente pode olhar, ver o que deu certo e o que não deu?

Ele pensa nisso enquanto mastiga.

— Shauna deve ter alguma coisa que a gente pode olhar — diz ele. — Pelo

que me lembro, eventos de arrecadação *geram* dinheiro, mas… nunca o suficiente. E nós temos doadores constantes, pessoas que nos dão cheques gordos todos os anos. Mas, novamente…

— Nunca é suficiente — concluo. — O que vocês fazem pra cultivar essas relações?

— Como assim?

— Tipo, a sua mãe envia cartões manuscritos de agradecimento pra essas pessoas? Convida pra passeios especiais no centro? Será que a gente não pode deixar que *elas* batizem alguns animais?

Quint me encara.

— Mas essas pessoas já estão dando dinheiro.

— É, *agora*. Mas essas poucas coisas não custariam quase nada e podem impedir que vocês percam uma fonte de renda grande. Há um bilhão de caridades diferentes por aí. Se alguma outra chamar a atenção delas e elas começarem a achar que seus donativos podem fazer mais diferença em outro lugar…

A compreensão surge nos olhos de Quint. Ele pega uma caneta e começa a escrever alguma coisa no canto do papel.

— Vou falar com a minha mãe — diz ele. — Mas não ajuda a conseguir mais dinheiro.

— Não, mas é bom saber que as pessoas que se envolvem com o centro costumam continuar. Ter doadores regulares significa que vocês não vão começar do zero todos os anos. Então… como a gente faz as pessoas doarem e como faz com que se importem a ponto de continuarem ajudando?

Quint não diz nada. Ele termina o donut e limpa a mão em um guardanapo.

— Eu acho mesmo que nós precisamos trabalhar no ângulo local — digo. — Se alguém em Milwaukee quiser salvar os animais marinhos, essa pessoa vai dar o dinheiro para o World Wildlife Fund ou algum outro assim. Não vai pensar no centro de resgate da pequena Fortuna Beach. Mas as pessoas que moram aqui e visitam… elas se importam. Ou deveriam. Nós temos que estabelecer o centro como parte da comunidade.

Quint amassa o guardanapo e o joga na lata de lixo, do outro lado da sala. Ele não diz nada, e tenho a sensação clara de que está esperando que eu revele uma estratégia grandiosa e brilhante. E acho que foi isso que prometi. Mas, embora

eu tenha tido muitas ideias, nenhuma parece suficiente. Do tipo que tenha potencial de trazer tanto em doações que faria o tempo e o gasto valerem.

Minha atenção é atraída por uma fila de fotos emolduradas na parede atrás do Quint. Eu já tinha reparado nelas, mas não parei para olhar. Meus olhos se apertam em pensamento.

Empurro a cadeira para trás, me levanto e vou até lá. Sinto os olhos do Quint em mim enquanto observo a primeira foto. Meu estômago fica embrulhado, mas eu me obrigo a olhar. A imagem mostra um leão-marinho deitado em uma piscininha de plástico, talvez uma das que vi no pátio, com um cobertor nas costas. A carne em volta da boca está tão perfurada de anzóis que parece que ele foi a uma convenção de piercings.

— Que horror — sussurro.

— Esse é o Capitão Gancho — diz Quint.

Olho para a foto seguinte. Mostra um elefante-marinho na praia, com linha de pesca enrolada no pescoço e em uma das nadadeiras, cortando tão fundo que deixou uma fileira de rasgos. Fico meio orgulhosa de mim mesma por conseguir identificar que é macho, embora seja bem óbvio com elefantes-marinhos, pois só os machos têm aquele focinho estranho que parece uma tromba e que lhes dá o nome. Na minha opinião, são os animais menos fofos dos que tratamos ali, mas não deixo de sentir um aperto no coração ao ver o pobrezinho sofrendo de forma tão evidente.

A terceira foto mostra o que parece, num primeiro olhar, ser apenas uma pilha de lixo na praia, sacos plásticos e redes de pesca. Só olhando melhor é que percebo que tem uma tartaruga marinha enrolada, quase enterrada embaixo. Minha mão se aperta enquanto olho, e eu queria poder punir a pessoa que jogou o lixo no mar ou deixou na areia. Mas o universo fica quieto. Não sinto o movimento suave no fundo do estômago, como senti quando essa magia funcionou antes. Afinal, aqueles animais foram feridos muito tempo atrás. Aquele lixo poderia ter sido jogado fora semanas, meses… até mesmo anos antes de ter feito *aquilo*.

Uma ideia me ocorre. Eu solto um ruído e me viro para olhar para Quint. Ele deve ver alguma coisa no meu rosto, porque coloca os pés no chão e se senta ereto, pronto para ouvir.

— Uma limpeza na praia! — exclamo. — Vamos organizar uma limpeza na

praia.

VINTE E TRÊS

Em vez de ser tomado de inspiração repentina como eu, Quint parece em dúvida.

— Você quer que as pessoas vão catar lixo?

— É! Lembra? As pessoas *querem* fazer parte da solução, mas primeiro você precisa mostrar um jeito fácil e conveniente de fazer isso.

— Que generosidade delas — diz ele secamente.

— Estou falando sério. — Dou um tapa no ombro do Quint e me sento na cadeira ao lado dele. Estico a mão sobre a mesa, pego o caderno e puxo para perto. No alto de uma página em branco, escrevo “Limpeza na praia”. — A maioria das pessoas tem boas intenções, só falta iniciativa. Se você fizer com que pareça divertido e fácil, se fizer com que elas ganhem alguma coisa, dá pra convencê-las a fazer praticamente qualquer coisa.

Quint vai marcando nos dedos.

— Um: é uma visão bem pessimista da humanidade, essa aí. Dois: nós não temos nada a oferecer pras pessoas porque, novamente, não temos dinheiro. E, três: como exatamente uma limpeza na praia vai gerar dinheiro para o centro? Porque… vide o número dois.

Eu o ignoro. Minha mente está em disparada, correndo a cem quilômetros por hora. Já estou escrevendo, conforme as ideias e possibilidades vão surgindo. Quint se inclina para frente e lê sobre meu ombro.

— Nós não precisamos oferecer nada de valor *monetário* — digo quando minha explosão inicial de inspiração passa. — Se fizermos parecer importante, algo que todo mundo vai fazer, as pessoas vão só pela pressão social. Afinal, ninguém quer ser a única pessoa da comunidade a *não* aparecer pra ajudar. Muita coisa boa pode resultar da vergonha pública.

— Novamente: uma visão pessimista da humanidade.

— Mas tem outros jeitos de recompensar as pessoas. Talvez a gente consiga patrocínio das lojas da região. Tipo… todo mundo que encher um saco de lixo ganha uma casquinha no Salty Cow, coisas assim.

Quint resmunga, e embora não fale em voz alta, percebo que ele acha que a ideia tem potencial.

— E quanto a arrecadar dinheiro para o centro, vamos botar um pote de donativos para as pessoas que quiserem doar, mas não vai ser nosso objetivo principal com isso. Vai ser uma divulgação pela comunidade. Afinal, eu morei aqui a vida toda, mas, quando você falou do centro, achei que era uma coisa da sua cabeça. Então agora nós temos que nos concentrar em espalhar a notícia. Quem nós somos, o que fazemos… Quem sabe, encorajar as pessoas a virem ser voluntárias de vez em quando? Nós vamos montar uma mesa com uma lista pras pessoas entrarem na lista de divulgação.

— Nós não temos lista de divulgação.

— Ah, mas vamos ter. — Eu pisco para ele. Ele parece sobressaltado por um momento, mas já voltei minha atenção para o papel. — Mas nada disso faz diferença se não conseguirmos fazer as pessoas comparecerem. A gente vai ter que oferecer mais do que sorvete de graça se quisermos que elas abram mão de algumas horas preciosas do fim de semana.

— Concordo.

Minha empolgação está fervendo tão rápido que tenho que morder o lábio. Quint me olha com curiosidade e parte de mim quer deixá-lo no suspense, mas a ideia é tão boa, tão brilhante.

Empurro a cadeira para trás para poder encará-lo de frente. Sentindo que vou chegar em algo grandioso, ele também vira o corpo para mim.

— Com que frequência a gente solta os animais de volta no mar agora?

Ele pensa e dá de ombros.

— Nós soltamos alguns quase duas semanas atrás. É provável que dê pra soltar Pepper e Tyrion em alguns dias… — Ele para de falar. E arregala os olhos. — Ah, meu Deus, Prudence. Isso é genial.

Eu estou com um sorriso largo.

— A gente diz pras pessoas que elas vão poder testemunhar alguns daqueles animais adoráveis sendo devolvidos ao mar. Vamos transformar numa grande

comemoração. As pessoas vão fazer fila pra ver isso.

— Você está certa — diz Quint. — Eu já devo ter ido a centenas de eventos de devolução de animais ao mar desde que era criança, mas nunca canso.

Fico surpresa de sentir um arrepio feliz ao pensar em estar lá quando alguns animais do andar de baixo forem devolvidos à água.

Quint estala os dedos.

— O festival.

— O quê?

— O Festival da Liberdade do Quatro de Julho. É no outro sábado e a praia sempre fica imunda depois. A gente devia fazer isso no domingo. Vai ter um monte de lixo a ser recolhido e podemos vender o evento dizendo que temos uns animais prontos pra voltarem ao mar, mas não podemos soltá-los com tanto lixo pra todo lado. A gente trabalha junto pra limpar a praia e, quando acabar, a gente comemora soltando os bichos.

Eu estou sorrindo para ele.

— É perfeito. A gente pode anunciar no festival. Pode até brincar com o nome. Algo do tipo "Na comemoração da Independência, não comemore apenas a sua liberdade… comemore a deles", com uma foto dos animais que vamos soltar. A gente pode fazer folhetos e pôsteres e coisas feitas para o festival.

— Adorei. — Quint levanta a mão para um *high five*, mas quando bato a mão na dele, ele fecha os dedos nos meus e aperta. Meu coração dá um pulo. — Ótimo debate de ideias.

Eu dou uma risada.

— Vai, time.

Os olhos dele se enrugam nos cantos, e sei que ele está pensando em todos os nossos trabalhos de laboratório que foram um fracasso. Sei porque também estou pensando nisso e me perguntando se é possível que eu só não tenha dado a nós, ao *time* nós, uma chance.

Quint solta a minha mão.

— Eu posso criar os folhetos e pôsteres.

Balanço a cabeça.

— Não, tudo bem. Eu posso fazer. E vou ligar pra alguns comércios da região. Talvez a gente consiga uns patrocinadores. E também vou falar com o festival pra ver se tem espaço pra mais uma barraca e se nos dão desconto na

tarifa, considerando nosso status de sem fins lucrativos. E, ah! Vou encomendar bottons pra dar pra todos os vendedores! Podem dizer alguma coisa do tipo “Eu apoio a vida selvagem de Fortuna Beach! Pergunte como você também pode ajudar!” — Começo a anotar meus pensamentos no bloco de novo. Estão vindo tão rápido que meu pulso está começando a doer quando termino.

— Tudo bem — diz Quint lentamente. — E o que você quer que eu faça?

— Nada, por enquanto. Pode deixar comigo. Sabe o que mais? Vou fazer uns adesivos. Será que dá tempo de chegar? Mas a gente pode botar em todas as latas de lixo do festival, com encorajamentos fofos…

— Prudence.

Olho para ele.

— O quê?

Ele abre as mãos, uma pergunta nos olhos.

Eu pisco.

— O quê?

— Eu sou perfeitamente capaz de elaborar os folhetos e pôsteres. E bottons e adesivos também.

Eu abro a boca para responder, mas hesito. Tento de novo.

— Está tudo bem. Eu faço hoje à noite. Encomendo tudo e…

— Enquanto eu faço o quê exatamente?

Ele não parece mais feliz. Na verdade, está começando a parecer irritado.

Um pouco exasperada, eu indico a fileira de janela com vista para o pátio atrás do prédio, cheio de focas e leões marinhos. De um modo geral, o barulho deles virou ruído branco, quase imperceptível, mas de vez em quando algo os empolga no pátio e eles começam uma barulheira maior ainda.

— Você tem coisas pra fazer aqui, né? Piscinas pra limpar, essas coisas?

— Ah. Então eu sou só o cara do trabalho manual?

Franzo a testa.

— O que você está falando? Eu só estou dizendo…

— Você está dizendo que não confia em mim.

Meu queixo desce e sobe de novo.

— Você está dizendo que pode fazer melhor. Sozinha. Sem a minha ajuda.

Estou encurralada. Eu sei que estou. Ele sabe que estou.

— Bom… mas isso não é…

As pernas da cadeira dele fazem um ruído agudo quando ele se afasta da mesa e se levanta.

— Eu sabia que era uma ideia ruim. Sabia que ia me arrepender.

Olho para ele, boquiaberta.

— Quint, para. É isso que eu faço. Eu me planejo. Eu me preparo. Sou perfeccionista. Gosto de estar no controle das coisas. Você sabe disso! E, falando sério, qual é o problema? Você se livra do trabalho! Vai ajudar sua mãe ou… ou fazer o que quer que você faça. Eu posso resolver isso. É bom pra todo mundo.

— Não! — Ele se vira para mim. — Você não percebe? Esse é o problema. *Você* é o problema!

Fico sem ar como se eu tivesse levado um chute no peito.

Quint passa a mão pelo cabelo.

— Não… não *você* — corrige. Soltando um som gutural, ele chega mais perto e segura o encosto da cadeira da qual tinha se levantado. — Tudo bem. Você gosta de estar no controle. Não confia na ajuda das pessoas porque tem medo de elas fazerem besteira. Eu entendo… mais ou menos. Mas não aceitei trabalhar com você neste verão só pra repetir a aula de biologia toda de novo. *Isso* — ele indica o espaço entre nós — não vai dar certo.

Isso? O que ele quer dizer com *isso*?

O projeto de biologia? A limpeza da praia? Ele e eu?

— Desculpa — digo lentamente, com um tom afiado como faca na voz, porque, droga, eu ainda estou magoada com o comentário de que "*você* é o problema". — Mas eu não entendo qual é a questão. Dois minutos atrás, achei que a gente tivesse um plano. A gente está finalmente chegando a algum lugar. E, de repente… o quê? Eu sou controladora demais e você não suporta a ideia de trabalhar comigo ou…?

— Meio isso. É. Na verdade, é exatamente isso.

Eu olho para ele, consternada. Sinto um calor subir pelo meu pescoço e fecho a boca. Nós nos encaramos, e eu acho que ele talvez esteja querendo que eu ceda primeiro, mas isso é ridículo demais. Estou oferecendo de fazer todo o trabalho aqui. De garantir que tudo esteja perfeito. E daí se o orgulho dele está meio ferido? A questão é o que é melhor para o centro, não para ele!

Eu me viro e começo a recolher os papéis e botar numa pilha ordenada o mais rápido possível.

— Tudo bem. Eu também não estava animada de trabalhar com você de novo.

— Prudence…

— Não. Deixa pra lá. Desejo *toda* sorte do mundo pra você e para o centro.

Quint estica a mão e tira a pilha de papéis das minhas mãos.

— Você pode parar de mexer nos papéis e me ouvir?

— Por que eu deveria? — grito, ficando de pé. — Pra ouvir mais como eu sou difícil? O quanto você odiou trabalhar comigo? Tenho uma novidade, Quint! Os últimos nove meses também não foram nada divertidos pra mim!

— Não é culpa minha! — grita ele.

— É tudo culpa sua! — Faço um som irritado e aperto os punhos. Por favor, Universo. Por favor, jogue sua ira nele. Por falar comigo assim. Por me fazer sentir que tem alguma coisa errada comigo. Por rejeitar as minhas ideias, a minha ajuda, *eu*. — Se você não fosse tão inconstante e irresponsável, talvez eu pudesse confiar em você! Mas como posso saber que você não vai fazer besteira? — Bato o pé com uma certa petulância, mas não me importo. — É melhor se eu fizer sozinha! — Tiro os papéis da mão dele. Uma beirada raspa em um dos meus dedos. — Ai!

Eu jogo os papéis na mesa e examino a ferida. Claro, é só um corte de papel, mas foi fundo. Olho com aborrecimento para o teto, para o céu, para o universo.

— É sério? — grito.

Quint bufa e vira de costas para mim. Acho que ele vai embora batendo os pés, o que me irrita mais. Sou *eu* que tenho que ir embora!

Mas ele não sai. Ele abre uma gaveta, remexe por um minuto e volta. Está segurando uma caixa de curativos. Ele não olha para mim quando abre a caixa, tira um Band-Aid e rasga a embalagem. E oferece para mim.

Eu pego o Band-Aid da mão dele e enrolo no dedo. Ainda estou furiosa. Percebo que ele também está. Mas nossas últimas palavras ríspidas começaram a se dissipar no silêncio, e quando Quint finalmente fala, o tom dele está controlado, ainda que frustrado.

— Eu queria ajudar com os nossos trabalhos. Mas, nas primeiras duas semanas, você já estava convencida de que eu era um parceiro de laboratório inútil. Eu fiz anotações, mas você fazia melhores. Desenhei gráficos, mas você ia pra casa e fazia gráficos de setores digitais. Medi o sal para aquele… aquele experimento de água salgada sei lá quando. E você, na mesma hora, foi medir

tudo de novo. Você verificava duas ou três vezes tudo que eu fazia. Em um determinado momento, ficou claro que nada do que eu fizesse seria bom o suficiente, então pra que tentar? — Ele dá de ombros para mim, mas o gesto não é nada indiferente. — Eu parei de ajudar com os trabalhos do laboratório porque você não queria ajuda.

Fico parada sem dizer nada, a mandíbula contraída. Parece que tem uma nuvem de tempestade entre nós, se preparando para soltar um raio, embora eu não saiba qual de nós será acertado.

— E, sim — continua ele —, eu sei que sou péssimo de ortografia e não sou um ótimo escritor nem nada, mas não sou inútil. Criar coisas? Tipo folhetos e pôsteres? Eu sou bom mesmo nisso. Você viu o trabalho, não viu?

Meus ombros relaxam só um pouco quando penso no relatório. Nas colunas, nas legendas, nas fontes.

— É, mas eu achei…

Ele espera, me desafiando a terminar a frase.

Engulo em seco.

— Eu achei que você tinha feito download de um template gratuito, sei lá.

— Claro que foi isso que você achou. — Ele balança a cabeça. Suspira profundamente. E desaba em uma cadeira. Não a cadeira em que ele estava antes. Isso deixa aquela cadeira vazia, um muro entre nós.

Eu aperto o Band-Aid, sinto o ardor do corte embaixo e me sento timidamente na cadeira também.

— Não foi template — disse ele. — Eu não sou completamente incompetente.

— Eu não falei que você era incompetente.

Ele me olha com cansaço.

— Falou, sim. Talvez não com palavras, mas foi isso que você disse o ano todo.

Engulo em seco. A culpa está começando a coçar na minha garganta e estou tendo dificuldade de manter a raiva se não consigo negar totalmente o que ele está dizendo. A verdade é que eu achei que ele era incompetente. Ou, pelo menos, que não era capaz de trabalhar nos *meus* padrões. E talvez eu ainda ache isso.

— Olha — digo, tentando manter o tom controlado —, eu não estou tentando

ser difícil. Só sei que, quando eu faço uma coisa, sei exatamente o que vou obter. Não preciso me estressar, não preciso me preocupar se vai ser feito como eu quero que seja, se vai ficar bom ou se será feito no prazo. E, sim, sei que a minha vida provavelmente seria bem mais fácil se eu conseguisse dizer, quer saber? Quem se importa? São só folhetos e pôsteres. Não é nada de mais. Que outra pessoa resolva. Mas eu *não consigo*. Não consigo aceitar… — Tenho dificuldade de encontrar as palavras certas.

Quint as encontra para mim.

— Trabalho bosta?

Faço uma careta.

— Eu estava tentando encontrar um jeito legal de falar.

Ele fecha os olhos, obviamente decepcionado.

— Só para deixar registrado — acrescento —, o trabalho ficou bonito. Mais bonito do que se eu tivesse feito, provavelmente.

Os lábios dele se curvam sem humor para o lado.

— Valeu por isso — murmura ele. — Tenho certeza de que não foi fácil pra você admitir. — Quint suspira e me olha de novo. — Prudence, eu não estou pedindo pra você aceitar trabalho bosta. Estou pedindo pra aceitar que talvez, só talvez, eu possa ser melhor do que você em algumas coisas. Tipo… aquele quadro da apresentação que você fez, sabe? Devia ter me deixado cuidar daquela parte.

Franzo a testa.

— Qual era o problema com o quadro?

Ele me olha de um jeito que diz que eu nem devia ter que perguntar.

— Pra começar, você usou a fonte Papyrus nos cabeçalhos.

— E daí? Qual é o problema da Papyrus?

Ele faz um som de ânsia de vômito.

Cruzo os braços, ofendida.

— O quadro estava ótimo.

— Sinto muito, mas eu teria feito melhor. E a gente poderia ter usado as minhas fotos. Pra ficar uniforme com o relatório. O projeto todo poderia ter ficado tão melhor se não tivesse insistido em fazer tudo sozinha. E se você não consegue ver isso… — Ele balança a cabeça, ergue as mãos de exasperação e levanta da cadeira. — Deixa pra lá. A gente tá andando em círculos agora.

— As *suas* fotos? — questiono, também me levantando. Eu olho para a parede, para as fotos emolduradas de novo. Embora as três fotos não estivessem no relatório, elas são parecidas com as que estavam. — Quint. Você tirou essas daqui?

Ele se vira para a parede, como se precisando ser lembrado do que havia lá.

— Eu achei que você soubesse.

— E as do trabalho também?

Ele não responde e nem precisa.

Meu olhar percorre a fileira de fotos, cada uma bem emoldurada. Elas são lindas, todas cheias de emoções que acertam a boca do estômago. Poderiam estar em uma exposição de galeria de arte. Elas merecem algo melhor do que aquela sala de descanso feia, pelo menos.

— Aí! Isso! — diz Quint, apontando para o meu rosto.

Eu tenho um sobressalto.

— O quê?

— É isso que eu estou pedindo. Só um pouco de apoio. É tão difícil?

Dou uma risada, mas o som sai meio atordoado. Porque… talvez eu esteja assim. Estou impressionada, o que já é bem estranho.

— Quint, essas fotos são ótimas. Ótimas mesmo.

Ele dá de ombros.

— Que nada. Quer dizer, o assunto é bem intenso, então…

— Não, é mais do que isso. Eu fiz um curso de fotografia de uma semana no Fundamental II e o professor sempre falava de luz e sombra e ângulos e… Sei lá. Eu não aprendi direito. Não tinha olho pra fotos, sabe? Mas essas…

— Ah, caramba. Estou ficando vermelho.

Eu me viro para ele, e apesar de ele ter falado com tom de brincadeira, parece mesmo estar um pouco constrangido.

— Você é um artista — digo, meio impressionada.

Ele solta um som de gargalhada alta.

— Hã, não. É só um hobby. Quer dizer… sei lá. Eu já achei que poderia ser legal ser fotógrafo, talvez, um dia. Adoraria fazer fotografia submarina. — Ele balança a mão. — Mas provavelmente não vai rolar.

Eu olho para cima devagar e o encaro. Os olhos desse garoto que, no fim das contas, eu nem conheço direito. Nós nos sentamos juntos por dois semestres

inteiros, mas parece que tem um estranho parado na minha frente.

Artista. Voluntário. O tipo de pessoa que resgata lontras no tempo livre.

Ele está com as mãos enfiadas nos bolsos, parecendo quase envergonhado enquanto olha as próprias fotos. Enquanto eu fiquei sem ar por conta delas, vejo que ele as está criticando em pensamento. Algo me diz que ele não faz ideia de como são boas.

E a verdade é que eu não teria como dizer com certeza absoluta que são boas. Não tenho olhar de artista. Não sei sobre luz e sombras, ângulos e dimensões. Só sei que, quando eu olho para aquelas fotos, elas fazem uma mistura de emoções explodir em mim. Elas me fazem *sentir*.

— Me desculpa — digo. — Me desculpa por não ter confiado na sua ajuda nos trabalhos.

Ele demora um segundo, mas, quando responde, a voz dele está leve, quase jovial. O Quint relaxado de sempre.

— Eu te perdoo — diz ele. Fácil assim. — Mas primeiro posso pegar meu celular e gravar você dizendo isso? Pra referências futuras.

Faço cara feia, mas não tem calor por trás da minha careta. Olho para as fotos.

— Você poderia vendê-las, sabia?

Ele ri.

— Estou falando sério. Na verdade… — Eu aponto para a imagem da tartaruga marinha presa no lixo. — Eu acho que essa é a imagem que a gente devia usar nos pôsteres pra limpeza da praia. Se bem que — dou de ombros para ele — o designer é você, então a decisão é sua.

VINTE E QUATRO

—Oi! Eu sou do centro de resgate de animais marinhos da cidade. Nós vamos dar uma festa de limpeza da praia amanhã, bem aqui, onde vamos soltar quatro focas de volta no mar. Espero que vocês se juntem a nós!

Já falei alguma versão desse discurso tantas vezes que está começando a perder o significado. As palavras se aglutinam. Se misturam na minha boca. Mas eu fico sorrindo, continuo em movimento. Estou com uma sacola cheia de folhetos azuis com os detalhes da limpeza da praia, e… sim, o Quint arrasou. Quer dizer, *nós* arrasamos, porque eu insisti para que ele me deixasse revisar o texto antes de mandar imprimir o lote todo e acabei pegando dois erros de digitação e um de ortografia. Mas tenho que admitir que o produto final ficou bem melhor do que teria feito se o trabalho fosse meu.

Os folhetos ficaram chamativos. Simples e eficientes. Atrás, Quint até incluiu biografias curtas das focas que vamos soltar: onde e como foram encontradas, o que havia de errado com elas e comentários sobre as personalidades. Além do mais, cada uma tem uma foto. Mesmo em preto e branco e meio granuladas, as fotos ficaram fantásticas, e as reações das pessoas parecem universais. Um ofego surpreso, seguido de um *aww* baixinho que chega a um suspiro agridoce. A reação pode não ser original, mas dá para perceber que é sincera. As pessoas ficam tocadas pelas histórias dos animais. Espero que isso se reflita na presença e nos donativos.

Faço uma pausa para tomar um gole de água da garrafa na minha bolsa. O festival começou às nove da manhã, mas ainda tem gente chegando na praia, e vai continuar a chegar até o pôr do sol, com a promessa de um show de fogos em uma barca na baía.

De onde estou, vejo a fileira de carros se prolongando pela rua Main, com as pessoas procurando desesperadamente vagas que não existem mais. Os moradores de até três quilômetros de distância vão faturar uma graninha hoje por permitir que as pessoas estacionem em seus gramados por vinte pratas por veículo.

Uma fila comprida de tendas está montada junto aos penhascos e ao calçadão, vendendo de tudo, desde alimentadores artesanais de pássaros a pacotes de temperos. Estou sufocada com o cheiro de protetor solar e o chiado de linguiça fritando na churrasqueira de carvão de uma pessoa vendendo cachorro-quente. Colocaram uma corda para manter um caminho livre para as pessoas fazerem compras, mas, fora isso, a praia está lotada de cobertores, toalhas, cadeiras e guarda-sóis. Eu nunca a vi tão cheia.

Vejo Jude perto da água. Ele me olha e acena. Ari está um pouco depois dele, conversando com uma mulher vendendo sarongues e camisetas de tie-dye. Eu os recrutei para ajudarem a distribuir folhetos hoje, e até Ezra, o melhor amigo do Quint, apareceu para ajudar, embora ele alegue que seja só porque o fim de semana de Quatro de Julho é quando as gatas aparecem. Eu o lembrei de que ele está representando o centro hoje e que não era para assediar sexualmente as turistas. E armei todos com folhetos azuis e expliquei o máximo de detalhes que consegui sobre a limpeza do dia seguinte, tentando encher a cabeça deles de expressões como *alcance da comunidade* e *despertar conscientização* e *liberdade para a vida selvagem da região*. Isso até Jude me silenciar com um olhar que ele aperfeiçoou ao longo dos anos. O que me avisa que passei de compartilhar informações úteis ao que ele chama de “Pru-splaining”. Que, de acordo com ele, é quase tão ruim quanto *mansplaining*.

De um modo geral, estou me sentindo bem. Apesar de Quint e eu termos tido menos de duas semanas para organizar o plano, estou animada de estar finalmente acontecendo. Sinto que vai ser um sucesso.

Além do mais, o universo está do meu lado.

Entrego alguns folhetos para uma família grande que criou um palácio de toalhas e toldos. Está na cara que são pessoas que vivem na praia, pois se lembraram de levar tudo, desde uma caixa de som Bluetooth portátil a minimesas e um balde de gelo com uma garrafa de champanhe rosa, apesar de, em tese, não ser permitido consumir álcool na praia. Mas é uma regra com a qual

ninguém parece se preocupar a ponto de aplicar. A família parece entusiasmada e diz que vai adorar participar da limpeza.

Eu me afasto praticamente saltitando.

Volto a atenção para Quint e, só quando o vejo, percebo que uma partezinha de mim o estava procurando desde… bom, desde que eu o perdi de vista pela última vez. Ele está com uma câmera na mão. Não celular, uma câmera de verdade, com uma lente grande e botões no alto que fazem coisas que eu não entendo. Não é o tipo de coisa que se levaria para a escola — deve pesar uma tonelada e ser bem frágil —, mas é estranha a sensação de nunca tê-lo visto com ela antes. Ao vê-lo agora, fica claro que ele está à vontade, ajustando a câmera com calma e confiança. Quint se agacha para tirar uma foto de alguma coisa na areia, e quero desesperadamente saber o que é. Ele se levanta, olha ao redor e tira uma foto do horizonte. E de um grupo de crianças brincando com um siri. Tira fotos dos guarda-sóis, de toalhas vazias e coolers abandonados, de um surfista parado com a prancha olhando para as ondas.

Quint faz uma pausa e dá uma volta de quase um círculo inteiro, olhando em volta com o que tenho que supor que seja o olhar de um artista. Talvez avaliando ângulos e considerando iluminação.

A atenção dele para em mim.

Eu fico tensa, constrangida por ter sido pega olhando. Mas ele só sorri e leva a câmera ao olho. Reviro os olhos, mas aceito a brincadeira e faço o sinal da paz com um sorriso para a câmera. Embora eu esteja longe para que seja real, imagino ouvir o clique da câmera.

Mostro a língua para ele.

Ele abre um sorriso largo. Não consigo ouvi-lo, mas minha memória oferece uma risada fácil e sem esforço.

— Você está certa — diz Ari, me sobressaltando. Eu não tinha ouvido a aproximação dela. Ela está olhando para Quint com um sorriso de conhecimento. — Achei que você estivesse exagerando esse tempo todo, mas não. Ele é *repugnante*.

— Eu nunca disse que ele era repugnante — murmuro.

— Tenho quase certeza de que disse.

— Precisa de mais folhetos? — pergunto ao ver as mãos vazias dela.

Ela pega outra pilha na bolsa no meu quadril e se afasta.

Eu faço questão de *não* olhar para Quint quando vou na outra direção. Sorrindo. Conversando. Contando para as pessoas tudo sobre o centro e a comemoração de soltura de animais do dia seguinte.

Até um garoto de uns dez anos me chamar a atenção, no exato momento em que ele pisa no castelo de areia da irmã menor.

Eu solto um ruído de irritação. Sou tomada de indignação. Antes mesmo de me dar conta, fecho a mão num punho zangado.

Um segundo depois, o garoto leva uma bolada na cabeça, que o derruba na areia.

Faço uma careta. Acho que a bolada não foi *tão forte*, mas mesmo assim. Eu me sinto mal pela pobre mãe, que agora tem que lidar com *dois* filhos chorando.

Começo a abrir o punho, mas agora que a onda de poder cósmico passou pelo meu corpo, parece que minha antena foi calibrada. Estou ciente das pessoas ao meu redor e dos seus comportamentos nada exemplares.

Alguns segundos depois, uma garota com idade para estar na faculdade fura a fila na barraca de raspadinha. Segundos depois de começar a comer, um enxame de moscas pretas pousa na raspadinha, atraído pela doçura do xarope. Quando ela tenta espantá-las com nojo, quase todo o gelo raspado cai no chão.

Vejo um homem de meia-idade pegando um folheto azul com Jude. Mas, assim que meu irmão se vira, o homem faz uma careta, amassa o papel e joga para trás. A brisa o carrega um pouco e a bolinha de papel quica na areia algumas vezes até parar no cooler de alguém.

A irritação ruge no meu peito. O papel está anunciando uma *limpeza na praia*, seu cretino sem consideração!

Os dois punhos se apertam desta vez.

Do nada, uma criancinha aparece, andando na direção do homem só de fralda e com um arco rosa no cabelo fino. A criança para e olha para o homem com expressão perplexa no rosto. Ele tenta contorná-la, mas ela se inclina e vomita nos pés do homem.

Ele está de chinelos e há muito contato com pele.

Ele grita de repulsa. A mãe da menina aparece e pede mil desculpas… mas o mal já está feito.

Eu estou rindo e fazendo careta ao mesmo tempo.

O tempo todo, Jude continua alheio, percorrendo a multidão, de costas para

mim e para o sujeito que sujou a praia. Com um sorrisinho de satisfação, eu começo a andar na direção do papel amassado que foi soprado para longe do cooler e está rolando como uma bola de feno entre as toalhas de praia.

Tem gente em toda parte, mas, se alguém viu o papel no chão, a pessoa nem se deu ao trabalho de pegar. É uma coisinha pequena, talvez, mas não consigo deixar de sentir exasperação pela preguiça. Demoraria uns cinco segundos para pegar. Há latas de lixo a cada dez metros de calçadão!

Vou atrás do papel, mas o vento continua o levando para cada vez mais longe de mim. Estou finalmente chegando perto quando uma garra de metal aparece do nada e captura o folheto amassado.

Eu paro e troco um olhar com uma mulher. Ela parece ter a idade da minha avó, algo entre setenta e cem anos. É impossível saber. Ela está segurando um detector de metais na mão esquerda e a garra na direita. Tem um cinto em seus quadris com implementos para revirar a praia e coletar lixo: luvas de borracha, uma pá pequena, uma garrafa de água reutilizável, um saco de lixo grande.

Ela me vê e pisca.

— Peguei esse — diz, e coloca o papel azul amassado no saco de lixo.

Ela se vira e segue pela praia, para longe das pessoas e do festival, o detector de metais se movendo meticulosamente de um lado para o outro. Ela para de vez em quando para pegar mais lixo e colocar no saco.

Eu me inclino para trás, nos calcanhares, impressionada de pensar em como essa visão foi rara e inesperada. Testemunhar uma pessoa fazendo uma coisa boa, não para ter glória, não em busca de recompensa, mas só porque é a coisa certa a fazer.

E, sim, eu sei que pegar lixo é uma coisa pequena. Talvez a maioria das pessoas veria como inconsequente.

Mas esse ato me deixa animada e encorajada, principalmente quando parece que ultimamente eu só tenho visto estranhos sendo grosseiros e sem consideração.

Um pensamento me ocorre.

Eu olho para as mãos, os lábios retorcidos em pensamento. *E se.*

Bom, o Quint achou a nota de vinte dólares quando tentei puni-lo por chegar tão atrasado. Eu não sabia sobre a lontra… mas o universo sabia.

Então, talvez…

Olho para a mulher. Ela está pegando uma lata de cerveja. Ela a vira e derrama as últimas gotas na areia antes de a jogar no saco.

Desta vez, em vez de apertar a mão num punho de irritação, eu inspiro fundo e estalo os dedos.

Assim que faço isso, eu ouço um bipe.

É distante, mas eu sei que veio do detector de metais da mulher.

Ela faz uma pausa e move o detector por cima do local. Apita de novo e de novo quando ela encontra o local exato do tesouro que está enterrado lá. Meu coração está disparado, mas ela nem parece estar curiosa. Eu me pergunto com que frequência um "tesouro" acaba sendo só uma chapinha de garrafa enterrada, uma lata de alumínio, uma moeda de um centavo.

A mulher se agacha e solta uma pazinha do cinto. E começa a cavar.

Demora mais do que eu espero. Ela está se movendo devagar, movendo um pouco de areia de cada vez, passando de vez em quando o detector pela pilha para ter certeza de que não perdeu o que está enterrado.

De repente… ela para.

Enfia os dedos na areia e tira alguma coisa. É pequeno e brilhante e, por um segundo, sou tomada de decepção. Talvez *seja* uma moeda de um centavo.

Mas aí brilha no sol, e eu emito um som de surpresa.

Um sorriso se abre no meu rosto.

Eu acho que é um brinco.

Acho que tem um diamante nele.

— Você já usou um detector de metais?

Solto um grito. Literalmente, um *grito* exagerado sai da minha boca quando me viro e bato no ombro de Quint.

— Ai! — exclama ele, cambaleando para trás e massageando o local onde eu bati.

— Você quase me matou de susto! — digo, apertando a mão no peito. — Por que está tão perto?

Ele me olha como se eu tivesse perguntado por que os peixes nadam no mar.

— Eu estava vindo ver como as coisas estão. Desculpa. Não queria quase te *matar* de susto.

Ele está me provocando, mas meus batimentos ainda não diminuíram e eu não tenho a força de vontade para ficar irritada. Nem achar graça.

— Você… viu alguma coisa? — pergunto, envergonhada de repente. Como devia estar a minha cara? O estalar dos dedos, observando a mulher na praia como uma pessoa obcecada. E depois, ela encontrar uma coisa preciosa…

Mas Quint só parece confuso.

— Eu vi uma barraca de churrasco grego ali atrás e estou morrendo de fome agora. — Ele me olha, mas deve ficar decepcionado por eu nem abrir um sorriso. — Por quê? O que está acontecendo?

— Nada! Nada.

As sobrancelhas dele sobem. É engraçado como elas sempre parecem falar um idioma próprio… e eu acho que estou começando a entendê-las.

— Dois nadas sempre significam alguma coisa.

— Ah, você é psicólogo agora? — Olho para trás. A mulher começou a se afastar, ainda movendo o detector de metais com a mesma paciência de antes. Eu me pergunto se estou imaginando o gingado alegre no caminhar.

— E aí? — pergunta Quint.

— E aí o quê?

— E aí, você já usou um detector de metais?

— Ah. Não. — Prendo uma mecha de cabelo atrás da orelha. Estou eufórica com a nova percepção de que meu poder funciona das duas formas. Eu devia ter percebido antes, com Quint e o dinheiro que ele encontrou, mas estava muito irritada na ocasião.

Mas agora… ah, as possibilidades! Eu posso punir *e* recompensar. Faz sentido. É que eu estava tão ansiosa para consertar os erros que não pensei que o carma flui em ambas as direções.

Percebo que Quint está me olhando e um rubor se espalha pelo meu pescoço. Volto a atenção para ele e tento me concentrar, tento agir normal.

— Sobre o que a gente estava conversando?

— Detectores de metal — diz ele.

— Ah. É. Sei lá. Parece uma coisa que toma muito tempo só pra encontrar um monte de lixo.

Ele dá de ombros.

— Eu tenho um tio que gostava muito. Fui com ele algumas vezes procurar metal. Era meio divertido. A gente nunca sabe o que vai encontrar. Em geral, é só lixo, mas uma vez encontrei um relógio. Consegui 40 pratas por ele na loja de

penhores.

— Uau! Bingo.

— Eu não vou mentir. Fiquei com a sensação de que tinha encontrado o tesouro do Barba Negra.

— Você já pensou que talvez seja fácil de agradar?

Os olhos dele cintilam com um desafio.

— Você já pensou que talvez seja difícil demais de agradar?

Reviro os olhos.

— Eu não gosto de perder tempo. Você sabe disso.

— O tempo perdido de um pra outro é… — Quint parece contemplar por muito tempo como concluir esse aforismo — hobby, acho.

Eu abro um sorriso.

— Você pode bordar isso numa almofada.

— Haha. Só acho que tudo bem ficar empolgado quando uma coisa boa e inesperada acontece. Mesmo que seja só um relógio. Ora, mesmo que seja só uma moedinha de um centavo. Ainda é tipo… um bom presságio. Né?

Quero debochar dele e talvez fosse o que eu faria no passado. Parece o tipo de coisa que a *abuela* de Ari, que acabei descobrindo que é muito supersticiosa, diria. Bons presságios, a língua do universo, o poder da intuição.

Só que eu meio que acredito nessas coisas agora, né?

Eu me pergunto o que aquela senhora pensou quando encontrou o brinco. Ela acredita que é só uma coincidência feliz ou sabe num nível mais profundo que foi uma recompensa, um agradecimento cósmico por ajudar a deixar a praia limpa?

Balanço a cabeça.

— Eu normalmente nem pego moedinhas de um centavo.

— Uma moedinha da sorte? Sério?

— É só um centavo.

Ele faz uma cara de que essa é a coisa mais triste que já ouviu. Como se a decepção dele comigo não possa ser expressa adequadamente. Mas sua expressão muda.

— Acho que deve ser melhor assim. A pessoa que vem depois devia precisar muito encontrar uma moeda da sorte naquele dia.

— Então uma moeda no chão é um presente do universo, mas escolher não

pegá-la é tipo… passar a sorte adiante?

— Quem somos nós pra questionar os poderes em ação?

Tenho que morder a bochecha por dentro para não rir.

Desde a minha queda no Encanto, eu *sou* o poder em ação. É um pensamento inebriante.

— Então. — Quint enfia a mão na bolsa pendurada na lateral do meu corpo e pega uma pilha grande de folhetos. — Eu só estava vindo pegar mais. — Ele usa os dedos para mexer neles, como se estivesse folheando rapidamente um livro, e bate com os papéis na mão. Acho que talvez esteja enrolando, pensando em outra coisa para dizer. — Mas me avise quando ficar com fome. Aquele churrasco grego é uma delícia.

VINTE E CINCO

Vejo Quint se afastar, estranhamente hipnotizada pela forma como o sol reflete no cabelo dele. Minhas entranhas tremem.

Nãããão, minha mente grita comigo. Por que isso está acontecendo? *Como* isso está acontecendo?

Eu quero negar. Ah, quero desesperadamente negar.

Mas as provas estão bem ali, no meu coração traidor, que está soluçando por causa da presença dele.

Mas que droga. Eu acho que posso estar começando a gostar do Quint Erickson.

Faço uma careta. Estou tão irritada comigo mesma agora. Ficar a fim do preguiçoso, irresponsável e brincalhão Quint? É inimaginável!

Só que… o quanto é verdade? Eu o vi trabalhar no centro. Ele não é preguiçoso. Não é irresponsável. Continua relaxado e tranquilo e divertido. Continua charmoso e simpático com todo mundo. Continua rápido nas piadas.

Mas, mesmo que se por um acaso, por uma virada bizarra do destino, o Quint meio que *seja* meu tipo… não tem como eu ser o dele.

Você já pensou que talvez seja difícil demais de agradar?

Meu estômago fica embrulhado. Não acho que ele estivesse querendo ser cruel quando falou isso, mas, mesmo assim, me lembrar das palavras me provoca dor.

Sou arrancada dos pensamentos por uma agitação na praia. Eu me viro e aperto os olhos por causa do sol.

Um tronco veio parar na areia e umas crianças abandonaram as pranchas de morey boogie para se reunirem em volta. Ouço uma mãe gritando *Não toca nisso!* Eu franzo a testa. Meus pés me levam alguns passos para mais perto. Dois

adultos estão conversando, apontando. Alguém está falando com o tronco, com o olhar vidrado, como se… como se fosse…

Um animal.

Como se fosse um animal adorável, assustado e desamparado que veio parar na areia.

Eu saio correndo. Não sei o que acho que vou fazer, mas as fotografias do Quint estão surgindo na minha memória como uma sequência de tragédias e traumas. Nas semanas desde que comecei a trabalhar no centro de resgate, ouvi incontáveis histórias de como animais foram encontrados. Algumas histórias parecem implausíveis, como quando uma foca entrou pela porta dos fundos de um bar e foi encontrada em uma das mesas na manhã seguinte, mas, na maior parte das vezes, os animais vão parar na praia, como agora. Se eles tiverem sorte, alguém os vê e liga para o centro de resgate. Mas às vezes as pessoas querem ajudar. Às vezes, querem tocar no animal.

Às vezes, isso não termina bem… para o animal ou para a pessoa.

— Pra trás! — grito, meus calcanhares levantando areia. Meu grito sobressalta todo mundo que se reuniu em volta do animal. Um leão-marinho, vejo agora. Minha respiração está entrecortada, mas minha mente está, de repente, tomada pela visão da criatura. É como nas fotos do Quint, e agora eu sei a diferença entre um animal saudável e forte e um desidratado e faminto e provavelmente à beira da morte. Acho que pode haver algo de errado com os olhos dele. Parecem enevoados e tem um líquido amarelado denso embaixo de um. O corpo está tremendo quando me aproximo.

— Está morto? — pergunta uma garotinha, se preparando para cutucá-lo com um graveto.

Arranco o graveto da mão dela, e ela faz um som de raiva, mas eu a ignoro.

— Eu sou do centro de resgate de animais — digo, apontando para o logo na minha camiseta amarela. Na mesma hora, tenho autoridade. Tenho o respeito de todos em volta. De repente, sou a especialista na situação e vejo alívio nos olhos de alguns pais quando eles percebem que outra pessoa assumiu a responsabilidade.

Nesse momento, eu fico paralisada.

O que faço agora?

Quint, diz minha mente com avidez. *O Quint vai saber o que fazer.*

Eu ainda estou com os braços esticados, parada na frente do leão-marinho como uma mamãe… leoa… protetora? Ora, não tenho o vocabulário certo para essa situação. Fazer purê de entranhas de peixe o dia todo não oferece um grande conhecimento desses animais, afinal.

— Não toquem nele — digo para as pessoas, o tempo todo procurando sinal do Quint na praia. Mas está tão cheia. Ele poderia estar em qualquer lugar.

— É menino? — alguém pergunta.

Outra pessoa responde:

— Como você sabe?

— Eu não… eu não sei. Mas sei que, embora não sejam animais violentos, eles podem atacar quando estão com medo. Por favor, cheguem pra trás. Deem espaço pra ele.

Ninguém discute.

Vejo uma cadeira de salva-vidas e lembro que parte do treinamento dos salva-vidas da região envolve saber lidar com animais que vão parar na praia. Às vezes, eles até têm caixas nas unidades de armazenamento para transporte de animais que precisam ser levados para reabilitação.

— Você! — Aponto o graveto roubado para a garota que queria cutucar o leão-marinho com ele. Ela pula uns 30 centímetros para trás, os olhos arregalados. — Você está no comando aqui. Não deixe ninguém chegar a menos de três metros, está bem?

A expressão dela se ilumina e é tomada de um sentimento de dever. É a mesma expressão que Penny faz quando recebe uma tarefa importante. A garota assente com determinação.

Eu entrego o graveto para ela e me viro para a mãe dela.

— Vou ver se aquele salva-vidas pode nos ajudar. Você pode ligar para o centro de regate? Eles podem mandar um carro buscá-lo. — Espero até ela começar a ligar para o número na parte de trás da minha camiseta para sair correndo. Minhas pernas estão doendo e minhas laterais começando a repuxar, mas logo estou no pé da cadeira do salva-vidas.

Está vazia.

— Mas que droga! — grito. Eles podem sair do posto? Demoro alguns segundos observando a praia, segundos que parecem horas, para reparar na regata branca e no short vermelho do uniforme. O salva-vidas está perto do mar,

gritando com dois garotos que passaram das boias. Corro até ele. — Eu preciso de ajuda!

Ele me olha sobressaltado e fico surpresa de reconhecer um aluno do terceiro ano, apesar de não saber o seu nome.

— Tem um leão-marinho na areia — digo, apontando. — Ele precisa ser levado para o centro de resgate de animais. Você tem uma caixa?

Ele olha para trás de mim, mas não dá para ver o animal de onde estamos. A multidão em volta cresceu demais. Espero que a menina esteja conseguindo manter todo mundo longe.

Ele olha para ver se os garotos na água começaram a nadar de volta e assente para mim.

— Daqui a pouco te encontro lá. Não deixa ninguém tocar nele.

Eu dou uma risadinha debochada e aponto para o logo na minha camiseta de novo.

— Não se preocupe. Eu sei o que estou fazendo.

A primeira coisa que reparo quando volto para o leão-marinho é que os olhos dele estão fechados. Sou tomada de pavor. *Está morto?*

— Eu não deixei ninguém tocar nele — diz a garotinha, ainda segurando o graveto como uma guerreira.

— Aqui! — grita a mãe dela e enfia o celular debaixo do meu nariz. — Eles querem falar com você.

Pego o celular. Estou com suor escorrendo pelo pescoço. Eu me agacho a uma distância boa do leão-marinho e sinto alívio de ver os olhos dele se abrirem, ainda enevoados. Deve ser imaginação minha, mas parece que o animal está feliz de me ver de novo.

— Alô? — digo ao telefone, a voz tensa.

— Prudence? É Rosa.

— Ah. Oi. Tem um leão-marinho na praia, ao norte…

— Eu sei, eu sei — diz Rosa. — Escuta. Não tem como um veículo de resgate chegar aí. Com o trânsito entrando na cidade agora, a gente levaria horas.

Meu coração se aperta. O leão-marinho fechou os olhos de novo.

Acho que nós não temos horas.

— O que eu faço? — pergunto, o pânico crescendo em mim. De repente, isso parece a coisa mais importante da minha vida. A criatura. Esse animal

machucado, inocente, desamparado. Eu me lembro do Quint me contando, acho que no meu terceiro dia no centro, que nem todas as criaturas que eles recolhem sobrevivem. Uns 10% morrem nas primeiras 24 horas, já passados do ponto da reabilitação, independentemente do que eles façam.

Mas isso não é opção. Eu preciso salvar aquele.

— Se conseguir encontrar alguma coisa em que transportá-lo — diz Rosa —, talvez alguém tenha um veículo que você possa usar. Seria bem mais fácil sair com um carro do centro do que nós entrarmos.

Uma agitação chama a minha atenção, e eu vejo o salva-vidas correndo na nossa direção com uma caixa grande na mão.

— Prudence? — diz Rosa.

— Tudo bem — respondo, uma nova convicção feroz tomando conta de mim. — A gente vai até você.

— Nós estaremos prontos quando vocês chegarem.

Eu encerro a ligação e jogo o celular de volta para a mulher. Ela quase não consegue pegar antes de cair na areia.

— Pru! — Quint corre pela multidão, o rosto vermelho como se ele tivesse corrido um quilômetro. — Eu ouvi que tem um… — Ele para na hora e sua atenção se volta para o leão-marinho. Precisa de dois segundos para avaliar a situação e, antes que eu me dê conta, ele assume o controle, rouba minhas responsabilidades profissionais com algumas ordens confiantes gritadas para a multidão. *Está vendo aquele balde ali? Enche de água.*

E eu preciso de umas toalhas molhadas. Podemos pegar a sua? Vamos trazer aquele guarda-sol pra cá, pra fazer sombra pra ele. A gente precisa impedir que seu corpo superaqueça o máximo possível.

Sinto um momento de irritação por ele estar roubando a minha autoridade, mas esse sentimento é sufocado por puro alívio. É o oposto da aula de biologia, quando eu sempre dava as ordens e dizia para ele o que fazer. É uma mudança bem-vinda, principalmente naquela situação, e… sinceramente, vê-lo assumir o comando é meio sexy.

Eu engulo em seco, nervosa de repente.

— Quint? — diz o salva-vidas.

Quint olha para ele e o reconhecimento surge no rosto dele.

— Steven! Oi! Como está seu verão?

— Agitado — responde Steven.

Eu olho para eles.

— Com licença! — exclamo, atordoada, e indico o leão-marinho. — Foco, por favor.

Quint me lança um olhar sugerindo *Ei, que culpa eu tenho se sou amigo de todas as pessoas da escola?*

O que a gente pode fazer?

Eu vejo Ari, Jude e Ezra. Um sorriso se abre no meu rosto. Eles estão todos de camiseta amarela, e juntos nós parecemos um grupo de resgate oficial.

Ao ver a pilha de papéis azuis nas mãos dele, passa pela minha cabeça que nós não poderíamos ter planejado uma publicidade melhor.

— Jude, ajuda o Quint e o, hã, Steven — digo, pegando os folhetos dele e dividindo entre Ari e Ezra. — Distribuam isso.

Enquanto Quint, Jude e o salva-vidas rolam delicadamente o leão-marinho para um cobertor, para ele poder ser erguido e colocado na caixa, eu me afasto do trabalho deles e olho para as pessoas. Elas estão ao nosso redor tirando fotos com os celulares, assistindo com olhos preocupados e ansiosos.

Respiro fundo. Não tenho tempo de ensaiar, mas também não tenho tempo de ficar nervosa.

— Pessoal, nós somos do Centro de Resgate de Animais Marinhos de Fortuna Beach — digo. — Obviamente, nós não tínhamos ideia de que esse animal apareceria na praia durante o nosso festival hoje, mas esse é um exemplo perfeito do tipo de trabalho que a gente faz. O centro de resgate trabalha incansavelmente para resgatar animais marinhos feridos e encalhados, inclusive leões-marinhos como esse carinha aí, mas também elefantes-marinhos, focas, lobos-marinhos, tartarugas-marinhas e até lontras.

— E golfinhos? — pergunta a garota do graveto.

Eu sorrio para ela.

— Infelizmente, nossas instalações são pequenas demais pra cuidar de golfinhos, mas, no passado, já trabalhamos pra resgatar e transportar golfinhos pra um centro maior em São Francisco.

Os olhos dela se arregalam.

— *Legal.*

— Quando os animais vêm parar sob nossos cuidados, nós os alimentamos e

hidratamos. A veterinária da nossa equipe cuida das feridas. A reabilitação pode levar semanas ou até meses. Mas nosso objetivo com todos os pacientes é tratá-los até eles estarem saudáveis e fortes para serem devolvidos ao habitat natural. — Eu movo a mão na direção das ondas.

Com o leão-marinho no cobertor, Quint e os outros se preparam para colocá-lo na caixa.

— Nossa esperança é que *esse* lindo leão-marinho não fique muito tempo conosco no centro e que seja trazido de volta pra cá em breve, pra casa dele. Na verdade, nesta época do ano, nós soltamos animais reabilitados no mar quase todas as semanas. E se vocês quiserem ser parte de um desses momentos, nós convidamos todos a se juntarem a nós… amanhã à tarde, bem aqui! Nós estamos organizando uma limpeza da praia feita pela comunidade, que vai começar às 10 horas da manhã, e quando estiver limpa e segura para nossos amigos animais, nós vamos soltar quatro focas que receberam alta recentemente. Eu adoraria ver todos vocês aqui, ajudando a cuidar da nossa praia, da nossa organização e dessas criaturas lindas. — O leão-marinho me olha de dentro da caixa, os olhos temerosos e confusos. Quint se agacha na frente dele para tirar algumas fotos antes de o salva-vidas fechar e travar a tampa.

Para a minha surpresa, a multidão aplaude.

Eu abro um sorriso.

— Peguem um folheto, caso ainda não tenham, para aprenderem mais sobre a celebração de limpeza e soltura de animais de amanhã! E, se vocês não puderem vir, nós estamos aceitando doações em dinheiro! Pessoal, esses animais comem *muito* peixe, o que não é barato!

Há algumas risadinhas, mas com o leão-marinho já fora do campo de visão, alguns membros menos interessados do público já estão voltando para suas toalhas.

— Belo discurso — diz Quint, colocando a mão em cima da caixa. Ele passa a manga pela testa úmida. — A que distância está o veículo de resgate?

Eu olho para ele, piscando, e ele deve ver a percepção horrível surgir em mim. Seus olhos se enchem de compreensão.

— Não vão mandar um.

— Trânsito — gaguejo. — Sua mãe disse que seria mais fácil encontrarmos um veículo que pudesse sair…

Quint se vira para o salva-vidas.

— Você tem carro?

— Não, cara. Eu vim de bicicleta. — Ele aponta para um bicicletário lotado no calçadão.

— Eu tenho a van — diz Ari. — Deve caber.

Eu me viro para ela. Seus olhos estão arregalados e brilhando de preocupação, e sou tomada por um puxão repentino e quase doloroso no coração.

— Obrigada, Ari. Onde você estacionou?

Ela aponta, e vejo o carro turquesa de onde estamos. Ela chegou cedo e pegou uma vaga boa, a menos de meio quarteirão da praia.

— Dá a volta — diz o salva-vidas. — Você vai dar ré até aqui. Eu ajudo a manobrar. — Ele assente para Quint. — Não deixa as pessoas chegarem perto, está bem?

Enquanto nós esperamos, eu me ajoelho ao lado da caixa. O leão-marinho apoiou a cabeça e fechou os olhos de novo. Estou morrendo de medo por ele. O medo que corre pelas minhas veias é palpável.

— A gente está fazendo o melhor que pode — sussurro. — Por favor, não morre, tá?

Se ele me ouve, não demonstra.

Alguém passa a mão nas minhas omoplatas. Quint se agacha ao meu lado e eu olho para ele, o rosto contraído com a mesma preocupação. Eu me pergunto quantas vezes ele passou por isso. Quantos resgates acompanhou. Quantos ele viu morrer depois de se esforçar tanto para salvá-los.

Acho que eu não suportaria.

— Já vi coisa pior — diz, afastando a mão de mim e passando pela alça da câmera. — Acho que ele vai ficar bem. — Ele me olha. — Você que vai escolher o nome dele, sabia?

Meu coração pula com a ideia. Eu já sinto uma responsabilidade por aquela criatura, apesar de não ter mais de vinte minutos desde que a vi pela primeira vez. Escolher o nome dela seria um privilégio para o qual não estou preparada.

— Ainda não — sussurro. — Eu preciso saber primeiro que ele vai ficar bem.

Ele assente, e eu sei que entende.

— Você sabe se é menino ou menina?

Ele balança a cabeça.

— Não com eles novinhos assim. Quando ficam maiores, os machos desenvolvem uma crista na cabeça que as fêmeas não têm. Além do mais, eles são maiores e o pelo tende a ser mais escuro. Mas está cedo demais pra saber com esse aí. — Ele me olha. — Mas Opal vai examiná-lo no centro. Ela vai poder nos dizer.

Estou digerindo as informações quando ouço uma série de buzinadas curtas, quase educadas. Vejo o carro se aproximando lentamente pela praia. Jude e Ezra estão afastando as pessoas enquanto Ari segue na nossa direção. Como alguém que não se sente muito à vontade dirigindo nem em ruas residenciais, eu sei que deve estar surtando. Mas ela está com uma expressão de coragem, percebo mesmo com o para-brisa nos separando.

Eu acho que também devo estar com a mesma expressão.

Para a minha surpresa, Quint segura a minha mão e aperta. Mas o toque acaba tão rápido quanto chegou. Ele não me olha quando se levanta.

— Vem. Vamos levar seu leão-marinho pro centro.

VINTE E SEIS

Eu me sento no banco da frente e ensino o caminho para Ari enquanto Quint, Ezra e Jude se sentam no banco de trás. Rosa estava certa. Nós passamos por um monte de veículos tentando chegar no centro para o festival. Por muito tempo, somos o único carro indo na direção contrária.

— É tipo fugir do apocalipse zumbi — reflete Jude.

Ninguém responde e, depois de alguns segundos, Ezra se inclina para a frente e apoia o queixo no banco entre mim e Ari.

— Gostei do carro. É um Falcon 62?

Ari olha para ele pelo retrovisor.

— Hã. É. Isso mesmo.

— Já pensou em botar um V8 nele? Pra ter mais potência?

— Hum. — Ari franze a testa enquanto tenta se concentrar na direção. — Não. Nunca pensei nisso. — Ela muda de marcha, mas o movimento é estranho e faz o carro tremer algumas vezes. Faço uma careta, me sentindo mal pelo leão-marinho na mala.

— Me avisa se pensar. — Ezra passa os dedos no estofamento creme entre mim e Ari. — Eu faço um bico na Oficina do Marcus nos fins de semana. Não me importaria de passar um tempo debaixo desse capô.

Eu franzo a testa e olho para ele por cima do ombro, sem conseguir saber se está usando um eufemismo ou não.

— E qual é seu emprego principal? — pergunto.

Ezra me olha com surpresa, como se tivesse esquecido que eu estava lá.

— O quê?

— Você disse que faz um bico na Oficina do Marcus, o que dá a entender que é seu segundo emprego. E qual é seu primeiro?

Ele me encara por mais um segundo antes de um sorriso lento se abrir em seu rosto.

— Viver uma vida fácil, Prudence. É um emprego em tempo integral.

Eu reviro os olhos, e ele volta a atenção para Ari.

— Não te vi na festa da fogueira? Com o violão?

— Sim, era eu — diz Ari.

— Você é boa. Não reconheci as músicas que você tocou.

— Ah. Eu compus a maioria. Quer dizer, algumas. Nem todas. Acho que toquei Janis Joplin naquela noite e também Carole King, se me lembro bem… Essas não foram compostas por mim. Obviamente. — Eu olho para Ari. Ela está corando. Meu olhar volta para Ezra, que parece alheio ao quanto a está deixando nervosa. Nunca pensei muito na aparência de Ezra Kent, acho que da mesma forma que não pensei na do Quint… até recentemente. Acho que Ezra pode ser chamado de bonito, de uma forma não convencional. Ele é magro, branquinho e com sardas, com cabelo ruivo um pouco escuro demais para ser chamado de cenourinha. Ele o usa compridinho, abaixo das orelhas. E tem um sorriso perturbador.

Isso eu reparo agora, pela primeira vez.

Eu me pergunto quando Ari começou a notar… porque, de repente, tenho certeza de que ela notou.

Limpo a garganta.

— EZ, você está de cinto de segurança?

Ari ofega e vai para o acostamento antes de enfiar o pé no freio. Quint fala um palavrão e se vira na mesma hora para ver se a caixa no porta-malas está bem.

— Desculpa! Me desculpa! — exclama Ari, sem ar e de olhos arregalados. — Mas vocês precisam estar de cinto!

— Tudo bem, calma. — Ezra se encosta e coloca o cinto. — Pronto. Bem preso.

Um novo silêncio se espalha entre nós quando Ari volta para a estrada.

— E aí, Quint — diz Jude. — Há quanto tempo você é voluntário no centro?

Eu olho pelo retrovisor lateral. Quando Quint se inclina para o lado certo, consigo ver sua boca quando ele fala.

— Eu praticamente cresci lá — responde ele. — Só pude começar a ser

voluntário oficialmente com catorze anos. Mas ajudo desde pequeno.

— Você trabalha lá durante o ano letivo também?

— Trabalho. A primavera é a estação mais ocupada, quando recebemos animais quase todos os dias. A gente fica sem ajuda rápido. Mas, na maior parte das vezes, os professores aceitaram bem.

— Dizem que a vida é a melhor professora — diz Ari.

— E onde você estuda? — pergunta Ezra.

— Em St. Agnes — responde ela.

Ezra solta um assobio baixo.

— Sempre gostei de uma garota de uniforme.

As bochechas de Ari ficam vermelhas de novo.

Eu me viro para olhar para Ezra.

— Você não tem filtro?

Ele me olha.

— O que você quer dizer?

Balanço a cabeça.

A conversa volta para o centro de resgate. Quint parece surpreso quando Jude e Ari começam a enchê-lo de perguntas sobre os animais e o cuidado que eles recebem e o que a gente faz como voluntários. Sinto-o me olhando, achando graça, mas continuo olhando pela janela, vendo as palmeiras passarem.

É verdade que eu quase não contei sobre o centro e meu tempo como voluntária. Sinceramente, não tenho muito para contar. Planejar a limpeza da praia foi a coisa mais empolgante que fiz… e agora resgatar esse leão-marinho, claro. Fora isso, foram quase quatro semanas de esfregar e bater, bater e esfregar.

Mas agora eu os sinto ficando curiosos, como as pessoas na praia. Quando ficamos cara a cara com uma dessas criaturas, nós ficamos envolvidos. Queremos ajudar.

Eu quero ajudar. Mais do que tudo, quero ajudar esse pobre animal no porta-malas do carro de Ari.

Ari ousa dirigir 10 quilômetros por hora acima do limite de velocidade, que é praticamente correr para ela. O centro não fica longe, mas parece que levamos um mês para chegar lá. Meu coração está na garganta. O leão-marinho está quieto, e o silêncio é enlouquecedor.

Nós entramos no estacionamento de cascalho na frente do centro. Rosa e a

dra. Jindal estão esperando, e os cinco minutos seguintes são uma confusão de atividades. Meus amigos e eu ficamos para trás quando a caixa é tirada da parte de trás do carro e levada correndo para dentro do centro. Eu sei que vão levá-lo direto para a sala de exames. Nós seguimos com hesitação, nos esforçando para não atrapalhar, esperando no corredor estreito enquanto o leão-marinho (ainda vivo, ainda que por pouco) recebe fluidos. Enquanto seus olhos e feridas são examinados. Enquanto Quint prepara uma fórmula de proteína e eletrólitos. As deliciosas vitaminas de peixe virão depois.

Reparo em Jude franzindo o nariz e demoro um momento para lembrar que é a primeira vez que ele e Ari vão lá. É a primeira vez que eles sentem o fedor sufocante de peixe. Engraçado, nas semanas que passaram, eu quase me acostumei. Jamais teria previsto *isso* no meu primeiro dia ali.

Quando fica claro que não tem nada que eu possa fazer para ajudar, ofereço mostrar o centro para eles. Nós ficamos juntos no pátio, admirando as focas tomando sol no concreto quente. Os leões-marinhos perseguindo uns aos outros dentro e fora da água. Os elefantes-marinhos batendo as barbatanas nas costas, jogando areia imaginária neles mesmos, um mecanismo instintivo para ficarem frescos na natureza.

Todos ficam impressionados. Bem, Ezra já foi lá, mas Jude e Ari estão impressionados. Ari faz barulhinhos de prazer pelo tanto que os animais são adoráveis. Mas quando ela se agacha perto de um dos portões fechados para começar a falar com uma foca chamada Kelpie, eu me sinto péssima de ter que botar a mão no ombro dela e puxá-la para longe.

— A gente não pode interagir com elas — digo, me lembrando de quando Quint me explicou isso em um dos meus primeiros dias.

Ari me olha, perplexa. É a mesma expressão que fiz para Quint na ocasião, tenho certeza.

— Eles tentam nos desencorajar ao máximo a criar laços com os animais — explico. — E fazer o máximo para que eles não criem laços conosco. A gente não pode falar, brincar nem interagir além do que temos que fazer pra cuidar deles.

— Mas eles são tão *fofos* — diz Ari, olhando para Kelpie. — Como você aguenta?

Sinceramente, eu não ligava antes de agora. Quint me falou para não criar

laços com os animais e não criei. Nada de mais.

— É mais fácil se você pensar neles como animais selvagens — digo. — Eles não são bichos de estimação. O objetivo é soltá-los de volta no mar e, se tiverem sido domesticados, pode ficar mais difícil eles sobreviverem por aí. Além do mais, a gente não quer que eles fiquem à vontade demais com pessoas. Caso se aproximem de um humano na praia ou em outro lugar, quem sabe o que pode acontecer?

Vejo a compreensão no rosto deles, mas ainda estão refletindo decepção. Eu entendo. Por que alguém passaria tanto tempo ali sem nem poder interagir com os animais?

Eu penso no leão-marinho na sala de exame, o qual já considero como *meu* leão-marinho, e sei que vai ser muito mais difícil não criar um laço com ele. Ora, já me sinto apegada.

Mas, ao mesmo tempo, quero desesperadamente que ele fique bem. Que fique forte. Que possa voltar para casa.

— Que pena — diz Ari, se afastando do cercado onde alguns leões-marinhos começaram a subir uns em cima dos outros. — Acho que eu estava imaginando você aqui… sei lá. Brincando com eles.

Dou uma risada.

— Longe disso.

E aí, eu me lembro.

— Na verdade — digo, meu coração se animando —, quero te apresentar a Luna.

Eu os levo para dentro, para uma das baias. Foi montada especificamente para Luna, o leão-marinho que foi levado pela segunda vez para o centro no dia em que eu comecei lá. Diferentemente dos animais nos outros cercados, ela ganhou vários brinquedos. Duas bolas, um brinquedinho de cachorro com apito, um pedaço de corda.

— Essa é a Luna — apresento. — Ela é superbrincalhona e inteligente. E, ao contrário dos outros, a gente pode brincar com ela. Querem que ela se acostume o máximo possível com a presença de pessoas.

— Por quê? — pergunta Ezra, se inclinando por cima do muro. Ele pega a corda e joga para Luna. Cai a alguns centímetros do focinho dela. Mas parece que ela acabou de acordar de uma soneca e não vai pegar. Só olha para a corda,

boceja e pisca para Ezra, nem um pouco impressionada. — Brincalhona, hein?

— Ela só está cansada — digo. — Luna tem um transtorno cognitivo. Ela nunca vai conseguir se alimentar na natureza e a gente não pode soltá-la de volta. Vai ser dada pra um zoológico ou algum outro lugar.

— Ela morde? — pergunta Ari.

— Eu nunca a vi morder ninguém — respondo —, mas os voluntários daqui são mordidos regularmente, então nunca se sabe. — Abro o portão, entro e pego a bola. Rolo na direção da Luna. Ela olha por um segundo, rola de barriga e pega a bola com a boca. Mastiga por um momento e joga para mim. Eu a paro com o pé, pego e jogo de novo. Desta vez, ela se levanta nas nadadeiras e a joga de volta para mim.

Abro um sorriso. Não sei se algum dos outros voluntários está trabalhando com ela para que aprenda truques, mas é a primeira vez que jogo bola com um leão-marinho, e o momento, por mais simples que possa ser, é mágico.

— Prudence?

Pego a bola quando é jogada para mim e me viro. Quint se juntou a nós, os olhos cintilando de me ver no cercadinho com Luna.

— Se divertindo?

— Na verdade, sim.

— A gente descobriu — diz Ezra, apoiando os cotovelos casualmente no muro. — A chave pra fazer a Prudence relaxar é ser uma foca.

Fico tensa.

— Ela é um leão-marinho — rebato com seriedade demais.

Jude olha para mim e para Ezra. Ele abre a boca, e sinto que ele está se preparando para me defender, mas, para minha surpresa, Quint fala primeiro.

— Não seja babaca, EZ.

Ezra parece confuso de verdade.

— Eu estou sendo babaca?

— Mais ou menos. A Prudence é legal. Bom, eu vim dar uma atualização pra vocês.

Ezra olha de Quint para mim. Por acaso, eu o vejo me olhando pensativo, avaliando. Engulo em seco e saio do cercadinho de Luna.

— Ele vai ficar bem?

Quint sabe imediatamente de quem estou falando. Antes que ele possa

responder, a Luna faz um barulho, irritada de eu estar abandonando nosso jogo.

— Desculpa — digo para ela, jogando a bola. — Volto mais tarde, tá? — Olho para Quint e me preparo para a notícia que ele tiver para dar. — E aí?

— É menino — informa — e nós achamos que ele vai ficar bem.

Meu coração infla, e sei que não sou a única. Nós todos estamos comprometidos com esse animal agora, e uma onda de alegria se espalha pelo grupo. Até Ezra faz um ruído empolgado.

— Viva!

Quint levanta as mãos, um aviso.

— Nada é garantido. Costuma haver um período de 24 horas, quando os consideramos em estado crítico. Ele ainda pode piorar. Mas Opal está otimista.

Eu expiro de uma forma que pode ser a primeira vez que faço isso profundamente em um bom tempo.

— Então — continua ele, olhando para mim. — Nós precisamos de um nome pra botar nos papéis. Você pensou em um?

— Não — respondo com uma gargalhada meio aliviada. — Eu estava tentando não pensar até ter certeza. — Mordo a bochecha. Sei que não é coisa importante. Eles escolhem nomes de tantos animais ali que, até o fim da temporada agitada, escolhem qualquer nome. Quint disse que uma vez ele batizou uma tartaruga marinha de “Picles” porque tinha comido um sanduíche de picles no almoço no dia.

Mas é importante para mim.

Eu penso no meu leão-marinho e na forma como ele me olhou na praia. Apesar de saber que ele estava com dor, ele me olhou com algo que beirava a confiança. E ouço a voz de John Lennon na minha mente. *Por que estamos aqui? Não para viver com dor e medo…*

— Que tal Lennon? — sugiro. — De John Lennon?

Quint pensa. Seus lábios se curvam nos cantos.

— Eu já ouvi piores.

VINTE E SETE

Como Jude e Ari me ajudaram no festival, é justo que eu acorde cedo na manhã seguinte para ajudá-los a abrir a loja de discos antes ir preparar a limpeza da praia. Jude não é uma pessoa matinal. Está reclamando o verão todo de chegar à loja às 8 da manhã para olhar o estoque, organizar as caixas e limpar as digitais da vitrine; é assim que o papai o pune por não continuar com as aulas de violão anos atrás.

Mas meu pai está animado, como sempre, quando abre a porta para entrarmos. A primeira coisa que ele faz, como em casa, é pegar um disco para botar para tocar.

— Algum pedido?

Jude boceja e enfia o último pedaço de um waffle na boca.

Penso em pedir Beatles, mas sei que isso me faz parecer um disco quebrado (*entendeu?*), então eu dou de ombros e digo para o meu pai escolher o que ele quiser. Um minuto depois, a voz calorosa do Jim Morrison começa a tocar nos alto-falantes.

— Tudo bem, minha ajudante — diz meu pai, dançando pelos corredores da loja. — Você está encarregada da vassoura. E não deixe de varrer a calçada na frente também. As pessoas trazem uma quantidade absurda de areia da praia pra cá. Jude, quer abrir as caixas que chegaram ontem? Deve ter coisa nova.

— Quer trocar? — pergunto. Jude resmunga, balança a cabeça e desaparece na sala dos fundos.

Eu pego a vassoura e começo a varrer. Ari chega alguns minutos depois com uma bandeja de cafés mocha do Java Jive. Ela até levou um para o meu pai, que coloca as duas mãos no coração quando ela entrega o copo para ele.

— Te contratar foi a melhor decisão que eu tomei — diz ele, pegando o café.

— Agora, vai trabalhar.

— Sim, senhor — replica Ari. Ela pega o limpador de vidro e umas toalhas de papel no depósito e me segue até a rua.

Meu pai está certo. Eu não tinha reparado antes, mas tem um monte de areia ali. Estamos a mais de um quarteirão da praia. Como isso acontece?

— Como vai nosso amigo leão-marinho? — pergunta Ari enquanto borrifa limpador na porta de painéis de vidro.

— Bem, até onde eu sei. Vou dar uma olhada nele mais tarde, mas pareceu estar bem quando eu saí ontem. Além do mais, liguei para o *Chronicle* ontem à noite para falar do animal marinho que foi parar na praia durante o festival, com um fechamento ótimo sobre a festa de limpeza de hoje e a libertação dos animais, claro.

Ari ri.

— Claro que você fez isso.

— Eu não estou dizendo que fico feliz do Lennon ter ido parar na praia, mas aceito toda publicidade que pudermos ter.

Ari chega para trás para olhar a porta em busca de manchas antes de ir para a vitrine.

— Seu plano de resgatar o centro parece estar indo muito bem.

— A gente está só começando. Mas, sim, as coisas parecem estar se encaminhando.

Ari cantarola, pensativa.

— Talvez você possa usar um pouco da sua magia pra ajudar esta loja também. — Ela baixa a voz, apesar de eu saber que ela não tem como ser ouvida lá dentro, principalmente com The Doors cantando sobre Love Street. — Não diz para o seu pai que falei isso, porque eu *amo* trabalhar aqui, mas a gente está precisando de boa publicidade. Tipo uma plástica, sabe?

Eu paro de varrer para olhar a frente da loja. Fui lá tantas vezes ao longo dos anos que nem paro mais para olhar. Mas Ari está certa. A tinta amarela está lascada na parede, o letreiro néon que diz VENTURES VINYL está com algumas letras queimadas há sei lá quanto tempo e, de fora, a loja parece… bom, meio ultrapassada. Mas não de um jeito vintage descolado. Só de um jeito velho e cansado.

O que salva é o display de vitrine que Jude fez uma semana antes, com várias

capas de disco com temas vermelhos, brancos e azuis para comemorar o feriado. Ele pegou alguns discos arranhados e quebrados, pintou fogos neles e os pendurou no teto com fita. Eu não dou crédito suficiente ao meu irmão por esse tipo de coisa, mas ele até que é bem criativo. Seu talento vai além de desenhos de monstros míticos.

Como a loja ficaria com uma camada nova de tinta azul-mar, eu me pergunto. E talvez uma porta laranja que seja convidativa para entrar. Aah, a gente poderia fazer um festão de reabertura!

Faço uma careta e me esforço para segurar os pensamentos antes de me deixar levar. Já estou bem ocupada salvando um negócio agora. Não consigo lidar com dois.

— Você e Jude deviam falar com o papai — digo. — Se tiverem ideias pra melhorar o negócio, sei que ele vai estar aberto a ouvir.

Ari se vira para mim, parecendo de repente meio tímida, mas também empolgada.

— Na verdade, eu tive uma ideia, mas… sei lá. Pode ser estranho. E não tenho noção se a ideia é boa ou não.

— Eu sou toda ouvidos.

— Bom, eu meio que peguei a ideia do Carlos, com a coisa do karaokê semanal. E se a loja começasse a fazer noites semanais de microfone aberto?

Eu franzo a testa enquanto olho pela vitrine.

— Hum…

— Não *aqui* — diz Ari, balançando as toalhas de papel na direção da loja. — Eu sei que não tem espaço. Mas achei que a gente poderia se juntar com um restaurante do calçadão. Ser tipo patrocinadores. Arrumar uns artigos com o logo da loja, tipo palhetas de guitarra ou adesivos? E dar cupons pras pessoas virem e terem dez por cento de desconto? — Ela dá de ombros. — O que você acha?

Eu abro um sorriso.

— Acho que vale tentar. Você seria a apresentadora dessas noites de microfone aberto?

Ela se encolhe.

— Não sei disso, não. Mas… *você* seria ótima nisso.

Abro um sorriso porque é um elogio, mas por dentro estou me perguntando quantas vezes eu teria que apresentar uma coisa assim para parar de sentir pânico

cada vez que subisse no palco.

— Na minha opinião, você também seria ótima. — Eu termino de varrer a calçada. — Você devia falar com meu pai, ver o que ele acha. — Franzo a testa. — Isso me lembra de uma coisa. Lembra que eu falei que você podia ficar com o meu teclado velho? Falei com os meus pais, mas eles venderam, porque estava só pegando poeira. Desculpa.

— Ah, tudo bem — diz ela. — Vou olhar a Brass and Keys um dia desses. Se eu decidir comprar um.

A Brass and Keys é a loja de música da cidade, outro lugar que conhece Ari pelo nome. Algo me diz que qualquer teclado que ela comprasse lá seria bem melhor do que o que a minha família comprou na loja de usados tantos anos atrás.

Eu olho o relógio.

— Tenho que ir. Se eu me atrasar, Quint nunca vai me deixar em paz.

Volto para a loja e guardo a vassoura no depósito. Jude está tirando discos de vinil novinhos de uma caixa de papelão, cada um deles ainda embrulhado em celofane.

Reconheço o artista na capa. Sadashiv, um cantor pop britânico que ficou superfamoso nos dois últimos anos modernizando coisas antigas. A popularidade dele não deve ser afetada só porque ele é lindo de morrer. Acho até que ele foi votado como o homem mais sexy do mundo da revista *People* no ano anterior, apesar de eu ter quase certeza de que ele ainda é adolescente.

Claro que eu só sei essas coisas porque Penny e Lucy são obcecadas por ele, assim como um monte de garotas da escola.

— Opa — digo, olhando por cima do ombro de Jude. — Eu não sabia que artistas contemporâneos ainda lançavam discos de vinil.

— Ah, lançam — replica Jude, colocando os discos na mesa para poder botar adesivos de preço neles. — É a coisa da moda agora. Esse — ele bate na pilha de discos do Sadashiv — vão vender muito. — Ele baixa a voz a um sussurro. — Quando Ari e eu contamos ao papai que esse cara tinha um disco novo saindo, as palavras dele foram: “Sada-quem?” — Jude revira os olhos. — Era de se pensar que, com cinco filhos, seria mais fácil ele se manter atualizado.

— As pessoas gostam do que gostam. Ei, eu tenho que ir. Obrigada de novo pela sua ajuda no festival ontem.

— Até mais tarde, mana. Boa sorte hoje.

— Pai? — chamo, voltando para a parte principal da loja.

— Aqui.

Ele está no balcão, com os óculos de leitura, verificando alguma coisa em um caderno.

— Eu tenho que ir. Posso deixar uns folhetos aqui? — Tiro o que sobrou dos folhetos azuis da bolsa e coloco no balcão. — Se alguém vier à loja agora de manhã, você pode falar da nossa limpeza da praia?

— Eu não vou só falar sobre a limpeza — diz ele, puxando os óculos para a ponta do nariz —, mas vou ameaçar de só vender discos do Vanilla Ice até a pessoa prometer ir.

— Talvez nada *tão* dramático?

O sino da porta toca e eu me viro, me preparando para me despedir de Ari;

Mas não é Ari entrando.

Eu fico paralisada.

É *Maya*. Maya Livingstone. Ela está usando um moletom enorme da UCLA que vai quase até os joelhos, uma legging rosa-clara e chinelos e mesmo assim parece modelo. Não sei se fico com inveja ou impressionada. Fico mesmo é perplexa. O que ela está fazendo ali?

— Bem-vinda! — diz meu pai. — Dá uma olhada e fala comigo se eu puder ajudar a encontrar alguma coisa. E, por favor — ele pega o folheto de cima da pilha —, não deixe de ir à limpeza na praia, que vai acontecer…

Coloco a mão sobre a dele.

— Tudo bem, pai. — Eu me obrigo a sorrir. — Oi, Maya.

— Ah. Oi, Prudence — diz ela, me olhando. — Eu não sabia que você trabalhava aqui.

— Eu não trabalho, só vim ajudar hoje de manhã. Hã… este é meu pai.

— Bem-vinda, amiga da Prudence!

Ela ri com constrangimento enquanto segue pelas fileiras de discos.

— Obrigada. Hum. Eu sei que saiu tipo ontem, mas você por acaso tem o disco novo do Sadashiv?

Meu pai olha para ela.

— Sada-quem?

Eu reviro os olhos.

Maya começa a repetir:

— Sada…

— Não liga pra ele — digo. Eu me preparo para o que sei que vai ser um encontro bem incômodo, coloco as mãos em concha na boca e grito: — Ei, Jude! A gente tem uma cliente que quer o disco novo do Sadashiv.

Há uma movimentação lá atrás e Jude aparece, um disco na mão.

— Viu, pai? Eu te falei que seria… — Ele vê Maya e fica imóvel. Arregala os olhos. — Hã. Venda… certa. Maya! Oi!

Ela sorri, mas tem uma certa tensão em sua expressão, e eu me pergunto se ela está pensando no que disse sobre Jude na festa da fogueira e se perguntando o que ele pode ter ouvido.

Eu me preparo, flexiono os dedos. Se ela disser qualquer coisa ainda que *remotamente* cruel para Jude, vou chamar a força total do universo e esmagá-la como um inseto.

Mas o olhar de Maya pousa no disco e ela sorri. Corre para a frente e o pega da mão dele, aninha o disco nas duas mãos e olha para o rosto glorioso de Sadashiv. Embora seja um artista britânico, ele tem ascendência indiana, com cabelo preto cacheado e cílios tão grossos que parece que está sempre de delineador. E isso é só o começo. Eu ouvi Penny e Lucy terem conversas inteiras no jantar sobre os lábios, as maçãs do rosto e até as *orelhas* dele. É sério? Para que tudo isso?

— Eu estava esperando isso havia meses! — exclama Maya, apertando o disco contra o peito. — Estou tão feliz que encontrei aqui.

— Viram? Discos de vinil! — diz meu pai, batendo com a mão no balcão. — Eu sabia que voltariam, mesmo com os adolescentes. Estou dizendo há anos.

Estou ansiosa para ir. Não quero me atrasar para a limpeza. Mas as bochechas do Jude estão vermelhas e estou hesitante em deixá-lo. Ele precisa de apoio moral agora? É difícil saber, porque ele não tira os olhos da Maya por tempo suficiente para me dar a dica.

Jude limpa a garganta.

— Tem, hã… mais alguma coisa com que posso te ajudar…?

Ela sorri para ele, e vejo Jude ficar mais nervoso a cada momento.

— Não, isso é tudo que vim procurar. Obrigada, Jude. Eu não sabia que você trabalhava aqui. Que emprego de verão legal!

Ele ri, ainda vermelho, e diz um monte de nada enquanto passa a compra no caixa e recebe o pagamento.

— Bom, se alguém precisar de mim — diz Maya, recuando para longe do balcão, ainda segurando o disco junto ao peito —, eu vou estar em casa ouvindo isto aqui sem parar.

— Espera! Leva um folheto — diz meu pai, balançando um papel azul para ela. — Vai ter a festa de limpeza da praia hoje! — Ele pisca para mim com entusiasmo. — A Prudence está encarregada.

— É mesmo? — Maya pega o folheto com certa cautela. — Eu perdi uma coisa na praia no começo do verão.

Finjo ignorância.

— Ah, é?

— É. Foi… — Ela hesita e olha para o folheto. — Quer saber? Acho que vou lá.

— Bom, não se atrasa. Você não vai querer perder o lixo bom — digo, nem um pouco convencida de que ela vai.

— Foi legal te ver, Prudence. Jude. — Ela acena.

Jude acena para ela, uma expressão sonhadora nos olhos, mas ela já está de costas para ele.

Ari entra na loja e passa por Maya no corredor. Maya faz uma pausa e estala os dedos.

— Ah, oi! Você não é a garota que estava na festa da fogueira? Com o violão?

Ari faz uma expressão de surpresa.

— Uau! Você é a segunda pessoa em dois dias que me reconhece por causa disso.

Maya sorri.

— Você foi incrível! Eu ouvi aquela música que você tocou… uma música sobre… flocos de neve na margem…

— “Blues de Inverno na Praia”! — diz Ari, sorrindo. — É uma das minhas favoritas.

— Eu nunca tinha ouvido, mas foi tão linda! De quem é?

Na mesma hora, Ari começa a se encolher dentro da concha e a cutucar o piso com a ponta do pé.

— Hã…

— É uma original de Araceli Escalante — digo.

Maya parece perplexa.

— Araceli Escalante? — Ela olha para Jude e para o meu pai. — Tem algum disco *dela* aqui?

Nós todos rimos, e eu seguro o cotovelo de Ari.

— É a Ari — respondo. — Ela é a compositora. A música era dela.

— Ah! — Maya bate com a mão na bochecha. — Que legal! Eu queria saber tocar um instrumento. Ou cantar. Ou compor… alguma coisa. Estou com tanta inveja.

E agora, ela deixou nervosos meus dois melhores amigos.

Olho para ela, me sentindo um pouco desconcertada.

Maya está agindo de um jeito tão normal. Tão *legal*.

Não que ela costume agir como uma grande metida nem nada, mas não posso ignorar as coisas que ela falou sobre o Jude. Que o descartou totalmente. Que sugeriu que ele estava abaixo dela. Tento lembrar as palavras exatas daquele dia, mas tudo está confuso. Mesmo assim, eu sei que não imaginei.

— Bom, se você gravar alguma coisa um dia — acrescenta Maya —, eu adoraria comprar seu disco.

Ela acena para todo mundo de novo e sai, criando um vácuo estranho na ausência, como se o ar tivesse sido sugado da loja. O efeito Maya Livingstone.

Eu estico os dedos, meio decepcionada por não ter tido chance de usar meu poder contra ela desta vez. O que deve fazer de mim uma pessoa horrível e ressentida.

O que ela disse na praia? Reviro o cérebro atrás de detalhes, mas só consigo me lembrar de Katie fazendo aquele comentário vazio sobre D&D ser um jogo de adoradores do diabo e Maya a criticando.

Mas houve mais. Tem que ter havido.

Ela o chamou de nerd? Ou foi Janine?

Alguém disse que ele era sinistro. E, ah! Obcecado. Alguém insinuou que Jude era obcecado pela Maya. Mas foi ela ou uma das amigas?

Mas ela disse que não estava interessada nele, e disse perto o suficiente do Jude! Isso não foi legal. Foi uma coisa sem coração! E… e…

Honesta.

Eu acho.

Ela foi honesta. E se não sabia que Jude estava lá, podendo ouvir…

— Gostei dela — diz meu pai, interrompendo minha linha incômoda de pensamentos. Ele bate uma mão na outra como se tivesse concluído um dia de trabalho. — Vocês têm amigos legais.

Eu me sacudo antes que meu cérebro possa seguir por outro buraco de coelho sem fundo.

— Tenho mesmo que ir — digo.

— Sim, vai! — ordena meu pai. — Faz deste mundo um lugar melhor! E se você encontrar algum turista, manda pra cá, tá? As pessoas estão chegando pra passar o verão e seria bom ter movimento.

Faço que sim, mas não estou prestando atenção nele. Minha atenção foi para Jude.

— Você está bem?

Ele parece atordoado e pensativo quando se apoia no balcão.

— Eu não me pareço em nada com o Sadashiv.

Eu tento não rir dessa declaração escancaradamente óbvia, porque Jude parece mesmo estranhamente chateado por isso. Olho para ele com solidariedade.

— Jude, ele foi escolhido como o homem vivo mais sexy do mundo. Talvez seja bom não ser tão rigoroso com você mesmo.

VINTE E OITO

Quint está me olhando com irreverência enquanto eu corro pela praia na direção de onde ele já montou duas mesas e para onde levou umas caixas de suprimento. Ele faz um gesto exagerado de olhar um relógio que ele não tem.

— Prudence Barnett, você está atrasada — diz ele. — Sabe, meu tempo é valioso também. O que houve com acreditar na pontualidade?

Eu olho para ele com expressão de desprezo.

— Que fofo. Meu *único* atraso não desculpa um ano inteiro dos *seus*.

— Talvez. Mas é um começo.

Bato uma mão na outra e olho as pilhas de caixas.

— O que a gente precisa fazer?

— Me ajuda a montar a tenda.

Ele levou uma tenda grande branca e as estacas para prendê-la na areia. Demoramos alguns minutos para ajeitar tudo. Quint até fez uma faixa, que ele amarra na parte de trás da tenda e que diz LIBERDADE PARA NÓS, LIBERDADE PARA A VIDA SELVAGEM. Embaixo, em letras menores, está escrito: “Aprenda mais sobre o Centro de Resgate de Animais Marinhos de Fortuna Beach!”

Nós terminamos de arrumar tudo: sacos de lixo reutilizáveis, garras de metal, luvas. Sobram minutos antes do horário de começar. Eu olho em volta, esperando ver um monte de gente vindo na nossa direção, pronta para iniciar essa festa épica de limpeza da praia.

Mas o que vejo quando paro e olho a praia é meio perturbador.

Eu vejo papéis azuis.

Muitos.

— Estou notando uma falha no nosso grande plano — digo, cutucando Quint

com o cotovelo. — Por que parece que metade do lixo aqui hoje é…?

— Nossos folhetos. — Ele assente e franze a testa pela ironia. — Eu também reparei.

— As pessoas são cretinas demais.

— Pelo menos, a gente veio limpar e também tirar muito plástico e muito lixo da praia. Ainda vai ser bom.

Eu puxo o zíper do moletom até o pescoço. O vento está meio brutal hoje. Espero que a gente não perca a força de trabalho antes da grande libertação dos animais acontecer. Fortuna Beach é ensolarada e quente durante 320 dias do ano, o que significa que somos uns fracos nos outros 45. As pessoas correm para se proteger ao menor sinal de chuva e até uma frente fria inesperada pode transformar a rua Main numa cidade fantasma.

Meus nervos vão ficando abalados quando cinco, dez minutos depois da hora de começar, só estamos eu e Quint. Nós mantemos uma conversinha leve. Nós nos ocupamos arrumando as pilhas de bolsas.

Mas eu sei que ele também está pensando.

E se for um fracasso gigantesco? E se ninguém aparecer?

Mas, quinze minutos depois do horário… as pessoas chegam. No começo, só alguns frequentadores da praia, curiosos. Mas as pessoas continuam vindo. Pessoas que eu conheço, mas também muitas que não conheço.

Claro que o grupo não é nada comparado ao festival do dia anterior, mas não para de crescer. E, melhor de tudo, as pessoas parecem empolgadas de estarem ajudando.

Dou um suspiro de alívio.

As pessoas foram. Estão aprendendo sobre o centro e os pacientes. Estão *ajudando*.

Com sorte, também vão doar dinheiro.

Quint e eu tentamos cumprimentar todo mundo, contar sobre o centro enquanto distribuímos sacos de lixo e luvas de látex. As pessoas começam a se espalhar pela areia, procurando lixo e detritos do festival do dia anterior na praia. Fico feliz de ver muitas famílias com crianças, que parecem tão animadas para catar lixo quanto ficam de pegar conchas e pedras.

Nós colocamos um pote de vidro grande para donativos na frente da tenda, e com os minutos passando, eu fico olhando toda hora. Reparo com alegria que

começou a reunir uma variedade de notas e moedas. Queria poder estimar quanto de dinheiro tem dentro, mas é impossível saber. São notas de um ou de vinte? Vou ter que esperar no suspense para descobrir quando nós contarmos depois do evento.

— Tudo preparado para a grande celebração de soltar os animais? — pergunto para Quint enquanto abro outra caixa de luvas.

— Os pacientes estão sendo preparados no centro agorinha mesmo — responde Quint. — Eles serão trazidos em uma hora.

— Perfeito.

— Eu tenho que admitir, Prudence, juntar a limpeza com o retorno dos animais ao mar foi brilhante. Todo mundo fica perguntando que horas vai ser. Acho que até botaram um artigo no jornal hoje, não foi?

Eu dou de ombros.

— Posso ter ligado para o *Chronicle* pra contar sobre termos encontrado Lennon ontem e aproveitado a oportunidade pra promover este evento.

Ele me olha de lado, sorrindo.

— Você tem jeito pra esse tipo de coisa, né?

Dou de ombros de novo.

— Nós temos que trabalhar com nossos pontos fortes, e acho que ninguém consegue resistir àqueles rostinhos lindos.

— Eu sei que eu não. — Seus olhos se enrugam nos cantos e parece que ele sustenta meu olhar um segundo a mais do que o necessário antes de se virar e tirar outra pilha de sacos de uma caixa de papelão.

Um calor se espalha pelo meu corpo. Eu mordo com força a parte de dentro da bochecha para não sorrir, porque sei que ele não quis dizer nada com aquilo.

Eu me ocupo olhando para as pessoas, procurando gente que eu conheço. Ari e Jude disseram que tentariam ir depois do trabalho, mas acho que eles não vão conseguir. Reconheço algumas pessoas da escola. Não amigos, mas conhecidos, ou só gente que já vi nos corredores. Também vejo minha professora de inglês do oitavo ano e um dos bibliotecários da biblioteca pública e até o Carlos, que eu nunca tinha visto fora do Encanto.

Por volta das 11h, há o que quase dá para ser considerado uma movimentação grande. Quint e eu distribuímos sacos e orientamos as pessoas para onde jogar o lixo e os recicláveis quando os sacos ficam cheios e as encorajamos a irem mais

longe na praia, onde os primeiros voluntários ainda não chegaram.

— Essa é, sem dúvida nenhuma, a melhor festa na praia a que já fui!

Eu levanto o rosto, sobressaltada. Meus pais estão andando na direção da tenda, sorrindo. Meu pai está segurando a mão de Ellie, e Penny também está junto, segurando uma coisa com as duas mãos fechadas.

— Oi! — digo, indo cumprimentá-los. Minha mãe me puxa para um abraço. — O que vocês vieram fazer aqui? Pai, por que você não está na loja?

— A gente queria fazer uma surpresa — responde ele. — Além do mais, Jude e Ari podem cuidar de tudo. E eu sei, eu sei que você ia preferir que eles viessem te ver em vez do seu velho, mas… o que posso dizer? Sua mãe e eu estamos morrendo pra ver a que você anda se dedicando tanto nas últimas semanas!

— Olha o que eu encontrei! — diz Penny, me mostrando a coleção de conchas quebradas que está segurando.

— Eu encontrei uma! — exclama Ellie, tentando espiar as mãos de Penny. Ela aponta para uma concha quebrada. — Aquela ali.

— É, foi a Ellie que encontrou essa — admite Penny.

Eu sorrio para as duas. Penny é o tipo de criança que aprecia as coisas simples da vida, coisas para as quais costumo revirar os olhos, mas hoje eu quase entendo o que ela vê naqueles pedaços quebrados de conchas coloridas.

E Ellie? Bom, ela aceita qualquer desculpa para remexer na areia. Eu reparo que ela está usando o vestido de lantejoulas com o macaco de novo, e que ainda tem uma manchinha de suco de tomate que provavelmente nunca vai sair.

Ver aquilo me dá uma pontada incômoda de culpa.

— Estou feliz que vocês vieram — digo. — Lucy não?

— Treino de softbol — replica meu pai, dando de ombros. — Aquela garota.

Aquela garota se tornou uma expressão comum em casa, que pode se referir a qualquer uma de nós por qualquer motivo do mundo. Nesse caso, sei que meu pai está comentando sobre a longa lista de compromissos sociais e atividades extracurriculares de Lucy, mas ele poderia facilmente usar *aquela garota* para se referir às colagens que Penny gosta de fazer de páginas de dicionários e enciclopédias velhas (muitas vezes fazendo uma sujeirada), ou a Ellie gritar por não conseguir encontrar o arco de cabelo que quer usar, ou até à minha insistência de que organizemos o armário de temperos em ordem alfabética porque obviamente é o jeito lógico de fazer isso.

Aquela garota.

— Ah, bom — digo. — Vocês vieram ajudar com a limpeza?

— Claro! — responde minha mãe. — É uma coisa tão legal que você está fazendo. Estamos tão orgulhosos de você, Prudence.

— Parece que a presença está ótima — comenta meu pai. — Estou impressionado.

Eu me viro para a mesa para pegar material para eles e vejo Quint nos olhando. Ele se vira rapidamente e se ocupa arrumando as caixas de luvas.

Eu hesito, tentando lembrar se já reclamei com Penny do meu parceiro de laboratório horrível. Ela me deduraria se somasse dois mais dois. Mas não posso *não* apresentar todo mundo, né?

Limpo a garganta.

— Hum. Mãe? Pai? Esse é o Quint.

Quint levanta a cabeça rapidamente, o sorriso já aberto. Ele os cumprimenta com muita educação. *Sr. Barnett. Sra. Barnett, é um prazer conhecer vocês.*

Ele admira a coleção de conchas da Penny.

Ele pergunta a Ellie sobre o vestido de macaco e fica impressionado do jeito certo quando ela mostra como as lantejoulas mudam de cor quando são viradas para cima ou para baixo.

Assisto a toda a conversa me sentindo muito constrangida, apesar de não saber bem por quê. Aquilo me parece importante, mas não sei se ligo se a minha família gosta ou não do Quint e se ele gosta ou não *deles*.

Não deveria importar.

Não importa.

De verdade. Nem um pouco.

— Então — diz meu pai, fingindo fazer cara feia — você é o motivo de a minha filha estar trabalhando tanto no verão e não estar se divertindo. Vocês não sabem que as férias de verão são para serem passadas na farra? Nada dessa — ele indica a praia — baboseira de gente boazinha!

Minha mãe revira os olhos e segura o cotovelo do meu pai.

— Ele está de provocação. Nós achamos ótimo.

Quint me olha de lado.

— Acredite se quiser, *está* sendo divertido. Ao menos pra mim.

Meu coração flutua quando percebo pela primeira vez que está sendo muito

divertido para mim também. O planejamento, a organização. Isso me faz bem.

E Quint… bom. A companhia dele não foi tão intolerável quanto era.

Quint e eu nos despedimos quando os quatro saem com os sacos. Ellie insiste em usar a garra primeiro, apesar de a coordenação dela não ser tão boa para usá-la direito. Ouço minha mãe fazendo um desafio: quem coletar mais lixo vai escolher o jantar. Ellie grita *escabete!* e corre pela praia.

— E você diz que não gosta de ter irmãs menores?

Faço uma careta.

— Às vezes elas não são tão ruins.

— Eu as achei ótimas.

Eu não posso olhar para ele, senão ele veria como meu coração está transbordando só com esse simples comentário.

Nós quase enchemos duas latas gigantescas de lixo quando outra pessoa aparece na tenda.

— Oi, Quint. Prudence.

Eu me viro.

Maya está inclinada por cima da mesa, segurando o folheto azul que meu pai entregou para ela na loja de discos de manhã.

Meus lábios se abrem de surpresa. Eu não acredito que ela veio.

— Oi, Maya — diz Quint, sorrindo. — Veio ajudar? — Ele oferece um saco vazio para ela.

Uma expressão de incerteza surge em seu rosto, mas ela disfarça rapidamente com um sorriso… embora sem muito entusiasmo.

— Na verdade, eu tinha uma pergunta.

— Manda. — Quint coloca o saco na mesa e se aproxima dela. Como se atraído por sua órbita.

Eu me irrito, mas fico imediatamente irritada comigo mesma.

— Perdi uma coisa um tempo atrás, na festa da fogueira. — Ela revira as mãos. — Queria saber se algum voluntário encontrou.

— O que era?

— Um brinco. De diamante.

Eu desvio a atenção para outra caixa de papelão e começo a soltar a fita.

Claro que é por isso que ela veio. Não para ajudar, mas para ver se nós encontramos a joia perdida dela.

É estranho como isso me consola, saber que ela não foi ajudar com a limpeza. Eu sei que não devia sentir isso, mas ainda estou abalada por ela ter sido legal com Jude e Ari de manhã. É difícil conciliar isso com minhas lembranças confusas da fogueira.

— Ah, que droga — diz Quint. Ele sabe, nós sabemos, como é improvável uma coisa assim aparecer. A areia da praia se move todos os dias. Uma coisa pequena como um brinco pode se perder em horas, levada para o mar ou enterrada para sempre.

Mas… algo me diz que isso não aconteceu com o brinco de Maya. Apesar de eu não poder ter certeza, tenho a sensação de que o brinco dela foi recolhido por aquela senhora que vi no dia anterior. Eu não dei uma boa olhada no que ela encontrou, mas lembro que brilhava no sol.

Amasso a fita e jogo em uma das latas de lixo do lado de fora da tenda.

Bate na borda e cai na areia.

Eu bufo.

Pelo menos, é uma boa desculpa para não olhar para Maya. Sei que estou com culpa escrita na cara, mesmo que… bom, eu não *fiz* nada. Foi o universo. Punições e recompensas. *Carma*.

— Sinto muito — diz Quint. — Acho que ninguém entregou nada assim. Ei, Prudence?

Eu paro no meio do gesto de pegar a fita.

— Alguém entregou um brinco?

— Assim — acrescenta Maya, me obrigando a fazer contato visual. Ela está com uma caixinha na mão e dentro tem um brinquinho de gota. Uma filigrana delicada de ouro cerca o diamante solitário. Um diamante grande. Maior do que a pedra na aliança de casamento da minha mãe.

Mas o que me chama atenção no brinco é a parte de trás. É o tipo de brinco que tem uma trave que encaixa no gancho, fechando-o para impedir que o brinco caia.

Eu tenho um brinco assim e sei que, a não ser que a pequena trave quebre, é impossível perdê-lo.

A não ser que o carma queira.

— Hã, não — gaguejo com um sorriso, pedindo desculpas. — Eu não vi nada assim.

— Eu posso avisar aos voluntários para ficarem de olho — diz Quint. — Onde você estava quando perdeu?

— Bem ali, perto dos penhascos — informa Maya. — Me avise se alguém encontrar, por favor. Esses brincos foram da minha avó. Eram… — Ela faz uma pausa, e meus ombros se contraem. A voz dela é tomada de emoção quando continua. — Ela faleceu ano passado e eles foram a última coisa que ela me deu e… eu… vim aqui quase todos os dias depois da festa pra procurar…

A culpa arranha a minha garganta.

Mas eu não fiz nada de errado. Perder o brinco foi culpa dela. Foi retribuição do universo!

— Bom, eu ainda tenho um. É alguma coisa — diz Maya com um sorriso fraco. — Mas não é a mesma coisa.

— Eu sinto muito — diz Quint. — Te aviso se alguma coisa aparecer.

— Obrigada, Quint. — Ela faz uma pausa e olha dele para mim. — Além do mais… ver vocês dois trabalhando juntos e aparentemente não pensando em assassinato é *bem* bizarro. Parece que eu entrei em *Além da imaginação*.

Quint ri e olha para mim.

— É. Nós também.

— Bom, é inspirador — replica Maya. E, para minha surpresa, ela pega uma das bolsas. — Acho que vou fazer a minha parte, então.

Ela vai para a praia na direção dos penhascos. Eu fico olhando por tempo suficiente de vê-la se curvar e pegar um folheto azul e enfiar na bolsa.

— Cara — diz Quint. — Deve ser horrível perder uma coisa de valor sentimental assim. Meu avô me deu uma bola de beisebol velha autografada por todo o time do LA Dodgers de 1965. Se alguma coisa acontecesse com ela, eu ficaria arrasado.

Respiro fundo e tento tirar o peso do peito.

— É. Horrível.

— Com licença, você é Prudence Barnett? — Eu me viro e vejo um homem de calça jeans e um suéter azul de Fortuna Beach. Tem uma câmera grande pendurada no pescoço dele.

— Sim, sou eu.

— Oi, eu sou Jason Nguyen, do *Chronicle*. Nós nos falamos no telefone ontem à noite.

— Ah, sim! Oi! Obrigada por vir.

— Eu não perderia por nada. É um evento incrível. Eu adoraria fazer uma matéria para o jornal de amanhã. Talvez também uma mais longa sobre o centro para domingo. Você se importa se eu fizer algumas perguntas?

— Ah, uau. Que maravilha. Não, claro, mas… — Eu olho para Quint, que está impressionado de nosso pequeno evento ter chamado a atenção de um jornalista de verdade. — Acho que faz mais sentido você falar com o Quint aqui. A mãe dele fundou o centro, e ele é voluntário lá há bem mais tempo do que eu. Além do mais, se você precisar de mais fotos para os artigos, ele pode te mostrar umas maravilhosas.

A surpresa de Quint passa e é substituída por constrangimento.

— Seria perfeito — diz o jornalista. Ele e Quint saem para a praia, e embora eu tente não ficar olhando, não consigo deixar de roubar olhares na direção deles sempre que não estou ocupada respondendo perguntas dos voluntários do dia. Quint fala de forma tão apaixonada, sua linguagem corporal é exuberante, as expressões vão de perturbação (imagino que contando histórias dos estados lamentáveis em que alguns animais foram encontrados) a êxtase, conforme a conversa se volta a coisas mais animadas. As personalidades dos pacientes e como é devolvê-los ao mar. Enquanto ele fala, o jornalista anota várias coisas e tira algumas fotos dos voluntários e do lixo que estamos coletando.

Ao meio-dia, a praia está impecável, como se a humanidade nunca tivesse botado o pé nela. Quint e eu ajudamos os voluntários a esvaziarem os sacos nas lixeiras e separamos o que é lixo e o que é reciclável. Fico surpresa quando alguns voluntários, que começaram a entrar nessa onda de altruísmo, até vêm ajudar.

Por fim, Quint faz uma declaração de que todos fizeram um ótimo trabalho e agradece a ajuda. Enquanto faço meu discurso preparado sobre o centro e a missão (que leva só seis minutos da minha vida, eu contei alguns dias antes), Quint liga para a mãe e fala para ela levar o trailer.

Está na hora de devolver alguns animais ao lar deles.

VINTE E NOVE

Uma buzina chama a minha atenção para o calçadão. A van, decorada com a logo do centro, para na areia. Um grito surge dos voluntários. Ouço o clique da câmera de Jason.

Quint ajuda a guiar a mãe, para ela fazer a manobra e deixar a van com a traseira virada para a água. Parece uma manobra simples, mas dirigir na areia é difícil, e, todo verão, há histórias de gente que perde o veículo para o mar porque chegou perto demais e as rodas ficaram atoladas na areia molhada. Mas Rosa é cautelosa e, além do mais, já deve ter feito isso centenas de vezes.

Quando a van para, a multidão se aproxima com empolgação, celulares e câmeras nas mãos. Quint e eu precisamos lembrar a todos para ficarem para trás, para que as focas tenham caminho livre para chegarem ao mar. Já me disseram que a maioria dos animais soltos não perde tempo quando vê as ondas quebrando; eles ficam animados para saltitar até a água e desaparecer na baía convidativa. Mas, de vez em quando, de acordo com Quint, tem um que fica curioso com os voluntários e qualquer pessoa que esteja na praia no dia. Os animais, às vezes, querem olhar sacos de comida ou rolar na areia como se estivessem querendo entreter quem está olhando. É uma lembrança adorável para quem está envolvido, mas também pode provocar dificuldades para a equipe que tenta fazê-lo ir para onde deve ir.

Rosa e Shauna saem da van, e Rosa cumprimenta a multidão com um sorriso largo, quase eufórico.

— Uau — sussurra ela. — É a maior quantidade de pessoas que nós já tivemos testemunhando um animal sendo solto. Eu faço esse trabalho há quase vinte anos, mas é a primeira vez que uma das nossas comemorações de animal recuperado virou coisa pública. Estou tão feliz de vocês poderem se juntar a nós

hoje, e agradeço, do fundo do coração, por ajudarem a deixar nossa praia limpa e segura para esses animais lindos. Depois que vocês virem como eles ficam felizes de voltar ao habitat natural, acho que vão ficar tão empolgados quanto eu de serem parte deste dia — Ela faz um gesto para mim e Quint. — E quero dedicar um agradecimento especial ao meu filho, Quint, e à nossa nova voluntária, Prudence, que fizeram este evento acontecer.

Eu dou um aceno constrangido para a multidão. As pessoas aplaudem de forma graciosa, ainda que um pouco impacientes. Ouso olhar para Quint e nós trocamos um olhar orgulhoso. E aí… ele pisca para mim.

Meus batimentos saltam.

— Eu fico feliz em ficar e responder perguntas sobre o centro depois que os animais forem soltos — diz Rosa —, mas, agora, sei que vocês não vieram me ver. Vieram ver Pepper, Tyrion, Chip e Navy, quatro focas que estão doidas para voltarem para casa.

Rosa e Shauna abrem as portas de trás da van e revelam quatro caixas. Olhos escuros e carinhas peludas com bigodes espiam pelas grades, e um *aww* unânime é dito pelas pessoas.

Nós tiramos as caixas da van e as colocamos na areia. Rosa lembra a todos para não se aproximarem dos animais e não darem comida a eles.

— Mas tirem quantas fotos quiserem — eu acrescento —, e nos marquem se postarem nas redes sociais.

Atrás das portas gradeadas das caixas, vejo as focas se animando e olhando curiosamente para o mar. Há uma sensação quase sufocante de expectativa.

As portas são abertas.

Três das quatro focas correm das caixas como se estivessem nas corridas do Kentucky Derby. Elas saltitam pela areia, todas juntas, as nadadeiras batendo na areia. Mergulham na água e, em segundos, desapareceram embaixo das ondas.

A quarta foca, Chip, está mais hesitante. Ele coloca a cabeça para fora da caixa, olha em volta. Inspeciona a plateia e, com timidez e incerteza, sai da caixa. E fica parado lá, olhando em volta, como se estivesse confuso. Rosa e Quint precisam pegar umas tábuas na van e usá-las para guiarem Chip par a água, como se guiaria um porco difícil para o chiqueiro.

Finalmente, Chip parece entender e vai saltitando pela praia. Uma das outras focas bota a cabeça para fora da água, como se estivesse esperando que o amigo

se juntasse a ela.

Chip mergulha no mar.

A multidão explode em gritos.

Durante dez minutos, as focas podem ser vistas na costa, brincando e mergulhando juntas, apreciando a nova liberdade. Nós ficamos olhando, tentando capturar o máximo que podemos com nossas câmeras e celulares.

E elas vão embora.

Meu coração inflou até ficar do tamanho de um abacaxi no meu peito. Inspiro fundo, tentando guardar isso na memória, nas dobras da minha mente. O cheiro do mar, o vento frio, o brilho do sol. Estou até com lágrimas nos cantos dos olhos, e uma parte de mim quer dizer que é irritação por causa do vento, mas aí vejo que não sou a única secando lágrimas. Na verdade, quando olho em volta, levo um susto de ver que Maya ainda está lá, também com os olhos brilhando.

Ela me olha e nós trocamos um sorriso, cada uma de nós constrangida de ter sido pega com as emoções na cara, mas também estranhamente unidas por essa coisa especial que nós acabamos de testemunhar.

Minha atenção é atraída por outra forma no fundo da multidão, uma pessoa que eu não tinha visto antes.

Eu levo um susto. É a senhora do dia anterior. A que achou o brinco.

Ela está longe e não faz parte da nossa comemoração, mas sei que viu a libertação. O sorriso no rosto enrugado revela isso.

Engulo em seco. Meu olhar se desvia para Maya, mas ela sumiu. Olho em volta e a vejo na praia, indo para o calçadão. Seus ombros estão encolhidos e a mãos enfiadas nos bolsos da frente daquele moletom enorme.

Volto a atenção para a senhora. Ela está usando o mesmo cinto com a pá, a garrafa de água e a bolsinha para guardar as descobertas.

Eu me lembro das coisas cruéis que Maya disse sobre Jude.

Lembro que aquela senhora fofa estava pegando lixo na praia, não por terem prometido nada em troca, só porque é a coisa certa a fazer.

Mas penso no nó na garganta da Maya quando ela explicou que os brincos foram presente da avó.

A guerra no meu coração é breve, mas intensa.

Os voluntários começam a dispersar, muitos falando sobre irem à cidade tomar um café no Java Jive. Eu passo pela multidão e corro atrás da senhora

quando ela também começa a se afastar.

Ela está ajustando o detector de metais quando me aproximo.

— Com licença?

Ela me olha, e vejo que ela demora um momento para me localizar, mas abre um sorriso caloroso.

— Oi de novo.

— Oi. Hã… o que você achou dos animais sendo soltos? — Não sei bem por que digo isso, fora que parece que começar com uma trivialidade é bem melhor do que entrar direto no que quero perguntar.

— Glorioso — disse ela. — Eu amo o centro e o que ele faz. Sabe, em todos os anos que fiz isso, eu encontrei três focas e uma lontra na praia. Gosto de saber que tem um lugar aqui que pode vir ajudar.

— É mesmo? Uau! Que incrível! Você é uma heroína.

Ela ri.

— Só uma pessoa que ama a cidade e as praias.

— É incrível o que você faz. Isso de ajudar a manter a praia limpa. Essa limpeza foi incrível, mas… você deve ter coletado mais lixo ao longo dos anos do que nós todos juntos.

Ela dá de ombros.

— Me mantém longe de confusão. E eu gosto de caçar tesouros enterrados. — Ela bate no detector de metais. — Você ficaria surpresa com as coisas que encontramos.

É a minha abertura e eu me preparo, tentando não parecer ansiosa demais.

— Falando nisso. Tem uma garota, que eu conheço da escola. Ela perdeu uma coisa umas semanas atrás. Um brinco. De diamante.

A mulher ergue as sobrancelhas.

— Era precioso pra ela. Os brincos foram de sua avó, que faleceu, e… enfim. Por acaso, você não encontrou uma coisa assim, encontrou?

Há um segundo, um breve segundo, em que espero que ela minta. Afinal, um brinco de diamante de verdade pode ser a coisa mais valiosa que ela já encontrou. Achado não é roubado, certo?

Mas ela dá um passo para perto de mim, quase vibrando.

— Na verdade, sim. Eu encontrei um brinco de diamante. Logo depois que falei com você. Bem ali. — Ela aponta para o lugar onde a vi encontrar o brinco

no dia anterior.

— Ah! Que ótimo — digo, aliviada por ela não parecer chateada de saber que o tesouro enterrado dela pertencia a outra pessoa. — Que maravilha. Ela vai ficar tão feliz!

— Mas não está mais comigo.

Eu hesito.

— Como?

— Já vendi. É isso que eu faço quando encontro qualquer coisa que possa ser de valor. Levo pra loja de penhores na Seventh. Eu ofereceria de devolver o dinheiro, mas… — Ela faz uma careta. — Também não tenho mais o dinheiro.

— É mesmo? Mas… foi ontem. — Eu faço os cálculos de cabeça. Se ela vendeu o brinco hoje de manhã e foi para a praia… ela só teve uma ou duas horas para gastar o dinheiro. O que ela pode ter feito com ele? Fico desesperada para perguntar, apesar de saber que não é da minha conta.

— Eu sei. Meu dinheiro não costuma ir embora tão rápido — diz a mulher com uma risadinha. — Mas, quando eu vejo uma causa digna como o centro de resgate, eu tenho dificuldade de dizer não. — Ela indica a tenda.

Eu sigo o olhar dela. Rosa está falando com o jornalista. Quint está guardando os sacos que sobraram nas caixas. Shauna está…

Shauna está enroscando a tampa do pote de vidro, que está quase cheio de dinheiro.

— Ah, entendi. — Estou impressionada quando olho para a mulher. Ela encontra um brinco de diamante, um grande golpe de sorte, e vende para ganhar dinheiro. E logo dá o dinheiro para um centro de resgate de animais?

Caramba. Será que ela devia ser indicada para ser santificada?

Ao ver minha expressão, ela balança a cabeça com vergonha.

— Eu não preciso de mais dinheiro. Sou aposentada e recebo um bom dinheiro, meus filhos são adultos e têm família. Tenho mais do que poderia pedir na vida. Quando uma sorte inesperada aparece assim, parece que o universo a mandou para mim para eu poder fazer alguma coisa boa com o dinheiro. Quando vi você distribuir os folhetos ontem e depois vim aqui testemunhar os animais sendo soltos… bom, foram sinais demais do universo, e eu não estava disposta a ignorá-los.

Eu faço que sim, com compreensão.

— Sei exatamente o que você quer dizer.

— Mas ainda tem a sua amiga. Sinto *muito* sobre isso.

— Está… tudo bem. Vou pensar em alguma coisa. Se eu falar com a loja, talvez eles… devolvam. Sei lá. — Eu hesito. — Sei que não é da minha conta, mas, hã… você poderia me contar quanto eles pagaram pelo brinco? Só pra eu ter uma ideia de por quanto eles podem estar querendo vender?

— Bom — diz ela —, Clark, o dono de lá, diz que valeria mais se fosse o par, claro. Não tem muita gente interessada num brinco só. E ele não paga o valor de mercado. Precisa ganhar o dele, naturalmente…

Eu sinto que ela está enrolando e acho que ela talvez esteja constrangida, mas não sei bem por quê.

Até que…

— Mas, enfim. Ele me pagou mil e duzentos por ele.

Parece que eu levei um empurrão no peito. Até dou um passo para trás.

Uma série de emoções surge em mim.

Aquela mulher acabou de entregar mil e duzentos dólares como se não fosse nada… e agora tenho certeza de que foi por isso que ela pareceu constrangida. Sem dúvida, ela pretendia que a doação fosse feita de forma anônima.

E aí… eu me dou conta.

Mil e duzentos dólares. Nossa arrecadação conseguiu mil e duzentos dólares hoje! E só de uma pessoa! Quint e eu achávamos que teríamos sorte se conseguíssemos metade disso.

Só que… o dinheiro é nosso mesmo?

Minha cabeça está girando. Como isso tudo ficou tão complicado tão rápido?

— Espero que tudo dê certo pra sua amiga — diz a mulher, parecendo realmente preocupada. — Seria terrível perder uma herança familiar assim. Mas Clark é um cara razoável. Talvez vocês consigam chegar a uma solução.

TRINTA

Um comprador de bens adquire só aquilo que o vendedor tem poder de transferir. A propriedade continua pertencendo ao dono legal.

Foi isso que eu aprendi depois de algumas buscas básicas no Google. Uma parte da propriedade ainda pertence ao dono legal, sem importar quem comprou ou vendeu depois. A maioria dos artigos que encontrei tem a ver com propriedade roubada que é vendida em casas de penhores. Sei que o brinco de Maya não foi *roubado*, mas o resultado é basicamente o mesmo. Ela continua sendo a dona legal do brinco. Se ela fosse à loja e o pedisse de volta, eles seriam obrigados a devolver… principalmente se ela apresentasse provas de que o brinco é *dela*. Eu acho que mostrar o par seria prova suficiente.

E foi isso que eu determinei, independente da interferência do universo.

A transgressão de Maya, as coisas ruins que ela disse sobre o meu irmão, não foi merecedora da punição que ela recebeu. Estou convencida de que ela não estava *querendo* ser cruel naquele dia (embora não possa dizer o mesmo de suas amigas). E agora ela perdeu uma herança familiar preciosa. Independentemente do valor monetário, eu sei que aquele brinco vai sempre ser mais precioso para Maya e talvez para os filhos ou netos dela um dia do que para qualquer pessoa que possa comprá-lo na loja. Principalmente porque qualquer pessoa que compra um único brinco deve estar planejando tirar o diamante e colocá-lo em uma joia diferente.

E, nesse ponto, a herança já não existiria mais, para sempre.

Então… Maya devia ficar com o brinco.

Mas.

Nenhuma outra pessoa envolvida nessa situação fez alguma coisa errada.

A senhora da praia não fez nada de errado quando encontrou o brinco e nem

quando decidiu vendê-lo.

Clark, o dono da loja, não fez nada de errado quando pagou 1.200 dólares por ele.

O centro de resgate não fez nada de errado quando recebeu o dinheiro como doação.

Se eu pedir a Rosa para me devolver o dinheiro para eu comprar o brinco de volta, o centro fica prejudicado.

Se eu contar para Clark que Maya é a dona por direito, ele vai ser obrigado a devolver e vai perder o dinheiro. Vai prejudicá-lo e também o negócio dele.

Eu poderia só contar à Maya que vi o brinco na loja de penhores e deixar que *ela* o recupere, mas a única coisa que isso resolve é evitar qualquer interação constrangedora.

Então, o que eu faço?

Refletir sobre o assunto me deixou com dor de cabeça, e pela primeira vez desde que percebi a realidade desse meu poder cármico, fico com raiva dele. Por que o universo teceu essa teia complicada e me jogou no meio?

É uma situação sobre a qual passei a manhã deliberando, meu cérebro lutando para encontrar uma solução com a qual ninguém fique prejudicado, forçando e avaliando e correndo em círculos, enquanto minhas mãos ficam ocupadas separando e lavando balde após balde de peixe. Eu só percebi quando cheguei hoje que não era dia de trabalho do Quint. Ele só trabalha na quarta, e *eu* tenho a quarta de folga, e estou extremamente incomodada com o tanto que isso me deixou decepcionada.

Quint Erickson.

Que me fez ficar arrepiada de repulsa por tantos meses. Que foi fonte de uma irritação infinita. Que fez meu sangue ferver de raiva. Que eu fantasiei de estrangular em mais de uma ocasião.

Que não é nada do que eu pensei.

É um problema descobrir que me enganei sobre ele. Porque, se eu não o odeio, de repente, há um local aberto enorme onde esse sentimento antes ficava e… bem, esse ponto parece estar ficando cheio de outra coisa.

E isso é apavorante. Apesar de termos passado a ficar à vontade na presença um do outro e da forma como ele sorri rapidamente para mim agora (apesar de ele sorrir facilmente para todo mundo, tenho que lembrar a mim mesma), apesar

de tudo isso, eu não acho que o Quint goste de mim *daquele* jeito. Não acho que ele conseguiria. Nós nos tornamos amigos, de certa forma, o que me deixa feliz, de certa forma. Mas triste também.

O amante de diversão, tranquilo e absurdamente charmoso Quint Erickson… com sentimentos por Prudence, a puritana?

Ah. Claro.

Então talvez seja bom eu ter a ética moral de um brinco perdido na cabeça, para manter a mente ocupada. Para impedir que vagasse com frequência *demais* para o tópico do Quint. Nesse caminho, fica o perigo.

Quando termino meu trabalho, faço uma limpeza rápida na cozinha antes de pendurar o avental. Começo a andar pelo corredor, espiando por cima dos muros para ver os pacientes que não foram levados para o pátio. Quase metade dos cercados está vazia agora. A temporada movimentada de novos animais marinhos que foram parar na praia acabou e me disseram que o centro vai ficar quase vazio entre agora e o inverno, antes da temporada de reprodução na primavera levar a um novo grupo de pacientes. Rosa me contou depois da festa de libertação que essa é uma ótima época do ano para realocar os esforços para as campanhas de arrecadação de fundos e contato com a comunidade, quando elas não estão tão ocupadas.

Tecnicamente, com meu trabalho do dia terminado, eu posso ir para casa. Ainda não fui treinada para ajudar com o cuidado direto dos animais, então não tem muita coisa que eu possa fazer. Mas enrolo um pouco, vejo uma foca roncar no cobertor por um tempo e um voluntário limpar uma ferida infeccionada de uma das tartarugas marinhas. Vejo quantos pacientes consigo identificar sem olhar o nome e fico surpresa de perceber que reconheço a maioria. Há pistas claras: feridas ou cicatrizes deixadas por vários traumas e as marcas geométricas que raspamos no pelo para ajudar a identificá-los. Mas também há outras coisas. Uma coleção única de manchas na testa de Junebug. A coloração castanha nas costas de Clover. Os gritos do Galileu, que parecem uma risada.

Encontro um leão-marinho e fico paralisada.

Eu o reconheço imediatamente. E, sim, o enevoado nos olhos dele pode ser um sinal óbvio, mas acho que o reconheceria de qualquer jeito.

Vejo seus papéis e ali está o nome que dei para ele, bem no alto. Lennon.

— Oi, amigão — digo, cruzando os braços em cima do murinho que nos

separa. — Como você está?

Lennon levanta a cabeça, fica sobre as quatro nadadeiras e vem para perto de mim. Ele parecia tão pequeno na praia, e eu sei que ainda está bem abaixo do peso em comparação a um leão-marinho saudável, mas, mesmo assim, ele parece bem maior hoje. A cabeça dele, quando está todo em pé assim, chega quase na minha cintura. Ele empurra o focinho para a frente na minha direção, os bigodes pretos tremem e…

Ah, eu não consigo me segurar. Cedo e estico a mão para fazer carinho em sua cabeça. Ele se encosta na minha mão.

— Caramba, como você é macio — digo. É a primeira vez que toco em um dos animais, e embora eu estivesse ciente de que eles costumavam ser caçados pela pele e transformados em casacos luxuosos, eu não entendia por que até agora. Quem não ia querer ficar enrolado em algo tão macio e sedoso? É claro que o pensamento me faz me sentir um pouco como Cruella de Vil, mas eu afasto a ideia. — Não se preocupe. Não vou te transformar em casaco. Nunca fica muito frio aqui mesmo.

Lennon chega para trás e, para minha surpresa, levanta uma nadadeira e balança rapidamente.

— Não acredito — sussurro. — Você acenou pra mim?

Ele estica o nariz para mim de novo. Rindo, faço carinho nele, sem reservas dessa vez. Fico surpresa de ver meus olhos ardendo de emoção.

— Eu também estou feliz de te ver. Você parece estar bem melhor do que ontem.

Meu coração parece um balão, se expandindo e inchando até meu peito inteiro estar cheio.

Eu nunca amei um animal. Nem aquele gerbil.

Mas, uau. Estou repentina, inexplicavelmente apaixonada por esse pequeno grande pinípede.

Eu o observo, coisa que não tive tempo de fazer na praia. O lado da frente tem um tom quase dourado e a cabeça e as costas são mais escuras, como bronze envelhecido. Os bigodes são mais curtos do que a maioria dos outros que eu vi, e tem uma coleção de sardas brancas entre os olhos. Como os outros, ele agora tem símbolos raspados no pelo: dois traços e uma seta para cima. Não sei que número é esse.

As feridas em seu corpo não parecem tão ruins, agora que foram limpas. Ele pode estar ferido, mas parece muito melhor do que alguns animais que vi nas fotos do Quint.

Além do mais, ele é lindo. É o leão-marinho mais bonito que eu já vi.

Eu exagero nos movimentos para olhar a foca ao lado antes de me inclinar para Lennon e sussurrar:

— Não conta pra ninguém, mas você é o meu favorito.

Lennon sobe e desce a cabeça algumas vezes, como se isso não fosse surpresa. E começa a andar pelo cubículo, inspecionando o cobertor no canto, o ralo, a pequena banheira com água. Ele me parece bem precoce, e eu sei que não vai ficar por muito tempo. Logo, logo, estará no pátio, fazendo amizade com os outros animais.

Eu suspiro.

Nos meus primeiros dias no centro, tive certeza de que a parte mais difícil do meu trabalho seria aguentar o fedor de peixe morto que permeia o ar, as paredes e, no fim do dia, as minhas roupas e o meu cabelo. Mas essa não é a pior parte.

Tentar não criar laços com os animais é bem, bem mais difícil. Pelo menos agora. É engraçado como não me pareceu algo tão terrível quando eles eram apenas um bando de estranhos do mar. Era tipo ir ao zoológico todos os dias. Você pode parar e olhar seu animal favorito alguns minutos, mas logo se cansa e vai comprar um pretzel.

Mas não é assim. Com Lennon, estou apegada.

Não falem com os animais, eles dizem. Não brinquem com eles. Tentem até evitar fazer contato visual se puderem. Eles não podem ficar confiantes com pessoas. Não podem ficar dependentes.

Mas, apesar de saber disso, apesar da importância que todo mundo coloca nessa regra, eu sinto um brilho de desafio por trás do esterno.

Eu me afasto do muro e olho para os dois lados do corredor. Está na hora do almoço. A maioria dos voluntários está no intervalo. Rosa e Shauna estão em algum lugar e, provavelmente, a dra. Jindal também, mas eu não as vi o dia todo.

Depois de ter certeza de que o andar está vazio, ao menos de humanos, eu estico a mão e abro o portão. Solta um gemido quando o abro.

Lennon grita com empolgação quando eu entro.

Peço para ele fazer silêncio e posiciono as mãos de um jeito que espero que

pareça um pedido de calma. Na mesma hora, ele se aproxima e tenta morder um dos meus dedos.

— Ei, nada disso — digo, afastando as mãos. — Eu não tenho peixe pra você.

Mas claro que ele deve sentir o cheiro nos meus dedos.

— Desculpa. Eu devia ter trazido um petisco. Na próxima, tá?

Fecho o portão. O piso de ladrilho tem pequenas poças de água da lavagem de Lennon, mas eu as ignoro. Encosto na parede e deslizo até o chão para me sentar ao seu lado.

Ele me imita e vira, para ficar com as costas na parede. Dou outra risada. Esse cara podia estar num circo. Talvez eu devesse tirá-lo dali, para nos tornarmos uma dupla famosa. Posso cantar músicas dos Beatles e ensinar truques par ele. Nós seríamos um sucesso!

— Se ao menos você fosse uma morsa — digo, fazendo carinho no pescoço dele. E, achando graça do meu próprio humor, eu cantarolo: — Coo-coo-ca-choo.

Com a mão nas costas dele, eu encosto a cabeça na parede. Na mesma hora, meu pensamento volta para os dois tópicos que ocuparam meus pensamentos o dia todo.

O brinco.

E Quint.

Não quero pensar em nenhuma das duas coisas.

— Eu vou me encontrar com a minha amiga Ari no nosso restaurante favorito amanhã à noite — digo. — Pode ser que o Jude também vá. Ele é meu irmão. Você conheceu os dois, lembra? A gente vai num lugar chamado Encanto. Tem uma comida deliciosa lá de frutos do mar. Você ia gostar. Ei, será que a moça do karaokê vai estar lá de novo?

Lennon abaixa a cabeça e empurra minha perna.

— Não, não posso te levar para o karaokê comigo. Desculpa. Mas sabe o que eu devia fazer?

Ele levanta a nadadeira da frente e balança, como tinha feito antes.

— Exatamente — digo. — Eu devia ir cedo e passar umas horas acertando erros cármicos. Recompensando pessoas, punindo pessoas… Talvez isso me fizesse me sentir melhor. Quer dizer, claro que toda a justiça que executei até agora não acabou sendo complicada. A maioria das pessoas merece o que tem.

Não é?

Em resposta, Lennon chega mais perto de mim e coloca a cabeça na minha coxa.

Inspiro fundo e fico bem imóvel. Meu coração já quase explodiu quando ele acenou para mim, agora eu acho que deve ter explodido mesmo. Parece que tem uma alegria quente e gosmenta inundando meu corpo todo.

— Tudo bem, esquece a ideia de dupla — murmuro. — Você pode ser meu leão-marinho terapeuta. Vou conseguir uma licença pra você, tá?

Eu começo a fazer carinho em sua cabeça de novo e ele rola de lado, quase como se estivesse se aconchegando.

— Ah, cara. Essa é a melhor coisa que já me aconteceu. — Balanço a cabeça com certa tristeza. — Mas eu espero que isso não ferre de vez sua vida no mar.

— Então você *está* preocupada?

Eu levo um susto, e só a cabeça do Lennon na minha perna me impede de pular de pé.

A dra. Jindal está parada do lado de fora do cercado do Lennon, nos observando, os braços cruzados sobre o peito.

TRINTA E UM

O pânico toma conta de mim. Posso ser demitida por isso? Eles demitem voluntários?

— Desculpa — gaguejo. — Eu sei que a gente não deve interagir com eles. Mas… — Mas não consegui me controlar? Mas essa carinha fofa foi irresistível? Mas ele é tipo o *meu* leão-marinho, então…

As palavras morrem na minha língua. Não tenho desculpa boa.

Eu devia me levantar. Não só porque ficar sentada parece meio desrespeitoso, mas porque ficar imóvel sugere que eu não lamento ter violado a regra… e acho que não lamento mesmo, apesar de achar que deveria.

Além do mais, minhas costas estão começando a doer e tem uma umidade penetrando na minha calça jeans. Mas Lennon ainda está com a cabeça no meu colo, e eu fico parada.

— Está tudo bem, Prudence — diz a dra. Jindal. — Eu não vou te entregar. Sei como é fácil se apegar, principalmente com os que ajudamos a resgatar.

Apesar da gentileza dela, eu ainda me sinto repreendida.

— Além do mais — continua ela —, com o Lennon aqui, não vai fazer diferença.

Eu franzo a testa e faço carinho nas costas de Lennon de novo. Sinto os músculos dele relaxarem sob meu toque.

— O que você quer dizer?

— Você não leu o prontuário dele?

— Não — respondo, olhando para a parede, embora dali eu não consiga ver a prancheta que tem as informações médicas de Lennon, desde o quanto ele pesa até os tipos de tratamento que recebeu. Os relatórios são uma leitura árida, e depois dos primeiros dias no centro eu parei de olhar. — Por quê?

A dra. Jindal coloca uma pilha de cartas de lado, que eu não tinha notado que ela estava carregando. Solta o prontuário do Lennon do gancho, abre o portão e entra.

Lennon levanta a cabeça. Provavelmente, querendo um petisco.

— Ele tem uma infecção no olho — informa a dra. Jindal, se agachando ao nosso lado.

Eu examino os olhos dele. São olhos doces, suaves, inteligentes, ainda vidrados, ainda enevoados. E agora, vejo um sinal de gosma amarela no canto interno de um.

— Ele é completamente cego do olho esquerdo — diz a veterinária —, e a infecção se espalhou para o olho direito agora também.

Meu coração se contrai.

— Dói?

— Não nesse estágio. Mas não tem muito que a gente possa fazer. Ele vai acabar ficando totalmente cego.

— Mas, se ele ficar cego, como vai caçar? Como vai sobreviver?

Ela me olha com solidariedade.

— Não vai. Não no mar.

Sou tomada de compreensão. Lennon não vai poder voltar para o mar.

Como se entediado pela nossa conversa, Lennon se levanta de repente, se vira e vai até o cobertor.

Usando a parede como apoio, eu me levanto de novo.

— O que vai acontecer com ele?

— Nós vamos fazer o melhor para cuidar dele e deixá-lo confortável, como fazemos como qualquer paciente. E, quando chegar a hora, ele será enviado para uma casa nova.

— Um zoológico.

— Talvez. Tem também aquários e santuários. Rosa tem muitos bons contatos. Vai encontrar o melhor lugar pra ele. — Ela coloca a mão no meu ombro. — Você salvou a vida dele mesmo assim. Só vai ser uma vida diferente de antes.

Eu assinto.

— Obrigada, dra. Jindal. Mas salvá-lo foi um esforço de grupo.

— Sempre é — diz ela, rindo. — E você está aqui há um mês agora,

Prudence. Pode me chamar de Opal.

Eu já estou mesmo lá há um mês? Passou tão rápido.

Entendo agora por que ela não ficou chateada comigo. Se Lennon for para um zoológico, ele vai ficar cercado de humanos o tempo todo, desde cuidadores a crianças barulhentas. Quanto mais acostumado ele ficar com a presença de humanos, melhor.

— Não se preocupe com ele — acrescenta ela. — Lennon é um guerreiro. Eu percebi. — Ela me olha, e tenho a sensação de que pensa isso de todos os animais que vão parar lá, por pior que eles estejam. — E isso tudo tem um lado bom.

— Eu vou poder visitá-lo — digo.

Ela faz uma pausa e ri.

— Sim, vai. São dois lados bons, então. — Ela sai pelo portão.

Eu vou atrás dela, confusa.

— Qual é o outro?

— Lennon não é o único animal que temos que não pode ser solto. Nós vamos apresentá-lo pra Luna esta noite. Se eles se derem bem, nós torcemos pra encontrar um lar permanente que aceite os dois.

Eu me animo, aliviada na mesma hora de pensar que Lennon vai ter uma amiga que vai ficar com ele quando sair do centro.

— Por que eles não se dariam?

Ela dá de ombros.

— Assim como acontece com os humanos, alguns animais não… batem. Mas eles também podem se acostumar com o tempo. Se não houver química hoje, a gente vai continuar tentando. Vamos ter que ver o que acontece.

Eu tranco o portão, e Lennon olha brevemente para cima antes de se deitar de lado.

— Descansa, amigão — sussurro para ele. — Parece que você tem um encontro dos bons hoje.

Opal ri.

— Vocês, voluntários casamenteiros.

— Não me diga que não pensou nisso. Lennon e Luna… soa bem.

— Confesso que quando me contaram que nome você escolheu, foi a primeira coisa que eu pensei. — Ela sorri e pega as contas e os catálogos. — Estão

preparando uma piscina que os dois vão compartilhar em breve, com sorte. Eu sei que você já deve ter terminado por hoje, mas pode ficar e ver o encontro se quiser.

— Eu não perderia por nada.

Com um aceno de cabeça, a dra. Jin… hã, *Opal* vai na direção da escada. Eu me viro para o cercado e olho Lennon por mais alguns minutos. Quero acreditar que ele parece feliz, mesmo naquele cubículo, que não é nada em comparação à piscina que ele vai ganhar onde for morar. Sei que nunca vai ser a mesma coisa que o mar aberto, mas tenho que acreditar que ele vai ficar bem.

Espero que Rosa encontre um lugar que não seja muito longe, para, quem sabe, eu poder visitá-lo de tempos em tempos. Me pergunto se ele vai se lembrar de mim quando eu for.

— Eu sempre vou me lembrar de você — sussurro.

A nadadeira de trás balança algumas vezes, e eu espero que ele esteja tendo um sonho bom.

Estou quase me virando quando um pedaço de papel amarelo chama minha atenção. Estico o pescoço. Um envelope caiu lá dentro.

Abro o portão o mais silenciosamente que consigo para não incomodar Lennon e pego o envelope. Deve ter caído da pilha que Opal estava carregando.

Eu o viro.

O cartão não foi enviado para nós. Na verdade, o centro é o remetente. O cartão deveria ser enviado para…

Meu coração pula na garganta.

Grace Livingstone
Carousel Blvd. 612

Mas o endereço foi riscado com caneta vermelha. Ao lado, alguém dos correios carimbou: FALECIDO; DEVOLVER AO REMETENTE.

Livingstone. Seria Grace Livingstone a avó de Maya? Mas, se sim, que ligação ela tem com o centro?

Estou abrindo o envelope antes de saber o que estou fazendo. Dentro, há um cartão branco com uma gravura de uma tartaruga marinha em aquarela na frente e palavras em letras floreadas: *Obrigado.*

Abro o cartão e reconheço a caligrafia de Rosa, que vi muitas vezes nos planejamentos semanais.

Cara sra. Livingstone,

Eu me dei conta de que, em todos os anos em que você tem sido uma apoiadora dedicada do nosso centro, nunca expressei pessoalmente a minha gratidão. Nós recebemos sua doação mais recente e quero dizer que suas contribuições mensais tiveram um impacto enorme na nossa capacidade de resgatar e cuidar dos nossos pacientes.

De acordo com seu recado recente, fico muito triste de saber da sua saúde em declínio, assim como fico incrivelmente honrada de saber que você pensou em incluir nosso centro no seu testamento. Prometo que sua generosidade não será esquecida e que nós, do Centro de Resgate de Animais Marinhos de Fortuna Beach, faremos o nosso melhor para honrar seu legado sendo protetores cuidadosos de um presente desses.

Obrigada, obrigada…

Atenciosamente,
Rosa Erickson

Eu leio a carta três vezes. Doação recente. Contribuições mensais. Honrar seu legado.

Falecida.

Guardo o cartão no envelope, atordoada. Apesar de não ter como ter certeza, não duvido de que Grace Livingstone *é* (ou era) avó de Maya. E o fato de ela ter dado dinheiro para o centro todos os meses…

É coincidência demais.

Um sinal.

É um sinal do universo.

De repente, eu sei qual é a coisa certa.

Aquele dinheiro que foi doado na limpeza não pertence ao centro. Precisa voltar para a loja de penhores, e o brinco precisa voltar para Maya. A dona por direito.

E está bem, é justo, porque o legado de Grace Livingstone viverá. As contribuições generosas dela ao centro continuarão.

Eu sei o que tenho que fazer.

Primeiro, eu olho para ter certeza de que Shauna e Rosa estão no pátio. Espero até o último voluntário ter terminado o almoço e descido.

Apesar de eu saber que estou fazendo a coisa certa, que o universo está do meu lado nisso, meu coração está disparado quando abro a porta do escritório de Shauna.

O pote de vidro está no canto da mesa dela, ainda cheio de notas verdes e de moedas. As palmas das minhas mãos estão grudentas quando fecho a porta, deixando só uma fresta para poder ouvir se alguém se aproximar.

Tudo bem. Vamos fazer isso rápido.

Eu vou até a mesa e desenrosco a tampa do pote. Enfio a mão dentro e pego um punhado de dinheiro. Coloco na mesa e começo a separar as notas, mas é muito lento. Bem mais do que eu achei que seria. As pessoas não só jogam dinheiro dentro desses potes de donativos. Não. Elas dobram e enrolam as cédulas, como origami. Eu tenho que desenrolar cada uma, esticar e empilhar as notas.

A um primeiro olhar, a quantia no pote parecia extremamente promissora, mas quanto mais dinheiro eu tiro, mas duvidosa eu fico. Quase todas as cédulas são de um dólar. Tem algumas de cinco, umas poucas de vinte. Mas a maioria é de um.

É provável que a senhora da praia tenha colocado a doação toda de uma vez, mas não tem bolinho de notas de cem e nem de cinquenta. Eu continuo procurando. Continuo desdobrando. Continuo separando.

Minha nuca está ficando coberta de suor. A ansiedade espreme minha garganta. Cada vez que um animal começa a gritar no pátio, dou um pulo até o teto.

Eu não sou culpada. Não estou fazendo nada de errado. Não estou roubando. Só estou ajudando a devolver o brinco para Maya sem fazer mal a ninguém. E isso não prejudica o centro, eu digo para mim mesma. Ninguém vai saber que uma parte sumiu, e o que não se sabe não faz mal.

Pelo menos, é o que eu digo para mim mesma, o tempo todo prometendo silenciosamente trabalhar com afinco no próximo evento de arrecadação para compensar.

Eu ouço passos irregulares. Alguém está entrando na sala de descanso.

Fico paralisada.

Escuto a pessoa pegar alguma coisa na geladeira.

A água da torneira é aberta.

Mais passos. Outra pessoa entra…

— Ah, oi! Você voltou!

Minha respiração trava. *Quint.*

— Voltei. Finalmente — diz uma voz feminina. — Mas ainda ando arrastando essa coisa aqui.

Há um baque alto.

— Gostei de você ter preferido rosa-choque. Escolha ousada.

Eu ouso esticar o pescoço e espiar pela abertura da porta. Não vejo Quint, mas vejo um pouco da garota. É Morgan, com um gesso rosa fluorescente na perna, coberto de desenhos e palavras. Tem duas muletas apoiadas na bancada e ela está bebendo de uma garrafa de alumínio.

Ela olha na minha direção.

Pulo para trás. Estou tentando não respirar, mas a pressão das respirações seguradas está crescendo no meu peito. Tento soltar o ar lenta e silenciosamente, mas só parece tornar tudo pior.

— Tenho a sensação de que você perdeu um monte de coisas — diz Quint. — As coisas aqui têm sido animadas.

— É, eu soube que tem uma garota nova que está agitando tudo.

— A Prudence. É. Ela… — Ele faz uma pausa. Eu me esforço para ouvir o que ele vai dizer, mas, o que quer que ele esteja pensando, deve mudar de ideia. — Você a conheceu. Quando a gente foi naquele lugar que tinha karaokê, lembra? Foi ela que escorregou e bateu a cabeça.

— Ah. Sei. Ela está bem?

— Acho que sim.

— Que bom. Aquela semana foi louca. Ei, isso me lembra uma coisa. Sabe o abaixo-assinado em que eu estava trabalhando naquela noite? Pra fechar aquela tal fazenda? Parece que a gente talvez esteja fazendo progressos. O USDA diz que vai investigar.

— Que bom — diz Quint. — Parabéns, eu acho?

— Nada mudou ainda, mas, sim, obrigada. Agora estou encarregada dos

prontuários até tirar essa coisa. Ainda assim, é bom estar de volta. Senti falta desses carinhas aqui.

— Eles também sentiram a sua falta.

Há mais passos quando ela e as muletas vão na direção da escada. Eu presto atenção até Quint também ir embora para finalmente soltar o ar e rapidamente inspirar de novo. *Gah*, foram os dois minutos mais longos da minha vida.

Volto a atenção para as pilhas de dinheiro que arrumei. Ainda tem muitas moedas no pote, mas ignoro-as. A senhora da praia não nos deu 1.200 dólares em moedas de 25.

Mas o que tem ali não parece suficiente.

Eu conto tudo, começando com a única nota de cinquenta e seguindo pelas de vinte. De dez. De cinco.

Bem antes de começar a contar as de um, eu sei que tem alguma coisa errada.

Isso não vai chegar nem perto dos 1.200 dólares.

Pego a pilha de notas de um, mas nem conto. Tem no máximo umas cinquenta.

O que houve? A mulher mentiu para mim? Disse que deu o dinheiro para o centro para eu não a importunar para devolver o dinheiro para a loja?

Mas ela pareceu tão fofa. Tão genuína.

Não faz sentido.

E, sinceramente, mesmo sem a sorte inesperada dos 1.200 dólares que eu acreditava que havia lá dentro, não deveria haver mais do que *aquilo*? Umas centenas de pessoas devem ter botado dinheiro no pote.

Talvez eu tenha calculado errado. Ou talvez tenha pensado com ingenuidade que a maioria das pessoas daria notas de cinco ou de dez, mesmo uma ocasional de vinte, quando, na realidade, foram só umas moedas que estavam no fundo do bolso.

Alguém bate na porta.

Eu ofego e olho enquanto a porta se abre… agonizantemente devagar.

Quint está parado ali, a mão ainda levantada.

Ele pisca e olha do meu rosto, que está ficando vermelho, para a pilha de notas de dólar nas minhas mãos e para o pote quase vazio.

TRINTA E DOIS

—Prudence? — diz ele, a testa franzida. — O que você está fazendo?

— Desculpa! — digo, apesar de não ter feito nada. De não ter tirado nada. Apesar de não ter *nada* por que me desculpar.

Começo a enfiar o dinheiro de volta no pote.

— Eu só estava doida pra saber quanto a gente conseguiu! — dou uma risada e sei como soa nervosa, como parece incriminadora. Minhas mãos estão tremendo. — O suspense estava me matando.

Ele ri com um pouco de dúvida.

— Ah, sim. Eu perguntei a Shauna mais cedo e ela disse que nem tinha contado ainda. Que vai nos dizer amanhã.

— *Gah*, amanhã! Vai demorar uma vida! — Estou exagerando. Tento me acalmar enquanto enrosco a tampa do pote.

— Eu sei. E aí?

Eu olho para ele.

— E aí?

Ele levanta as sobrancelhas e aponta para o pote.

— Quanto a gente conseguiu?

— Ah! Hã… — Eu dou de ombros, impotente. — Eu só cheguei a separar tudo. Não tive tempo de contar ainda.

— Ah. — Ele parece na dúvida, mas assente. — Acho que nós dois vamos ter uma surpresa, então. — Um momento de silêncio constrangedor passa entre nós, e o rosto de Quint relaxa. — Independentemente de quanto for, sei que todo mundo está feliz com o desempenho da limpeza. Minha mãe disse que umas pessoas até ligaram pra perguntar sobre voluntariado.

— Ah, é? Que legal.

— É. — Ele aperta os lábios, e percebo que ele quer dizer alguma coisa, mas ainda estou agitada demais para supor o que é. Com medo demais de ele me acusar de roubo. O que… eu não fiz. O que… não era.

Era?

Não. *Não.* Eu não sou ladra. Ladrões são pessoas ruins. Eu não sou uma pessoa ruim.

Limpo a garganta e interrompo o que ele queria dizer.

— O que você veio fazer aqui? — Mas, ao perceber que é uma pergunta que parece culpada, conserto: — Eu achei que não ia trabalhar hoje.

— E não vou. — Ele se encosta na moldura da porta. — Alguém já te contou? Sobre o Lennon?

— Ah! Sim. A cegueira.

Ele assente, e percebo que está esperando para ver como eu estou. Para ver se eu estou arrasada com a notícia. Mas, como não começo a chorar, ele continua falando.

— E vai tentar apresentá-lo para Luna.

— Isso! É. Certo. Claro que você veio pra ver isso.

Ele ri. Sua expressão não é mais de acusação, e minha pulsação disparada está gradualmente voltando ao normal.

— Era por isso que eu estava te procurando. Estão se preparando pra levar o Lennon.

— Ah, que legal! Vamos!

Eu começo a passar por ele, ansiosa para sair daquela sala. Mas dei apenas dois passos para dentro da sala de descanso quando Quint segura meu braço.

— Posso te perguntar uma coisa?

Eu olho para trás, tomada de medo.

— Claro que pode.

— Como, hã… — Ele me solta e deixa a mão ao lado do corpo por um momento. Depois, coça a nuca. — Depois que Shauna contar a doação, como você quer que eu te avise? Posso te ligar… ou enviar uma mensagem de texto. Ou e-mail?

Eu o encaro.

— Hã. Amanhã é terça. Então… eu vou estar aqui. Você pode só… me contar.

— Certo, mas é que… eu contei e… hoje é seu décimo sexto dia de

voluntariado. E, de acordo com nosso acordo original, isso significa que hoje é seu último dia.

Eu chego para trás, sobressaltada. Minha boca forma um O de surpresa, mas nenhum som sai.

Liberdade, eu penso. Posso ter o resto do verão para fazer o que quiser.

Por que, então, não sinto alegria nenhuma com o pensamento?

— E, caso você não tenha certeza, eu vou continuar ajudando com o trabalho. Do sr. Chavez. Você manteve sua parte do acordo, então eu…

— Eu não vou embora.

Quint fica imóvel.

— É?

— Quero ficar. Quer dizer… Lennon precisa de mim. — Eu faço um gesto vago na direção do primeiro andar. — E ainda tenho tantas ideias de coisas que podemos fazer pra arrecadar dinheiro e educar as pessoas. Nós só estamos começando. Né?

A hesitação dele se abre num sorriso.

— É. Estamos. Eu só não sabia… Eu não sabia o que você achava.

— Bom. É isso que eu acho. — Bato no ombro dele de um jeito que poderia ser considerado flerte. — Ah, Quint. Você me conhece. Sabe que não consigo deixar um trabalho pela metade.

Os dentes perfeitos se abrem em um sorriso perfeito.

— Eu estava meio que contando com isso.

Eu prendo o ar.

Ao meu lado, sinto que Quint deve estar prendendo o dele também.

Rosa abre a porta da caixa de Luna.

Luna, sempre curiosa e energética, não perde tempo em sair pela porta aberta. Mas pausa quando vê Lennon deitado no sol do fim da tarde ao lado da piscininha. A piscina que vai ser dos dois agora se eles se derem bem.

Não acredito no quanto estou nervosa. Isso é importante. Quero que eles sejam amigos. *Melhores* amigos. Tem até uma parte boba de mim que espera que eles se tornem mais. Porque, se você vai ser enviado para um zoológico para viver o resto dos seus dias cercado de paredes de vidro e cuidadores, não seria ótimo ao menos estar lá com uma alma gêmea?

Luna se apoia nas nadadeiras da frente e anda com hesitação na direção de Lennon. De repente, ele levanta a cabeça e vira a cara para ela. Eu me pergunto o quanto ele consegue enxergar. Acho que ainda não está completamente cego, mas está claro que já está começando a contar com os outros sentidos. Ele rola e começa a se apoiar nas nadadeiras também.

Há um impasse, um olhando para o outro, a piscina entre eles.

Mas Luna solta um grito feliz e segue para a frente e entra na água. Ela rola algumas vezes e sai para ficar ao lado de Lennon.

Eu aperto a mão na boca, esperando para ver a reação dele. Ele inclina a cabeça para o lado. Parece confuso, talvez até irritado de seu santuário ser invadido por uma estranha.

Mas levanta uma nadadeira e balança, como tinha me cumprimentado antes.

E rola de barriga em cima de Luna.

Eu solto uma gargalhada e seguro o braço do Quint. Ele coloca a outra mão sobre a minha e aperta. Nós nos encaramos, com sorrisos bobos iguais.

O encontro logo vira brincadeira, com Luna e Lennon correndo um atrás do outro em volta da piscina, mergulhando na água e saindo. Há momentos em que eles começam a parecer agressivos, mas nunca dura muito. Eles estão brincando, testando os limites do outro. Estão se conhecendo.

Embora eles possam ou não ser almas gêmeas pinípedes, parecem fazer amizade rápido. Eu relaxo de alívio, sabendo que Lennon vai ficar bem. Tudo parece meio predestinado.

— Que ótimo — diz Rosa, batendo as mãos. — Eu chamo isso de sucesso. Agora, vamos deixar eles se conhecerem melhor, que tal?

Os voluntários vão embora, mas Quint e eu ficamos.

Quint começa a se afastar, mas só então percebo que a mão dele ainda está em cima da minha. Mas logo some.

Afasto a minha também porque… bom, seria estranho não fazer isso. Por mais que eu pudesse estar desejando o contrário.

— Tudo bem? — pergunta ele.

— Tudo — digo. — Acho que essa foi a coisa mais bonita que eu já vi.

— Melhor ainda do que quando os animais foram soltos?

— Eu sou uma pessoa ruim se disser sim?

— Shauna! O que você está usando?

Quint e eu voltamos a atenção para a piscina ao lado. O comentário de Megan foi tão cheio de consternação que espero que Shauna esteja usando uma malha de lantejoulas e meias arrastão. Mas, não; ela está vestida igual a nós, com a camiseta amarela e uma calça jeans surrada.

Ah, e botas de caubói.

A julgar pelo olhar da Morgan, foram as botas que levaram ao comentário.

Shauna faz um ruído de reprovação quando joga um balde de peixe na piscina, o que é recebido por uma gritaria das focas.

— Não começa com suas besteiras, Morgan.

Horrorizada, Morgan abre bem os braços e equilibra as muletas.

— Parecem de verdade. Me diz que não são. — Ela manca para a frente alguns passos, apesar de ela e Shauna estarem separadas por um alambrado.

— Vou te dizer que o que eu escolho botar nos meus pés não é da sua conta. — Shauna pendura o balde vazio no cotovelo e apoia as mãos nos quadris. — Eu sei que você tem opiniões fortes sobre essas coisas, Morgan, mas precisa aprender a respeitar as escolhas dos outros. Estas botas foram um presente pra mim mesma, e eu gosto delas.

— Você trabalha num centro de resgate de animais! — Morgan move uma muleta, indicando o pátio cheio de animais. A voz dela está mais alta agora e atraiu a atenção dos outros voluntários. Eu tenho a sensação de que devíamos dar as costas ao drama, mas acho impossível. Morgan aponta para uma das focas com a muleta. — Você usaria um *deles*? Que tal um belo casaco de pele de foca se você "gostasse"?

Shauna faz um som de repulsa, e percebo que ela acha que o comentário não é digno de resposta. Mas, para mim, a conversa está começando a fazer sentido. Eu olho para as botas de novo.

São pele de cobra. E não devem ter sido baratas.

Shauna dá as costas para Morgan e começa a voltar para o prédio.

— Ou você ama animais ou não ama! — grita Morgan atrás dela. — Todos merecem viver! Você não pode escolher quais!

Na porta, Shauna se vira, as bochechas enrugadas vermelhas.

— São vintage — diz ela. — Eu comprei na Loja de Consignação do Toni. — Ela conta nos dedos. — Isso é reciclagem, é apoiar o comércio local e garantir que o sacrifício desses animais tenha propósito em vez de irem parar num lixão.

— Não, é contribuir com uma cultura que valoriza mais a morte e a vaidade do que a santidade da vida.

Shauna levanta os braços.

— Sabe, vocês jovens têm opiniões fortes e nobres, mas, quando chegarem na minha idade, vão ter aprendido umas coisinhas sobre não julgarem os outros tão rápido. — Ela solta um ruído frustrado e grita: — De volta ao trabalho, pessoal! — E gira e sai andando para o prédio. A porta de tela bate quando ela entra.

— Hipócrita — murmura Morgan, uma expressão de desprezo no rosto. Ela pega uma prancheta em uma mesa próxima, e embora eu veja que está tentando trabalhar, ela está escrevendo com tanta força que eu ouço os rabiscos da caneta no papel, como se o papel tivesse feito algo para ofendê-la. Fico surpresa de não abrir um buraco nele.

Depois de alguns segundos e sem erguer o rosto, Morgan levanta uma das mãos.

— Vocês ouviram o que ela disse. Voltem ao trabalho!

Quint e eu nos olhamos, os ombros contraídos. Depois de alguns segundos, nós nos recompomos. Ele anda na direção de Morgan como se estivesse se aproximando de um animal selvagem.

Vejo o gesso dela com mais clareza agora. Os desenhos são quase todos desenhos de animais de fazenda com slogans vegetarianos em letras de forma. Coisas como AMIGOS, NÃO COMIDA. E FAÇA AMOR, NÃO SALSICHA. Embora eu mal conheça Morgan, não estou surpresa de ela ter transformado o acessório médico numa placa de protesto vestível.

— Você sempre sabe fazer uma grande entrada — diz Quint. Ela franze a testa e desce o olhar para os sapatos dele.

E para os meus.

Eu engulo em seco.

Meus tênis têm couro? Pode ser que tenham. Nunca pensei nisso antes. Mas a última coisa que quero agora é me tornar o novo alvo da fúria de Morgan.

Mas eu passo na inspeção ou ela não sabe ou só acha que não vale a pena começar outra briga. Morgan balança a mão na direção em que Shauna foi.

— Eu odeio esse argumento. Ah, é *vintage*, como se tornasse certo. É uma baboseira.

Quint assente, mas não sei se ele concorda ou se é só uma tática para tentar

acalmá-la.

Acho que eu também devia fazer o mesmo, mas… não consigo.

— Mas a Shauna tem certa razão — digo, parando ao lado do Quint. Ele me lança um olhar de aviso, mas eu o ignoro. — Você preferia que as botas fossem jogadas no lixo?

— Sim! — diz Morgan com irritação. Eu recuo de surpresa. — Porque, enquanto as pessoas comprarem e usarem, a indústria da moda vai acreditar que existe mercado pra isso… porque *tem* mercado pra isso! O que significa que vão continuar fazendo. Vão continuar matando animais inocentes, vão continuar criando-os em condições horríveis e desumanas, e pra quê? Um par de sapatos? Quando temos muitos outros materiais que podemos usar pra fazer botas? É nojento. *Você* usaria?

Eu faço uma careta.

— Não gosto de couro de cobra assim.

Morgan revira os olhos.

— Ah, que santinha.

— Olha — diz Quint. — Não sei quem está certa ou errada aqui, mas… as pessoas têm… princípios diferentes. Shauna trabalha aqui há séculos. Ela já ajudou a salvar muitos animais. Talvez isso dê equilíbrio.

— Boa tentativa — retruca Morgan. — Mas a verdade é que, se as cobras fossem fofas que nem esse pessoal aqui — ela indica Lennon e Luna —, nós estaríamos tendo uma conversa diferente. Mas tanto faz. Tudo bem. Continuem comendo os tacos de porco e usando sapatos de couro. — Ela olha para os meus pés, e por um segundo eu me sinto do tamanho de um inseto. — Porque vocês são voluntários num centro de resgate de animais, então tudo bem, né? — Ela joga a prancheta na mesa e sai andando… o mais rápido que consegue, ao menos, mancando com as muletas e o gesso rosa.

Quando ela foi embora, Quint solta um assobio baixo.

— Desculpa por isso. Era de se pensar que ela já teria aprendido que é mais fácil fazer as pessoas mudarem de ideia sendo mais legal, mas… — Ele dá de ombros.

Eu nem estou ouvindo direito.

— É estranho, né? — reflito, para mim mesma e para Quint. — Que uma coisa como um par de botas vintage possa gerar reações tão diferentes nas

pessoas? Para Shauna, é reciclagem e apoiar o pequeno comerciante. Para Morgan, é crueldade animal.

Quint assente.

— O mundo é complicado.

Eu percebo que é igual com o outdoor. O que vi como um crime imperdoável Morgan viu como algo completamente diferente. Para ela, era tentar dar voz às vacas impotentes deste mundo, que provavelmente não querem virar cheeseburger.

Mas o universo a puniu. O universo ficou ao *meu* lado.

Quero que isso signifique alguma coisa, só que o universo também roubou o brinco de Maya, e agora eu estou totalmente convencida de que isso foi uma decisão ruim.

Franzo a testa para o céu. Para o nada. Para tudo. O que você estava pensando, Universo? Qual é o objetivo aqui?

E uma pergunta que eu devia estar fazendo o tempo todo…

Por que me envolver?

— Ei — diz Quint, tocando no meu cotovelo. — Não deixa que ela te afete. Ela só tem uma opinião forte sobre essas coisas. Mas nós todos estamos fazendo o melhor que podemos, né?

Eu olho para ele, ainda não convencida de que é verdade. Porque, se nós todos estivéssemos fazendo o melhor, não haveria necessidade de justiça cármica.

TRINTA E TRÊS

— E o total das doações é… — Shauna cantarola baixinho enquanto digita uns números na calculadora. O dinheiro do pote está espalhado na mesa da sala de descanso. Tem pilhas de notas verdes e um cofre de banco em moedas de 25 e 10 centavos.

Eu *quero* que o número que vai sair da boca de Shauna seja espetacular. Impressionante. Quero que todo mundo leve um susto e comemore e bata nas mãos uns dos outros.

Mas eu sei qual vai ser o número. Ou, pelo menos, tenho uma ideia de quanto vai ser.

Minha mandíbula está contraída enquanto me preparo para parecer surpresa.

Nós todos estamos na sala, eu e Rosa e Shauna e Morgan e vários outros voluntários… e Quint. Apesar de supostamente ser a folga dele. O segundo dia de folga seguido e o segundo dia em que ele foi lá mesmo assim. Fico dizendo para mim mesma que eu não devo fazer suposições. Ele foi ontem ver Lennon e Luna serem apresentados e está lá agora porque está curioso para saber o resultado da arrecadação. Nós todos estamos curiosos.

Ele não foi me ver.

Rosa bate com as mãos na mesa, fingindo um rufar de tambores. Quint e os outros fazem o mesmo.

— Trezentos e sessenta e quatro dólares e dezoito centavos!

Há um momento de silêncio na sala, e eu sei que é o espaço entre as expectativas altas e uma realidade decepcionante. O momento em que as expressões ficam consternadas antes de todo mundo tentar rapidamente disfarçar.

Eu olho para Quint. Ele está com a testa franzida para as pilhas de dinheiro, e sei que está sentindo o mesmo. Devia haver mais. Não havia mais? Ele me olha,

os cantos das bocas se franzindo. Eu devolvo o olhar.

Ele não sabe metade. Não deveria só haver mais. Deveria haver *muito* mais.

Quero procurar a senhora da praia e exigir uma explicação. Por que ela mentiria para mim sobre vender aquele brinco e doar o dinheiro para a nossa causa?

Minha atenção se desvia para Rosa. Ela está sorrindo para mim, mas há um pedido de desculpas por trás do sorriso, como se estivesse se sentindo mal por mim. Meu estômago se contrai.

— Não foi horrível — diz ela. — Bate com as últimas arrecadações que nós fizemos. Um pouco melhor do que algumas, na verdade.

Eu me obrigo a sorrir. Sei que estou escondendo muito mal minha decepção, apesar de todo mundo à minha volta parecer *de queixo erguido*.

— É mais dinheiro que a gente tinha semana passada, pelo menos — digo.

— Isso mesmo — concorda Rosa. — É.

Mas nós todos estamos sorrindo no meio da frustração. Principalmente Quint e eu, que dedicamos horas e horas ao evento. Que nos esforçamos tanto.

— Mas, lembre — diz Rosa —, o objetivo da limpeza não era arrecadar dinheiro. É bem mais importante termos enchido onze sacos de lixo enormes com um lixo que teria ido direto para o mar.

Eu concordo com ela.

— Além do mais, uma das nossas maiores prioridades agora é gerar percepção, e, para muita gente da nossa comunidade, essa foi a primeira vez a ouvir falar de nós. E eu gosto de pensar que nós causamos uma boa primeira impressão.

— Com certeza — diz Rosa. — Nós todos temos que ter orgulho do que alcançamos este fim de semana.

Alguns voluntários começam a aplaudir, e é uma dificuldade para mim engolir o amargor da decepção e acreditar nas minhas palavras. Eu ainda estou com a sensação de fracasso. *Trezentos e sessenta e quatro dólares*. Nem sei se é dinheiro suficiente para comprar peixe por um dia.

Mas ficar chateada não vai resolver nada.

— Sobre isso. — Eu respiro fundo e bato uma mão na outra. — A limpeza da praia e uma parte da divulgação que começamos a fazer, como o site e as páginas de redes sociais que Quint está organizando — indico Quint, e ele reage com

uma reverência elaborada — são parte da base na qual vamos construir uma organização sem fins lucrativos próspera.

Então, tudo bem. *Um* evento não salvou o centro, mas nós sabíamos que não salvaria.

Eu ainda não acabei.

— Além do mais, já comecei a planejar nossa próxima grande arrecadação — continuo falando. — E *sei* que vai ser um enorme sucesso.

Sinto Quint me olhando e, em seguida, uma pontada de culpa. Eu devia ter falado com ele sobre isso antes de falar com todo mundo.

Rosa começa a recolher o dinheiro e prende as cédulas com elásticos para ficarem organizadas.

— Eu aprecio seu entusiasmo, Prudence, mas será que podemos comemorar um feito antes de irmos para o próximo? Nós ainda temos muito trabalho para fazer por aqui, sabe.

— Não — digo fervorosamente. E hesito. — Quer dizer, sim, claro, cuidar dos animais é o número um. Sempre. Mas agora que as pessoas estão falando sobre nós, nós não podemos perder o impulso. Atacar com o ferro ainda quente! E eu já tenho a ideia perfeita.

Rosa suspira, e vejo-a se preparando para apertar o botão do pause do que eu vou dizer, então me aproximo, sorrindo com empolgação, as mãos voando no ar enquanto olho para os outros voluntários.

— Nós vamos dar um baile de arrecadação de fim de verão!

Há algumas sobrancelhas erguidas, algumas testas franzidas confusas, muitos sorrisos curiosos.

Ao meu lado, Quint murmura:

— Baile? Eu achava que a gente tinha decidido não fazer isso.

Eu olho para ele.

— Mudei de ideia.

Ele ergue uma sobrancelha e isso confirma. Eu devia ter conversado com ele primeiro. Mas… tarde demais agora.

A ideia me ocorreu logo depois da limpeza da praia, e eu passei as últimas noites fazendo planos. Queria ter um relatório organizado ou um quadro de apresentação para usar para transmitir todas as minhas ideias, mas agora eu vou ter que convencer todo mundo só com a minha exuberância persuasiva.

— Nós vamos encontrar um lugar legal pra nos receber, com música ao vivo e um coquetel chique com um jantar de três pratos depois… A melhor parte é que as oportunidades pra arrecadar dinheiro são infinitas. Nós podemos fazer uma rifa ou um leilão silencioso ou ambos! E vamos vender ingresso para o evento, fora que andei lendo sobre uma tática de arrecadação chamada “corrida da sobremesa” que eu sei que vai ser um sucesso e…

— Tudo bem, tudo bem — diz Rosa, levantando as mãos. — Parece ótimo, claro. Mas também parece caro. Talvez seja algo que possamos considerar para o ano que vem, quando a situação não estiver tão apertada.

— Não, não, a gente consegue! Essa é a questão: se a gente fizer as coisas certo, não vamos ter que gastar um centavo. Eu consigo doações de empresas locais para o leilão e patrocínio de empresas e líderes comunitários. Consigo fazer dar certo.

Vejo Rosa hesitando, o rosto franzido de hesitação.

— Confie em mim — digo com mais energia agora. — Vou fazer dar certo. — Eu não tinha planejado isso exatamente. Esperava que o dinheiro da limpeza da praia me permitisse ao menos um pequeno orçamento para montar o baile. Mas estou comprometida demais para deixar uma coisinha como dinheiro me deter. Vou dar um jeito.

Rosa suspira, o olhar pairando nas pilhas de dinheiro na mesa.

— Tudo bem — replica ela. — Quer saber? A limpeza foi ideia sua, então… toma. Você quer dar um baile chique? Esse é seu orçamento. — Ela empurra o dinheiro na minha direção. Algumas das moedas caem da pilha e rolam pela mesa com um tilintar mágico.

— Tem certeza? — pergunto. — Isso pertence ao centro agora. Você não precisa pra comida ou algum equipamento novo?

— Sinceramente, não ajudaria muito — responde Rosa com uma risadinha. — Se você acha que pode pegar esse dinheiro e transformar em bem mais, você merece a chance de tentar. — Ela dá de ombros. — E um baile *parece* divertido.

Meu coração fica mais leve. Uma determinação cresce dentro de mim quando me inclino para a frente para pegar o dinheiro. Não chega nem perto de ser suficiente para uma festa chique, mas é melhor do que começar com nada.

Eu sei que posso transformar esses 364 dólares em muito mais. Agora é hora de provar.

As pessoas saem para fazer suas tarefas do dia. Estou de novo na preparação de comida, e Quint se oferece para ajudar, apesar de tecnicamente ter o dia de folga. Fico mais do que feliz em aceitar. Nós descemos a escada, e eu estou borbulhando de empolgação, com ideias, com potencial.

— Então. Um baile, é?

Eu me encolho com uma careta e olho para Quint por cima do ombro.

— Eu devia ter falado com você primeiro. É que…

Ele balança a mão.

— Ei, se você acha que consegue, eu estou dentro. — Ele hesita e acrescenta: — Você *consegue*?

Faço uma careta.

— Acho que sim?

Ele ri.

— Então tá. O que você vai fazer hoje à noite?

Eu tropeço e quase caio de cara do último degrau. Por pouco não consigo me segurar no corrimão.

— Opa! — diz Quint, segurando meu cotovelo para me firmar um segundo tarde demais. — Você está bem?

— Estou! — Afasto o cabelo do rosto. — Só… muito estabanada este verão, não sei por quê.

— Pelo menos você não teve concussão daquela vez.

— Felizmente. Não sei se a minha cabeça aguenta outro galo.

Ele ri e solta meu cotovelo.

— E aí… hoje à noite?

— Hoje à noite! Hum. Hoje à noite? Ah, eu tenho planos. Ari e eu vamos nos encontrar no Encanto. E talvez o Jude, se ele não tiver que trabalhar. Mas Ari gostou muito do karaokê outro dia e pensou em tentar de novo. Acho que ela está ensaiando umas músicas.

— Ah. Que legal.

Eu concordo, já sentindo que cometi um erro enorme, mesmo falando a verdade.

Ari entenderia se eu cancelasse com ela e… ele estava me convidando…

— Posso ir também?

Eu o encaro.

— Você quer ir ao karaokê?

— Não pra cantar — diz ele rapidamente. — Mas a gente pode começar a planejar esse seu baile. Você pode me contar algumas das suas ideias. Posso começar a fazer uns pôsteres ou convites, sei lá. — Ele dá de ombros de um jeito que é perfeitamente comum. Nada suspeito. Nada nervoso. Nada constrangido.

Ah. Então não é um encontro.

Claro que não é um encontro.

Obviamente.

— Claro — digo. — Vou levar meu fichário.

— Fichário?

— Do baile.

— Você já tem um… — Ele faz uma pausa e balança a cabeça com um sorriso torto. — Claro que tem. Tudo bem. A gente se vê lá.

TRINTA E QUATRO

— Então — diz Jude, a cabeça inclinada para o lado enquanto olha o caderno entre ele e Ari, o alto da página com a lista de "Coisas a fazer para o baile". — Local e aluguel, bufê, propaganda, decoração, equipamento de áudio e vídeo, peças para o leilão e… orquestra? — Ele me olha, os olhos cheios de especulação. — E você tem quanto pra pagar por isso?

— Trezentos e sessenta e quatro dólares — respondo, batendo com a caneta no meu lábio inferior. Como um pensamento tardio, acrescento: — E 18 centavos.

— Ah, que ótimo — replica Jude, inflando as bochechas de forma exagerada. — Eu estava em dúvida, mas esses dezoito centavos fazem toda a diferença.

— Eu acho uma ótima ideia — exclama Ari. — É tão romântico. Vai ser como o baile da Cinderela!

— É, mais ou menos — digo. — Só que vai ser preciso comprar ingresso e, no final, a gente salva umas focas.

— Melhor ainda. — O olhar dela está vidrado, sonhador. — Eu quero ir a um baile.

Ari distribui distraidamente os talheres enrolados em guardanapos de papel. Para mim, para Jude, para ela. O quarto ela coloca na extremidade da mesa, ao meu lado.

— Claro que eu consigo um ingresso pra você. Afinal de contas, eu *sou* a coordenadora, então… — Eu jogo o cabelo por cima do ombro.

— É cilada — diz Jude. — Ela diz que vai conseguir um ingresso, mas o que ela quer dizer é que vai te dar um avental e te botar pra trabalhar servindo canapés.

Ari dá de ombros.

— Eu ajudaria com prazer se você precisar de mais gente.

Eu aponto para ela com a caneta.

— Pode ser que eu aceite isso. Agora, ainda estou tentando entender de quantas pessoas precisamos e torcendo pra que muitos dos voluntários habituais do centro se ofereçam.

— Por que garotas gostam tanto de bailes, afinal? — pergunta Jude.

— Engraçado, o Quint perguntou a mesma coisa. A pergunta é: por que garotos não gostam?

— Por causa dos smokings, pra começar.

— Qual é o problema do smoking? — pergunta Ari, como se essa declaração a tivesse ofendido pessoalmente. — É tão sexy!

Ele faz uma careta.

— Você já precisou usar um?

— Olha, primeiro — digo, levantando um dedo —, o único "smoking" que você já usou foi no casamento do primo Johnny, e nem te obrigaram a usar o paletó. E segundo, não tem como um smoking ser tão desconfortável quanto meia-calça, então eu não quero ouvir choro.

Jude abre a boca e hesita. Mas dá de ombros, sabendo que eu falei a verdade.

— Ainda assim, você ainda não explicou como vai pagar por tudo isso. Parece muito caro.

— Essa é a beleza de planejar um evento pra uma organização sem fins lucrativos. Eu andei pesquisando muito e, se jogar direito, nós não vamos precisar pagar quase nada. Não se eu conseguir convocar algumas empresas locais pra serem patrocinadoras. Por exemplo… — Indico o bar com o braço, o local onde Carlos está balançando vigorosamente uma coqueteleira. — O Encanto! Eles oferecem um dinheiro e a retribuição são copiosos elogios no evento. Publicidade de graça pra eles! Além do mais, vamos colocar cupons de desconto para tostones no saquinho de brindes, então serve como propaganda também. Ah! — Eu clico na caneta e pego o caderno. Escrevo no fim da lista: *saquinho de brindes.*

— E você já falou com o Carlos sobre isso? — pergunta Ari.

— Ainda não, mas vou falar. Eu tenho uma lista de parceiros da comunidade em potencial pra abordar. — Viro algumas páginas e mostro para eles. —

Também vou pedir doações para o leilão silencioso. Nós vamos buscar e transportar a mercadoria, e eu vou até botar em cestas chiques se necessário.

— Alguém vai doar cestas? — pergunta Ari.

Eu penso nisso e acrescento “Presentes Praianos da Sandy” na lista de parceiro em potencial.

— A Sandy deve vender cestas na loja, vocês não acham? Ela vende de tudo.

— A Venture está nessa lista — diz Jude, franzindo a testa para o caderno. Ele ergue o olhar até o meu. — Eu não sei…

— Eu sei — retruco. — Nem todos os comércios vão poder doar mercadoria de graça. Mas preciso, pelo menos, pedir pra mamãe e para o papai, não é? Talvez a gente possa encontrar um jeito de eles ajudarem a patrocinar a música, sei lá.

Jude geme.

— Por favor, não sugere ao papai pra levar uma vitrola e bancar o DJ da noite. Eu garanto que ele diria sim.

— Ah, seria ótimo! — exclama Ari, apertando as mãos nas bochechas.

Jude e eu fazemos caretas.

— Por enquanto, vou seguir o plano da orquestra ao vivo.

— Ei, são meus pequenos cadetes! — diz Carlos, se aproximando do nosso compartimento com os braços esticados. — Por onde vocês andaram? Eu achei que vocês viriam todos os dias no verão.

Ari parece arrependida.

— Desculpa, Carlos. A gente anda ocupado.

— Ah, é? O que tem mantido vocês tão ocupados que não puderam nem passar pra dar um oi?

— Bom, o Jude e eu estamos trabalhando na Ventures Vinyl, e Pru é voluntária no centro de resgate de animais marinhos.

Carlos se anima.

— Ah, sim! Eu vi você na limpeza. Que bom. É ótimo ver a juventude de hoje contribuindo com a sociedade. — Ele pisca. — Não que eu espere menos de vocês três. E aí, vieram para o karaokê hoje?

— Na verdade, foi — digo, cutucando Ari com o pé. — A Ari anda ensaiando.

Carlos dá um gritinho empolgado.

— Eu sabia que esse karaokê era uma boa ideia. Sabe, está indo muito bem. Trazendo uns turistas nas terças mais lentas. E a Trish é ótima, não é? — Ele olha para onde Trish Roxby está montando o equipamento de som. O traje dela está tão chamativo quanto na última vez que a vimos: botas pesadas, uma legging azul-néon e um suéter preto enorme desfiando na altura da caixa torácica. Ela não sabe que está fazendo quase 32 graus lá fora?

Sinceramente, eu não vi Trish o suficiente para saber se é ótima ou não, mas Ari responde obedientemente que ela é fantástica enquanto me distraio com a porta sendo aberta e deixando um raio de sol entrar.

Eu estico o pescoço para olhar…

Não. Só dois caras de short de surfe, o cabelo ainda úmido do mar.

Relaxo no banco.

Carlos pega nossos pedidos e vai falar com os recém-chegados.

— Parece mesmo meio cheio pra uma terça — diz Jude, olhando em volta. — Karaokê. Quem imaginaria?

— Todo mundo quer quinze minutos de fama — replico. — Mesmo que esses quinze minutos sejam só três minutos e meio e que essa fama seja só ser irritante em um barzinho questionável na rua Main.

— Isso não é um barzinho questionável. — Ari amarra a cara para mim. — E cantar não é uma irritação!

— Não é quando é você cantando — digo. — Mas eu não posso dizer o mesmo sobre todo mundo.

— E que música você vai cantar? — pergunta Jude.

— Eu pensei em cantar uma do Oasis — responde Ari. — Não consegui parar de ouvir a semana toda.

— Vou tentar adivinhar — diz Jude. — É obscura, emotiva e lírica.

Ela ri.

— Não é *tão* obscura. — Ela fica com uma expressão maliciosa no rosto e se inclina para mim. — Você sabia? Algumas pessoas acham que o Oasis é a melhor banda que veio da Inglaterra.

Eu demoro um segundo para entender o que ela quer dizer. Que *algumas* pessoas acham o Oasis melhor do que os Beatles.

Faço um ruído de horror.

— Retire agora o que você disse!

— Eu não falei que *eu* acho isso — diz ela, rindo. — Mas adoro as músicas deles.

A porta se abre de novo. Viro a cabeça.

Uma mulher entra, usando um chapéu mole e óculos enormes, observando o salão como se estivesse procurando alguém.

Eu suspiro.

— Com medo de ele não vir? — pergunta Jude.

Volto a atenção para ele. Fui óbvia assim?

— Não — digo, olhando o relógio. Nós combinamos de nos encontrar às seis. São só 17h52. Ele nem está atrasado ainda. — Eu não estou com medo.

E percebo que é verdade. Não estou com medo. No passado, sempre fiquei chocada nas poucas ocasiões em que Quint não me decepcionou. Mas agora, eu ficaria mais do que chocada se acontecesse.

Ele vem. Tenho certeza.

E é por isso que eu estou nervosa. Quint e eu. Fora da escola, fora do voluntariado, só nos encontrando na noite de karaokê. E, sim, nós vamos fazer planos para o baile, um motivo legítimo para passarmos tempo juntos.

Sei que não devo interpretar nada, mas não consigo evitar. Interpretar coisas é o que eu *faço*.

Quando um garçom vem trazer nossas bebidas, eu percebo que estou nervosa e agitada.

Trish se aproxima e entrega um fichário de músicas, além de uma pilha de papéis para anotarmos nossas escolhas a serem cantadas.

— Estou feliz de ver que vocês voltaram — diz ela, sorrindo. — Sua cabeça está bem, querida?

— Está ótima — respondo, passando a mão na cabeça. O galo já sumiu semanas antes.

— Que bom, que bom. Espero que você cante de novo. Sua apresentação em "Instant Karma!" foi ótima. — Ela se inclina para a frente, sorrindo largo para Ari. — E *você*. Fiquei com Louis Armstrong na cabeça o mês todo graças a você. Vai cantar de novo, não é?

— Estou planejando — diz Ari.

— Fico feliz em saber. Lembrem que, se alguma coisa não estiver no fichário, pode ser que eu consiga encontrar on-line. Só me avisem do que precisam.

Ela pisca e sai andando. Ari inspira fundo e pega o papel do alto da pilha. Na mesma hora, escreve o nome e a música que ela quer cantar.

— É melhor eu dar isso pra ela antes que me convença a não ir — diz ela, saindo do compartimento.

— Ari vai cantar de novo?

Eu dou um pulo e viro a cabeça.

Quint, sobressaltado pela minha reação, dá um passo para trás. E ri.

— Desculpa. Eu não queria te dar um susto.

— Não! Não. É que… — Olho o relógio: 17h59. — Eu não esperava…

— Ei, eu valorizo a pontualidade — diz ele.

Levanto uma sobrancelha para ele.

Ele dá de ombros.

— Pelo menos, estou começando.

Quint e Jude trocam um soquinho e murmuram umas coisas de menino. Ari deixou o lugar vazio do outro lado do compartimento, ao lado do Jude, mas Quint se senta ao meu lado.

Eu engulo em seco e chego mais para o lado para dar espaço a ele.

Ari volta, se balançando com nervosismo nas pontas dos pés, e eles começam a conversar sobre karaokê e a música dela; nem Quint e nem Jude a conhecem, assim como eu. Ari suspira dramaticamente quando ouve isso.

— É tão *boa*. Não entendo por que não foi single.

— Estou ansioso pra ouvir — diz Quint… e eu acho que é sério.

— Você vai cantar? — Ari pergunta a ele.

Quint ri.

— Não. A chance disso acontecer é zero.

— Ah, vai — diz Ari. — Você não pode ser tão ruim.

— E, mesmo que fosse — acrescento —, a questão não é ser *bom*, não necessariamente. É deixar as inibições de lado por alguns minutos. — Abaixo os braços nas laterais do corpo e dou uma sacudida, uma imitação de “relaxar”.

— Certo — diz Quint, me olhando de lado. — E que música *você* vai cantar?

Eu franzo o nariz.

— Nenhuma.

— Haha.

— Isto é uma reunião de trabalho. — Empurro meu caderno na direção dele.

— Ah, o registro de ideias da Prudence. Eu devia saber que veria isso de novo. — Ele começa a folhear, mas Carlos chega para anotar sua bebida. — Ah, o que vocês beberam da última vez? Com cereja?

— Shirley Temple? — diz Ari.

— É. — Quint estala os dedos. — Vou tomar um Shirley Temple, por favor.

— Pode deixar — diz Carlos. Ele lança um olhar malicioso e meio curioso para mim, e sei que ele está querendo saber se aquele menino é meu *namorado*. Mas felizmente não diz nada. Acho que eu não conseguiria não parecer envergonhada se ele falasse.

Quando Carlos sai andando, Quint se vira para Jude.

— Você disse que vocês cantavam em karaokê em família?

— Quando a gente era criança — diz Jude. — Mas tem um tempo.

Os olhos de Quint cintilam.

— Vocês deviam fazer um dueto. Pelos velhos tempos.

— Ah! — diz Ari, batendo palmas. — Que tal "Stop Draggin' My Heart Around", da Stevie Nicks e do Tom Petty? Eu amo essa música. E vocês seriam ótimos!

— Ai, eca — exclamo, ao mesmo tempo que Jude aponta para mim com o polegar.

— Irmã, lembra?

Ari murcha.

— Ah. Bom… — Os olhos dela se iluminam de novo. — A Pru e o Quint deviam fazer!

— Não, não, não — diz Quint. — Não conta comigo. — Ele me olha. — Eu não estava brincando quando falei que a ideia de cantar no karaokê é meu pior pesadelo.

Uma garçonete traz a bebida dele, borbulhante e rosa.

Puxo meu copo para perto, um refrigerante coberto de condensação, e tomo um gole.

— Não tem nada que a gente possa dizer pra fazer você ir lá? — pergunta Ari. — Pode ser que você goste.

— Nada — responde Quint. — Eu tenho muitos talentos invejáveis, mas cantar não é um deles.

— Nem o meu — digo.

Quint me olha.

— Talvez não. Mas você estava fofa lá no palco mesmo assim.

Eu fico imóvel. Na verdade, nós todos ficamos. Menos Quint, que pega a colher e começa a tentar pescar uma cereja no copo. Seu tom foi casual, mas agora ele está olhando a cereja como se fosse feita de ouro maciço.

— Obrigada — digo. — É gentileza sua dizer isso. Ainda que um pouco condescendente.

Ele se vira para mim, horrorizado.

— Foi um elogio!

— E eu falei obrigada. — Abro um sorriso para ele saber que estou de provocação. Eu me sinto animada, como se tivesse sido iluminada por dentro. *Lindinha.* Ele me acha fofa… ao menos quando eu canto. Meu coração está sapateando no peito. Talvez eu devesse cantar outra música. — Fofa é legal. Não é *ótimo*. Quer dizer, você podia ter dito que eu estava radiante. Ou… — Procuro outro adjetivo. — *Envolvente*. Mas fofa é bom. Podia ser pior.

— "Envolvente"? — questiona ele lentamente. — Sinceramente, Prudence, tem horas que eu me pergunto se você é uma viajante do tempo de outro século.

Dou uma risada.

— O nome antiquado me entregou?

— Talvez um pouco — diz Quint.

Jude limpa a garganta alto.

Quint e eu levamos um susto e olhamos para Jude e Ari. Eles estão nos olhando; Jude parece meio constrangido. Ari está com a mão sobre a boca, mas não consegue esconder o sorriso maroto.

Jude indica a mesa que liberou em frente à nossa.

— Ari e eu devemos dar privacidade a vocês ou…?

Eu fico vermelha. Quint ri, mas é uma risada incomodada.

— Bem-vindos à terça de karaokê no Encanto! — diz Trish animadamente no microfone, e apesar de a maioria dos clientes do restaurante a ignorar e continuar as conversas, nós quatro ficamos felizes da vida de dar nossa atenção total a ela. Como da última vez, Trish explica como o karaokê funciona e começa cantando "Man! I Feel Like a Woman", da Shania Twain.

Ela é boa. Muito boa. Sua voz é poderosa e rouca e sua presença é hipnotizante. Em determinado ponto, eu olho para o bar e vejo Carlos inclinado

sobre o balcão, um pano de prato esquecido na mão. Ele está olhando para Trish com o que poderia quase ser categorizado como olhar sonhador.

Estico a mão por cima da mesa, cutuco Ari e aponto. Quando vê Carlos, ela coloca as mãos no coração e faz cara de empolgação.

Sempre ansiosa por ver amor, sem importar onde e quando, nem de quem. Mesmo Carlos sendo o *crush* mais velho *dela* há meses, eu sei que ela ficaria feliz da vida de ele encontrar alguém.

Essa é uma coisa que eu adoro na Ari. Ela encontra tanta felicidade na alegria dos outros.

Trish termina a música com aplausos entusiasmados da plateia. Ela faz um bom trabalho de aquecer as pessoas, tenho que admitir isso.

O próximo é um cara que canta uma música de hip-hop que não conheço, e depois um homem e uma mulher que cantam um dueto ousado. Todos são bons. Não ótimos, mas bons. As músicas são divertidas e eles se esforçaram para empolgar a plateia.

Trish chama Ari para o palco, e eu fico nervosa por ela. A voz de Ari pode ser linda, mas sua presença de palco é… menos impressionante.

Eu prendo o ar e torço silenciosamente por ela quando pega o microfone.

A música começa com um *riff* de guitarra melancólico.

E Ari começa a cantar.

A música é mesmo emotiva e lírica, e a voz de Ari é cativante. Meu coração se enche de orgulho de vê-la, de ouvi-la. Mal posso esperar até o dia em que serão as músicas *dela* que as pessoas vão cantar no microfone.

— Ela é muito boa — sussurra Quint.

— É mesmo — digo, me perguntando se a pontada que sinto na barriga é inveja. Só que pensar nisso só traz de volta as palavras anteriores de Quint… de que eu sou *fofa*. Sorrindo, eu me inclino para perto dele. — Alguns a chamariam de envolvente.

Ele me encara. Um sorriso compartilhado. Uma piada compartilhada.

Não quero afastar o olhar, mas a voz de Ari vem e vai em redemoinhos doces e poderosos quando ela passa da estrofe para o refrão. Dedico a atenção a ela, e uma satisfação estranha toma conta de mim. Uma sensação sufocante de pertencimento, nesse momento, nesse lugar. De estar ali com meu irmão e minha melhor amiga, com o cotovelo do Quint encostado de leve no meu, de ter essa

música desconhecida e linda falando com a minha alma.

E acho que entendo por que Ari deseja criar música. Tem um jeito único de botar um momento em foco. De fazer o mundo parecer, de repente, brilhante e mágico e *certo*.

Não sei se sou a única sentindo. Mas sei que, quando Ari terminar, nós todos vamos aplaudir de corpo e alma.

TRINTA E CINCO

Houve uma época em que eu era uma visitante regular da loja de penhores na Seventh, embora eu nunca tenha tratado o dono, Clark, pelo primeiro nome, como a senhora da praia. A loja é o tipo de lugar que costuma receber objetos relacionados a música, e meus pais passavam lá regularmente, levando os filhos junto, para ver se tinha algum pôster novo ou outra mercadoria dos Beatles, ou se havia discos de vinil que eles pudessem comprar barato e vender por um preço maior na loja. Anos atrás, minha mãe encontrou um conjunto de pratos de plástico dos Beatles que nós ainda usamos.

A loja também é um local de venda de instrumentos. Foi lá que compramos o violão do Jude e o violino da Penny, e até meu teclado.

Mas tem anos que não entro. E fico surpresa quando abro a porta e sou recebida na mesma hora por uma série de cheiros familiares: almíscar, cera de limão e fumaça de charuto. Fico ainda mais surpresa quando o homem atrás do balcão sorri largamente quando me vê.

— Você é Prudence Barnett? Minha nossa, você virou adolescente! Olha só!

Eu paro alguns passos depois da porta e abro um sorriso sem jeito.

— Hum. É. Oi.

— Entra, entra. — Ele balança os braços como se estivesse tentando me puxar para a frente com a força dos gestos. É um sujeito grande. Grande tipo o Hagrid. Eu me lembrava disso, mas achava que a minha mente jovem devia estar exagerando, porque, agora que estou pensando, eu tinha um pouco de medo dele quando era criança, apesar de sempre ser legal comigo e meus irmãos. Mas há algo de perturbador em ser cumprimentada por um cara de mais de 1,80 metro, que deve pesar o dobro do meu pai. Ele tem uma barba grisalha enorme e está usando uma boina de tweed. Disso, eu também me lembro da infância.

— Eu esperava que sua mãe ou seu pai passassem aqui qualquer dia. Não achei que eles iam te mandar, mas é bom te ver. Toda crescida. Nem acredito. — Ele estala a língua e levanta o dedo para indicar que é para eu esperar. — Vou buscar seu dinheiro. Já volto.

Eu pisco. Dinheiro?

Mas, antes que eu possa dizer alguma coisa, ele vai para uma salinha nos fundos, um escritório com uma janela coberta de persiana amarela. Eu me aproximo do balcão, onde ficam as joias. Há tantas caixinhas de veludo com anéis de diamante que eu fico tonta. Vou para o lado. Colares, relógios, pulseiras… brincos.

Olho todos, mas nenhum é da Maya. Ele não colocaria um brinco solitário com os conjuntos, eu argumento.

Será que ele tem uma parte de joias com partes faltantes?

Dou uma olhada no salão. Mais estantes de vidro guardam caixas de charuto antigas, bonecos de porcelana, xícaras de chá pintadas à mão, canivetes suíços, moedas colecionáveis, cartões de beisebol. Um mostruário inteiro é dedicado a celulares usados. As paredes são cobertas de pinturas antigas. As prateleiras exibem de tudo, de clarinetes a laptops, de bolas de boliche a abajures.

Há um mostruário de bijuterias em uma bancada. Eu passo um minuto remexendo nelas, mas não tem nada que se pareça com o brinco, e se Clark pagou mesmo mais de mil pratas por ele, duvido que fosse ficar ali fora, ao alcance da mão.

— Aqui está — diz Clark, saindo do escritório com um envelope branco. Ele coloca uma nota manuscrita no balcão, abre o envelope e tira um bolinho de dinheiro. Começa a contar, colocando cada nota no balcão, para eu poder verificar sua contagem, mas a minha atenção está no papel amarelo.

Amplificador de guitarra: U$ 140,00

Pulseira de tênis (diamante 1 ct.): U$ 375,00

Furadeira sem fio: U$ 20,00

DVD player: U$ 22,00

Teclado eletrônico com suporte: U$ 80,00

Embaixo, tem a assinatura e o telefone do meu pai.

Meus olhos param no último item. Um teclado. *O* teclado, tenho certeza, que falei para Ari que daria para ela antes de me dar conta que não tínhamos mais.

Antes dos meus pais terem me contado que tinham vendido.

— Seiscentos e trinta e sete. — Clark termina de contar, empilha as notas e coloca no envelope. Ele me entrega o envelope e a nota. Minha mão se fecha instintivamente em volta, sentindo o volume do dinheiro dentro. — Houve interesse no conjunto de talheres, mas ninguém comprou ainda. Seu pai falou que talvez trouxesse um violão. Acústico, eu acho. Anda vendendo como água ultimamente, caso você queira dizer pra ele.

Talheres? Violão?

— Hum. Tudo bem. Eu falo com ele. — Engulo em seco. — Qual jogo de talheres exatamente?

— Ah, você sabe. O vintage. — Ele contorna o balcão e me leva até outra estante, de onde tira uma caixa de madeira antiga. Quando abre, vejo um kit de talheres: colheres e garfos meio manchados e uma fila de facas de carne presas na parte de baixo da tampa. Há alguns de servir também: uma concha e um daqueles garfos enormes usados para cortar carne. Estico a mão e passo o dedo pelo cabo de uma colher, entalhada com um desenho de uvas.

Eu conheço esses talheres.

— Você está bem?

Volto a atenção para Clark.

— Sim. Estou. É que… eu não sabia que meus pais estavam vendendo isso. Era da minha bisavó. Nós usamos no Dia de Ação de Graças.

Não sei se a testa franzida quer dizer que ele está preocupado *comigo* ou de meu sentimentalismo poder *o* impedir de fazer uma venda.

— Você ficaria surpresa com a quantidade de pessoas que está se desfazendo desse tipo de coisa — diz ele, e acho que está tentando me tranquilizar. — Talheres assim? São quase mais valiosos se forem derretidos pela prata. Não é um mercado bom. É bonito, mas dá trabalho em comparação com aço inoxidável. As pessoas não sabem cuidar disso como antigamente, ou não têm tempo ou vontade. Eu entendo.

Concordo, mas nem estou ouvindo.

Meus pais estão vendendo as coisas.

Eu sei que a grana anda apertada. Sei que eles estão preocupados com o

aluguel da loja de discos. Mas não tinha ideia de que tinha chegado a isso: penhorar as coisas para pagar as contas.

Por que eles não nos contaram?

— Posso fazer mais alguma coisa por você? — pergunta Clark.

Eu olho para o envelope na minha mão. Penso em devolver para ele. Não quero andar por aí com centenas de dólares na bolsa o dia todo. Mas também não quero que Clark saiba que meus pais estão escondendo isso de mim. Fico constrangida de pensar no quanto sou sem noção sobre a situação da minha família.

Abro um sorriso gracioso e guardo o envelope. Minha bolsa parece 20 quilos mais pesada.

— Tem mais uma coisinha, sim — digo, limpando a garganta. — Eu conheci uma mulher outro dia. Não sei o nome dela, mas ela passa um tempão com um detector de metais na praia.

— Ah, você deve estar falando da Lila. — Clark assente. — Fico impressionado com as coisas que ela encontra lá. Uma vez, ela trouxe um broche antigo de xerife, não de verdade, mas do tipo que seria brinde numa caixa de cereal lá pelos anos 1930 ou 1940, sabe? Era lindo. A gente nunca sabe o que tem lá, esperando para ser encontrado. E o que você tem a ver com a velha Lila?

— Bom, ela encontrou uma coisa na praia, uma coisa que é de uma amiga minha. Um brinco de diamante, sabe? Eu perguntei e ela falou que vendeu pra cá.

As feições de Clark se transformam com o reconhecimento, seguido imediatamente de lamento.

— Ah, cara. Era de uma amiga sua?

Eu faço que sim.

— A avó deu os brincos pra ela antes de falecer. Ela, a minha amiga, ainda tem um, mas perdeu o outro na praia no começo do verão.

Clark dá um suspiro e massageia a nuca.

— Que complicado, Prudence. Eu sei exatamente de que brinco você está falando, e, sim, Lila vendeu pra mim, mas… já foi vendido. Não ficou nem duas horas no mostruário e foi comprado.

Sou tomada de decepção.

— Também fiquei surpreso, por ser só metade do par, sabe? Mas a mulher

que comprou disse que ia usar como pingente de colar, eu acho. E era uma peça bonita. Vintage. Um diamante de qualidade.

— Você pode me dizer quem comprou?

Ele franze a testa e coça a barba.

— Eu não sei o nome dela. Ela vem de vez em quando, mas nunca conversamos muito. Acho que eu poderia olhar os registros, mas… não, quer saber? Eu me lembrei agora, ela pagou com dinheiro, e não vou ter o nome dela.

— Dinheiro? Mas foi caro, não foi?

— Não foi barato. Mas os nossos clientes, sabe como é, não é tão estranho alguém pagar em dinheiro. De qualquer modo, eu sinto muito. Se ela aparecer aqui de novo, posso ver se pego o nome e o contato dela. Talvez sua amiga consiga resolver com ela.

Fico tentada a dizer que, legalmente, ela tem a obrigação de devolver o brinco, mas… isso não importa agora. Eu posso nunca encontrar a mulher. Posso nunca encontrar o brinco.

Tenho a sensação de que fracassei com Maya, e apesar do tanto que tentei justificar o que aconteceu, não consigo deixar de sentir uma certa culpa pela perda. Parece uma injustiça cósmica, o oposto do que eu queria. Jude podia não merecer que Maya dissesse coisas cruéis pelas costas dele, mas Maya também não merecia perder a herança amada para sempre.

Pelo menos, é o que eu sinto.

E, se o universo acha diferente, bom, estou começando a questionar de que lado ele está.

TRINTA E SEIS

—Sucesso! — grita Quint, correndo na minha direção, balançando uma folha de papel na mão.

Nós andamos pelo centro de Fortuna Beach a tarde toda, desde que Quint terminou o trabalho no centro de resgate de manhã. Estou esperando em um banco perto do calçadão, marcando os estabelecimentos com os quais falei na minha lista. Foi um dia agitado, indo de porta em porta na rua Main, falando com as pessoas sobre onde trabalhamos e o baile e pedindo doações e patrocínio. Ou, no mínimo, perguntando se eles nos deixariam colocar um pôster de propaganda na vitrine quando forem impressos.

Na maior parte, os donos de comércios ficaram ansiosos para se juntarem à nossa causa. Claro, houve alguns que declararam rapidamente que não poderiam dar nada, e alguns que foram até grosseiros, mas, de um modo geral, os comércios da região ficaram felizes em ajudar. As pessoas querem se envolver, principalmente considerando a publicidade que a limpeza da praia e as focas sendo soltas geraram. Estou convencida de que, deixando dilemas financeiros de lado, esse é o momento perfeito para fazer o baile e capitalizar sobre o progresso que já fizemos.

Essa era a distração de que eu precisava depois da minha ida à loja de penhores. Todas as vezes que tenho um momento de silêncio e inatividade, minha mente volta para o envelope de dinheiro na minha bolsa e os talheres de prata da família que nunca mais serão colocados na mesa no Dia de Ação de Graças.

Eu sempre soube que nós não somos ricos. Sei que houve preocupações financeiras com a loja desde que Jude e eu éramos crianças. Mas isso parece um ato de desespero. Afinal, o que vai acontecer quando as coisas para vender

acabarem? Eles ainda vão ter contas para pagar e uma loja de discos que não está ganhando dinheiro suficiente. Isso é só uma solução paliativa. Eles devem perceber isso.

Mas… qual é a solução real?

Não consigo pensar agora. Tenho o centro e o baile com que me preocupar, e isso é muita coisa para manter minha mente ocupada.

Quint se aproxima de mim e, para a minha surpresa, começa a dançar. É uma dança de vitória exagerada, bem ali no calçadão, o papel brilhando no sol. É como se ele tivesse feito um *touchdown* campeão com aquele entusiasmo todo.

— O Blue's Burgers vai doar não uma, não duas, mas *três* cestas de presente para o leilão silencioso, incluindo cartões de presente, camisetas da marca e canecas de viagem. Além do mais, vão oferecer cupons para os saquinhos de brinde *e*… espera só…

Ele para de dançar e segura o papel para eu ver, apesar de ser o mesmo contrato de patrocínio que estamos usando para todos os estabelecimentos. Ele bate com um dedo em uma linha embaixo, onde ele escreveu à mão um detalhe a mais.

Eu dou de ombros.

— Não consigo ler a sua caligrafia.

Ele puxa o papel.

— Eles concordaram em oferecer o jantar! Cheeseburger, baby! *BUM!* — Quint começa a dançar de novo e, para a minha surpresa, segura a minha mão e me puxa do banco. Eu dou um gritinho quando ele me gira uma vez embaixo do braço. — Nós somos tão bons nisso!

Rindo, eu me permito ser girada duas vezes antes de baixar as mãos nos ombros de Quint e forçá-lo a parar.

— Tudo bem, calma. Foi um excelente trabalho, mas ainda tem muita coisa pra fazer.

O rosto dele está vibrando. As mãos, percebo de repente, estão na minha cintura.

Algo passa entre nós. Uma corrente elétrica. Uma respiração engasgada.

Eu me afasto rapidamente e viro de costas para ele. Prendo uma mecha de cabelo atrás da orelha, me viro para o banco e pego minhas anotações, fingindo que aquele momento, o que quer que tenha sido, não aconteceu.

Tenho certeza de que foi coisa da minha imaginação mesmo.

Quint sobe no banco em um salto gracioso (*gah*, ele faz parecer tão fácil) e se senta no encosto, os cotovelos nos joelhos.

— Tudo bem. Qual é a minha próxima missão? Estou animado.

Está um lindo dia de sol, com uma brisa salgada vindo do mar e nuvens brancas no horizonte. A previsão do tempo disse que teremos uma tempestade durante a semana, mas não há sinal dela agora, só pessoas na praia e patinadores no calçadão, sundaes e o grito das gaivotas e tudo que torna Fortuna Beach um paraíso nessa época do ano.

Eu olho a lista de estabelecimentos e coloco uma carinha sorridente ao lado do Blue's Burgers.

— Foi uma proposta muito generosa deles. Não vão nos cobrar nada?

— Nem um centavo. Acho que eles sofreram ultimamente com essa coisa toda de crueldade com animais por aí, e acham que isso pode ajudá-los a recuperar a reputação.

— Você está falando dos boatos de que eles podem estar recebendo carne de uma fazenda de confinamento? — Subo no banco e me sento ao lado dele, o caderno no colo.

— Só que não eram só boatos — responde ele. — Eles estavam importando a carne de uma fazenda de confinamento, apesar de toda a propaganda: vacas alimentadas com grama, criadas soltas… essas coisas. Mas é mais do que isso. Essa fazenda acabou de ser multada por umas violações grandes do código sanitário. — Ele treme.

Estou olhando para Quint, mas só vejo aquele outdoor e o X pintado.

MENTIRAS.

— Morgan ajudou a chamar atenção para a história — acrescenta Quint. — Lembra aquele abaixo-assinado do qual te falei? Acho que alguns ativistas estavam tentando fechar essas fazendas há anos, e finalmente compensou. Legal, né? Parece aquelas coisas de estudos sociais em ação das quais a sra. Brickel sempre fala.

Eu bato com a caneta no lábio, olhando para o mar.

— Então, não fica com raiva. Eu gostei da sua dedicação com o Blue's Burgers, e foi uma doação incrível que eles concordaram em dar. Mas… você acha que vai pegar mal pra nós fazermos parceria com eles tão pouco tempo

depois do envolvimento com esse escândalo enorme? Afinal… crueldade com animais, violações sanitárias… e nós somos um centro de resgate animal.

— Eu sei, tem uma ironia aqui — diz Quint. Eu olho para ele. Ele está olhando para a minha caneta, para… a minha boca. Mas se deslocam na mesma hora para o mar. — Mas nós não estávamos planejando um cardápio vegetariano, fora para os convidados que pedissem, e Blue me garantiu que estabeleceram novos relacionamentos com fazendas da região. Fazendas que foram certificadas como humanas desta vez. Eles querem se afastar disso tudo o mais rapidamente possível. — Ele dá de ombros. — Eles são um estabelecimento importante. Estão aqui desde os anos 1960. Merecem uma segunda chance, né?

Ele volta o olhar para mim. Eu sorrio.

— Todo mundo merece.

Ele chega um pouco mais perto e olha para o caderno.

— E aí, como estamos indo?

— Muito bem. A Kwikee Impressão concordou em imprimir nossos folhetos e pôsteres de graça; tem um monte de gente dando coisas para o nosso leilão silencioso, e o pessoal da Padaria da Rua Main já está imaginando cookies em forma de golfinho e bolos com estrelas do mar em cima para a sobremesa.

— Delícia.

Eu reviro os olhos pelo trocadilho, apesar de não ter certeza absoluta de que ele estava tentando fazer um.

— Isso praticamente resolve o leilão e a comida. Só fica faltando entretenimento, coisas para alugar, decoração, equipamento audiovisual e… o mais importante. — Eu levanto o rosto. — O local. Ah! E nós ainda temos que decidir como vamos lidar com a venda de ingressos e quanto vamos cobrar por eles.

— Eu sei que tem sites que cuidam de ingressos pra coisas assim e acho que dá pra configurar pra ir direto pra conta bancária — diz Quint. — Vou falar com Shauna e ver se conseguimos alguma coisa com o site.

— Quanto a gente devia cobrar?

Ele me olha. Eu olho para ele. Nós dois estamos perdidos. Qual é o valor padrão para um ingresso de baile de arrecadação de fundos? Do tipo chique, mas não superpretensioso? Do tipo sendo planejado por dois adolescentes que nunca fizeram nada assim antes?

— Vou pesquisar — digo, fazendo uma anotação.

— E se a gente botar um valor baixo para o ingresso — sugere Quint —, mas incluir uma opção das pessoas fazerem doações adicionais quando comprarem? Tipo um sistema de honra. A pessoa paga o que achar que o ingresso vale.

Eu penso nisso. É meio arriscado; e se ninguém pagar mais? Mas também pode funcionar na direção oposta. As pessoas podem acabar pagando bem mais do que ousaríamos cobrar.

— Gostei — digo. — Tira a pressão de termos que decidir quanto vale, pelo menos. E o que temos a perder? — Abro na página dos ingressos no caderno e anoto a ideia do Quint. — Além do mais — acrescento, voltando para a parte da arrecadação —, eu pensei, além de fazer o leilão silencioso, será que a gente pode fazer uma rifa? Tipo de um prêmio *grande*. Uma coisa bem legal. As pessoas poderiam comprar quantos bilhetes quisessem, mas todo mundo teria chance de ganhar, então não seria só pra pessoa mais rica do local.

Ele passa a mão pelo cabelo, pensando. Uma mecha cai na testa dele de um jeito que faz meu estômago se contrair.

— Um prêmio grande. Teria que ser algo único, que não dá pra sair e comprar. Tipo uma visita particular ao centro?

— Pode dar certo… — respondo. — Ou a gente poderia dar o nome do próximo animal resgatado em homenagem à pessoa.

Nossas cabeças estão balançando, mas nenhuma ideia parece a… *certa*.

— Bom, vamos continuar pensando — digo, botando uma estrela ao lado do item.

— Eu estava pensando — comenta Quint —, se isso for bem, o baile pode se tornar uma coisa anual que a gente faz pelo centro.

— É, isso passou pela minha cabeça também. Cada ano pode ser maior e melhor do que o anterior.

Ele cruza os tornozelos.

— Você às vezes pensa que as coisas podem não seguir seu plano?

— Bom, a limpeza da praia não foi o sucesso financeiro que eu esperava que fosse. E teve o nosso projeto de biologia que foi um fracasso.

— É, mas nas duas vezes você achou que ia ser ótimo, né? E aqui está você, com a certeza de que o baile vai ser ótimo. Prudence Barnett não desiste.

Eu desenho uma estrela do mar no canto do papel e preencho em volta com

espirais de algas. Não sou ótima artista, mas li uns anos atrás que desenhar enquanto toma nota ajuda na retenção de conhecimento, e o hábito permaneceu.

— Qual seria o sentido de desistir? — pergunto. — Se a gente fica tentando, alguma coisa acaba dando certo.

— Acho que não é assim que a maioria das pessoas vê, mas gosto de saber que você sim.

Eu aperto os lábios para impedir que se curvem num sorriso tímido.

— Bom, esse baile *não* vai ser ótimo se a gente não encontrar um lugar, e logo.

— E por que a gente não pode fazer no centro mesmo?

— O centro tem cheiro de peixe morto.

Ele grunhe.

— Seus padrões são quase impossivelmente altos às vezes, sabia?

Faço cara feia para ele, mas não com muito entusiasmo.

— Certo — diz ele, olhando o calçadão como se em busca de inspiração. — A gente pode fazer aqui na praia? Não tem vista melhor. E a gente poderia alugar uma daquelas tendas enormes que usam em casamentos.

— Não é uma ideia ruim — reflito —, mas como faríamos com os banheiros? Químicos?

Nós dois fazemos careta.

— Vamos deixar na lista, no talvez — digo, anotando. — Nós precisaríamos de autorização, provavelmente, mas… *encaixa* com o tema.

— Calma aí. Tem tema?

Eu franzo a testa.

— Salvar a vida de animais marinhos impotentes?

— Isso é uma missão, não um tema.

— É quase a mesma coisa.

Ele balança a cabeça.

— Não, não. A gente *precisa* ter um tema. Um de verdade. Tipo um baile. “Fundo do mar”, sei lá. — Ele estava os dedos. — Eu voto em piratas.

— Piratas?

— Imagina só. A gente pode dar moedas de ouro de chocolate nos saquinhos de brindes e todo mundo trabalha de tapa-olho.

Espero até ter certeza de que ele está brincando para poder me permitir rir.

— Não sei. Ter tema me parece meio cafona.

Ele bufa.

— Por favor. As pessoas amam um tema de festa. Sabe festa de criança, que sempre tem tema? Tipo Meu Pequeno Pônei ou Batman? É assim, só que na versão adulto.

Esse argumento não ajuda em nada a me convencer.

— Pensa bem — diz Quint com mais insistência, porque ele vê que não estou embarcando —, isso une tudo. Os convites, os pôsteres, a decoração, até a comida! Além do mais, pode ficar mais fácil fazer doações. Escolhemos biscoitos de estrela do mar ou de submarino? Bom, qual combina mais com o tema?

— Submarino? — Eu faço um ruído de surpresa e bato em Quint com as costas da mão. — É isso! É nosso tema! Vamos basear em "Yellow Submarine", dos Beatles. Meus pais têm um monte de objetos que podemos usar como decoração. Nossas propagandas podem dizer algo como… "Subam a bordo do nosso Submarino Amarelo e aprendam sobre… animais marinhos… todos muito belos"?

Ele ri.

— Beleza, Shakespeare.

— É só um rascunho.

Quint torce os lábios para um lado e percebo que está pensando antes de assentir lentamente.

— Tudo bem, eu posso apoiar isso. Mas, ano que vem… piratas!

Dou uma risada e escrevo "Submarino Amarelo" no alto do caderno antes de olhar as listas de novo, páginas e páginas de listas. Nós fizemos um grande progresso durante a semana, mas parece que cada vez que eu corto alguma coisa, penso em mais duas para acrescentar.

— Quando tivermos escolhido o local, nós podemos organizar a venda de ingressos e começar a anunciar pra valer. E vou falar com a imprensa local. Aposto que consigo que o *Chronicle* faça um artigo, e tem uma estação de rádio de Pomona College que talvez se interesse em entrevistar sua mãe. Você acha que ela toparia?

— Não vejo por que não.

— Ótimo. — Eu anoto algumas coisas. Meus pensamentos estão girando em

mil direções, e sinto que não consigo capturá-los rápido o suficiente. Preciso me organizar. Fazer um plano.

— Que tal o teatro?

— Hum?

— Como local. Que tal fazer no Cinema Offshore? — Quint coloca os pés em cima do banco de novo. As pernas dele estão inquietas, os joelhos balançando. Eu já o vi assim, com essa energia empolgada ardendo no corpo. Estou começando a achar que *movimento* pode ser a versão dele de fazer listas.

— Nós poderíamos fazer a apresentação no auditório — continua ele —, e tem aquele saguão enorme que podemos usar pras mesas de jantar. Sei que tem casamentos lá às vezes. E nosso baile do oitavo ano foi lá. Lembra?

— Eu não fui.

— Ah. Bom. Foi legal. Além do mais, nós não teríamos que pensar em equipamento de áudio e vídeo. Eles devem ter tudo de que precisamos.

Eu mastigo a ponta da caneta.

— Não é uma ideia horrível.

— Eu sei que a tradução disso é "Uau, Quint, você é um gênio!" — Ele se inclina na minha direção. — Estou começando a falar prudencês.

Eu dou uma risada, fecho o caderno e prendo a caneta na capa.

— Vamos dar uma olhada?

— No cinema? Não, vamos esperar até de noite.

— De noite? Fica a dois quarteirões daqui. Por que a gente não vai agora?

— Porque a gente ia chegar cedo. O filme só começa às sete.

Eu franzo a testa.

— Que filme?

— A exibição especial de *Tubarão.*

Fico paralisada. Olho para ele. Imagino uma barbatana e sangue na água e aquela música icônica vibrando no meu peito. *Tu-dum, tu-dum, tu-dum.*

— Não — digo.

— Sim — responde Quint.

— Eu não vou ver.

— Vai, sim. Já comprei os ingressos.

— Bom… — Eu hesito. — Comprou?

Sinto um calor subindo pelo meu peito, pela garganta, se espalhando pelas

bochechas, e acho que, se eu corar muito, ele vai começar a achar que é uma queimadura de sol.

— Comprei. Essas exibições especiais sempre esgotam logo, e eu não queria perder. Vamos. É um clássico. E você precisa conhecer meu xará.

— Você está falando do Capitão Quint? O caçador de tubarões?

— O próprio.

— Quint… eu já tenho medo de tubarão!

Ele faz um ruído debochado e me cutuca com o ombro.

— É um tubarão animatrônico dos anos 1970. Acho que você aguenta. E nós vamos estar avaliando o cinema como local em potencial. Vai ser produtivo.

Eu solto um gemido.

— Ah, não. Você descobriu a palavra mágica.

— Te falei. Vou ficar fluente em prudencês rapidinho.

Eu não tenho vontade nenhuma de ver *Tubarão*. Por ter morado aqui a vida toda, passei anos procurando barbatanas de tubarão nessas ondas, com a certeza de que, apesar de todas as estatísticas dizerem que os tubarões não são tão perigosos para humanos e que nós temos mais chance de morrer em um acidente de avião ou sendo atingidos por um raio do que de sermos atacados por um tubarão, eu tinha certeza de que, se houvesse um ataque de tubarão em Fortuna Beach, a devorada seria eu.

Eu me conheço bem o suficiente para saber que ver o filme mais famoso de ataque de tubarão do mundo é uma péssima ideia. Sei que vou me arrepender.

Mas, de alguma forma, ouço as palavras saindo fracas da minha boca. Eu também estou tentando parecer indiferente.

— Tudo bem. Você venceu. Eu vou.

Ele levanta os dois punhos no ar.

— *Viva*. Música para os meus ouvidos. — Quint abaixa as mãos, bate palmas uma vez e as esfrega. — Tudo bem. Vamos considerar o problema do local resolvido por enquanto. Cara, eu estou cheio de respostas hoje. Manda mais. Vou estar com o baile pronto a tempo da pipoca.

TRINTA E SETE

Em qualquer outra circunstância, eu estaria extremamente nervosa. É a primeira vez que vou ao cinema com um garoto, ou, ao menos, um de quem não sou parente. Mas não estou pensando no Quint e em como meu coração salta quando ele me olha. Não estou nem pensando no filme que estamos indo ver, um que me esforcei para evitar.

Quando passamos pela bilheteria e entramos no saguão do cinema, só tenho pensamentos para o baile. Estou olhando as paredes cobertas, a bomboniere, a iluminação. É um cinema velho bem legal, do final dos anos 1920 e da era dos filmes mudos, em preto e branco. Como Quint sugeriu, o saguão é grande o suficiente para o jantar, e, de acordo com o site, que tem uma página com detalhes sobre aluguel do cinema para eventos especiais, dá para acomodar trezentas pessoas sentadas. Tem uma energia art déco nas sancas e candelabros. O piso de parquete é datado, a pintura está meio velha e o cheiro de pipoca com manteiga é sufocante, mas acho que consigo ignorar isso tudo.

— Pode dar certo — sussurro, me inclinando para perto de Quint, que está na fila da bomboniere. — Nós poderíamos montar a mesa do leilão naquela parede e usar esse balcão pra sobremesa. — Bato com o dedo no lábio inferior, assentindo. — Gostei.

Quint cantarola para si mesmo.

— Manteiga, sim ou não?

Eu olho para ele e demoro um segundo para me dar conta de que ele é o próximo da fila.

— Sim. Claro.

— Ah, que bom. Se você tivesse dito não, eu ia fazer você comprar a sua.

Nós estamos entre os primeiros a chegar e, depois que entramos no cinema,

podemos pegar lugares praticamente no meio, mas eu não me sento. Estou girando em círculos, considerando o balcão pequeno, onde podemos colocar antigos doadores com vantagens VIP. E o palco na frente, onde Rosa poderia fazer um discurso. Considerando que é um cinema, nós poderíamos até montar um vídeo com imagens do centro e dos animais. Poderíamos usar resgatados recentes e alguns animais libertados.

Sorrindo, eu me sento.

— Tenho um trabalho pra você.

Ele parece hesitantemente curioso, mas quando explico a ideia de passar um vídeo no baile, ele embarca cem por cento. Enquanto o cinema vai enchendo e a mesma série de propagandas pagas da região fica passando na tela pela bilionésima vez, Quint e eu conversamos se devemos ou não tentar oferecer música ao vivo (não tive sucesso nenhum em encontrar uma orquestra que tocasse de graça) ou se montar uma playlist é suficiente. Nós passamos a lista de itens de leilão que os estabelecimentos já prometeram e quem ainda podemos abordar. Eu repasso meus planos de vender uma rifa, apesar de ainda não sabermos bem que prêmio rifar.

Fico surpresa com a quantidade de gente no cinema quando as luzes se apagam. Há uma atmosfera diferente de qualquer outro filme que eu tenha ido ver, e fica claro que muita gente na plateia vai a essa exibição especial todos os anos. Tem uma energia empolgada no ar quando os créditos de abertura começam a passar. A música me atinge; o clássico *tu-dum, tu-dum, tu-dum* que se tornou sinônimo de ataques de tubarão. Engulo em seco e me aproximo do Quint. Sinto-o me espiando, mas não retribuo o olhar. Já estou pensando de novo que é uma péssima ideia. Por que tinha que ser *Tubarão*? Mas agora não tem jeito, e… bom, não parece tão horrível quando sinto o calor de seu ombro encostado no meu.

Eeeeeee… agora estou nervosa.

Todas as perguntas que eu estava ignorando surgem com tudo nos meus pensamentos. Isso é um encontro? Por que ele não chamou mais ninguém para vir com a gente? Por que *não* me fez comprar a minha própria pipoca? O balde equilibrado no apoio de braço entre nós parece enorme.

Mas uma olhada rápida para Quint sugere que eu sou a única pensando nisso. Ele está virado para o filme, jogando distraidamente pipoca na boca.

Eu afundo na cadeira e tento não pensar demais. Pela primeira vez, Prudence, *não pensa demais*.

Acontece que a plateia gosta do filme. *Muito*. Nos primeiros minutos, as pessoas já estão gritando com a tela: *Não faz isso, Chrissie! Fica fora da água!* Eu engulo em seco, os braços arrepiados quando fica claro o que vai acontecer com a garota mergulhando nua na tela. Viro a cabeça, pronta para escondê-la no ombro do Quint se precisar, e ele se aproxima ainda mais de mim, como se me encorajando a usar o ombro dele à vontade.

Eu uso.

O filme é apavorante… e não é. A ideia é a pior parte, o suspense de saber que o tubarão está perto quando aquela música ameaçadora começa a tocar. Não demora para eu estar apertando o braço do Quint, os dedos enfiados na manga. Ele não se afasta.

Na tela, um tubarão foi pego; um tubarão-tigre. O pessoal da cidade o pendura num gancho na doca enquanto o prefeito de Amity Island diz para a imprensa que o predador responsável pelos ataques recentes está morto. A plateia ao nosso redor grita para o prefeito: *Não é esse tubarão! Buu!*

— Pobre tubarão — me pego murmurando.

Quint assente com conhecimento.

— Horrível, né?

Horrível… porque acontece mesmo.

O filme continua. Turistas enchem as praias. Os filhos pequenos do chefe Brody entram na água…

Uma telinha azul chama minha atenção. Franzo a testa, distraída. Alguém na fila da frente está olhando o celular.

Eu me inclino para a frente. A pessoa está… olhando o Instagram? Para quê?

Alguém atrás de mim também repara e grita:

— Ei, desliga o celular!

O telefone é desligado.

Minha atenção volta para a tela. A música está aumentando de novo. O chefe Brody está correndo. As crianças não têm ideia…

A tela azul pisca de novo. Apesar de eu não conseguir ver o rosto da pessoa, vejo o celular dela claramente. Ela está digitando uma mensagem para alguém chamada Courtney. *Ocupada amanhã? A Swim Source vai fazer liquidação.*

Eu não sou a única ficando irritada. As pessoas estão começando a gritar com a pessoa do telefone agora, não com a tela.

— Que falta de consideração.

— Qual é o seu problema?

— Vê o filme!

Quint balança a cabeça. Eu só sei porque ele está com a testa encostada no meu cabelo, porque eu estou apertando o braço dele com mais força.

— Tem umas pessoas…

— É — murmuro, uma das mãos no colo. — Tem umas pessoas…

Meus dedos se fecham.

Uma música começa a tocar na tela. A garota pula e deixa o celular cair. A música continua tocando, uma animada que eu lembro que era bem popular quando era criança.

Quint ri.

— Acho que o nome dessa música é “Rude” — diz ele, me olhando achando graça. — Adequado.

A garota se abaixa para procurar o celular no chão enquanto mais gente se junta ao coro que grita com ela.

— Desliga!

— O que você está fazendo?

— Silêncio!

Ela consegue pegar o celular, e preciso cobrir a boca para não rir quando ela aperta todos os botões possíveis, passa o dedo na tela dos dois lados, aperta o botão na lateral. Nada acontece. Na verdade, a música só fica mais alta. *Why you gotta be so rude?*

Finalmente, um funcionário do cinema aparece e insiste para que ela saia da sala.

Quando ela é levada para fora, a cabeça abaixada de constrangimento, a plateia toda comemora.

O tubarão está morto. O sol está se pondo. Os créditos finais começam a rolar. As luzes do cinema estão se acendendo e a plateia aplaude com entusiasmo.

Eu solto um suspiro longo e traumatizado. Estou agarrada em Quint como carrapato. Devo ter deixado marcas permanentes no local em que meus dedos

ficaram apertando seu braço, mas, se ele se incomoda, não deu indicação nenhuma.

Viro a cabeça lentamente e o vejo sorrindo para mim.

— E aí? — pergunta ele. — O que achou?

Não tenho certeza de como responder. Apesar de estar totalmente horrorizada, eu gostei do filme. O roteiro era bom e os personagens também. O tubarão era… bom, um tubarão animatrônico dos anos 1970, mas a ideia do tubarão era arrepiante.

— Eu tenho uma pergunta. — Tiro as mãos do braço dele e me viro para olhá-lo de frente. Ele se vira para mim e espera.

— Quint? — digo.

— O quê?

— Não, essa é a minha pergunta. *Quint?* Sua mãe, a mãe que ama animais marinhos, escolheu seu nome por causa *daquele* cara? Não só um caçador de tubarões, mas um caçador de tubarões grosseiro, ranzinza e recluso?

Quint ri.

— Ele é herói de guerra!

— Ele é um babaca. Não faz nada além de debochar e intimidar aquele pobre… como era o nome do outro cara?

— Hooper.

— Aquele pobre Hooper o filme todo, aí ele é devorado por um tubarão! Sinceramente, seus pais queriam te traumatizar? Por que não podiam te batizar em homenagem ao cara principal? Chefe…

— Brody.

— Brody! Deviam ter escolhido Brody. Não é um nome ruim.

— É um lindo nome. Infelizmente, já tinha dono.

— Quem?

— Nosso cachorro.

— Você tem um cachorro?

— Tive quando criança. Brody, o Golden Retriever. Meus pais tiveram medo de que, se botassem meu nome de Brody também, as pessoas não entendessem a referência e achassem que era por causa do cachorro. Então… ficou Quint.

Eu quase não consigo entender. Balanço a cabeça, movo o braço na direção dos créditos.

— Ele… caça… tubarão! É a personificação de tudo que sua mãe é contra!

— Eu sei, eu sei. Mas, acredite se quiser, ela gosta muito desse filme. Ela era muito fã do Peter Benchley, o cara que escreveu o livro, porque ele acabou se tornando um grande defensor da proteção de tubarões. — Ele baixa a voz para um sussurro cheio de segredos. — Mas eu acho que ele sofria de muita culpa. Ah, e o primeiro encontro dos meus pais foi pra ver *Tubarão*. Era uma exibição de aniversário, bem aqui no Offshore. Então… teve isso. — Ele dá de ombros. — Eu já aceitei. — Os olhos dele estão brilhando. O cinema está esvaziando rapidamente. Alguns funcionários começaram a ir para as filas da frente para varrer pipoca e papéis de bala caídos no chão. Nós devíamos ir, mas eu não quero.

— E o que aconteceu com Brody? — pergunto, torcendo para não ser um assunto sensível. — Estou falando do cachorro.

— Ele ficou com o meu pai depois do divórcio — diz Quint, mastigando mais pipoca. Nós não chegamos nem na metade do balde. — Faleceu alguns anos atrás, e minha madrasta o substituiu por — ele faz uma pausa dramática — um pug.

— Ah? — Minhas sobrancelhas se erguem com seu tom dramático, mas eu não tenho ideia do motivo. — E isso é ruim?

— É hilário — responde ele. — Meu pai odeia cachorros de pequeno porte. Ou, pelo menos, odiava. Tenho certeza de que, se você perguntasse agora, ele diria que são o melhor tipo do mundo, porque qual é o jeito? Ela ama aquele cachorro! Foi resgatado de Guadalajara, e ela fala nisso toda vez que vou lá. Acho que pode ser o jeito dela de se sentir próxima de mim. Tipo: ei, você resgata animais! Eu também! — Ele dá de ombros. — Ela, pelo menos, tenta.

— Você gosta da sua madrasta?

— Ela não é ruim. — Ele come mais pipoca. — Eu vejo que eles se amam, ela e meu pai, e fico feliz por eles. — Ele para e me olha de lado. — Você está procurando a minha história de trauma de infância, né?

Aperto um olho, com a sensação de que ele me pegou.

— Você foi tão categórico antes dizendo que, por você, tudo bem seu pai ter se casado de novo, morar em São Francisco… Parece que está escondendo alguma coisa.

— Bom, talvez você possa conhecer os dois um dia e decidir por você

mesma.

Meu coração pula, e Quint, como se percebendo o que acabou de falar, afasta o olhar na mesma hora.

— Meu pai não está muito feliz comigo agora.

— Ah? Por quê?

— Eu costumo passar as duas últimas semanas das férias de verão com ele. Mas liguei pra ele ontem e falei que acho que este ano não vai rolar.

Demoro um segundo para me dar conta…

— Por causa do baile?

Ele assente.

— Eu quero estar aqui pra te ajudar. Não pareceu certo viajar.

— Ah, Quint! Eu não sabia. Nada está decidido. A gente pode adiar até…

— Não. — Ele balança a cabeça. — Está tudo bem. Meu pai vai superar. Nós já estamos planejando uns feriados prolongados durante o ano letivo, e ele vai ficar comigo por quase todas as férias de inverno. — Seu rosto se suaviza e ele parece quase incomodado quando acrescenta: — Eu não quero ir pra São Francisco agora.

Pela forma como ele fala, tem mais coisa implícita ali.

Não pense demais, Prudence.

Quint limpa a garganta e olha em volta.

— A gente devia ir — diz ele, e percebo que somos as duas últimas pessoas no cinema. Nós pegamos nossas coisas e nos levantamos. — Então, fora seu desprezo pelo meu xará — acrescenta quando passamos pelas fileiras de cadeiras —, você gostou do filme?

— Rá! Falando em trauma! — brinco. — Estou feliz de você já ter me levado para mergulhar de snorkel, porque aquela deve ter sido a última vez que eu entrei na água.

— Espera umas semanas. O medo vai passar.

— Não. Nunca. Eu realmente pareço uma foca, sabe? Vista nadando na água, de baixo. Seria a primeira a morrer.

Seu sorriso diminui um pouco quando ele olha para mim.

— Todo mundo parece uma foca quando visto de debaixo da água. Ao menos pra um tubarão.

— E obrigada por confirmar por que eu nunca mais vou nadar no mar.

— Vamos ver. Eu sei ser bem persuasivo.

Solto um grunhido, nada convencida, embora uma parte de mim não consiga deixar de imaginar o que ele poderia fazer para me atrair de volta às ondas. Tremo quando um número de possibilidades surge espontaneamente na minha cabeça.

— Falando em snorkel — diz Quint quando saímos do auditório. — Eu tenho uma coisa pra você. — Ele enfia a mão no bolso de trás e tira uma fotografia. Está um pouco amassada por ter ficado o dia todo no bolso dele e a qualidade de impressão não é a melhor, mas meu coração salta quando reconheço a tartaruga-marinha.

A *minha* tartaruga. A que eu vi quando a gente foi mergulhar. Ele a capturou com a cabeça erguida, olhando diretamente para a câmera, com ondas de luz cintilando na areia abaixo. Está linda.

— Desculpa por ter amassado um pouco — diz Quint, desdobrando um dos cantos. — Eu posso imprimir outra se você quiser.

— Eu sempre vou gostar dela — respondo, aninhando a foto nas mãos. É para ser piada, mas não tenho certeza se é mesmo.

— Vou cobrar isso. Quando você morrer, eu quero que seja enterrada com essa foto.

Dou uma risada e a guardo no caderno.

— Obrigada. De verdade. Eu amei. E… tudo bem, *talvez* um dia eu vá mergulhar de novo. Talvez. Vamos ver.

O sorriso dele se alarga.

— Viu? Persuasivo. — Ele começa a seguir para a porta, mas eu o faço parar e vou direto para a bomboniere.

— O que você está fazendo? — pergunta ele.

— Eu vou falar com o gerente. Pra saber sobre reservar para o baile.

— Agora? A gente não pode fazer isso amanhã?

— Não tem hora melhor do que o agora! — digo.

Mas, quando começo a falar sobre aluguel do espaço e eventos comunitários, o garoto na bomboniere me olha com perplexidade e me diz que o gerente não está e que eu devia tentar ligar outra hora.

— Eu te disse — diz Quint quando estamos indo para a porta.

— Psh. Valeu a tentativa.

Apesar de ser dia quando chegamos, o sol agora se pôs e a rua Main está acesa com as luzinhas que foram penduradas pelas árvores e nos telhados dos prédios icônicos de cem anos. Um vento começou a soprar e a balançar as palmeiras. Uma cobertura densa de nuvens esconde as estrelas. Parece que tem uma tempestade chegando, afinal.

Eu cruzo os braços sobre o peito. Não tinha passado pela minha cabeça levar um casaco.

Quint franze a testa quando percebe o vento.

— Você veio de bicicleta?

— Vim, está ali.

— A minha também.

Quando andamos correndo pela calçada, as primeiras gotas de chuva batem nas nossas cabeças.

— E aí, quando é nosso próximo — Quint faz uma pausa — planejamento de baile?

Eu me pergunto se ele pretendia dizer *encontro*.

— Amanhã? — digo. — Vou ligar para o cinema de manhã, e se a gente conseguir fazer a reserva, tem que começar a fazer o planejamento da propaganda.

— Está ótimo.

Ele mal acabou de falar e a chuva começa de verdade. É tão repentina, a mudança de gotas grossas e esparsas para uma tempestade torrencial. Eu grito de surpresa e corro para a marquise mais próxima. Quint para ao meu lado e ficamos imóveis, em silêncio, vendo a chuva encher as valas, formar poças nas calçadas, transbordar pelos bueiros. Os poucos carros na rua vão mais devagar, os faróis mal cortando a tempestade.

Estou tão impressionada com a força da chuva que só percebo que estou abraçando meu próprio corpo de frio quando Quint passa o braço em volta de mim e começa a massagear meu ombro bruscamente. Eu fico tensa. Meu cérebro quase entra em curto-circuito.

— Ei — diz ele, atraindo meu olhar para cima. Minha respiração entala. Eu nunca fiquei tão perto dele. Nunca fiquei tão perto de nenhum garoto. Mas sei na mesma hora que a mente dele está sintonizada com a minha. Sua expressão está preocupada, a testa franzida. — Eu vou para o centro.

— O quê? — pergunto. Mesmo perto assim, quase temos que gritar para sermos ouvidos na tempestade.

— Acho que estamos mais perto do que os outros voluntários e… quero olhar os animais. Nós já tivemos problemas com inundação, em tempestades fortes assim. Sei que vai ficar tudo bem. Eu só acho que devia ir mesmo assim. Mas quero primeiro que você chegue bem em casa primeiro. Vamos correr até as bicicletas?

Eu arregalo os olhos quando penso nas piscinas. Imagino o pátio inundado e os animais presos e com medo.

— Vamos — grito. — Mas eu vou com você.

TRINTA E OITO

Eu já andei de bicicleta na chuva, mas nunca assim. Tempestades como essa são raras em Fortuna Beach, e não sei se já vi uma tão ruim. Desviar de poças é como desviar de minas terrestres, e a água que corre pelas valas ameaça derrubar minhas rodas mais de uma vez. Por sorte, é um trajeto curto. Mesmo com a tempestade, demoramos menos de quinze minutos para chegar no centro, esse tempo contando com a colaboração do fato de o temporal ter tirado a maioria dos veículos das ruas.

Nós largamos as bicicletas no estacionamento e corremos para a porta. Quint tem chave e logo estamos dentro, a respiração ofegante, tirando o capacete.

Estamos encharcados. Sinto-me mais molhada agora do que quando fomos nadar. Em pouco tempo, estou tremendo dentro do prédio com ar-condicionado.

Mas não adianta a gente se secar. Quint e eu vamos para o pátio, onde os animais parecem montinhos encolhidos nos cercados.

Por causa da posição do centro, com colinas atrás, entendo na mesma hora por que Quint ficou ansioso de ir lá. O canto de trás do pátio já está se enchendo de água, que não tem para onde ir.

Quanto aos animais, alguns estão encolhidos em montinhos, assustados. Ou talvez eles estejam dormindo em meio à chuvarada; é impossível saber.

Mas tem outros que parecem achar que é a melhor coisa do mundo. Um grupo de leões-marinhos está brincando e pulando na água como se tivessem acabado de ganhar ingressos para o melhor parque aquático do mundo.

— O que a gente faz? — pergunto. — A gente precisa levá-los pra dentro?

— Luna e Lennon precisam ser levados pra dentro — diz Quint. — Acho que eles não têm camada de gordura suficiente pra se manterem aquecidos na chuva. O resto deve ficar bem, mas vamos ter que limpar as piscinas. — Suponho que

não seja com a água que ele está preocupado, afinal, são todos animais marinhos, mas há galhos de árvores e detritos, levados pela chuva, e eles poderiam se machucar.

Eu concordo e nós começamos a trabalhar.

Preparo um dos cercados lá dentro antes de voltar para buscar Luna e Lennon. Eles parecem felizes de me seguirem para fora da tempestade quando os levo pela porta, usando um pedaço grande de plástico para guiá-los na direção certa. Quint fica lá fora, realocando os animais das piscinas que transbordaram para alguns dos cercados mais perto da construção.

Eu pego uns cobertores para ajudar a aquecer Lennon e Luna. A chuva não estava tão fria, mas, agora que eles estão do lado de dentro, quero que fiquem secos o mais rápido possível. Encontro uns de seus brinquedos, achando que podem ajudar com que eles se sintam mais em casa, mas os brinquedos que jogo no cercado são ignorados. Luna se deita em cima de Lennon e encosta a cabeça no pescoço dele. Não sei se ela está com medo ou só cansada.

Pelo menos, eles estão protegidos. Eu tranco o portão e estou indo para a porta dos fundos quando um barulho estranho de gorgolejo chama minha atenção. Giro, tentando descobrir de onde está vindo, quando olho para a mureta mais próxima, que dá num cercado atualmente vazio.

O ralo no meio está transbordando.

Tem água vindo do chão.

Eu arregalo os olhos.

— Quint! — grito. Eu me viro, corro pelo corredor e saio para o pátio a tempo de vê-lo trancando o portão do último animal realocado. — Quint, os ralos! Estão… tem água subindo e… o que a gente faz?

Ele franze a testa para mim por um segundo e passa correndo para ver. Um segundo depois, ele está no telefone com a mãe. Está sem fôlego enquanto tenta explicar para ela que estamos no centro, que mudamos os animais de lugar, mas os ralos estão transbordando. Escuto a voz firme dela do outro lado da ligação, explicando o que fazer.

Nós encontramos portões de enchente para as portas e plugues para os ralos exatamente onde Rosa disse que estariam. Os minutos seguintes são caóticos enquanto Quint e eu corremos pelo prédio, tampando ralos. Encontro um dos nossos pacientes mais novos, um elefante-marinho, dormindo em cima de um, e

tenho um longo debate interno se podemos deixá-lo ali para segurar a água, mas Quint e eu acabamos decidindo acordá-lo e mudá-lo de lugar para podermos fechar o ralo de verdade.

Estou exausta quando conseguimos deixar o centro e os animais em segurança. Tenho a sensação de que corri uma maratona. Uma maratona muito molhada.

— Vou ligar pra minha mãe de novo — diz Quint, também sem fôlego. — Pra ver o que mais a gente tem que fazer.

Eu concordo.

— Vou dar uma volta novamente pra ver se está tudo bem.

Meus sapatos escorregam e fazem barulho no piso de linóleo quando olho os animais nos cercados. A maioria está dormindo, alheia à tempestade, mas Lennon e Luna estão acordados. Luna ainda está por cima de Lennon como uma boneca de pano, as nadadeiras cobrindo os olhos.

Abro o portão. Os dois levam um susto. Lennon aperta as nadadeiras no piso, tentando chegar mais para o canto, mas nem consegue se mexer com Luna em cima. É a primeira vez que vejo qualquer um dos dois agir com medo. Normalmente, eles se animam quando um voluntário aparece, esperando comida. Eu me arrependo de não ter levado uns peixes.

— Ei, pessoal — murmuro, chegando mais perto. É uma batalha constante lembrar a mim mesma que eles são animais selvagens. Podem ser perigosos, principalmente com medo.

Mas eles não se movem quando me sento no chão. Pego uma bola meio murcha e rolo na direção deles. Bate no nariz do Lennon. Ele balança a cabeça de surpresa. Está escuro lá dentro, mas não tanto a ponto de ele não enxergar. Eu me pergunto se seus olhos pioraram nos últimos dias.

Luna sai de cima dele e os dois vêm na minha direção. A cabeça de Luna empurra minha coxa, e passo um tempo fazendo carinho no pelo dela.

— Que chuva forte lá fora, né? — digo, tentando manter a voz calma. — Mas está tudo bem. Vocês estão seguros aqui. E estou feliz de ver que estão cuidando um do outro.

A chuva continua a bater no telhado, mas parece ter diminuído um pouco.

— Prudence? — A voz do Quint ecoa pelo longo corredor.

— Aqui atrás. — Eu me levanto, e os leões-marinhos na mesma hora se

grudam de novo.

Quando Quint chega a nós, ele parece preocupado… mas seu rosto se suaviza assim que ele vê os animais.

— Queria que a luz fosse melhor aqui — diz ele. — Isso daria uma linda foto.

— Mas deve dar pra uma postagem de rede social, né? As pessoas podem estar querendo saber como estamos na tempestade.

Ele assente e pega o celular. Quando o flash pisca, Luna cobre a cabeça com as nadadeiras, mas Lennon só olha para Quint, confuso.

— O que a sua mãe disse?

— Que deve ficar tudo bem. Não tem muito mais que a gente possa fazer até a tempestade passar. Ela está feliz de estarmos aqui. Queria vir, mas acho que tem alagamentos por todo lado e ela achou que não seria seguro dirigir. E disse que é melhor a gente ficar aqui até a tempestade passar.

Eu saio do cercado de Luna e Lennon.

— É bom eu ligar para os meus pais — digo, indo na direção do saguão, onde eu deixei meu celular e mochila assim que entramos.

O telefone toca duas vezes antes de a minha mãe atender, parecendo histérica. Suponho que ela esteja preocupada comigo, mas não. Ellie, que eles ficam tentando botar na cama às oito, ainda está acordada, lutando contra a rotina do sono com gosto. Ouço-a chorando ao fundo. Quanto a mim, minha mãe tinha suposto que eu ainda estava na rua Main, provavelmente protegida no Encanto. Eu digo que Quint e eu fomos para o centro, para ver se os animais estavam bem, e depois de hesitar um momento, ela se oferece para ir me buscar de carro.

A proposta é reconfortante, apesar de eu ouvir a exaustão na voz dela.

— Não — digo. — Tudo bem. Eu vou ficar até a tempestade passar.

— Tudo bem, querida. Acho que é melhor mesmo. Fica bem, tá?

— Está bem, mãe. Eu ligo se alguma coisa mudar.

Desligo e me viro e vejo…

Quint.

Quint está parado na porta, a uma curta distância de mim.

Quint está sem camisa.

Quint está com uma toalha azul desbotada na cintura, usando uma segunda toalha para secar o cabelo.

Dou um gritinho.

— Nossa…! O que…! Por que você…! — Eu me viro de costas, o rosto quente. Meu cotovelo derruba a mochila da mesa da recepção, e ela cai no chão, espalhando minhas canetas e uns cadernos meio úmidos.

Apesar de eu não estar mais virada para Quint, aperto os olhos.

— Onde sua roupa foi parar?

Há um momento de silêncio e… Quint perde o controle. As gargalhadas dele saem fortes e não param. Eu franzo a testa, ouvindo as risadas, os gritos, os ofegos para respirar.

Depois de um tempo, minha surpresa e meu constrangimento começam a abrir espaço para a irritação.

Eu me preparo e me viro para poder olhar para ele por cima do ombro. Quint não parece notar. Ele está encostado na parede, com dificuldade de respirar. Está com lágrimas no rosto. Lágrimas de verdade.

— Desculpa — diz ele, ofegante, depois que conseguiu controlar a histeria. — É que… a sua cara! Ah, meu Deus, Pru. — Ele seca as lágrimas. — Desculpa. Eu não queria te assustar. Mas… você já viu garotos sem camisa, né? Você já foi à praia?

— É diferente! — Bato o pé. Petulante. Imatura. Não ligo. *Por que ele está seminu?*

Ainda há uma diversão distante no rosto do Quint, mas, pelo menos, ele parece ter parado de rir de mim.

— Como é diferente? — pergunta ele, me provocando.

Porque é, tenho vontade de dizer.

Porque eles não são *você*.

Eu limpo a garganta.

— Você me pegou de surpresa, só isso. Está tudo bem. Eu estou bem.

— Você não ficou traumatizada para o resto da vida?

— Isso ainda veremos.

Eu me viro para ele, mas não consigo encará-lo. Eu me vejo olhando então para o pôster satírico de *Tubarão.*

— E onde a sua roupa foi parar?

— Na secadora. Eu estava indo lá pra cima pegar umas camisetas de voluntário pra nós.

Aah. A secadora. Eu relaxo de alívio de ouvir essa explicação tão prática. Nós

usamos a lavadora e a secadora para os cobertores e toalhas dos animais, mas nem passou pela minha cabeça usar para *nós*.

— Certo. Tudo bem. Boa ideia.

Quint me dá uma toalha, e eu começo a secar o cabelo.

— Vou buscar as camisetas — diz ele. Ainda ouço risadas ocasionais enquanto ele sobe a escada.

Sigo para a salinha com a lavadora e a secadora e fecho a porta. Tirar a camiseta molhada e a calça jeans é como tirar uma segunda pele. Meu sutiã e minha calcinha também estão molhados, mas posso viver com isso. Jogo as minhas coisas na secadora. Elas caem em cima da camiseta e da calça do Quint. Caramba, que esquisito. Eu começo a corar de novo.

Pego uma toalha nova na prateleira e enrolo no corpo como um sarongue. Ligo a secadora e fico ali parada, ouvindo-a trabalhar, me perguntando o que fazer agora. Não vou sair andando perto do Quint só de toalha, mas vai demorar pelo menos meia hora para as nossas roupas secarem.

Assim que penso isso, as luzes piscam.

Eu olho para cima.

Elas piscam de novo… e se apagam.

Sou cercada de uma escuridão tão densa que parece que fui sugada para um buraco negro. A secadora para. Nossas roupas pesadas e úmidas giram uma última vez. Um silêncio sinistro se espalha no centro, quebrado apenas pela chuva torrencial que continua a cair na lateral do prédio e pelo grito ocasional dos animais.

— Prudence?

Eu seguro a toalha, abro a porta e olho o corredor. Quint está vindo na minha direção, iluminado pela lanterna do celular. Ele vestiu uma camiseta, felizmente, mas ainda está com a toalha na cintura.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Estou. A energia…

— Pois é. — Ele me entrega uma camiseta amarela.

— Tem gerador?

— Acho que não.

Eu volto para a salinha e ligo a lanterna do meu celular também. Deixa o ambiente com um brilho branco suave, e visto a camiseta e amarro a toalha

como uma saia na cintura.

Faço uma careta. Dá para prender a toalha em volta dos meus quadris, mas fica uma abertura numa coxa. Não posso sair assim.

Mas lembro que tem uma pilha de cobertores ao lado da lavadora. Eu tiro a toalha e pego um cobertor. Sinto-me melhor na mesma hora, com o tecido mais do que cobrindo os quadris e caindo até os tornozelos. Está com cheiro de peixe e água do mar, considerando que costuma ficar nos cercados dos animais. Não muito tempo antes, eu teria ficado completamente enojada por isso, mas agora só estou grata. Além do mais, quem costuma lavar as coisas no fim do dia sou eu, então sei que as toalhas e os cobertores são lavados regularmente.

Pego o celular e abro a porta.

— E agora? — pergunto, antes de me dar conta de que Quint está segurando minha mochila.

Ele a oferece para mim, segurando pelas alças.

— Você deixou no saguão. Eu não sabia se você precisava.

— Obrigada. — Pego a mochila de sua mão, mas ele parece perturbado.

— O que houve?

Ele limpa a garganta e mostra uma coisa. Duas, na verdade. Um envelope amarelo-claro que foi rasgado e um envelope amarelo, cheio de notas de dólar.

— Isso caiu de dentro.

— Ah. — Engulo em seco. — O dinheiro é para os meus pais… — Sinto que deveria dizer mais. É estranho estar carregando tanto dinheiro. Mas… não quero contar sobre a loja de penhores. Não quero que ele saiba que meus pais recorreram a vender nossas coisas. Eu me saí bem em não pensar nisso o dia todo, mas sempre que a questão surge na minha mente, meu estômago fica embrulhado. De preocupação. De culpa. Eu passei o verão todo concentrada em ajudar o centro. Deveria estar tentando ajudar minha família em vez disso?

No fim das contas, não conto nada para Quint, só guardo o dinheiro de volta na mochila, em um dos bolsos laterais, o que eu deveria ter feito desde o começo. Não é da conta dele mesmo.

Mas ainda estou segurando o envelope amarelo, e é para ele que Quint está olhando agora, a testa contraída.

— A minha mãe escreveu uns cartões de agradecimento pra alguns doadores no mês passado, como você sugeriu. Eu ajudei a colar os selos…

Eu sei que ele está dizendo isso para que eu perceba que *ele* sabe o que é aquilo. Quase como se estivesse tentando arrancar uma confissão de mim.

E talvez seja algo razoável. Eu não tinha direito de abrir essa correspondência e, menos ainda, de ficar com ela.

Suspiro.

— A dra. Jindal deixou cair outro dia, quando estava pegando a correspondência. Eu peguei, e quando vi a quem estava endereçada…

Viro o envelope para Quint ver o nome de Grace Livingstone e o carimbo do correio: FALECIDO.

O rosto dele se transforma com a compreensão.

— A avó da Maya.

— Eu sei que não devia ter aberto, mas… — Hesito. Mas o quê, exatamente? Parecia que o *universo* estava tentando me dizer alguma coisa? Balanço a cabeça. — Eu não devia ter aberto. Desculpa.

Quint pega o cartão e parece dividido por um momento. Mas um leve sorriso surge no rosto dele.

— Eu também teria ficado curioso. Vou dizer pra minha mãe que fui eu que abri, que estudo com a neta dela. Acho que ela vai entender.

Meu coração se expande. Eu não estava esperando isso.

— Obrigada — sussurro.

Há um momento de silêncio entre nós e a energia muda de novo. Quint sorri, tranquilo e relaxado.

— Está com fome? — Ele aponta para a escada com o polegar. — Eu tenho umas moedas pra máquina. A gente pode comer Pringles à luz de velas.

— Que romântico — digo. — Só que acho que a máquina não vai estar funcionando sem luz.

Ele faz uma careta.

— Droga. Você deve estar certa. E eu nem sei se tem vela aqui.

Dou de ombros.

— Vamos descobrir.

TRINTA E NOVE

Na sala de descanso, nós passamos um tempo procurando nas gavetas cheias de talheres, material de escritório e cardápios de restaurantes delivery que devem estar lá há mais de uma década. Acabamos encontrando duas caixas de velas de aniversário e uma caixa de fósforos. Quint coloca as velas numa tigela decorativa cheia de areia e conchas e as acende. Eu nunca vi velas de aniversário ficarem acesas por mais tempo do que o de cantar "Parabéns pra você", e desconfio que elas não vão durar, mas o brilho que emitem agora é reconfortante e estranhamente alegre enquanto o vento e a chuva continuam lá fora. Além do mais, os dois celulares estão ficando com bateria baixa, então achamos melhor economizar o máximo possível.

Depois de remexer nos armários, nós conseguimos organizar uma espécie de piquenique. Um saco de batatas velhas, uns crackers e creme de amendoim, uma caixa de cereal Cheerios, uns marshmallows.

Apesar de eu estar brincando antes, quando nos acomodamos na mesa de reuniões comprida, o clima *fica* romântico. A tempestade batendo nas janelas. O brilho das velas.

E o fato de estarmos presos ali… juntos.

— Você acha que a gente vai ficar preso aqui a noite toda? — pergunto, tentando não parecer cheia de esperanças quando falo. Afinal, seria horrível, né? Quem quer dormir no piso frio e duro quando pode estar protegida em casa na cama quente e confortável?

Ainda assim, não estou com pressa nenhuma para ir embora.

— Não sei. Do jeito que está… — Quint olha pela janela. — Não está parecendo bom. Seus pais estavam preocupados?

— Acho que eles estão bem. Falaram pra eu ficar aqui até a tempestade

passar.

Ele assente.

— Acho que a gente pode usar os cobertores lá de baixo pra fazer uma espécie de cama. Pode não ser a coisa mais confortável do mundo, mas…

— Podia ser pior.

E é verdade. Nós temos proteção e comida. Está quente. Tem luz por um tempo, embora as velas estejam queimando rápido demais.

— Pelo menos, nós temos cereal. — Eu coloco um punhado na boca.

A primeira vela se apaga, deixando um filete de fumaça preta ondulando nas sombras. Nós dois olhamos para a pequena coleção de velas enfiadas na areia. Elas já estão quase no cotoco.

— Acho que a gente devia ter economizado — diz Quint.

— Não tem lanterna em algum lugar?

Ele pensa.

— Deveria.

Nós saímos procurando de novo, botando em risco a bateria dos celulares para remexer em cada armário, gaveta e porta que encontramos. Finalmente, sucesso. Nós encontramos cinco lanternas guardadas com umas redes de resgate e outros suprimentos, embora só três tenham pilhas funcionando. Enquanto estamos no andar de baixo, nós enchemos os braços com o máximo de cobertores que conseguirmos carregar e voltamos para a sala de descanso. Empurramos a mesa para junto dos armários a fim de abrir um espaço para colocar os cobertores, improvisando um colchão. Passa pela minha cabeça que devíamos estar fazendo duas camas separadas, mas… eu não digo nada, e nem ele.

— O que você estaria fazendo agora se não estivesse aqui? — pergunta Quint.

— Dormindo?

— Sério? Não deu nem meia-noite ainda.

— Eu sou uma pessoa mais matinal.

— Isso não me surpreende. — Quint se senta na cama improvisada e enrola duas toalhas para usar de almofada nas costas. Eu hesito por uns segundos, mas me sento do lado oposto, de frente para ele. Estamos tão perto que dá uma sensação de intimidade, principalmente com a luz fraca da lanterna refletida no teto, mas longe o suficiente para eu poder fingir que a situação não é

constrangedora. — Tudo bem, se você não estivesse dormindo, o que estaria fazendo então?

— Não sei. Planejando o baile? Cuidando pra que tudo seja perfeito?

Quint estala a língua, como se estivesse me repreendendo.

— Você já pensou que talvez seja dedicada demais?

Eu franzo o nariz.

— Jude me mantém ciente disso, sim. Mas não consigo ser diferente. Sempre tem mais coisa pra fazer, e não quero aceitar menos do que a perfeição, sabe? Por que ser medíocre? Mas pode ser difícil saber quando basta ou como priorizar meu tempo. Tipo este verão. Fico pensando tanto no centro que não fiz nada do projeto de biologia.

— Eu estava pensando nisso — diz Quint, os olhos cintilando. — Estava com esperanças de que você tivesse esquecido.

— Eu não esqueci. Ainda quero fazer algo extraordinário. Até pensei que a gente podia usar o baile como exemplo real de como o ecoturismo pode funcionar pra ajudar o meio-ambiente. Mas ainda preciso botar mais ciência no trabalho, e isso me deixou entalada. Por isso, eu deixei o projeto de lado e me concentrei no centro e na arrecadação de dinheiro… apesar de saber que, ao adiar, eu só estou criando mais estresse pra mim.

— Como é? Você? Espera aí. — Quint se inclina para mim em tom conspirador. — Está me dizendo que você, Prudence Barnett… está… *procrastinando*? — Ele fala como se fosse uma palavra ruim, o rosto em uma expressão de descrença.

Não consigo evitar uma gargalhada pelo drama exagerado, apesar de eu ficar com um soluço de ansiedade quando me dou conta de que o projeto revisado tem que ser entregue em poucas semanas.

— De jeito nenhum — digo enfaticamente. — Eu só estou… conduzindo uma quantidade considerável de pesquisa.

— Aham, claro. — Ele pisca para mim e faz meus batimentos executarem outro solo errático de bateria. — Desde que você saiba que, quando *eu* procrastino, pesquisa também é minha desculpa preferida.

— Eu não estou procrastinando. Essa palavra não está no meu vocabulário. Mas admito que é difícil passar meu tempo escrevendo um trabalho sobre salvar os animais quando eu poderia… você sabe. Estar ajudando a salvar animais de

verdade.

Os dentes dele brilham num sorriso gigante.

— Eu não poderia concordar mais.

Quando ele fala isso, um pensamento me ocorre. Um que não acredito que não passou pela minha cabeça ainda.

Penso nas vezes em que tentei jogar a justiça cármica no Quint no começo do verão. Quando ele se recusou a ajudar com o projeto de biologia porque "tinha outras coisas para fazer" ou quando se atrasou para me encontrar na rua Main. Eu fiquei com tanta raiva dele. Não tive dúvida de que estava sendo egoísta e preguiçoso. Mas não estava. Ele realmente tinha outras coisas para fazer. Focas para alimentar. Lontras para resgatar.

Foi por isso que as tentativas saíram pela culatra. Em vez de o punir, o universo o recompensou. O ponto a mais do sr. Chavez. A nota de vinte.

Todo aquele tempo, eu não consegui ver o que estava bem na minha frente. Mas o universo viu. O universo sabia.

— O quê? — diz Quint, e percebo que o estava encarando.

Eu fico vermelha e balanço a cabeça.

— Nada. Só me distraí. — Demoro um segundo para lembrar de que a gente estava falando. — Mas não me entenda mal. Ainda acho que revisar o trabalho e melhorar nossa nota é importante. Se eu quiser entrar em uma das minhas universidades preferidas, não posso deixar minha média cair.

— Onde você quer estudar?

— Stanford — digo sem hesitar. — Ou Berkeley. As duas têm boas faculdades de administração.

Ele faz uma careta.

— Administração? Você procurou os cursos mais chatos possíveis e esse ficava acima de ciências políticas?

— Dá licença. Administração é fascinante. A psicologia do porquê e de como as pessoas gastam dinheiro, os motivos pelos quais uns negócios entram em falência e outros continuam fortes… E eu acredito que um diploma de administração pode ser aplicado em quase todos os campos por aí, então, independentemente do que me atrair depois, eu vou conseguir fazer dar certo. — Cantarolo, pensativa. — Às vezes, eu acho que se algum dos meus pais tivesse espírito administrativo, a vida deles seria bem mais fácil. Nunca quero me

preocupar com dinheiro, como eles.

Meus pensamentos voltam para o dinheiro na mochila. Para a caixa de talheres na loja. Engulo em seco.

— Isso eu consigo entender — diz Quint. — Sei que a minha mãe não quer que eu me preocupe, mas é impossível. Esse centro é sua paixão, mas também é seu sustento. Se fracassar… — Ele não termina o pensamento. Eu me pergunto o que Rosa faria se ela não pudesse mais cuidar do centro. — Mas dinheiro não é tudo. Ela trabalha muito aqui e é sempre difícil manter as coisas funcionando, mas eu acho que ela não gostaria de fazer nada diferente.

Eu não respondo. Claro, dinheiro pode não ser tudo… mas é *alguma coisa*. Não consigo imaginar trabalhar tanto quanto Rosa, nem como meus pais, e ter tão pouco retorno, por mais que eu ame meu trabalho.

— Vou tentar adivinhar — digo, inclinando a cabeça com expressão especulativa. — Você não pensou nem um pouco sobre a faculdade onde quer estudar e nem sobre o curso.

— Não, nem um pouco — diz ele, um pouco na defensiva. — Eu posso não estar fazendo um plano de cinco anos, como *algumas* pessoas…

— Dez, na verdade.

— Foi mal. — Ele revira os olhos. — Mas agora, tenho quase certeza de que vou tirar um ano de pausa antes de ir pra faculdade.

Meu ruído de horror é tão ato que Quint parece legitimamente preocupado por um segundo.

— Um ano de *pausa*? Ah, não acredito. Isso é só um jeito bonito de dizer que você é preguiçoso demais pra ir pra faculdade ou indeciso demais pra escolher.

— Opa. Hã-hã. — Ele aponta para mim. — Não é um plano ruim só porque não é igual ao *seu*.

— Só adia o inevitável! Se você vai pra faculdade, vai logo pra faculdade! Por que enrolar, desperdiçar um ano inteiro da sua vida… mochilando pela Europa ou seja qual for o clichê que você ache que vai te deixar “experiente”. — Faço aspas no ar.

Quint cruza os braços sobre o peito.

— Pra sua informação, estudos mostram que as pessoas que fazem anos de pausa regularmente se saem melhor na faculdade depois que entram.

Aperto os olhos, nada convencida.

— Pesquisa — diz ele tranquilamente.

— Eu não quero acabar com a bateria do meu celular — resmungo.

— Você não quer admitir que eu posso estar certo. De novo.

— Vamos ver. — Bufo. — E o que você planeja fazer durante seu ano de vagabundagem? Me diz que você não vai mochilar pela Europa.

— Pela Austrália, na verdade. Quero mergulhar na Grande Barreira de Coral antes que seja tarde demais.

Eu arregalo os olhos de surpresa. Passo um momento pensando.

— Tudo bem, esse é um objetivo legal.

— Tradução do prudencês: É uma ideia brilhante, Quint. Você devia mesmo fazer isso.

Balanço a cabeça.

— Não tão rápido. Você não precisa de um ano inteiro pra fazer isso. Por que não fazer nas férias de verão?

Ele começa a se agitar, a arrumar a toalha nas costas. A cruzar e descruzar os tornozelos.

— Eu não quero só alugar um equipamento, passar um dia na barreira e riscar da minha lista. Quero… — Ele hesita, a expressão ficando quase séria. — Então… meu plano real, se você quer saber, é que quero tirar licença de mergulhador e passar o ano construindo um portfólio. Um… portfólio de fotografia. — Ele puxa um fio do cobertor. — Quando eu for pra faculdade, quero estudar arte e design. Talvez fotografia em paralelo. Eu adoraria fazer fotografia submarina um dia, mas o equipamento é caro, e minha melhor chance é conseguir uma bolsa de estudos boa. E, pra isso…

Ele não termina, mas eu já liguei os pontos.

— Você precisa de um ótimo portfólio.

— Tirar fotos dos animais aqui no centro é uma coisa, mas, se eu pudesse ter mais experiência debaixo da água quando fizer minhas inscrições, acho que ajudaria muito.

Olho para ele fixamente, embora, por algum motivo, ele tenha parado de me olhar. A minha opinião sobre Quint dá outra guinada.

— Você pode estar na *National Geographic* um dia.

Ele sorri, os olhos se enrugando nos cantinhos quando ele finalmente olha para mim.

— Sonhar não custa nada, mas isso é… Bom, os fotógrafos deles são excelentes. Acho que eu não conseguiria…

— Conseguiria. Você vai — digo, com convicção surpreendente. — Você tem tanto talento.

Ele passa a mão pelo cabelo.

— Ah, não. Sou mediano, no máximo. Mas eu adoro, então… vamos ver.

— Não acredito que você estava pegando no meu pé por causa do meu plano de dez anos enquanto guardava esse segredo o tempo todo.

Ele continua parecendo incomodado e revira os ombros algumas vezes.

— É estranho falar disso. Quer dizer… a gente diz pras pessoas que quer mergulhar na Grande Barreira de Coral e se tornar fotógrafo submarino? É meio exagerado, mesmo pra um sonho.

— Não é. Alguém tem que fazer isso, senão a gente não teria tantos documentários legais sobre a vida marinha bizarra que o sr. Chavez nos fez assistir.

— Verdade. Faz sentido. — Os olhos dele estão cintilando quase com gratidão. — Eu gosto disso em você, Prudence. Ninguém pode dizer que não é otimista.

— Eu gosto de pensar que estou mais pra realista disposta a ralar.

Ele sorri.

— Melhor ainda.

Minhas bochechas ficam quentes. É a minha vez de afastar o olhar, enfiando os dedos nos cobertores macios. Puxo os joelhos para perto do peito e os abraço.

— Eu preciso acreditar que, com dedicação e esforço, dá pra fazer qualquer coisa acontecer. E entendo que sou uma perfeccionista ridícula e, sim, provavelmente empreendedora demais. Mas é o que eu tenho, então… concluí que o ideal é usar isso da melhor maneira possível.

— Como assim, é o que você tem?

Faço uma careta. Não devia ter dito nada. Uma parte de mim quer voltar atrás, dizer *deixa pra lá, eu estava divagando*, mas… tem algo na iluminação fraca, na chuva que passou de torrencial a uma chuva leve, no jeito como Quint acabou de confessar o sonho secreto, que me dá coragem. Ou, se não coragem, eu pelo menos sinto que não tem problema ser um pouco vulnerável.

— É que o Jude, por exemplo — digo baixinho, tomando cuidado com as

palavras. — Ele é tão legal. Todo mundo gosta dele. Ele se dá bem com as pessoas aonde quer que vá. Eu sei que não sou *assim*. E Ari, ela é tão talentosa, tão apaixonada por música, mas eu não sou apaixonada por nada além de querer me sair bem. Fazer o melhor. Mas sei fazer planos e sei ser organizada, e se um professor passa um trabalho, eu vou escrever o melhor trabalho que ele já viu. Se vou dar um baile, vou dar uma festa que ninguém vai esquecer. Eu sei fazer isso. E sei impressionar as pessoas, pra que talvez elas não percebam que não sou espirituosa, nem bonita e nem… *divertida*.

Eu paro de falar e escondo a parte inferior do rosto atrás dos braços. Não acredito que falei isso tudo. Mas, ao mesmo tempo, é bom admitir que toda a confiança que eu mostro ao mundo é uma tática de distração. Uma cobertura para o medo que fica por baixo.

— Olha — diz Quint enfim, como se *ele* estivesse falando demais — você não é… *nem* bonita.

Um som, em parte risada e em parte tosse, escapa de mim. Eu ouso olhar para ele, mas logo tenho que afastar o rosto de novo.

— Primeiro de tudo, duplas negativas não são gramaticalmente aceitáveis.

Ele geme.

— Eu não consigo ganhar de você.

— Segundo — digo, ignorando-o —, eu não estava cavando elogios. Mas… obrigada. Acho.

— Eu sei que não estava. — Ele limpa a garganta, e sinto que talvez esteja tão incomodado com essa conversa quanto eu. — Mas eu tinha que dizer alguma coisa. Nunca te vi envergonhada por nada. E estou falando sério. Você é… — Ele para de falar.

Eu balanço a cabeça vigorosamente.

— Não precisa dizer. Não entenda mal. Não é que eu me ache horrenda nem nada, mas… estar cercada de garotas que só usam shorts cortados e biquini de lacinho o verão todo? Sei que não sou *desse jeito*.

Quint faz um ruído, e não sei se ele está concordando comigo ou não. Quando ele fala de novo, espero uma repetição do mesmo meio elogio: *Você não é* nem *bonita*. E, sim, meu corpo todo ainda está quente por causa dessas palavras. Mas ele diz outra coisa que é cem vezes melhor, de certa forma. Uma coisa que acho que ninguém *nunca* me falou.

— Não sei se vale alguma coisa, mas eu te acho bem divertida. Pelo menos, quando você não está criticando tudo que eu falo e faço. — As bochechas dele ficam com covinhas. — Na verdade, eu me diverti muito com você neste verão.

Nós nos olhamos na luz das lanternas, a chuva batendo nas janelas. Minha garganta se aperta. Levo um susto de ver que meus olhos estão úmidos e espero que esteja escuro e Quint não veja. Ele não pode saber, não pode ter ideia de como é bom ouvir essas palavras. Saber que ele está falando sério.

— Além do mais… — Quint limpa a garganta alto e ajeita as pernas, cruzando um tornozelo sobre o outro. — Eu tenho sobrancelhas enormes.

Eu dou uma risada e coloco a mão sobre a boca.

— O quê?

— Eu tenho. Caso você não tenha notado. — Ele se inclina para mim e aponta para uma sobrancelha. — Pode chegar mais perto se precisar verificar.

— Hum. Eu já vi, obrigada.

— Pois é. Todo mundo viu. Os alienígenas de Marte conseguem ver.

Dou uma risada.

— Quint…

— Não, não tenta me dizer que não é tão ruim. Eu tenho espelho. Sei a verdade. — Ele suspira dramaticamente e se encosta no armário. — Quando eu era criança, pedi uma vez pra minha mãe me ajudar a tirar um pouco.

— Não acredito.

— Eu pedi. Ela disse não. Veio com aquela baboseira de “você é perfeito do jeitinho que é”. Então, entrei escondido no banheiro dela e peguei uma pinça e arranquei um fio. Só um. Doeu tanto que eu *chorei*. Falando sério, por que as garotas se obrigam a passar por isso?

— Eu me pergunto a mesma coisa.

— Não consegui tirar mais nada, o que me fez chorar *mais*, e aí a minha mãe me encontrou e ficou perguntando: Qual é seu problema? É só uma sobrancelha! Mas a questão é que elas me fazem ficar com cara de mau. Eu tinha medo de todo mundo achar que eu era um valentão e de ninguém querer ser meu amigo.

A solidariedade aperta meu peito.

— Quando eu falei isso pra minha mãe, ela disse… que eu só preciso sorrir. Porque não dá pra parecer mau quando se está sorrindo. — Os lábios dele se curvam para cima, mas tem uma tristeza na lembrança dessa história. —

Acreditei nessas palavras. Desde então, eu tento ser, sabe como é. O cara que sorri. É melhor do que ser o cara com as sobrancelhas de mau, pelo menos. — Ele ri de uma maneira meio autodepreciativa.

Enquanto fico me sentindo uma grande cretina, me lembrando de como debochei de suas sobrancelhas quando ele apareceu no karaokê umas semanas atrás.

E agora, não consigo nem lembrar o que me fez dizer essas coisas horríveis. Eu *gosto* das sobrancelhas dele. Gosto do quanto são expressivas. De como se curvam para cima quando ele está provocando. De como se franzem quando está irritado. Embora eu goste menos quando ele está irritado comigo.

Quero dizer isso para ele, mas as palavras entalam. Minha garganta está seca.

— No fim das contas — diz Quint —, acho que todo mundo tem vergonha de alguma coisa.

— Acho que sim. — As minhas palavras são um grunhido.

Ele me encara e tem um segundo, uma hora, uma eternidade em que nenhum de nós afasta o olhar. Ele está com aquele sorriso torto no rosto. Meu cérebro engasga e me deixa suspensa, sem ar, presa.

Sua atenção se desvia brevemente para a minha boca. Minhas entranhas se contraem. A distância entre nós parece ser de um quilômetro.

Quint inspira e eu não consigo me mexer, esperando que ele fale, que diga meu nome, que diga *qualquer coisa*…

Mas, quando ele fala, o tom é seco e curto. Nervoso.

— Vamos falar de outra coisa? Do baile? De biologia? Ou… de passeios da escola, sei lá?

Eu passo a língua pelos lábios. Isso parece *mesmo* mais seguro, e fica claro que nenhum de nós vai pegar no sono tão cedo.

— A gente ainda precisa pensar no prêmio da rifa, né? — sugiro.

— Boa. É verdade. Algo valioso, mas que a gente possa oferecer.

Nós passamos alguns minutos ponderando. Quint dá algumas ideias: Ari poderia compor uma música personalizada? Ou o vencedor poderia convidar amigos para a próxima celebração de animal solto, uma festa particular? São boas ideias, são possibilidades, mas nada disso parece *a coisa certa*…

Estou olhando ao redor pela sala de descanso na esperança de bater uma inspiração quando minha atenção pousa na foto da tartaruga marinha presa na

rede e nos destroços.

Eu faço um ruído de surpresa.

— Quint!

— O quê?

Eu dou um pulo e aperto o cobertor na cintura quando atravesso a sala.

— Isso! As suas fotos!

Ele também se levanta, mas com menos entusiasmo.

— As minhas fotos?

— É! E se a gente fizesse uma série de impressões de edição limitada mostrando alguns pacientes do centro? Você poderia assinar e numerar. Elas são tão lindas e você captura tão bem a essência do centro nelas. As pessoas ficariam loucas por elas!

— Caramba, Pru. Que gentileza sua dizer isso. — Apesar do tom brincalhão, eu percebo que ele está constrangido com o elogio. — Mas, pensa bem. As fotos são tristes demais. Ninguém ia querer.

Eu penso nisso.

— Sim, elas são tristes. Mas muita arte boa é triste. E essas fotos fazem a gente sentir, sabe? Você captura esses momentos, essas emoções… — Pressiono a mão sobre o peito, lembrando como a minha garganta se apertou na primeira vez em que eu vi os animais das fotos. — As fotos são comoventes, mas também são honestas, e elas explicam da forma mais visceral por que o centro de resgate é importante. Eu sei que você não as tirou pra vender, mas, por uma rifa… O que você acha?

Ele está com a testa franzida para as fotos na parede.

— Não sei. Quer dizer, fico feliz de você achar que são boas, mas… elas só são… — Ele dá de ombros. — Deprimentes. Além do mais, eu não sou um grande artista. Ninguém vai pagar por elas.

— Acho que você está enganado. Eu *sei* que você está enganado. — Seguro o braço dele, suplicante. Ele fica tenso. — E tem a quantidade certa de toque pessoal. As fotos são perfeitas!

Ele retorce os lábios para o lado. Acho que posso estar vencendo pelo cansaço, mas também vejo que ele não está convencido.

— Acho que a gente pode botar na lista dos talvez.

Faço beicinho.

— Tudo bem. A arte é sua. Eu não devia te dizer o que fazer com ela. — Levo as mãos até os quadris e olho para as fotos, balançando a cabeça de decepção. — Pode fazer o que quiser.

Quint não responde.

Eu espero, na expectativa de que ele ceda. Que levante as mãos e declare: tudo bem, Prudence, *você venceu*. Use as fotos se é tão importante pra você!

Mas seu silêncio se prolonga.

Finalmente, eu olho para ele.

Ele está me observando, os olhos cintilando com o brilho leve da lanterna.

— O quê? — pergunto.

Ele abre a boca, mas hesita. Dois segundos. Cinco. Antes…

— Eu posso fazer o que quiser?

Na mesma hora, fico com o pé atrás. Aperto os olhos.

— Dentro do razoável.

Ele expira fundo.

— Talvez seja tarde demais pra isso.

Estou prestes a perguntar o que ele quer dizer quando ele inclina a cabeça e encosta os lábios nos meus.

Eu fico paralisada.

Todos os pensamentos fogem do meu cérebro e só me deixam com estática mental.

Meus lábios formigam. É um toque breve. Hesitante. Inseguro. E acaba. Seus olhos estão entrefechados quando ele me olha, esperando reação.

E eu… não consigo reagir. Mal consigo respirar.

Quint Erickson acabou de me beijar.

Ele começa a parecer preocupado. E engole alto para que eu possa ouvir.

— Eu… estou querendo fazer isso há um tempo… — diz, e isso pode ser uma explicação? Uma desculpa? Ele se afasta ainda mais, e aquelas sobrancelhas, as gloriosas sobrancelhas estão se franzindo, e percebo que ele está constrangido e magoado e… *por que eu não consigo me mexer?* — Mas, se eu não devia ter feito… talvez tenha interpretado errado… hum. — Ele ergue os ombros, na defensiva. — Devo pedir desculpas?

— Não! — A palavra é a única que consigo dizer. Qualquer coisa para fazer com que ele pare de falar, com que pare de recuar, com que pare de parecer que

ele acabou de cometer um erro. — Eu só… você me surpreendeu. Só isso.

Quint levanta a cabeça lentamente, abaixa lentamente, numa espécie de movimento afirmativo robótico.

— Tudo bem. Surpresa boa ou…?

Eu dou uma risada, a graça da situação me atingindo naquele momento.

Quint. Quint me beijou.

Ele *me* beijou.

— Pru…

Eu não deixo que ele termine. Seguro os ombros dele e retribuo o beijo.

QUARENTA

—O penúltimo dia de aula.

— Penúltimo dia de aula? — questiono, perplexa, tentando lembrar o que houve de especial, isso se houve alguma coisa, no penúltimo dia de aula. Mas balanço a cabeça. — Não, não. Eu sei que você está mentindo porque o *último* dia de aula foi quando a gente recebeu a nota do sr. Chavez e você deu a entender que só um masoquista estaria disposto a trabalhar no projeto de biologia comigo durante o verão.

— Ah, sim. Não estou dizendo que foi o primeiro momento em que me dei conta de que *gostava* de você. Eu ainda estava convencido de que você era uma pessoa horrível. Só estou dizendo que no penúltimo dia de aula foi quando você se tornou uma pessoa horrível em quem eu fiquei a fim de dar uns amassos.

Fico pálida.

— Quint! — digo, escondendo o rosto atrás das mãos. — Sinceramente!

Ele dá de ombros.

— Você perguntou.

Eu solto uma gargalhada, ao mesmo tempo em que minhas bochechas ficam vermelhas. Nós estamos sentados na pilha de cobertores. A luz ainda não voltou, mas a tempestade diminuiu para uma chuvinha regular. O braço de Quint está em volta dos meus ombros, tão à vontade quanto se a gente fizesse isso o tempo todo.

Não sei há quantas horas estamos sentados ali. Nós passamos daquele período de delírio da madrugada em que tudo fica histericamente engraçado, chegamos ao ponto em que tudo parece impossivelmente profundo e agora nós dois estamos sonolentos e nos recusando a fechar os olhos. Eu não quero que essa noite termine nunca.

— Então o que foi? Minha maquete extremamente detalhada da rua Main ou…

— O karaokê, obviamente.

Eu ofego.

— Ah! Aquela foi a noite do karaokê, né? Quando eu… — Toco na parte de trás da cabeça, lembrando a queda. E olho para ele, em dúvida. — Você tem uma quedinha por garotas com concussão?

— Sinceramente, não sei pelo quê eu tenho quedinha. — Ele faz círculos distraídos com os dedos no meu braço. — Mas teve alguma coisa… não sei. Em um determinado momento, você fez aquela coisa de balançar os ombros… — Ele remexe os ombros, me imitando. — Além do mais, aquele seu batom… — Leva a mão livre ao meu rosto e encosta o polegar de leve nos meus lábios, apesar de não ter como eu ainda estar de batom depois dessa noite. Eu tremo. — Não costumo curtir essa coisa de maquiagem, mas aquele batom. Venho tendo sonhos com aquele exato tom de vermelho ultimamente.

— Você está de brincadeira.

— Isso é estranho? — Ele franze os olhos nos cantos, e tenho vontade de dizer que cada palavra que saiu da boca dele nas últimas não sei quantas horas foram estranhas.

— Talvez seja meio estranho — digo. — Mas não estou reclamando.

Quint sorri e seus olhos descem até minha boca. Estou começando a reconhecer esse olhar, logo antes de ele me beijar. Ele coloca a mão na lateral do meu rosto. Inclina-se para a frente, e eu viro a cabeça para encontrá-lo. Meus lábios estão inchados. Vinte e quatro horas antes, eu nunca tinha sido beijada. Agora, já fui tão beijada que já nem sei.

— Sua vez — diz Quint, se afastando e encostando a testa na minha. — Quando você sentiu vontade de me beijar pela primeira vez?

Fecho os olhos e tento lembrar. Agora, é difícil imaginar uma época em que eu *não* queria beijá-lo.

— No mergulho.

— Viva! — Quint move o braço num gesto de vitória. — Eu sabia que você tinha ficado a fim de mim naquele dia. Deu pra sentir. — Ele estala os dedos. — Aquele também foi o dia em que eu ajudei a resgatar a lontra? Foi, né? Cara, aquele foi um dia bom pra mim. — Ele suspira com melancolia, como se fosse

um velho sentindo nostalgia pelo auge da juventude em vez de uma coisa que aconteceu semanas antes. — Foi meio mágico te ver mergulhar pela primeira vez. Acho que eu nunca tinha te visto tão feliz.

Eu penso nisso.

— Não era bem feliz, e sim impressionada.

— Não, você estava feliz. Eu sei ver, sabe.

— Ah? Como?

— Eu vi suas covinhas. — Seus olhos cintilam quase de provocação, embora ele esteja tentando manter a expressão estoica e sábia. — Elas não aparecem muito quando você abre um dos seus sorrisos ferinos.

Meu coração salta e eu não consigo segurar um sorrisinho. Envergonhado, mas feliz.

— Viu? — diz ele, batendo com o ombro no meu. — Assim.

Bato o meu ombro no dele. E meus olhos vão até a janela e eu pisco.

— Ei, Quint. Você está vendo o que eu estou vendo?

Ele vira a cabeça e leva um minuto para perceber o que estou falando. *Luz do dia*. Só um leve toque iluminando as janelas. Não luz do sol, mas a promessa de luz do sol. Uma luz cinza-esverdeada pela chuva.

— Que horas são? — Ele pega o celular por reflexo, antes de lembrar que as baterias acabaram um tempão antes.

Eu olho para o meu relógio.

— Quase seis. — Nós nos olhamos e percebemos que passamos a noite acordados. Não só isso, mas a tempestade parece ter passado.

Nós podemos ir embora.

— Eu sugeriria panquecas — diz Quint —, mas as lanchonetes devem exigir que a gente esteja de calça.

Caio na gargalhada, desabo em cima dele e escondo o rosto em seu ombro. Se a gente tivesse raciocinado, teria pendurado as roupas. É provável que já estivessem secas, ou quase. Mas elas ainda estão na secadora, emboladas e molhadas.

— Uma panqueca cairia *tão bem* — digo.

Os braços dele me envolvem. Ele encosta os lábios no meu pescoço, logo abaixo da minha orelha.

Eu esqueço as panquecas e tudo o mais.

Até alguns segundos depois, quando uma porta bate no andar de baixo.

Nós damos um pulo.

O som deve ter acordado alguns animais do andar de baixo, porque há uma gritaria das focas e das lontras.

E Rosa, gritando:

— Quint?

Quint e eu trocamos um olhar. Uma decepção breve e profunda se passa entre nós antes de soltarmos os braços um do outro.

— Aqui em cima, mãe — responde ele enquanto nós dois nos levantamos, ajeitamos as camisetas e verificamos os nós no kilt de toalha dele e no meu vestido de cobertor, que foi como nós chamamos nossas roupas improvisadas por volta das três da madrugada.

Nós ouvimos Rosa subindo a escada correndo. Uma luz branca balançando aparece antes dela, e quando ela chega na sala de descanso, move o celular na nossa direção tão rápido que nos cega. Quint e eu levantamos os braços e gritamos. Nós parecemos vampiros levando um banho de luz do sol.

Rosa abaixa o telefone.

— Uma árvore derrubou uns cabos de energia aqui na rua. Eu vi gente trabalhando pra consertar. Vocês ficaram sem luz a noite toda?

— Ficamos — diz Quint. — Acabou pouco depois de a gente chegar.

Rosa faz um som solidário com a garganta.

— Pobres coitados! Se eu soubesse… — Ela para de falar, porque o que teria feito de diferente? Enviado uma equipe de busca atrás de nós?

— Nós estamos bem. — Quint esfrega os olhos. — Mas a gente não dormiu muito.

— Nada — digo. — Nossa cota de sono foi negativa.

Quint ri quando ouve isso, e eu dou risadinhas também. Nossas mentes sonolentas encontram algo de hilário nessa frase.

Rosa olha de um para o outro, meio preocupada.

— Nós estamos bem — reafirma Quint enfaticamente desta vez.

— Nós estamos ótimos — digo. E fico vermelha, me perguntando o quanto a palavra *ótimos* dá a entender a noite que nós passamos juntos. Por acaso, *ótimo* implica que nós passamos sete horas seguidas de confissões e verdades e beijos? Tantos… beijos…

Ainda assim, de alguma forma…

Beijos…

Insuficientes…

— Você olhou os animais? — pergunta Quint, apesar de nós dois termos acabado de ouvi-la entrar.

— Não. Eu achei melhor primeiro ver se vocês estavam bem.

— Você tem carregador portátil? — pergunto, mostrando meu celular descarregado. — Eu preciso ligar para os meus pais.

— Não tenho. Mas pode usar o telefone lá de baixo.

Franzo a testa.

— A luz não voltou.

Rosa parece estar tentando não rir de mim.

— Sim, querida. Os telefones fixos continuam funcionando mesmo quando a luz acaba.

— *O quê?* Como? — Meu queixo cai e eu me viro para Quint. — Você sabia?

Ele balança a cabeça, tão perplexo quanto eu.

— Eu não tinha ideia. Parece…

— Bruxaria!

Ele levanta os braços e grita:

— Bruxaria!

Começo a rir de novo.

Rosa limpa a garganta.

— Tudo bem. Prudence, vai ligar para os seus pais. Quint… por que você está usando uma toalha?

— As nossas roupas ficaram encharcadas da tempestade. Estão na secadora, mas não está funcionando.

— A não ser que… — Eu faço um ruído de surpresa. — Por acaso, a secadora também funciona sem energia?

— Não — diz Rosa.

Eu estalo os dedos, chateada.

Vou até o saguão e ligo para os meus pais, para avisar que estou bem e que vou para casa daqui a pouco e que meu celular está sem bateria. A minha mãe me lembra de tomar cuidado na bicicleta, tem bolsões de água nas ruas, mas, fora isso, eles não parecem muito preocupados. Às vezes, eu acho que é coisa de

filha mais velha, ou filhos, no caso de gêmeos como eu e Jude. Nós não somos infantilizados, não somos superprotegidos e não ficam nos esperando de madrugada se passamos da hora marcada. Nós somos os capazes de nos cuidar. Fico agradecida por essa autonomia agora. Se a minha mãe tivesse insistido em vir me buscar na noite anterior, quando a tempestade estava caindo, eu teria perdido a noite mais incrível da minha vida.

Quando desligo o telefone, ouço passos desajeitados na escada. Quint está carregando nossa pilha enorme de cobertores para a lavanderia. Ele para quando me vê. O cabelo está desgrenhado, o rosto meio inchado da nossa noite sem dormir.

Eu sorrio para ele, envergonhada de repente. Ele sorri para mim, tão tímido quanto eu, tão ansioso quanto eu.

Preciso de todas as minhas forças para não pegar um daqueles cobertores, jogar por cima das nossas cabeças e…

Seus olhos escurecem, como se ele soubesse no que eu estou pensando. Como se ele fosse gostar.

Mas ouço Rosa descendo a escada atrás dele, e nós dois nos afastamos.

— Quer ajuda? — pergunto.

— Ainda tem mais uns cobertores lá em cima.

Estou passando por Rosa na escada quando as luzes piscam de repente acima de nós, e o zumbido perpétuo de tecnologia volta às paredes, o ar-condicionado, a geladeira na sala de descanso.

— Ah — diz Rosa com um sorriso largo. — Assim é melhor.

Não, tenho vontade de dizer para ela. *Assim não é nada melhor.*

Mas eu só retribuo o sorriso e vou recolher os cobertores. Quando encontro Quint na lavandaria, a secadora está ligada de novo e ele está ocupando as mãos dobrando os cobertores que nós usamos. Não estão sujos, então não há necessidade de lavar. Coloco os meus em uma pilha no chão e começo a ajudá-lo, o tempo todo nossos olhos executando um tango complicado que eu não sabia que eles sabiam. Olho para cima, ele olha para o lado. Ele olha para cima. Nossos olhares se encontram. Nós afastamos os olhares.

Ele engole em seco.

— E aí? Algum plano pra hoje?

Tenho vontade de dizer: *Eu planejo passar o resto do dia repassando a noite*

passada com um pente fino, analisando cada palavra que você falou, lembrando cada toque, ficando tonta por cada beijo, até ter derretido e virado uma gosma no formato da Prudence.

Mas o que digo é:

— Ir pra casa, tomar um banho e provavelmente dormir algumas horas.

— Bom plano — responde ele, apesar de estar me olhando como se soubesse a verdade. Eu não quero dormir. Não quero dormir nunca mais. E se dormir levar embora cada coisa maravilhosa que aconteceu entre nós?

Depois que guardamos os cobertores, nós vamos para o pátio ver como os animais passaram a noite. Ainda está cedo e nenhum voluntário chegou para o trabalho, então somos só nós e Rosa. Ela já está trabalhando a toda, usando um rodo para acabar com as poças de água.

O pátio está uma bagunça, principalmente onde o concreto alagou. As focas poderiam estar nadando de tanta água que tem se não fossem os detritos flutuando. Gravetos e galhos de árvores e folhas de palmeiras, e até lixo de uma das latas que foi derrubada pelo vento. Uma parte do alambrado foi esmagado por um galho enorme.

— Vamos levar uns dias limpando isso tudo — diz Rosa, parando para se apoiar no cabo do rodo. — E aquela cerca… espero que o seguro pague o conserto.

— Tem algum outro dano? — pergunta Quint.

— Não que eu tenha visto até agora. E nenhum deles parece machucado, o que é o mais importante. — Ela se vira para nós com uma expressão de mãe preocupada. — Vocês dois estão exaustos. Vou ligar pra uns voluntários e ver quem pode vir hoje. Vocês deviam ir pra casa descansar.

— Eu estou bem — diz Quint, balançando os braços como se a capacidade de mover os membros provasse a capacidade de trabalhar.

— Eu também. — Imito o movimento.

Rosa não parece impressionada.

— Vão pra casa — ordena ela severamente. E desce o olhar para as nossas pernas. — Vistam a calça primeiro.

Nós dois começamos a rir. É quase incontrolável. Rosa revira os olhos e faz sinal para nós irmos.

Nós estamos nos virando para entrar quando Quint segura a minha mão.

— Olha.

Eu sigo o olhar dele. Um grupo de leões-marinhos inventou uma brincadeira nova: caminhar a toda velocidade na direção de uma poça enorme, deslizar nela de barriga e cair na piscina com um barulho alto. Eles criaram um escorrega próprio.

Nós todos começamos a rir. A brincadeira é tão humana que me pega desprevenida.

— Bom — diz Quint —, pelo menos eles estão se divertindo. Acho que a tempestade serviu pra alguma coisa.

Eu olho para ele e levo um susto de vê-lo sorrindo para mim. Meu estômago dá um nó.

— Acho que serviu — retruco, apertando a mão dele.

Nós voltamos para a lavanderia. Nossas calças ainda estão meio úmidas, mas acho que dá para aguentar até chegar em casa. Quint leva as roupas para o banheiro para se trocar.

O sol surgiu acima do horizonte quando estou vestida e colocando meu capacete. Eu espero no estacionamento. Não posso ir embora sem me despedir. Sem pelo menos *um* beijo antes de ir, quem sabe.

Um segundo depois, Quint sai correndo, carregando minha mochila.

— Você quase esqueceu isto.

Eu arregalo os olhos quando lembro que lá está não só meu caderno Muito Importante do Baile… mas também o dinheiro dos meus pais da loja de penhores. Por um momento, fico envergonhada de ter sido tão descuidada, mas, com tudo que aconteceu, não sei se posso ser totalmente culpada.

— Obrigada — digo, pegando a mochila e enfiando os braços pelas alças.

Nossas bicicletas estão molhadas e sujas de lama, por terem sido largadas sem cerimônia na noite anterior. Quint usa a barra da camisa para secar o assento da minha bicicleta, apesar de a minha calça estar molhada.

— Que cavalheiro — digo.

Sorrindo, ele me entrega a bicicleta. Eu levanto o descanso. Ele pega a bicicleta dele e faz o mesmo.

Nós vamos em direções opostas, o que quer dizer… nenhum de nós se mexe.

— Então — diz Quint.

— Então.

O momento se prolonga entre nós, os dois com sorrisos bobos e sonolentos.

Meus dedos apertam o guidão.

— Obrigada pelo filme. E… todo o resto.

O sorriso dele se alarga quando menciono *todo o resto*.

— A gente devia repetir qualquer hora dessas.

Faço um ruído pensativo.

— A gente devia ficar preso em um centro de resgate de animais no meio da pior tempestade do ano, sem comida e sem luz?

— Exatamente.

Eu me inclino na direção dele.

— Estarei aqui.

Ele tira o cabelo da minha nuca com a mão quando me beija. Por alguns breves segundos, nós somos apenas lábios e dedos e batimentos…

E eu perco o equilíbrio. Minha bicicleta vira e cai em cima da de Quint. Eu quase caio junto, mas ele me segura pelos ombros. Nós nem recuperamos o fôlego ainda e já estamos rindo.

— Bom, acho melhor a gente ir — diz. Ele me dá mais um beijo, rápido e casto, mas promissor de outros no futuro. Em breve. Eu espero. Ele me ajuda a ficar de pé e passa uma perna por cima da bicicleta antes que possa mudar de ideia.

Eu faço o mesmo.

— A gente se vê amanhã?

— Até amanhã.

Eu pisco para ele.

— Bons sonhos.

Saio pedalando, o coração voando no peito, o cérebro confuso e atordoado, mas meu corpo todo vibrando de energia. Estou delirante, mas feliz. Vou rindo por todo o caminho até em casa.

QUARENTA E UM

Eu pego no sono na mesma hora, quase sem parar para cumprimentar minha família, jogar as roupas úmidas e nojentas na lavanderia e vestir um pijama antes de cair na cama. Acordo com Jude sacudindo meu ombro.

— Pru, a mamãe mandou te acordar.

Eu solto um gemido e coloco um braço sobre os olhos.

— Pra quê?

— Porque, se você ficar dormindo, não vai conseguir dormir de noite, e a sua rotina de sono vai ficar ferrada pra sempre.

Franzo o nariz.

— Ou por, pelo menos, uma semana. Anda, você tá cochilando há horas.

— Ainda estou com sono.

— Você vai sobreviver. Quer almoço?

Aaahhh, almoço. Meu estômago ronca, respondendo por mim.

Jude assente com conhecimento.

— Vou pegar umas coisas pra fazer um sanduíche. — Ele começa a andar de costas até a porta antes de fazer um gesto de "estou te vigiando", os dedos nos olhos e depois apontados para mim. — Não volta a dormir.

— Eu não vou dormir. Já acordei. Estou me levantando. Tudo bem.

Ainda levo uns minutos para sair das cobertas confortáveis. Pego o celular, que larguei na escrivaninha quando cheguei em casa, mas ainda está descarregado. Ops. Eu o coloco para carregar e olho o relógio. Quase meio-dia.

Eu me espreguiço. Esfrego os olhos. Jogo o roupão por cima do pijama. Estou amarrando o cinto do roupão quando a noite passada cai com a força de uma escavadeira na minha cabeça.

Quint.

E os beijos do Quint.

E as palavras do Quint.

E os sorrisos do Quint.

E os braços do Quint.

E… eu estou namorando Quint Erickson?

Nós não conversamos sobre *sair* e nem sobre *namorar* e nem nada oficial assim. Mas como nós podemos não estar juntos oficialmente? Até tivemos um primeiro encontro. Porque, pensando bem, claro que *Tubarão* foi um encontro.

Eu me pergunto o que ele está fazendo agora. Dormindo? Sonhando? Comigo e meu batom vermelho? Meu coração pula só de pensar.

Mal posso esperar para vê-lo de novo. Quero ligar para ele, mas nós nem trocamos números, e eu que não vou ligar para o centro para pedir a Rosa.

Nós dois vamos trabalhar amanhã. Vou ter que sofrer até lá.

Quando desço a escada, Jude espalhou uma variedade de frios e condimentos na mesa. Até cortou um tomate *e* um abacate, porque ele é um ser humano incrível.

— Obrigada — digo, passando mostarda numa fatia de pão. — Eu quase não comi nada ontem.

Ellie entra correndo vindo da sala.

— A Pru acordou! — exclama ela, me segurando e apertando o rosto no meu quadril. — Você ficou a noite toda fora! E estava chovendo tanto!

— Eu sei — replico, fazendo carinho na cabeça dela. — Foi a maior tempestade que você já viu, não foi?

Ela me olha com os olhos enormes.

— Eu achei que você ia se afogar!

— Não. Eu não me afoguei. Além do mais, eu sei nadar.

— Não muito bem.

— Ei! Como você sabe disso? — Solto os braços dela da minha cintura. — Está com fome?

— Não. — Ela se balança nas pontas dos pés. — Quer brincar comigo?

Eu me encolho.

— Agora não, tá? Eu preciso comer alguma coisa.

Ela faz beicinho, decepcionada.

— Vamos jogar damas depois do almoço — diz Jude. — Vai preparar o jogo.

Ela assente com animação e sai correndo.

Jude termina de fazer o sanduíche dele e se senta à mesa.

— Como foi passar a noite no centro? Tem cama lá?

— Não, a gente espalhou uns cobertores no chão.

— A gente?

Eu olho para ele. Jude achou que eu fiquei sozinha lá a noite toda? Meus pais acharam?

— Ah. O Quint também estava lá.

Ele ergue uma sobrancelha, achando graça.

— Mais alguém?

Engulo em seco e me concentro em alternar fatias de peito de peru e de presunto, tomando cuidado para que se sobreponham de forma perfeita. Em outras palavras, fazendo o possível para evitar o olhar de Jude.

— Claro. Os animais também estavam lá. Alguns estavam bem nervosos com a tempestade. A gente até ficou sem luz.

— Uau. Parece traumático.

Traumático não é a palavra que eu usaria para descrever a situação. Devo contar a Jude o que aconteceu? Normalmente, eu conto tudo para ele, mas… nunca houve coisas de *garotos* antes, e, de repente, eu me sinto esquisita quanto a isso. Ele pode ser um dos meus melhores amigos, mas ainda é meu irmão. Além do mais, ele conhece o Quint. Testemunhou nossa repulsa mútua um pelo outro em pessoa. Como vou explicar como as coisas mudaram rápida e completamente?

— Foi uma aventura — digo.

Sou poupada de dar mais detalhes quando a minha mãe entra na cozinha com uma caixa de papelão apoiada no quadril.

— Vocês não têm interesse em golfe, né?

Nós dois olhamos para ela.

— Golfe? — digo, sem saber se ouvi direito.

Jude, igualmente perplexo, acrescenta:

— O esporte?

— Vou interpretar isso como um não. Nós temos uns tacos de golfe velhos que foram do avô de vocês, mas… acho que vou me livrar deles. Seu pai e eu

estamos tentando esvaziar um pouco a casa, então se vocês tiverem alguma coisa que não estejam usando mais… — Ela bate na lateral da caixa, sorri para nós e vai embora.

Eu engulo em seco, me lembrando da nota dos nossos pertences na loja de penhores.

— Já volto — digo para Jude, e abandono meu sanduíche pela metade na bancada.

O envelope de dinheiro ainda está enfiado na minha mochila, que eu joguei de qualquer jeito no banco perto da porta quando entrei. Vê-lo me lembra da minha ida à loja e de tudo que aconteceu antes. O brinco perdido, a senhora da praia, o dinheiro que sumiu do pote de donativos.

Pego o envelope com as duas mãos e vou procurar a minha mãe. Ela está na garagem, usando uma toalha úmida para limpar a poeira de um saco de tacos velhos.

— Ei, mãe? Isso é seu.

Ela levanta o rosto, surpresa.

— O que é? — pergunta ela, pegando o envelope. Seus olhos se arregalam quando ela vê o dinheiro.

— Eu passei na loja de penhores ontem de manhã pra procurar uma coisa pra uma amiga… mas Clark achou que eu tinha ido buscar seu dinheiro. E me deu isso. Tem uma nota, pra você saber o que ele vendeu e por quanto… — Hesito antes de acrescentar: — Os talheres ainda não foram vendidos, mas compraram o teclado.

Ela fecha o envelope e me olha, preocupada por um momento, antes de suavizar a expressão.

— São só coisas velhas que nós não estamos usando. Coisas de que não precisamos mais. Você sabe, né?

— Sim, sei. — Eu aperto a faixa do roupão. — Mas a gente também precisa do dinheiro, né?

Ela suspira e coloca o pano por cima de um dos tacos.

— Nós não estamos desesperados, se é isso que você quer saber. As vendas começaram a melhorar na loja, graças aos céus pelos turistas. A gente pode pagar as contas. Estamos bem.

— Mas?

Ela aperta os lábios.

— Sabe, fica mais difícil esconder as coisas dos filhos quando vocês ficam mais velhos.

— Mãe.

Ela assente e limpa as mãos na calça jeans.

— Lucy quer jogar futebol e basquete este ano de novo, mas vai precisar de uniformes novos, tênis novos. A bicicleta da Penny não vai durar mais um verão, e, claro, ainda tem as aulas de música a considerar. E os professores da pré-escola da Ellie mencionaram um acampamento de verão de ciências, no mês que vem, que claro que ela está doida pra fazer… — Ela afasta o olhar. — Seu pai e eu sempre quisemos dar a vocês todas as oportunidades, todas as experiências que pudermos. Mas a vida é cara. Famílias são caras. E, por mais que a gente ame a loja… ela nunca vai nos fazer ficar ricos.

Eu mordo o lábio inferior. Sei que não devia perguntar, mas…

— Mãe. Você às vezes deseja… — Eu não consigo falar.

— O quê? — pergunta ela. — Não ter tido vocês?

— Não ter tido tantos.

Ela ri.

— É fácil pra mais velha falar, né? — Ela guarda o envelope de dinheiro no bolso de trás e segura meu rosto com as mãos. — Nunca, Prudence. Você e Jude e suas irmã nos dão mais alegria do que qualquer quantia de dinheiro poderia. E… — Ela me solta e olha para os tacos. — Se eu puder vender nossas coisas velhas pra tornar a infância de vocês um pouco melhor, faço isso num piscar de olhos. Isso são só coisas. Mas vocês só vivem a vida uma vez.

Ela inclina a cabeça e me observa para ver se eu acredito.

E acho que talvez acredite mesmo.

— Vou olhar no meu quarto hoje — digo para ela. — Eu devo ter umas coisas pra contribuir com a causa.

— Só se você quiser — diz ela. — Eu não espero que você comece a abrir mão de todos os seus bens.

— Eu quero. Você está certa. São só coisas. — Hesito, pensando. — E tem outra coisa, mãe. Eu preciso te contar. Estou planejando um baile pro centro. Vai ser uma coisa meio chique, pra arrecadar dinheiro. E andei pedindo a estabelecimentos da cidade se eles podem contribuir com cestas de presentes pra

um leilão silencioso. Eu adoraria ter alguma coisa da Ventures Vinyl, principalmente porque nosso tema é Submarino Amarelo. Mas entendo se vocês não puderem contribuir com nada.

O sorriso da minha mãe se abre no rosto.

— Escuta só você. Eu sempre soube que você seria a minha pequena empreendedora.

Reviro os olhos.

— Mãe.

— Eu não consigo evitar, querida. Ver vocês crescerem… — Ela suspira. — Bom, talvez você entenda um dia. De qualquer modo, eu não sei se dá pra fazer uma cesta. Vou ter que falar com o seu pai. Pode ser uma boa oportunidade pra mais gente saber sobre a loja. Mas você está certa. O dinheiro está apertado, e não sei se estamos em posição de fazer contribuições caridosas.

— Eu sei. Não tem pressão nenhuma. *Mas.*… — Levanto o dedo. — Já que estamos falando do assunto, eu tive umas ideias pra loja, e Ari também. Umas coisas que a gente pode fazer pra atrair vendas ou pelo menos fazer a loja parecer mais moderna. Será que um dia a gente pode se sentar e conversar sobre isso?

Ela me olha com expressão pensativa, os cantos dos lábios mal se erguendo.

— Acho que seu pai e eu gostaríamos muito disso.

Eu assinto.

— Vou começar a montar uma proposta de negócios.

Ela ri e volta a limpar os tacos.

— Faz isso.

Meu olhar encontra uma caixa em uma prateleira, onde o jogo de chá de porcelana da minha avó está apoiado em pedaços de isopor.

— Você vai se desfazer das xícaras?

Minha mãe acompanha meu olhar.

— Eu estava pensando nisso.

— Tudo bem… mas não hoje. — Eu pego a caixa. Minha mãe não me impede e não me pergunta o que vou fazer quando a levo para casa.

Eleanor está na ala, fazendo uma torre alternando fichas pretas e vermelhas do jogo de damas.

— Ei, Ellie. Enquanto Jude e eu estamos almoçando… quer vir brincar de chá

com a gente?

O sorriso que ela abre é toda recompensa de que preciso.

QUARENTA E DOIS

Chego vinte minutos mais cedo no dia seguinte, em parte porque meu horário de sono ficou mesmo todo bagunçado. Depois da longa dormida do dia anterior e de ir me deitar cedo, eu acordei às quatro da madrugada, o que é ridiculamente cedo até para mim.

Não importa. Eu tive muitas lembranças agradáveis para manter minha mente ocupada antes de conseguir sair da cama. Usei as horas da manhã de forma semiprodutiva… quando não estava mergulhada em fantasias inúteis, pelo menos. Estou eufórica quando entro com a bicicleta no estacionamento, ansiosa para contar a Quint e Rosa e aos outros voluntários sobre as minhas novas ideias para o baile.

Isso… e estou doida para ver Quint de novo. Passou um dia inteiro, e tem uma pequena parte de mim que acha que pode ter sido um acaso. Que talvez a gente tenha se deixado levar pelo romance da tempestade. Que talvez ele vá dar uma olhada em mim hoje e se arrepender de tudo.

Mas cada vez que as dúvidas começam a surgir, eu penso em suas palavras logo depois que ele me beijou pela primeira vez. *Eu já queria fazer isso tinha um tempo.*

Não foi acaso. Não foi erro. E não posso ficar nem mais um minuto sem vê-lo, sem beijá-lo e sem confirmar que foi real. Que ele ainda gosta de mim como eu gosto dele.

Só tem um carro no estacionamento, acho que da Rosa. Nenhum dos outros voluntários chegou ainda. Eu arranco o capacete e praticamente pulo até a porta.

Não tem ninguém no saguão, e percorro rapidamente o pátio e os andares de baixo. Não tem ninguém na cozinha, nem na lavanderia, nem com os animais. Eu paro para cumprimentar Lennon e Luna, mas percebo que eles só estão

interessados em mim porque está quase na hora do café da manhã.

— Volto daqui a pouco — sussurro. — Primeiro, preciso ver Quint antes que eu exploda. — Dou um gritinho do mesmo jeito que Penny faz sempre que vê uma foto do Sadashiv em uma daquelas revistas de celebridade que ficam na fila do mercado. Fico um pouco envergonhada, mas isso não me impede de praticamente correr pelo corredor.

— Oi? Alguém aí? — chamo quando estou subindo a escada para o segundo andar.

Estou passando pela sala de descanso quando Rosa sai da sala dela e me olha.

— Prudence.

— Oi! — Abro um sorriso. — Eu sei que cheguei cedo. O Quint já chegou?

Ela não fala por um minuto. Não se mexe. Em seguida, limpa a garganta e olha para trás, para a sala dela.

— Sim — diz ela lentamente. Sua mandíbula está contraída quando me olha de novo. — Na verdade, estou feliz de você estar aqui, antes dos outros. Eu posso… a gente pode falar com você?

— Claro! Eu também quero falar com você. — Bato palmas com empolgação. — Arrumei um lugar para o baile! Quer dizer, foi ideia do Quint, e eu não posso levar todo o crédito, mas é perfeito! — Sigo Rosa até a sala dela.

E lá está Quint, as mãos segurando uma prateleira baixa, os tornozelos cruzados na frente do corpo.

Meu coração salta quando o vejo.

Ele está com a cabeça ligeiramente abaixada quando olha para mim, e há um segundo, só um segundo, em que me lembro da história sobre as sobrancelhas e como ele sentia medo de elas o fazerem parecer mau, e eu meio que entendo por que ele pensaria isso. Mas o momento passa e, não, ele não parece mau. Parece *nervoso*.

Ele ainda não deve ter contado para a mãe dele sobre nós.

Eu não posso ficar chateada. Também não contei para ninguém, nem Jude ou Ari.

Eu sorrio para ele.

Ele afasta o olhar.

Opa. Não é bem a recepção com que sonhei a manhã toda, mas… será que a mãe dele não quer que ele namore? Não que a gente esteja namorando.

Oficialmente. Mas *tem* que estar indo nessa direção. Não se beija alguém por sete horas seguidas sem querer estabelecer algo mais regular.

Pelo menos, eu sei que quero uma coisa mais regular.

— Então! — digo, tentando espalhar a tensão estranha no ar. — Eu liguei para o cinema Offshore ontem e falei sobre o centro e o que estamos planejando para o baile, e eles toparam. Vão nos deixar usar o local sem cobrar, desde que não seja num fim de semana, então eu reservei o dia 18, que é uma terça. Vai ser perfeito. Eles têm cozinha para o bufê usar, mesas e cadeiras que podemos montar e, como eu pensei, devem ter tudo de que precisamos de áudio e vídeo também. O gerente com quem falei pareceu bem animado de participar do evento. Mencionei que esperamos que se torne um evento anual e… — Eu engulo em seco. Rosa está massageando a nuca, parecendo preocupada. — Eles amaram o tema "Submarino Amarelo". Eles fazem maratona de filmes dos Beatles a cada dois anos e disseram que podem botar uns pôsteres disso. — A mandíbula do Quint treme. Seus olhos ainda estão grudados no chão. Meu peito parece estar começando a afundar, e a única forma de impedir a sensação é falando, então eu falo. — Além do mais, eles vão oferecer uma cesta com o tema "encontro' para o leilão, com ingressos para o cinema e um balde de pipoca de graça! Não é… muita… generosidade?

Meus ombros murcham. Eu não consigo continuar. Nenhuma quantidade de entusiasmo poderia esconder o fato de que parece que eu estou falando com uma parede de tijolo. Duas paredes de tijolo. Por que Quint não está me olhando? Por que Rosa não está sorrindo e dizendo que é ótimo?

— Tudo bem, *o que foi?* — pergunto. — Foi um dos animais? Lennon está bem? Luna?

— Os animais estão bem — diz Rosa. Ela olha para Quint, a testa franzida. Os nós dos dedos apertando a prateleira estão brancos.

— Então o que está acontecendo? O seguro não vai cobrir os danos da tempestade?

— Não, Prudence…

— Então por que vocês dois parecem tão infelizes?

Rosa inspira fundo. Ela olha de novo para Quint, e acho que talvez ela esteja esperando para ver se ele quer dizer alguma coisa, mas ele está com a boca fechada, tão apertada, que um músculo começou a tremer na bochecha.

— Prudence — diz Rosa de novo, unindo as mãos na frente do corpo. — Será que tem alguma coisa que você queira nos contar?

Eu olho para ela. E minha atenção se volta para Quint. Ele move os ombros, curvando-os para frente, mas não me olha. Eu olho para Rosa de novo.

— Fora os preparativos para o baile?

Quint faz um som repugnado com a garganta, a primeira coisa que ele quase disse desde que eu cheguei. Eu fico tensa. Já ouvi esse som. Ouvia o tempo todo.

Rosa massageia a testa.

— Acho que você sabe que não é disso que eu estou falando.

— Eu não tenho ideia do que você está falando. Quint, o que está acontecendo?

Ele solta a prateleira, mas só para poder cruzar os braços sobre o peito. Pelo menos, ele consegue me olhar, e eu volto atrás no que pensei antes. Ele *parece* mau.

Sinto o pânico subindo pela garganta. Eu acabei de tropeçar num universo alternativo em que esse verão nunca aconteceu e Quint ainda me despreza? O que ele disse na outra noite, que achava que eu era uma pessoa horrível? Deixei o comentário passar porque ele deixou claro que não achava mais aquilo. E eu também não podia culpá-lo totalmente depois do quanto fui horrível com ele o ano todo.

Mas isso foi antes. Então por que ele está me olhando assim *agora*?

— Uma mulher veio ao centro ontem — diz Rosa. — Ela tinha uma história interessante para contar, envolvendo um brinco perdido e uma doação alta feita na limpeza da praia. — Ela faz uma pausa, esperando para ver a minha reação. Não sei o que ela acha que vê no meu rosto, mas Rosa parece decepcionada. — Estou vendo que não preciso te contar a história toda. O resumo é que ela se sentiu mal por ter vendido um brinco que não era dela, embora, claro, não tivesse como saber na época de quem era. Ela veio tentar resolver. Pegar de volta o dinheiro que ela doou para poder comprar de volta o brinco e devolver para a dona. Mas, como você e eu sabemos, o dinheiro não está aqui. Então, me conta, Prudence… onde mil e duzentos dólares podem ter ido parar?

E aí está. É esse o problema.

Eles acham que eu roubei.

— Eu não sei. — A minha voz está tensa, e sinto que já me incriminei.

Porque eu sabia sobre o brinco e o dinheiro. Sabia que havia dinheiro desaparecido.

— Essa é a sua oportunidade de nos contar a verdade — diz Rosa. Dá para perceber que ela está tentando ser delicada, mas, ao mesmo tempo, tem uma raiva fervendo debaixo da aparência calma. — A mulher disse que falou com você, então eu acredito que você era a única pessoa que sabia que uma doação tão alta foi feita naquele dia.

Eu balanço a cabeça.

— Ela me falou sobre o dinheiro, mas não sei o que aconteceu com ele. Eu não peguei.

— Eu te vi! — exclama Quint repentinamente. A voz dele soa tão alta, tão ríspida, que pulo ao ouvir. Diferentemente da mãe, ele não está tentando disfarçar a fúria. — Eu te vi na sala da Shauna, mexendo no pote! E todo aquele dinheiro que você tinha na mochila! Você vai mesmo tentar dizer que não foi você?

— Não fui eu! — Também estou gritando agora. O desespero corre pelas minhas veias. Ele não pode pensar que eu fiz essa… essa coisa que eu não fiz!

Se bem que, sussurra uma vozinha irritante. *Se bem que eu* pretendia *pegar naquele dia…*

Engulo em seco. Essa não é a questão. Eu sou inocente.

Quint se afasta da estante e dá dois passos na minha direção, os braços balançando de forma agressiva enquanto ele fala.

— Você ficou parada na minha frente com dinheiro na mão e mentiu na minha cara. Como pôde fazer isso?

— Eu não fiz nada! Eu… sim, eu sabia sobre a doação e queria contar pra ver quanto era o total, mas, quando contei, não tinha aquilo tudo lá. Só… trezentos e qualquer coisa. O valor que a Shauna falou no dia seguinte.

O olhar dele se apura. As palavras soam cortantes.

— Você disse que não teve tempo de contar.

Meu estômago dá um nó.

— Eu…

Quint ergue uma sobrancelha, esperando. Mas não consigo olhar para ele, não com ele me olhando desse jeito. Eu fecho os olhos.

— Eu contei. Mas fiquei… O dinheiro não estava lá. Os mil e duzentos

dólares já tinham sumido. Eu não peguei.

— Certo — diz Quint. — E sobre o que mais você mentiu?

— Nada! — Abro os olhos, determinada a encará-lo, a fazê-lo ver que ele entendeu tudo errado.

— E sobre remexer na nossa correspondência? O que você estava procurando exatamente? Mais doações? Mais dinheiro? Mais coisa pra pegar sem ninguém perceber?

— Para de gritar comigo!

— Para de mentir pra mim!

— Quint, chega — diz Rosa, e bota a mão no ombro dele.

Ele se solta dela e dá um passo para longe de mim, até estar quase sentado na mesa de Rosa, os braços cruzados de novo.

— Eu sei que sua família está tendo problema financeiro. Sei que você quer ajudar seus pais. Mas… sério, Prudence? Roubar de um centro de resgate de animais? E da minha mãe, de *mim*?

As primeiras lágrimas caem e escorrem pelas minhas bochechas. Eu as limpo logo, mas elas continuam caindo.

— Eu… não… peguei… o dinheiro.

— Então quem pegou? — pergunta ele.

— Não sei! Talvez ninguém. Talvez tenha se perdido.

Ele ri com deboche, um som tão desdenhoso e incrédulo que tenho vontade de dar na cara dele.

— Por favor. Você teve oportunidade, teve motivo. É a cena de crime básica.

Eu me irrito.

— Inocente até que provem o contrário. Justiça básica.

Ele revira os olhos.

— Você poderia só admitir, sabe. Devolver o dinheiro.

— Não fui eu! — grito, erguendo as mãos na direção do teto.

As narinas dele se dilatam e vejo uma rachadura na armadura. Uma dúvida, talvez. Um desejo de acreditar em mim, pelo menos.

Mas ele afasta o olhar e seu rosto enrijece de novo.

— Você é muitas coisas, mas eu nunca achei que fosse se rebaixar tanto assim.

— Ah? — digo, com desafio a voz. — E que coisas eu sou exatamente?

É um erro, essa pergunta. Sei que ele vai morder a isca e sei que eu nunca vou conseguir desfazer o que vou ouvir saindo daquela boca, e que vou me arrepender pelo resto da vida por ter perguntado.

Mas não recuo. Talvez eu queira que ele me magoe. Talvez, em algum nível, seja mais fácil acreditar que nunca teria dado certo entre nós.

Ele sustenta meu olhar, mas eu o vejo hesitar. A bondade nele, guerreando com a raiva. Dou um passo para a frente, incitando-o. Nem ligo de a mãe dele estar ali. Ela que ouça tudo, o pior dele. O pior de mim. Importa?

— Vai — digo por entre dente. — Menos de dois dias atrás, eu era bonita e confiante e divertida. Mas o que você acha de verdade?

— Bom, você é mentirosa, obviamente — responde ele, os olhos chamejando. — É egocêntrica. Crítica. Julgadora. Hipócrita. Egoísta. E, sinceramente, confiar em você foi o maior erro que eu já cometi na vida.

— *Quint* — diz Rosa. Um aviso, mas tarde demais.

Ele acabou.

Nós acabamos.

A mágoa faz minhas entranhas tremerem. Tenho vontade de gritar com ela, com os dois. Quero que o carma surja do vácuo do universo e o puna por ousar me julgar assim.

Eu aperto bem os dois punhos. O mais forte que consigo. Nunca funcionou com Quint antes. Esse poder horrível e traiçoeiro sempre falhou comigo quando eu tentei fazer alguma coisa com Quint. Mas agora, está sendo cruel.

Desta vez, ele está partindo meu coração.

Desta vez, ele merece.

Minhas unhas afundam nas mãos.

Lágrimas borram minha visão.

Para minha surpresa, Quint faz uma careta de dor repentina. Ele vira o rosto para longe de mim, a mandíbula contraída, o rosto retorcido. Uma das mãos vai brevemente até o peito, como se alguma coisa o tivesse machucado, mas ele a abaixa rapidamente. Ele não me encara de novo.

E talvez seja trivial, e talvez seja ingenuidade, mas eu espero… ah, eu espero com todas as minhas forças que o coração dele também esteja em pedacinhos.

— Prudence — diz Rosa, entrando entre nós, talvez com medo de eu começar a arremessar coisas. — É melhor você ir.

Minha respiração trava. Pronto. Eu estou sendo demitida. Nem recebo salário, mas, de alguma forma, estou sendo demitida.

Com a mandíbula contraída, eu enfio a mão na bolsa e tiro os cadernos e pastas que organizei para o baile. Jogo na mesa de Rosa e dou meia-volta.

Eu saio e praticamente corro pela escada e pelo pequeno saguão.

Esbarro em uma mulher na entrada. Shauna leva um susto e me segura.

— Opa, calma aí, docinho. Você está bem?

Eu limpo as lágrimas dos olhos. Não consigo olhar para ela. Só quero ir embora.

Mas o colar dela me chama atenção, um pingente brilhante sobre o peito.

Minha respiração entala.

É o brinco da Maya.

Shauna inclina a cabeça, cheia de preocupação no rosto.

— Prudence?

Eu balanço a cabeça e me afasto dela. Desço da escada e pego a bicicleta. Passo a perna por cima do selim e pedalo o mais rápido que consigo, tentando afogar a lembrança das palavras duras do Quint.

Eu sou uma boa pessoa.

Egoísta. Crítica.

Eu sou uma boa pessoa.

Julgadora. Egocêntrica.

Eu… sou… uma… boa… pessoa.

Mentirosa. Hipócrita. Um erro.

Minha visão está borrada. Não posso continuar pedalando. Paro na calçada e largo a bicicleta contra uma palmeira antes de me sentar ao lado dela. Os soluços tomam conta de mim.

— Eu sou uma boa pessoa — grito para mim mesma, para ninguém. Talvez para o universo, se ele estiver ouvindo.

Mas uma pergunta me incomoda. As palavras de Quint, afiadas e odiosas. As acusações dele. As minhas inseguranças.

Acredito que sou uma boa pessoa.

Mas e se eu não for?

QUARENTA E TRÊS

— Vocês vão doar uma cesta — digo, o queixo travado. — Só podem estar brincando.

Meu pai me olha com solidariedade enquanto enfia um vale-presente da Ventures Vinyl em um envelope.

— Sei que as coisas não acabaram bem entre você e o centro de resgate, mas não é culpa dos animais.

— Eu fui acusada de roubar!

Ele coloca o vale na cesta, junto de um boneco do John Lennon e uma decoração de Natal em forma de guitarra, dentre outros bibelôs musicais.

— Tudo bem. Me diz, então. Com sinceridade. Estão fazendo um bom trabalho lá? Eles merecem as doações das pessoas ou não?

Eu aperto os lábios. A sensação é de traição. Os meus próprios pais, que mal conseguem se sustentar, optando por doar uma cesta de presentes para o leilão do baile? Já é bem ruim eles terem colocado um pôster na vitrine da loja. Terem folhetos promovendo o baile ao lado da registradora. De que lado eles estão, afinal?

Mas eu não posso dizer que o centro não precisa do dinheiro e nem que eles não vão fazer coisa boa com as doações. Penso em Lennon, o *meu* leão-marinho, que não vejo há quase três semanas, e que espero que esteja indo bem, e sei que meu pai está certo. Não é porque Rosa e Quint me acusaram de roubo que os animais devem ser punidos. Eles já sofreram demais.

Eu solto um gemido.

— Tudo bem. Tanto faz. Faz o que você quiser.

— Eu normalmente faço mesmo. — Meu pai cantarola junto com o disco tocando nos alto-falantes da loja enquanto dá os toques finais na cesta. — Vou

pra casa daqui a pouco pra almoçar. Precisa de alguma coisa?

— Não. Eu estou bem.

Bem, bem, bem. Eu estou sempre bem ultimamente.

Resmungando, eu volto até o balcão. Jude está parado na frene de uma caixa de discos que levaram no dia anterior. Meu pai começou a deixar que ele precifique o estoque novo depois de ensiná-lo a avaliar a condição do disco e pesquisar o valor de mercado. Ele está com um disco da Motown nas mãos, mas me olha, preocupado.

Jude está preocupado comigo desde o Incidente. Ele sabe, mais do que qualquer pessoa, como fiquei arrasada. Eu ainda não contei a ninguém sobre mim e Quint. Que sentido faria? Mas, enquanto meus pais acham que estou chateada por ter sido falsamente acusada de uma coisa que não fiz e despedida por isso, Jude percebe que tem mais nessa história. Eu o peguei com Ari na salinha dos fundos da loja algumas vezes, conversando em tons baixos e preocupados, e sei que eles estavam falando sobre mim. Eu fiz o que pude para ignorar.

Pelo menos, eles acreditaram quando eu falei que não roubei o dinheiro. Ari talvez tenha dito melhor: “Você pode ser ambiciosa, Pru, mas não é ambiciosa do tipo que rouba dinheiro de uma organização sem fins lucrativos em dificuldades. Qualquer um pode ver isso”.

As palavras dela me fizeram me sentir um pouco melhor. Mas também me deixaram questionando. Se qualquer um pode ver isso, por que Quint não viu?

Quint, que estava junto o tempo todo. No festival da praia, na limpeza, no planejamento do baile, no centro de resgate na noite da tempestade… Ele, mais do que qualquer pessoa, devia ter visto o tanto que eu estava me esforçando para ajudar aqueles animais. Ele, dentre todas as pessoas, devia saber que eu não roubei o dinheiro. Que eu não faria isso.

Mas ele não me defendeu. Ele não acreditou em mim. E não só isso; ele foi cruel da forma mais implacável.

Meus olhos ainda ardem quando lembro as coisas que ele disse. As palavras tiveram a intenção de ferir fundo e conseguiram.

Em menos de dois dias, eu vivenciei os melhores e piores momentos da minha vida. As lembranças estão tão entrelaçadas que tenho dificuldade de me lembrar de uma sem a outra.

— Quer colar os adesivos? — pergunta Jude, mostrando a etiquetadora.

— Não. — Eu me sento no banco atrás da registradora. O dia está lento até para uma terça, então não estou com medo de algum cliente me pedir para passar a compra. Meu pai fica tentando me treinar para ficar no caixa, mas não estou interessada. Estou contando os dias para que as férias de verão acabem, quando vou poder ficar livre da loja. Quando vou poder mergulhar nos deveres de casa, no planejamento da faculdade e no máximo de trabalhos extras que puder. Eu vou me distrair como se a minha vida dependesse disso.

Até então, vai ser só um dia tedioso atrás do outro.

Meu pai lembra Jude de cem coisas diferentes sobre a loja antes de ir embora, embora só vá ficar fora meia hora. Eu ignoro os dois e ligo o laptop. O trabalho está aberto, me esperando. Eu leio a última frase que escrevi. Ou que tentei escrever.

O ecoturismo pode beneficiar muitos habitats marinhos com

Com… o quê? Meu cérebro virou mingau, como acontece cada vez que eu tento me dedicar a esse trabalho horrível. Pensar em pesquisar, fazer anotações, tirar conclusões e implementar minhas descobertas me deixa tonta. Parece uma quantidade absurda de trabalho. O prazo para reenviar os projetos é em poucos dias, mas eu fiz pouquíssimo progresso. Cada vez que entalo, eu me imagino falando com Quint sobre o tema e como chegaríamos a uma solução brilhante juntos, e que seria fácil e divertido e…

E aí eu percebo que estou fantasiando e despenco de volta para a terra.

Nem sei por que estou perdendo meu tempo. Sem a participação do Quint, o sr. Chavez provavelmente nem vai aceitar meu relatório revisado.

A pior parte é que eu nem sei se ligo. Para biologia. Para o trabalho. Para as minhas notas. Para nada.

Eu procrastino (de novo) pegando o celular e verificando a página de Facebook do centro de resgate. É uma forma de tortura da qual me tornei adepta ultimamente. Quint está fazendo um ótimo trabalho na atualização dela e incorporando várias das estratégias sobre as quais conversamos. Vídeos mostrando os leões-marinhos brincando. Fotos de antigos pacientes, com legendas descrevendo suas personalidades únicas e histórias interessantes sobre eles. Entrevistas com os voluntários explicando por que eles são apaixonados por trabalhar com animais.

A maioria das fotos na página foi tirada pelo Quint, ou é o que eu suponho, porque ele raramente está nelas. Mas, de vez em quando, tem uma em que o vejo no fundo. Jogando água da mangueira numa piscina ou dando um balde de peixes para as focas, e a saudade que me dá ao olhar essas imagens granuladas e cândidas é sufocante.

Eu sei que devia parar de olhar, mas não consigo. Por mais que doa.

E, ah, como dói.

E a dor me dá raiva.

E a raiva me dá tristeza.

Lavar. Enxaguar. Repetir.

Como o universo pode permitir isso? Como eu posso ficar aqui, traída e arrasada, e Quint continua a vida como sempre? O carma me abandonou. Não há justiça. Não há anistia universal.

Uma atualização sobre Luna e Lennon chama minha atenção. Eu abro um sorriso ao ver um vídeo curto dos dois jogando bola com os focinhos. A legenda está com o nome de Lennon escrito “Lenin”, igual ao ditador, e é assim que eu sei que o Quint escreveu. Meu coração se aperta.

Atualização: Lenin e Luna receberam a proposta de lar permanente em um zoológico respeitável! Estamos animados porque eles ficarão juntos e poderão apreciar muitos anos de amizade (ou algo mais?). Nós postaremos mais informações quando a data de transferência e os detalhes forem confirmados.

Não sei se fico feliz ou triste com a notícia. E se eu nunca mais puder ver o Lennon?

O sino toca na porta.

— Oi, Ari — diz Jude.

— Oi, Jude. Pru.

Eu desligo o celular e vejo Ari andando pelo corredor, os dedos tocando nos discos nas cestas.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto. — É seu dia de folga.

— É, mas eu pensei em dar uma olhada em você. Pra ver se precisava de apoio moral.

Ah, porque o baile é hoje. Eu estou fazendo o possível para esquecer, mas o universo fica jogando na minha cara.

Fiquei chocada de saber que eles planejaram continuar com o baile. Como

eles puderam fazer sem mim? Foi ideia minha. Os planos foram meus. Era praticamente o *meu* baile!

Mas eles vão em frente, e, para minha eterna irritação, parecem estar fazendo um excelente trabalho na divulgação. Vejo os pôsteres em todo lugar que eu vou, não só na vitrine da nossa loja, mas grudados em toda cidade. E, *gah*, odeio admitir, mas são ótimos pôsteres, com arte e tipografia que lembram *Yellow Submarine*, dos Beatles, e nenhuma palavra escrita errado.

E eles andaram conversando com a imprensa. Não só o *Chronicle*, mas também revistas e estações de rádio da região. Rosa até apareceu em um programa de televisão sobre estilo de vida, promovendo o centro e a missão deles.

Uma parte vingativa de mim quer vê-los fracassar. Eu quero que o baile seja um desastre. Quero que Quint volte rastejando, suplicando por ajuda.

Mas, pelo que estou percebendo, isso não vai rolar. Talvez eu não seja tão insubstituível quanto achava.

— E aí — diz Ari, batendo com as mãos no balcão. — Hoje é terça. O que quer dizer… Quem está a fim de uns tacos e karaokê?

Jude faz um som de quem está *muito interessado*, mas eu sei que ele só está fazendo isso para me encorajar. Outra tentativa de me tirar do buraco.

— Boa tentativa — digo —, mas não tem karaokê hoje.

Ari franze a testa.

— Como assim? O Carlos não está mais fazendo?

— Não, ele está. Mas hoje Trish Roxby vai montar o equipamento de karaokê no cinema Offshore, como entretenimento do primeiro baile anual do centro de resgate. — Acrescento, resmungando: — Eu vi na página do Facebook.

— Karaokê? Num baile? — diz Jude. Ele balança a cabeça. — Vai ser uma droga.

Eu me obrigo a sorrir para ele, porque percebo que ele está se esforçando.

— Obrigada, Jude. Mas eu achei genial.

Ele bate com o punho no balcão.

— Eu sei. Também achei, mas esperava não ter que admitir. Um karaokê vai ser tão mais legal do que uma sinfonia chata.

Faço uma careta, mas acho que Jude não nota. Tenho a sensação de que o karaokê foi ideia do Quint. E é uma boa ideia. Vai transformar facilmente o que

poderia ser um evento chato e tedioso em algo divertido, memorável e único.

Eu odeio ele ter pensado nisso e eu não.

Odeio não ir.

Jude limpa a garganta.

— A gente pode jogar D&D. Eu posso chamar o pessoal, fazer pipoca, finalmente ajudar vocês a montarem seus personagens…

Ari e eu trocamos olhares.

— Foi só uma ideia — diz Jude. — Não quero você emburrada a noite toda, Pru.

— Eu não fico emburrada.

Ari retorce os lábios para o lado.

— Apesar das últimas semanas.

— E foi justificável — diz Ari. — Mas não hoje. Vamos ver um filme… ah. Deixa pra lá.

O Offshore é o único cinema da cidade e Ari odeia dirigir até o cinema grande pegando a rodovia. Mais porque ela odeia dirigir para fora de Fortuna Beach.

— Que tal a gente ir jogar papel higiênico no centro de resgate quando eles estiverem no baile? — sugere Jude.

Um sorriso retorce o canto dos meus lábios.

— Obrigada, pessoal. Eu aprecio vocês tentarem me alegrar. Mas não quero ir até o centro e não quero chegar perto da rua Main hoje.

— Então você vai ficar se afogando em autopiedade? — pergunta Ari. — Porque eu não vou deixar. Já sei! Que tal uma maratona de filme de menininha?

Jude e eu gememos.

Normalmente, eu não me oporia a essa sugestão, mas agora a ideia de ver gente bonita se apaixonar perdidamente me dá vontade de vomitar.

— Ah, para com *isso*. Vai te ajudar a tirar da cabeça… as coisas.

Sou salva de responder pelo sininho tocando de novo.

Jude faz a cara de vendedor.

— Bem-vinda à Venture Vi… ah.

Olho na direção da porta e não consigo segurar o gemido que escapa de mim. Eu sabia que esse dia ia ficar pior.

QUARENTA E QUATRO

Morgan lança um olhar curioso para os discos enquanto anda até o balcão. Sem o gesso, sem as muletas.

Ela me vê e para.

Aperta os olhos.

Minha mandíbula se contrai.

Ari se mexe com desconforto para o lado, para não ficar no meio do vão gelado entre nós.

— Er… posso ajudar? — pergunta Jude.

Morgan inspira profundamente e volta a atenção para ele. Está usando a camiseta amarela de voluntária do centro, e não consigo deixar de sentir que está debochando de mim.

— Eu vim buscar uma cesta de presentes — diz ela.

— Certo. Está aqui. — Jude contorna o balcão até onde nosso pai deixou a cesta. Morgan dá uma olhada e a pega. — Obrigada pela generosidade. — O olhar dela se desvia para mim. — Por outro lado, acho que vocês nos devem.

Minha boca fica seca. Eu estava com esperanças de que Quint e Rosa não espalhassem e fofoca sobre mim e o dinheiro desaparecido, mas obviamente era esperar demais.

— Com *licença* — diz Ari. — A Prudence ralou muito pra tentar ajudar o centro! Vocês que devem a *ela*.

Morgan ri com deboche.

— Ah. Claro. Só um conselho, viu? Fica de olho na registradora.

Rosnando, Jude pega a cesta das mãos dela. Ela faz um ruído de sobressalto.

— Quer saber? — diz ele. — Nós mudamos de ideia. Boa sorte com o leilão.

Morgan olha para ele, para a cesta, e dá de ombros.

— Tudo bem. Não é um prêmio tão bom assim mesmo.

— Não, espera — digo. — Jude, devolve pra ela. É como o papai falou, os animais não deviam ser punidos por eu ter levado a culpa de uma coisa que não fiz.

Morgan me olha, as mãos nos quadris.

— Ah, sim, eu soube que você tentou negar. Boa tentativa, mas você foi pega *com o dinheiro na mão.*

— Eu não peguei nada — falei, me esforçando para manter o tom calmo. — Nem sei o que aconteceu com o dinheiro, mas eu não estou com ele e nunca estive.

— Aham. Sabe o que é triste nisso tudo? — Morgan se aproxima do balcão que nos separa. — Todas as coisas que você estava fazendo estavam funcionando. Se não tivesse roubado o dinheiro, a limpeza da praia teria sido uma das arrecadações mais bem-sucedidas da nossa história. Você estava fazendo diferença para aqueles animais. Pena que você teve que bancar a "humana egoísta" e estragar tudo.

Eu preciso segurar as palavras. Sei que nada que eu diga vai convencê-la da minha inocência.

Vendo que não tenho resposta, Morgan pega a cesta com Jude e começa a andar para a porta.

— Espera — digo.

Ela para. Suspira. Vira-se lentamente, a cara feia.

Mas eu não ligo para o que ela pensa. Tem algo ressoando comigo, me lembrando uma coisa que Rosa disse meses atrás.

Eles já fizeram arrecadações, mas nunca foram um sucesso. Nunca dá dinheiro suficiente para que valha a pena.

— Por que isso? — digo em voz alta.

Morgan amarra mais a cara.

— O quê?

— O centro já fez arrecadações. Vocês tentam achar jeitos de arrecadar dinheiro há anos. Mas… eu apareço, planejo um eventinho na praia e, de repente, ele vira o evento de arrecadação de um dia mais bem-sucedido que vocês já fizeram?

— Não foi, não — diz Morgan com uma risada amarga. — Porque o dinheiro

desapareceu misteriosamente, lembra?

— É isso que eu estou dizendo! — Agitada de repente, eu pulo do banco e contorno o balcão. — Talvez isso tenha acontecido antes. Na verdade… eu aposto que aconteceu muito. E se todas as vezes que o centro fez um evento de arrecadação, uma parte do dinheiro sumiu? É por isso que as campanhas nunca são bem-sucedidas. — Eu aperto as mãos no cabelo. — É isso. É assim que eu posso provar que não fui eu. Isso já aconteceu antes, várias vezes… bem antes de eu me tornar voluntária!

Morgan me olha como se tivesse nascido um rabo em mim.

— Você está mesmo tentando me convencer de que…

— Não estou tentando te convencer de nada! — digo rispidamente. — Eu sei que não fui eu. Achei que uma boa parte tinha se perdido ou que aquela senhora havia se enganado e não tinha doado o dinheiro todo, no fim das contas. Afinal, que tipo de pessoa roubaria de um centro de resgate de animais?

Morgan me olha furiosa, mas eu a ignoro.

A pergunta ecoa na minha cabeça, como devia estar ecoando o mês todo. Os sinais. As pistas.

Isso já aconteceu antes?

Não faz sentido que todas as arrecadações tenham sido tão decepcionantes no passado. Claramente, as pessoas querem ajudar o centro. Elas se importam com o trabalho.

Mas, se algum dinheiro entrou, também saiu.

Quem faria isso?

E *por quê*?

Penso no que Quint disse. Cena de crime básica. Oportunidade e motivo.

Só pode ser alguém que está lá há um tempo. Tempo suficiente para Rosa desistir completamente dos eventos de arrecadação. Alguém com acesso ao dinheiro que estavam recolhendo.

Só percebo que comecei a andar de um lado para o outro quando paro.

— Shauna — sussurro.

Morgan ri.

— Shauna? A vovozinha fofa que voluntaria o tempo para animais necessitados?

— Ela não é voluntária. Ela é funcionária assalariada.

— Ah! Bom, então ela deve ser criminosa.

— Olha. Eu não sei se foi ela. Mas sei que não fui *eu*. E ela está lá há anos! Além do mais, ela cuida dos livros, mexe com o dinheiro. Poderia estar facilmente tirando uma parte. E… — Faço um ruído sobressaltado. Eu a vi segurando o pote. Foi ela que o levou para o centro. Poderia ter tirado uma parte a qualquer momento e ninguém saberia.

Morgan revira os olhos.

— Eu já ouvi o suficiente. Acho que não posso te culpar por tentar, mas não seria mais fácil só confessar em vez de tentar botar a culpa em outra pessoa? Logo na *Shauna*?

— E as botas! Dois dias depois da campanha, ela apareceu com aquelas botas novinhas. Ou novinhas… e vintage. Sei lá. Não pode ter sido barato. E logo depois que fui demitida, eu a vi com o brinco, o que perderam. É um diamante de verdade.

Morgan ri.

— E agora você vai dizer que ela roubou o brinco também?

— Não! Eu acho que ela comprou na loja de penhores, e sei que não foi barato. Sempre achei que as coisas que ela usa fossem bijuteria, mas, se não forem… como ela paga? Rosa não pode pagar um salário tão alto assim.

Morgan dá de ombros.

— Seguro social? Aposentadoria? Ela se aposentou uns vinte anos atrás. Deve ter se saído bem na vida.

Eu franzo a testa. Morgan está certa. Shauna pode ter se aposentado bem. Talvez trabalhar no centro não seja para ganhar dinheiro, só algo que a mantém ocupada, que a faz se sentir útil.

Engulo em seco, sabendo que posso ter interpretado tudo errado. Posso estar querendo me agarrar a qualquer coisa para limpar meu nome, e, obviamente, não tenho nenhuma prova real de que Shauna fez nada. Não posso acusá-la sem prova.

Eu sei como é isso e me recuso a fazer com outra pessoa.

— Qual é o sobrenome dela? — pergunta Jude.

Eu me viro para ele. Tinha esquecido que meu irmão e Ari estavam no dia, mas os dois estão olhando para mim e para Morgan como se estivéssemos em *CSI*, edição Fortuna Beach.

Não tenho a menor ideia de qual é o sobrenome da Shauna, mas Morgan diz:

— Crandon, eu acho.

Jude digita alguma coisa no celular.

Morgan cruza os braços e olha dele para mim e para Ari.

— Opa! — grita Jude, nos sobressaltando. O sorriso dele está largo, mas, quando ele ergue o rosto, muda rapidamente para uma expressão perturbada. — Na verdade, é meio horrível. Mas… Pru, deve ser o suficiente para ao menos investigarem.

Ele me entrega o celular. Encontrou um artigo de um jornal de Los Angeles. Tem uma foto da Shauna no alto, usando um terninho moderno. Ela está bem mais jovem, com o cabelo começando a ficar grisalho.

A manchete: ORGANIZAÇÃO SEM FINS LUCRATIVOS DO CONDADO DE ORANGE PROCESSA CONTABILISTA ACUSADA DE DESVIAR MAIS DE U$ 200.000.

— Não acredito! — exclama Morgan, pegando o celular da minha mão.

— Ei! — Tento pegar o aparelho de volta, mas ela vira de costas para mim e começa a ler o artigo. Bufo e leio por cima do ombro dela.

De acordo com o artigo, Shauna trabalhou em outra organização sem fins lucrativos, uma que ajudava a oferecer serviços para os sem-teto, por seis anos antes de suspeitarem de desvio de dinheiro da parte dela para fazer compras pessoais e até para pagar as próprias contas. Ela foi demitida, mas as acusações foram retiradas.

— Por que retirariam as acusações? — pergunta Ari, chegando perto de nós.

— Não diz. — Morgan me devolve o telefone com expressão atordoada. — Batalhas legais são caras e levam tempo. Talvez não quisessem o trabalho.

— Ou talvez não tivessem provas suficientes — sugiro.

Morgan balança a cabeça.

— Depois que descobriram, era de se pensar que seria fácil achar as provas. Ela devia estar usando dinheiro da conta jurídica para comprar coisas on-line e preencher… cheques… para… — Ela fica com o olhar distante. O queixo cai. — *Não.* As doações do baile!

Eu passo o telefone de volta para Jude, que está com expressão vaidosa, como se tivesse solucionado o maior mistério do ano.

— Que doações do baile? — pergunto.

— Nós deixamos o preço dos ingressos bem baixos, mas, quando as pessoas

compram os ingressos, elas também podem fazer doações adicionais, totalmente opcionais.

— E?

— E ninguém doou dinheiro a mais. Foi um fracasso total. Um monte de vendas de ingressos, é possível até que esteja esgotado pra hoje. Mas doações adicionais? Não rolou. Está deixando Quint louco. Você devia ouvi-lo falando como foi uma ideia péssima manter o preço baixo, quanto de dinheiro nós perdemos por fazer assim.

— Eu aposto que as pessoas *estão* doando! — diz Ari, empolgada de repente. — Mas o dinheiro está indo pra *ela*.

Morgan assente.

— Foi ela que organizou as vendas on-line. Aposto que está direcionando todos os bônus direto para a conta dela, sem nem passarem pelo centro.

Eu coloco a mão sobre a boca, repugnada.

— Quem faria uma coisa assim?

Morgan indica o celular.

— Ela, evidentemente. Já fez antes. — Uma sombra surge no rosto de Morgan quando ela olha para mim. Não de escárnio, mas… culpa? Ela fala um palavrão baixinho e balança a cabeça. — Acho que eu te devo um pedido de desculpas.

— Não foi você que me demitiu — digo, pegando um dos folhetos no balcão. Eu já olhei para ele mil vezes. O submarino amarelo ilustrado. O texto colorido estilo retrô.

Passe uma noite a bordo do Submarino Amarelo, para apoiar o Centro de Resgate de Animais Marinhos de Fortuna Beach. Boa comida, bons amigos e bom carma!

— Ari, você pode cobrir o resto do meu turno? — Dobro o folheto e o enfio no bolso. — Eu preciso me arrumar para um baile.

QUARENTA E CINCO

Morgan concorda em me encontrar em frente ao cinema. Ela não está arrumada no sentido tradicional. Enquanto os convidados do baile passam por nós usando vestido de noite e terno, Morgan está usando uma calça preta lustrosa e um suéter com uma vaca de lantejoulas na frente. A única indicação de que ela está indo a um evento meio formal é o delineador preto cintilante num traço grosso nos olhos e a forma como ela trançou o cabelo em uma coroa intrincada em volta do rosto.

Eu estou usando um vestido vermelho e branco de bolinhas que usei no segundo casamento de um tio no outono, com um cardigã vermelho e sapatilhas vermelhas. Foi o melhor que consegui sem tempo para me preparar, e… bem, eu me sinto revigorada porque acentua meu batom da mesma cor.

Sonha com *isso*, Quint Erickson.

Morgan me olha de cima a baixo quando eu me aproximo e assente. Não sei o que ela aprova. Talvez por não haver nada de couro.

— Gostei do seu batom — diz ela, e acrescenta: — Espero que não tenha sido testado em animais.

Eu dou uma risada, feliz por ela quebrar o gelo.

— Eu também — digo, porque estou começando a me importar com esse tipo de coisa, e vou ficar arrasada se tiver que abrir mão da minha marca favorita por causa desses novos princípios que acabaram entrando na marra na minha vida.

— Pronta? — Morgan não espera que eu responda, e antes que eu consiga recuperar o fôlego, nós estamos no meio do fluxo de convidados sorridentes e animados entrando no cinema.

— Ingresso? — pergunta uma voluntária quando passamos pela porta.

— Ela está comigo — diz Morgan, chamando a atenção da garota para ela.

— Ah, oi, Morgan — cumprimenta a garota. — Os voluntários estão se reunindo na cozinha pra receber suas tarefas. — Ela franze a testa para mim, e vejo o reconhecimento. — Prudence?

Eu já tinha visto a garota no centro, mas nós nunca fomos apresentadas. É irritante ela saber o meu nome e eu não saber o dela.

Eu ganhei má fama agora?

Morgan me segura pelo cotovelo e me puxa para o saguão sem dizer mais nada.

Está… bonito. Bem bonito, na verdade. As mesas redondas estão cobertas de toalhas brancas e passadores amarelos vibrantes. Tem brinquedos de banho de submarino amarelo servindo de centro de mesa, junto de uma fotografia emoldurada de um dos animais aos cuidados do centro no momento.

Não há muitas decorações, mas o cinema está festivo. Eu tinha sugerido balões amarelos quando Quint e eu começamos a planejar o evento e ouvi um não decisivo. Evidentemente, balões de látex são extremamente prejudiciais a animais marinhos, e agora que tenho certeza de que nunca mais vou apreciar o simples prazer de um balão de aniversário de novo. Mas, no lugar dos balões, há fitas amarelas de papel em espiral no teto e penduradas nas portas. Tem também uma variedade de recortes de papelão de animais marinhos pendurados nas vigas e um polvo pintado ocupando a parede dos fundos toda. Cada um dos seus braços segura uma placa agradecendo aos vários patrocinadores do evento.

E tem as fotografias. As fotografias do Quint. Ampliadas em papel fosco e emolduradas profissionalmente, arrumadas em cavaletes pelo salão. Sei imediatamente que são dele, só que não são fotos que eu tenha visto. Meu coração infla de ver que Quint não aceitou a minha sugestão, no fim das contas, não exatamente. Os prêmios da rifa não são fotos de focas sendo estranguladas por linha de pesca e leões-marinhos perfurados com dezenas de anzóis.

São fotos dos animais depois de serem reabilitados. Quando estão saudáveis, brincando nas piscinas ou sendo soltos na praia, as nadadeiras batendo na areia na corrida para o mar.

Meu coração se aperta quando vejo uma foto de uma tartaruga-marinha nadando languidamente em mar aberto.

A *minha* tartaruga.

Já tem convidados reunidos em volta das fotos, falando sobre elas, sorrindo,

apontando vários detalhes. Os olhos desses animais me seguem quando ando pelo salão.

Vejo Trish Roxby ajustando o equipamento de som em uma pequena plataforma, mas evito fazer contato visual com ela. A última coisa de que preciso é ser capturada por uma conversinha sobre karaokê e ferimentos na cabeça. Na verdade, estou evitando contato visual com todo mundo. Eu reconheço a maioria dos convidados. Síndrome de cidade pequena, essas coisas.

Estou repassando o que vou dizer para Quint quando o vir, mas ainda não sei se estou doida para vê-lo ou morrendo de medo.

Mais voluntários estão distribuindo sacos de pipoca quando os convidados são levados para o auditório, para a apresentação da noite. Apesar de Morgan ter que ajudar no evento, ela pega dois sacos de pipoca e nós andamos com as pessoas.

Assim que entro no cinema, eu o vejo. Ele está no palco, na frente das cortinas de veludo vermelho que emolduram a telona, falando com Rosa, com a dra. Jindal… e Shauna.

Eu paro tão de repente que uma pessoa vindo atrás esbarra em mim. Ouço o pedido de desculpas, mas não consigo tirar o olhar do Quint.

Ele está usando uma calça jeans preta, uma camisa social passada e uma gravata.

E, minha nossa, ele está…

Não termino o pensamento.

Morgan me puxa para o lado, para não ocuparmos o corredor. Os lugares estão ficando cheios rápido. Tem um monte de gente ali. Percebo, um pouco atordoada, que deu certo. A minha ideia, os meus planos. Eles *deram certo*.

Tem uma sequência de slides passando na tela, mostrando fotografias de animais marinhos de quando eles foram levados para o centro, feridos e subnutridos, e imagens deles sendo alimentados e banhados ou brincando juntos nas piscinas. Há muitas imagens de focas deitadas no concreto e de cabecinhas de leões-marinhos aparecendo na água. Pilhas de lontras empilhadas. Cada vez que uma imagem dessas surge na tela, a plateia toda derrete em um unânime *aww*.

Há propagandas também, promovendo os estabelecimentos que ajudaram a tornar o baile possível, e, ocasionalmente, um slide agradecendo aos voluntários

que ajudaram a organizar o evento. Quint está no topo da lista, enquanto o meu nome não está em lugar nenhum. Parece mais uma traição.

Sinto olhos em mim e volto a atenção para Quint. Ele está me encarando, os lábios abertos de surpresa.

Levanto o queixo e me recuso a afastar o olhar. Quer ele acredite ou não, eu mereço estar ali tanto quanto ele.

Ele fecha a boca, e vejo seu maxilar se contrair. Uma sombra surge nos olhos dele, e ele se vira.

As palmas das minhas mãos ficaram suadas, e tento me distrair enfiando um punhado de pipoca na boca, mas, apesar da manteiga e do sal nos meus dedos, eu não sinto gosto de nada. Preciso de uma distração melhor.

Rosa pega um microfone com um funcionário do cinema. Eles devem estar se preparando para começar.

Quint sai do palco e anda pelo corredor. Na minha direção. Mas faz questão de não olhar para mim quando passa.

Eu engulo em seco. Shauna começa a descer do palco. Meus olhos a acompanham, a cara amarada. Por instinto, eu aperto bem a mão.

Eu espero.

Três segundos. Cinco.

Nada acontece.

O projetor é desligado e deixa a tela branca. As luzes são reduzidas e deixam o palco iluminado. Rosa vai até o centro e começa agradecendo a todo mundo por ter comparecido. Ela agradece aos patrocinadores, aos doadores, aos voluntários. E começa a falar sobre o centro e o propósito deles, dando estatísticas de quantos animais eles ajudaram ao longo dos anos e como continuam precisando do apoio da comunidade.

Eu me viro e saio pela porta, volto para o saguão. A voz de Rosa diminui atrás de mim.

Quint está parado perto da bomboniere, ajudando outro voluntário a arrumar guardanapos na frente de uma pilha de taças de champanhe.

— Quint?

A coluna dele se empertiga. Ele coloca a pilha de guardanapos na mesa, expira alto e se vira lentamente para mim.

— Se você não veio devolver o dinheiro, espero que, pelo menos, tenha se

dado ao trabalho de comprar um ingresso.

Eu trinco os dentes. Ele vai mesmo fazer cena aqui, na frente de um estranho? Mas olho para o voluntário junto do balcão e vejo que não é um estranho. É Ezra.

Ele abre um sorriso casual e acena de um jeito brincalhão.

— Está bonita, Prudence.

O comentário dele quase não passa pela minha irritação com Quint, mas… é algo a ser dito a favor de Ezra Kent. Ele é bom em dissipar emoções tensas. Sinto o nó nos meus ombros diminuir um pouco.

— Quint, eu preciso falar com você.

— Ah? Por que eu tenho a sensação de que você não veio pedir desculpas?

Meus ombros voltam a se contrair.

— Talvez por eu não ter nada por que me desculpar?

Ele começa a revirar os olhos.

— Escuta o que ela tem a dizer — diz uma voz atrás de mim. Morgan aparece ao meu lado, as mãos nos quadris. — Houve desenvolvimentos.

Ele olha para Morgan, surpreso.

— O que… — Ele não termina, e a atenção dele vai de uma para a outra de nós, ficando cada vez mais curioso. — O que está acontecendo?

Eu olho em volta. Tem voluntários começando a preparar as mesas para o jantar. Está cheio demais, e não quero ninguém xeretando.

— A gente pode ir pra outro lugar conversar? Eu acho que talvez saiba quem pegou o dinheiro, mas, se estiver errada… bom. Sei como é horrível ser acusada falsamente de alguma coisa.

— Mas nós temos quase certeza de que estamos certas — acrescenta Morgan.

Quint franze mais a testa. Eu o vejo refletindo. Não acreditando em mim, mas… *querendo*.

— Tudo bem — diz ele, por fim. — Vou ouvir.

— Ah, graças a Deus — exclama Ezra. — O suspense estava me matando.

Quint olha para ele e para as taças de champanhe.

— Você pode…?

— Pode deixar — responde Ezra, pegando os guardanapos. — Só traz pra mim os detalhes sórdidos quando vocês acabarem.

Quint me leva com Morgan pela porta que diz “apenas funcionários”, por

uma sala de descanso onde chefs do Blue’s Burgers estão empilhando cheeseburgers em travessas grandes. Morgan faz uma careta, mas não diz nada. Nós vamos parar no pequeno corredor ao lado da saída dos fundos do teatro. Tem um saco de lixo no canto, esperando para ser levado para a viela. Um quadro de cortiça exibe uma variedade de materiais exigidos pelo governo, delineando políticas de discriminação e assédio sexual. Os papéis parecem não ser atualizados há trinta anos.

— E aí? — pergunta Quint, cruzando os braços sobre o peito. — Vai em frente. Se você não roubou o dinheiro, quem foi?

QUARENTA E SEIS

Quint está pálido quando termina de ler o artigo que Jude encontrou on-line.

— Como a gente podia não saber sobre isso?

— Tenho certeza de que ela não mencionou no currículo — respondo. — Se sua mãe não correu atrás de pesquisar, ela não tinha como saber.

— E quem vai pesquisar na internet uma velhinha fofa como a Shauna? — questiona Morgan. — Além do mais, olha, sua mãe é ótima em muitas coisas, mas não é uma empresária de verdade. Ela quer salvar os animais e não se preocupar com a parte contábil. Deve ter ficado tão feliz de ter alguém para quem passar essas responsabilidades que nem se deu ao trabalho de verificar as credenciais.

Quint assente lentamente, como se fizesse sentido para ele. Ele devolve o celular a Morgan e abaixa os braços. Ele parece atordoado.

— Ela está aqui desde que eu era pequeno. Ela pode ter roubado… — Ele não termina. Quem sabe quanto dinheiro ela pode ter desviado nesse período?

— A gente não tem certeza de que ela tem roubado — digo. — Precisamos encontrar um jeito de provar.

— Mas — acrescenta Morgan —, se ela estiver roubando, tem boa chance de pegar dinheiro hoje, da arrecadação.

Quint olha para nós.

— Como assim?

— Lembra que as pessoas podiam optar por dar uma doação a mais quando compravam os ingressos? — pergunto.

— É, mas… não deu certo. Ninguém… — Ele arregala os olhos e se empurra da parede. — Não. Foi ela que nos disse isso. É ela quem acompanha as vendas.

Foi ela que conectou as vendas com a nossa conta bancária.

— Então ela pode ter conectado a parte das doações com a conta *dela* — replico.

Ele faz um som frustrado e passa a mão pelo cabelo.

— Não acredito. Como ela pôde? A gente confiou nela!

— Isso ainda é só especulação — diz Morgan. — Mas parece um bom palpite.

Quint descarta o comentário dela, e não o culpo. Mas quero provar, mesmo assim. Eu quero meu nome limpo de vez.

— Tem algum jeito de nós vermos como foi o link das vendas de ingresso? Se ela estiver mesmo enviando o dinheiro direto para a conta pessoal dela…

Ele assente e esfrega o queixo.

— Sim. Talvez. Acho que tem. Deem-me um minuto. — Ele pega o celular e sai andando, não fora do nosso campo de visão, mas longe o suficiente para eu não saber o que ele está fazendo. Morgan e eu trocamos olhares. Esse corredor tem uma parede que dá no cinema, e embora o isolamento acústico seja bem decente, de vez em quando ouço trechos do discurso de Rosa. Não o que ela está dizendo, mas a paixão no tom dela.

Quint segura o telefone junto à orelha numa ligação. Eu franzo a testa. Ele está ligando para a polícia?

A plateia no cinema explode em palmas. Morgan inspira fundo.

— Hora do jantar.

Eu assinto. Nada será resolvido hoje. A gente devia deixar Rosa aproveitar o baile. Não precisamos fazer uma cena.

Mas eu também quero aproveitar o baile. Quero estar ali, ser parte daquilo. Não quero as pessoas olhando para mim e vendo a garota egoísta que tirou dinheiro de animais necessitados.

E, se Shauna for culpada, eu não quero que ela se safe disso nem mais um minuto.

Parece que a conversa do Quint dura uma eternidade. Ele mantém a voz baixa. Tem muito ahans, muitos oks e muitos números, o que não faz sentido para mim.

Ele acaba afastando o telefone do ouvido e desliga. E fica parado, olhando para o outro lado, o ombro encostado na parede, a cabeça baixa.

Eu engulo em seco e ouso me aproximar dele.

— Quint? O que você descobriu?

Ele vira o rosto mais para longe de mim e leva o punho até a boca. Ouço-o soltar o ar.

— Hum. É. — Sua cabeça ainda está abaixada quando ele se vira e encosta as costas na parede. Ele coça uma das sobrancelhas. — Era a empresa que cuida da venda dos ingressos. Eles verificaram e, realmente, tem duas contas bancárias ligadas às vendas de hoje. A do Centro de Regate de Animais Marinhos de Fortuna Beach… e a de Shauna Crandon.

Eu fecho os olhos, o alívio vem com tudo. Alívio e satisfação. Pode não provar que Shauna pegou o dinheiro da limpeza da praia, mas, no que me diz respeito, é quase a mesma coisa.

Mas esses pensamentos são levados embora quando abro os olhos e vejo Quint me encarando, os olhos tomados de mais emoções do que sou capaz de citar. Ele parece infeliz.

— Prudence — sussurra ele, a voz tensa. É nessa hora que percebo que o que estou vendo é remorso. — Eu…

— Depois — digo, interrompendo-o. Embora eu tenha imaginado Quint implorando por perdão muitas vezes nas últimas semanas, agora que estamos ali, não sei o que fazer com os sentimentos turbulentos no meu peito. *Egocêntrica. Julgadora. Hipócrita.*

Ele se encolhe, e sei que meu tom foi duro, mas o dele quando falou aquelas coisas horríveis também foi.

— Muito bem! — exclama Morgan, batendo as mãos. — O que a gente faz agora?

— A gente tem que contar pra minha mãe — diz Quint. — Depois disso, não sei. A gente chama a polícia?

O silêncio se instala quando consideramos isso. Como parece sério. Mas isso *é* sério. Eu achava que 1.200 dólares desaparecidos de um pote grande de vidro era muita coisa, mas, se isso está mesmo acontecendo há anos, nós podemos estar falando de milhares de dólares. Dezenas de milhares. Talvez mais. Não é coisa de ladrão de galinha.

— Vocês acham que ela devia ir presa? — pergunto, e percebo assim que as palavras saem da minha boca que Quint e Morgan estavam pensando a mesma

coisa. É difícil imaginar Shauna de macacão numa cela de prisão.

— Provavelmente — responde Morgan. — Se Rosa decidir apresentar queixa.

— Acho que isso é com ela. — Quint se desencosta da parede e empertiga os ombros. — Tudo bem. Vamos procurar a minha mãe.

O saguão do teatro está tomado de um falatório animado. Trish está trabalhando como DJ e está tocando "With a Little Help from My Friends", dos Beatles. Nós três paramos e procuramos no salão cheio. Embora muitos convidados tenham se sentado e começado a comer os cheeseburgers, muita gente está andando perto da mesa de leilão silencioso e em volta das fotos do Quint. Algumas estão conversando com Trish e olhando o fichário do karaokê, talvez se preparando para cantar quando o jantar acabar.

Em vez de pagar a quantia exorbitante que custaria para ter garçons profissionais, a comida está sendo distribuída por voluntários, inclusive uma boa quantidade de alunos que reconheço da nossa escola, todos com camisetas amarelas de voluntários, carregando bandejas de cheeseburgers, retirando coisas de mesas e enchendo copos de água. Algo me diz que isso também foi coisa do Quint. O Quint popular, chamando pessoas da esfera dele, pedindo ajuda e recebendo.

Esse teria sido o ponto alto da noite, ao menos para mim. A comida está com um cheiro delicioso. Os prêmios do leilão são ótimos. Carteiras estão sendo abertas, e os trechos de conversa que eu escuto dão a entender que o discurso de Rosa foi bem recebido. Todo mundo está se divertindo. O baile inaugural do Centro de Resgate de Animais Marinhos de Fortuna Beach é, sob todos os pontos de vista, um enorme sucesso.

Eu poderia sentir orgulho de saber que tive parte em fazer isso acontecer, mas esse orgulho fica encoberto pelo meu ressentimento de não poder participar até o fim.

— Cara — diz Ezra, andando até nós com meio cheeseburger na mão. Está com a camiseta amarela de voluntário, mas algo me diz que ele não estava levando o trabalho de garçom a sério. — Esse é o melhor cheeseburger que eu já comi. Já experimentou?

— Não, obrigado — replica Quint, fazendo que não para o amigo. — Ei, EZ, você viu a minha mãe?

— Ela estava ali um minuto atrás — responde Ezra, apontando com o

hambúrguer antes de dar outra mordida. — Tem um mistério ou não? Espera! Não me conta. Vou tentar adivinhar. — Ele ergue uma sobrancelha. — Foi o salva-vidas na piscina com um anzol!

Quint olha para ele sem entender.

— Nem um sorrisinho? — indaga Ezra, inclinando a cabeça para trás com consternação. — Não é possível! Eu estou trabalhando nessa piada há uns dez minutos.

— É mesmo? — questiona Morgan. — E *isso* foi o melhor que você conseguiu elaborar?

— Depois eu te conto, tá? — diz Quint. Ele começa a andar, mas Ezra o para com a mão no braço dele.

— Espera, cara. — Ele estica a mão e pega uma taça de vinho no bar. — Você parece que precisa de uma bebida. — E acrescenta, sussurrando: — E não estão pedindo documento.

— Hã. Não, obrigado — diz Quint, ignorando Ezra enquanto procura a mãe.

— Prudence? Garota sarcástica de quem eu não sei o nome? — diz Ezra, oferecendo a taça na nossa direção.

— Não, obrigada — digo.

Morgan só olha para ele com desprezo.

— Como quiserem. — Ezra vira a taça e bebe metade em um gole só.

— Lá, estou vendo — diz Quint.

Eu sigo o gesto dele e vejo Rosa perto de um dos cavaletes. Ela está segurando uma taça de vinho e sinalizando para a foto enquanto fala com um convidado.

Shauna está com ela. Parece totalmente à vontade, os cabelos grisalhos bem cacheados, um lenço de seda colorido no pescoço. Está usando brincos grandes de pedra que chamam a minha atenção do outro lado do salão.

Só por garantia, eu tento apertar o punho de novo. Vamos lá, Universo. Se você puder cuidar dessa confusão por nós, esta noite poderia ser tão mais tranquila…

Mas, como no cinema, nada acontece.

Quint inspira fundo e atravessa o salão. Morgan e eu vamos atrás. Nós somos uma frente unida.

Quint interrompe a conversa.

— Mãe, posso falar com você?

Rosa leva um susto e se vira tão rápido que esbarra o braço de Quint. O vinho é derramado da taça e se espalha no chão de parquete.

— Ah, caramba, desculpa — diz ela, procurando um guardanapo.

— Tudo bem — replica Quint. — Mãe…

— Eu queria saber pra onde você tinha fugido. — Rosa ainda está sorrindo. — Estava contando para esse cavalheiro sobre seu interesse em fotografia e que você quer tirar seu certificado de mergulho depois… — Ela me vê, e o sorriso hesita. Surpresa e confusão surgem nas feições dela. — Ah. Oi, Prudence — cumprimenta ela, a educação gelada. — Não esperava te ver hoje.

— Eu estou feliz de ela estar aqui — diz Quint de forma insistente. — Na verdade, mãe, eu queria falar com você e Shauna, se possível. — Ele olha para Shauna. — Em particular.

Confusa, Rosa olha ao redor, para todos nós. O homem com quem ela estava falando limpa a garganta e pede licença para pegar outra bebida.

Shauna parece confusa, mas um segundo depois eu vejo as engrenagens dela girando enquanto ela olha para mim e para Quint.

— O momento parece bem inconveniente — diz Shauna, rindo, mas com um sorriso tenso. — Nós estamos no meio de uma festa que estamos dando. Por que vocês três não vão comer alguma coisa e relaxar? Quint, eu sei como você se esforçou para fazer isso aqui acontecer. E acho que você também, Prudence. Apesar de… tudo. — As palavras dela soam carregadas de desprezo, e eu a olho de cara feia.

— Shauna está certa — concorda Rosa. — Eu preciso socializar com os convidados…

— Só vai levar um minuto — replica Quint. — E não pode esperar.

— Vai ter que esperar — diz Shauna. — Rosa, estou vendo a família de Grace Livingstone na mesa nove. Acho que você devia dar suas condolências.

Eu me viro e vejo não só os pais de Maya, mas a própria Maya, usando um vestido tubinho azul-real e parecendo estar morrendo de tédio.

— Ah, você está certa. — Rosa coloca a mão sobre o coração. — Grace nos apoiava tanto. — Faz uma pausa, o tom ficando gelado de novo. — Mas acho que você já sabe disso, não é? — Ela me olha, e eu fico tensa.

Ela se prepara para passar por nós, Shauna logo atrás, mas Quint bloqueia a

passagem.

— Eu não quero fazer uma cena — diz ele. — Mas isso é importante. Por favor.

As bochechas de Shauna ficam avermelhadas e os olhos faíscam. De repente, ela parece uma pessoa diferente. Uma pessoa raivosa. Uma pessoa defensiva. Uma pessoa acuada de repente, inesperadamente.

— Você não quer fazer cena? — pergunta ela, e, diferentemente de Quint, sua voz fica mais alta. Nós estamos começando a atrair atenção, o que desconfio que seja exatamente o que ela quer. Ela move o braço na minha direção. — Então o que Prudence está fazendo aqui, Quint? E por que você está com ela? É uma ladra e mentirosa. Ela não tem que estar aqui e eu acho que precisa ir embora.

— Shauna — sussurra Rosa enquanto tenta sorrir para os convidados mais próximos. — Certo, Quint. Tudo bem. Vamos para o cinema e você pode dizer o que precisa dizer.

— Não — diz Shauna. — É a típica pressão de adolescentes entre amigos, Rosa. E, apesar de eu saber que ele é seu filho, você não precisa tolerar isso. Que ele traga esse drama pra nossa grande noite, a grande noite do centro. Você devia saber que não era pra fazer isso, Quint. — Ela estala a língua de uma forma que me lembra vagamente a minha avó. — Agora, com licença.

Ela tenta contornar Quint, mas desta vez eu dou um passo à frente, os braços cruzados. Estou tremendo de adrenalina e raiva. E, diferentemente de Quint, não estou tão preocupada em não fazer cena.

Afinal, eu sei que tem repórteres ali, planejando fazer uma matéria grande sobre o evento para os jornais da semana. Quint pode não concordar com isso, mas, para mim, nenhuma publicidade é ruim. Se a cena for grande, a gente pode parar até na primeira página.

— Não sou eu quem está causando todo o drama — digo, a voz alta o suficiente para todas as pessoas que estão fingindo não estarem prestando atenção conseguirem ouvir claramente. — Você está, Shauna. Você roubou aquele dinheiro, da mesma forma que roubou do seu último emprego, da mesma forma que roubou as doações das vendas de ingressos de hoje. — Eu olho para Rosa, que parece perplexa e constrangida, mas também um pouquinho curiosa. — É por isso que nunca tem tanto dinheiro na conta quanto você acha que tem que ter. Shauna desvia. Ela já fez isso antes.

Rosa está balançando a cabeça.

— O que você… Tudo bem. Já chega. Vamos. Para o cinema. Andem.

— Eu não vou a lugar nenhum — protesta Shauna. — E não vou ficar aqui ouvindo essas acusações infundadas!

— Eu verifiquei a venda dos ingressos de hoje — diz Quint. — Eu sei que você está enviando fundos diretamente pra sua conta bancária.

Há um ofego à nossa volta, e percebo que nos tornamos o centro das atenções. Todo mundo ficou em silêncio. Todo mundo está olhando. Até a música parou.

— Mas… Shauna está com a gente há mais de uma década — diz Rosa. — Eu teria… — Ela para de falar, e sei que está se perguntando se teria notado caso Shauna estivesse roubando dela. Ela está sempre tão ocupada, mas seus papéis no centro são gerenciar as pessoas e cuidar dos animais, não as finanças. Quando o assunto é dinheiro, ela só assina quando mandam assinar.

Onde Shauna manda assinar.

Ela olha para Shauna, consternada.

— É verdade?

— Claro que não — responde Shauna com desprezo, e é facilmente a pior mentira que ela já contou. Seu rosto está vermelho, a respiração está curta e os olhos em chamas. — Essa garota — ela aponta para mim —, essa garota é só problema desde o primeiro dia. — Ela dá um passo mais para perto. Eu me mantenho firme, com uma certeza relativa de que ela não tentaria me bater, não com tanta gente em volta. Mesmo assim, vejo com o canto do olho Quint ficar tenso, e me preparo para a coisa horrível que ela vai dizer agora, sabendo que desta vez, pelo menos, estou certa. Eu não fiz nada de errado, mas *ela* fez, e as mentiras dela estão se acumulando, crescendo a cada segundo. Ela merece ser punida. — E agora ela está espalhando esses boatos horríveis, tentando jogar você contra mim pra salvar a própria…

Eu fecho o punho.

O salto dela bate na poça de vinho derramado, e ela grita. Os braços se balançam. Uma das mãos segura meu braço e me puxa para a frente.

Nós duas caímos.

Ela não me solta.

Eu não posso amortecer a queda.

Minha cabeça bate no canto da mesa de leilão e, pela segunda vez nesse verão, meu mundo fica todo preto.

QUARENTA E SETE

Eu abro os olhos e vejo luzinhas cintilantes e fitas amarelas. Quint está acima de mim, uma das mãos aninhando minha cabeça. Seus lábios se curvam de alívio quando meu olhar encontra o dele.

— *Déjà vu* — murmura ele.

Eu respondo com um gemido. O latejar na minha cabeça está tão horrível quanto na vez em que eu caí no Encanto, e a falação preocupada à minha volta não está ajudando.

— Abram espaço — pede Quint, indicando para as pessoas chegarem para trás.

Eu me sento devagar, encostando os dedos na têmpora numa tentativa de segurar o latejamento.

— Pronto, viu? — diz uma voz aguda. Shauna está sentada numa cadeira próxima, segurando uma garrafa de água fria no ombro. — Ela está bem. E só para deixar claro, eu não a agredi. Foi acidente. Vocês todos viram.

— Já chega, Shauna — protesta Rosa, a voz ferina. — Além do mais, não é com esse processo que você devia se preocupar.

Shauna olha para ela, atônita.

— Você não faria… depois de tudo que eu fiz por essa organização?

Rosa estufa o peito, e sei que ela está usando toda a força de vontade que tem para não gritar umas coisas duras com Shauna agora, mas consegue segurar a língua na frente de tantos convidados. — Eu não vou tomar nenhuma decisão agora, mas vou me reunir com meu advogado. Enquanto isso, caso tenha havido alguma confusão… você está despedida.

Shauna sustenta o olhar por um momento e dá uma risada de deboche. Coloca a garrafa de água no balcão e pega uma das taças de champanhe que deixaram lá,

pela metade.

— Tudo bem. Vamos ver quanto tempo sua preciosa instituição de caridade fica aberta sem mim.

— Ah, eu acho que a gente vai ficar bem — diz Rosa. — Talvez finalmente prosperemos sem você drenando nossos fundos em todas as oportunidades que tem.

Shauna a ignora, vira o champanhe, se levanta e sai andando pela multidão.

Eu tento novamente antes de ela ir, apertando bem a mão.

Não acontece nada.

Além de não acontecer, meu aperto parece fraco. Meu peito está estranhamente vazio.

Eu olho para a minha mão, com medo girando na mente. Seria possível…?

— Aqui — diz Morgan, jogando um guardanapo branco de linho na bebida derramada e secando. — A gente não precisa de mais ninguém se machucando.

É um ato simples, mas altruísta. Uma boa ação.

Por favor, ah, por favor…

Eu estalo o dedo e prendo o ar.

— Ou você é muito estabanada — diz Morgan, pegando o guardanapo — ou muito azarada. — Ela o coloca numa bandeja cheia de pratos vazios e taças de vinho abandonadas.

E… pronto.

Não acontece nada com ela. Nenhuma sorte inesperada. Nenhuma recompensa.

Talvez limpar uma bebida derramada não seja um feito tão grande para merecer a atenção do universo. Eu olho em volta e vejo um homem colocando dinheiro na caixa de doações no palco.

Eu tento de novo. Tlec. Tlec. *Tlec.*

O homem volta para a mesa. Se ele está recebendo bom carma como resultado dessa doação, não há sinal.

— Não — sussurro. — Por favor.

— Pru? — Quint está com a testa franzida para mim. A mão dele ainda está me apoiando, apertada entre as minhas omoplatas. — O que houve?

Eu faço beicinho e olho para ele. Não consigo controlar.

— Acho que acabou.

— O que acabou?

Eu fungo, apesar de estar sendo dramática. Não ligo. Houve ocasiões em que achei que minha habilidade cármica era uma maldição, mas… na maior parte do tempo, foi uma maldição divertida.

— O universo — murmuro.

Quint franze mais a testa. Ele me observa por um longo momento antes de se virar para a mãe.

— Acho que a gente devia chamar uma ambulância.

— Não — digo. — Eu estou bem. Você pode me ajudar a me levantar?

— Não sei se você devia…

Eu o ignoro, seguro seu braço e o uso para me levantar. Ele cambaleia uma vez, mas nós dois conseguimos ficar de pé sem cair no chão de novo.

— Prudence? — diz Rosa, segurando meu cotovelo. — Você devia ir ao médico, principalmente se essa é a segunda vez que você bate a cabeça este verão.

— Ugh, tudo bem — retruco. Não tenho mais força para discutir. Não com ninguém. Não hoje. — Eu vou amanhã. Só… por favor, não chama uma ambulância. Esta noite já foi bem esquisita.

Rosa franze a testa. Eu a vejo na dúvida e, para provar que estou bem, abro um sorriso.

— Eu estou bem. Juro.

Ela dá um suspiro.

— Quint, por que você não pega água pra ela?

Quint olha em volta.

— Ezra — diz ele, apontando para o amigo na multidão. — Água?

— Gin e tônica saindo — replica Ezra, correndo para o bar.

— Ele está brincando. — Quint sorri timidamente para a mãe. — Eu acho.

Rosa segura as minhas mãos.

— Você foi muito corajosa de vir aqui hoje, principalmente depois de tudo que aconteceu. Eu sinto muito de ter feito você passar por aquilo. Sinto muito pela forma como nós te tratamos. Não sei se vai querer voltar depois de tudo que aconteceu, mas, por favor, saiba que você é sempre bem-vinda no centro.

Eu finjo pensar.

— Você não estaria precisando de uma coordenadora de eventos?

Ela ri.

— Acho que ainda não estou em situação de contratar funcionários de tempo integral, mas você vai ser a primeira pessoa que vou procurar se eu precisar.

— Prudence provavelmente seria uma gerente excepcional — diz Quint, sorrindo. — E eu soube que essa vaga acabou de abrir.

Rosa geme.

— Eu vou ter que substituir Shauna. Perdoe-me se eu tentar encontrar alguém com um pouco mais de experiência.

— Desde que você pesquise a pessoa no Google primeiro — digo. — Verificar antecedentes criminais, talvez?

Ela assente.

— Lição aprendida.

— Quanto a mim… — Abro um sorriso. — Eu quero voltar, sim. Preciso passar o máximo de tempo com Lennon antes que ele vá para a casa nova.

Rosa aperta os olhos e, antes que eu saiba o que está acontecendo, ela me puxa para um abraço.

— Obrigada, Prudence. — Ela suspira quando se afasta e olha ao redor, para a multidão nos olhando. Ela ri. — Bom. Acabou sendo uma noite memorável, não é? — Ela balança a mão na direção das pessoas. — Pessoal, por favor, sentem-se e apreciem seu jantar.

Depois disso, a noite começa a se misturar de momento em momento, e não sei se é o latejar na minha cabeça que causa isso ou se é coisa demais acontecendo ao mesmo tempo. Depois do jantar, vem a sobremesa. Os vencedores do leilão silencioso são anunciados, e fico feliz da vida de saber que a cesta da loja de discos saiu por bem mais dinheiro do que eu esperava. A rifa das fotos do Quint é sorteada. Não fico surpresa com a quantidade de números comprados, e as pessoas que ganham parecem estar mesmo em êxtase por estarem levando uma das obras primas para casa. Quando o número de uma mulher é chamado, ela grita de felicidade.

Eu olho para Quint. A expressão dele é impagável. Atordoado e orgulhoso ao mesmo tempo.

Quando pratos e cadeiras são levados embora, o karaokê começa: Trish e dois voluntários cantam “Yellow Submarine” para botar as pessoas no clima, e praticamente o salão todo canta o refrão.

E é assim que o ambiente da noite passa de sério e caridoso a energético e divertido. É um evento sobre o qual as pessoas vão falar e fazer piada por semanas.

Além de Quint ter a ideia brilhante de botar Trish apresentando o karaokê, ele até pensou em incorporar outra parte de arrecadação. Os convidados precisam pagar cinco dólares para cantar, com toda a renda, claro, indo para o centro. Eu nunca teria pensado que daria certo, e estaria enganada. As pessoas fazem fila para escolher música e anotar seus pedidos naqueles pedacinhos de papel.

Ouço gente em mesas próximas tentando convencer umas às outras, até subornando e bajulando as outras pessoas para subirem no palco. Ouço debates sobre que músicas cantar e quem tem vozes horríveis. Em vez de o donativo exigido afastar as pessoas, pedir para pagar parece encorajá-las.

Quando uma senhora fofinha de cabelo branco e bengala na mão sobe para cantar “Stardust”, uma das minhas músicas antigas favoritas, sinto uma pontada de inveja. Sei, com a cabeça ainda latejando, que não estou em condição de subir lá e cantar. Eu não poderia dar tudo de mim, e, sem dar tudo de mim, não faz sentido.

Olho as pessoas de novo, como faço em intervalos de minutos. Parece que eu tenho um radar sintonizado no Quint, e fico torcendo para que, de repente, ele *me* procure. Apesar de ter feito o que fui fazer lá, a noite parece inacabada. Anticlimática. Eu sei que ainda há muito que não foi dito entre mim e Quint, mas, cada vez que o vejo, ele está ocupado falando com uma nova pessoa, sorrindo e indicando alguma foto. Ele está em seu ambiente, e eu quero ficar feliz por ele, mas… também não consigo deixar de me perguntar se ele está me evitando.

Apesar do tanto que ele me magoou, em todas as minhas fantasias da última semana, uma coisa ficou consistente. Sim, eu quero seu pedido de desculpas. Sim, quero que ele implore por perdão. Sim, quero que diga como errou em não confiar em mim.

Mas, mais do que qualquer uma dessas coisas, eu quero que ele ainda *goste* de mim.

Tanto quanto eu ainda gosto dele.

Mas e se não for esse o caso? E se, nessas semanas, ele tiver se dado conta de que nunca mais queria ficar comigo? De que foi um erro enorme, como ele

mesmo falou?

Preciso sair dali.

Eu me levanto. Vou embora quando ninguém estiver olhando. Não vou precisar dar tchau para Morgan e Rosa e nem ninguém. Quando estou indo para a saída, não olho para Quint, caso ele repare que estou tentando ir embora. Porque eu não suportaria se ele visse e não tentasse me impedir.

Vou ter que encará-lo em algum momento. Se continuarei sendo voluntária no centro, terei que confrontar o tanto que ele me magoou. E as aulas começam em pouco tempo, e tem uma boa chance de termos aulas juntos. Terei que aceitar que o que aconteceu entre nós realmente acabou.

Quando passo pela mesa de leilão agora vazia, algo chama a minha atenção.

Quase tropeço. Tem uma coisa cintilando atrás de uma perna de mesa, quase escondida pela toalha.

Eu me agacho e pego.

É um brinco de diamante vintage preso em um colar. O fecho deve ter quebrado quando Shauna e eu caímos.

O diamante pisca para mim.

Eu dou uma risadinha.

— Boa, Universo.

Eu me viro e vejo Maya sentada à mesma mesa onde a vi antes, olhando o celular. Eu poderia entregar a ela, mas não quero o crédito por ter encontrado esse brinco tanto quanto não quero a culpa por ele ter sido perdido.

— Com licença — digo para um voluntário que está passando. — Você pode entregar isto para aquela garota ali? Acho que ela perdeu.

— Ah, claro. — O voluntário pega o brinco com certa hesitação, mas não faz perguntas.

Eu fico pelo tempo suficiente de ver o brinco ser entregue. De ver o choque, a descrença de Maya, a pura alegria. Ela começa a chorar quando o segura junto ao coração, depois se levanta e dá um abraço no voluntário perplexo.

Pena que não é o Jude, penso. Aí eu teria feito a noite de duas pessoas.

No palco, a senhora fofinha termina a música, e eu bato palmas com o máximo de entusiasmo que consigo… mas meu coração não está nessa sintonia. O cinema pode estar tomado de boas vibrações, boa música e mais generosidade do que eu poderia ter imaginado, mas meu coração está partido.

Eu começo a me virar.

— O próximo — anuncia Trish no microfone — é um dos voluntários mais antigos e amados do centro. Recebam no palco… Quint Erickson!

Eu me viro tão rápido que quase perco o equilíbrio.

Ela não disse…

E lá está ele, subindo no palco. Ele abre um sorriso nervoso para Trish quando pega o microfone da mão dela. Ele parece apavorado.

Quint limpa a garganta, assente com gratidão para os aplausos dados quando ele subiu na plataforma.

— Desculpem — diz ele, acenando com constrangimento para a plateia. — Vocês não merecem a tortura que vou fazer vocês passarem, mas… é por uma boa causa, né? Então… lá vai.

Há algumas gargalhadas. Alguns gritos de encorajamento.

A música começa.

Meu estômago despenca.

— *Querida Prudence… você não quer vir brincar?*

Ouço alguns ruídos de surpresa e sinto algumas pessoas me procurando e, quando me encontram, apontam e sussurram.

Quint também está olhando o salão. Mas, quando me encontra, seus olhos ficam grudados nos meus.

Minha boca fica seca enquanto escuto, e uma pequena parte de mim acha que eu devia estar morrendo de vergonha pela atenção, mas não estou.

Estou pasma.

Estou delirante.

Estou… com um pouco de medo de isso não significar o que eu quero que signifique.

— *O sol subiu, o céu está azul. O dia está lindo, e você também, querida Prudence…*

Meu coração está batendo com tanta força que parece que vai sair do peito.

A voz dele cantando… não é tão boa, admito. Mas o jeito como está me olhando, como está corando e como erra a segunda estrofe e precisa olhar a letra no monitor, como parece nervoso e com medo, como ainda consegue me encontrar no meio da multidão de novo…

Eu estou… hipnotizada.

A música termina, e eu ouso respirar. Pode ser a primeira vez que respiro desde que ele subiu no palco.

Quint limpa a garganta e coloca o microfone no suporte. Ele recua como se estivesse doido para sumir dali.

O salão é tomado de aplausos, como acontece depois de todas as músicas. Quint acena casualmente, um aceno de quem diz “ah, caramba, parem, por favor”, encantador, como sempre, e desce do palco.

Estou em movimento antes que perceba, percorrendo o caminho entre as mesas.

Seus lábios se curvam quando ele me vê. Ele parece dolorosamente inseguro, mas também esperançoso.

— Eu tentei usar o seu truque — diz ele quando estamos próximos. — Pensei: São só quatro minutos da sua vida, Quint. Você consegue passar por isso. Mas sou só eu que acho ou aquela música tem umas duas horas de duração?

— As músicas sempre parecem mais longas quando a gente está lá. Eu chamo de distorção do tempo do karaokê.

— Agora me diz. — Ele abaixa os cílios um pouco. A voz também. — E aí? Como eu fui?

Não sei o que dizer. Eu mal consigo pensar, menos ainda formar palavras coerentes.

Então, começo a rir. Constrangida, coloco a mão sobre a boca.

Quint faz uma careta.

— Ruim assim?

— Não — digo, ousando dar mais um passo. Ele enfia as mãos nos bolsos e dá um passo na minha direção. — Bom, você não é o John Lennon. Mas já ouvi piores.

— Já está bom pra mim. — Ele fecha um olho. — A gente pode conversar? Hum… em outro lugar?

Eu respiro fundo longamente e faço que sim.

O cinema está vazio e fica sinistramente silencioso quando Quint fecha a porta. Eu percorro um pouco o corredor, precisando da distância, precisando do espaço para acalmar meu coração disparado, antes de me virar e olhar para ele.

Ele está encostado na porta. A expressão é de alguém torturado.

— Eu fui horrível — diz ele antes que eu possa dizer qualquer coisa. — Fui

cruel. Estava querendo te magoar, e falei um monte de coisas e… — Ele inspira fundo. — Me desculpa, Prudence. Eu não quis dizer aquilo tudo.

Desvio o olhar. O pedido de desculpas é tão repentino, tão imediato depois da música, que as minhas emoções se embaralharam. Eu sou só uma bola de sentimento. Quero o pedido de desculpas, quero mesmo, mas não parece merecido. Não exatamente. Ainda não.

— Você tem certeza disso? — pergunto.

— Prudence…

— Não, sério. Você não pode me dizer que não tinha pensado aquelas coisas sobre mim provavelmente umas mil vezes antes de ter dito. Crítica, julgadora, egoísta…

Ele faz uma careta de dor e abaixa a cabeça.

— Eu… sim, eu achava… mas eu não…

— A questão, Quint… — Eu me preparo para o que vou dizer. — Não sei se você disse alguma coisa que não seja verdade.

Ele balança a cabeça.

— Exceto a parte de eu ser ladra. Eu não peguei aquele dinheiro. Mas… pensei.

Ele me olha rapidamente, surpreso.

— Não pra mim e nem para os meus pais. Eu pensei em usar pra comprar o brinco da Maya de volta pra ela. E, sinceramente, ainda não sei se essa seria a coisa certa a fazer ou não.

Ele franze a testa, pensativo.

— Bom, a coisa certa teria sido falar com a minha mãe sobre isso, provavelmente. Ela teria te ajudado a recuperar o brinco.

Eu o encaro, momentaneamente estupefata. Como ele faz isso? Esse dilema ético me deixou toda enrolada…como ele consegue resolver de forma tão simples, tão fácil?

— Ah — digo. — Devia ter sido dado a você.

Quint franze a testa.

— O dinheiro?

— Não. Deixa pra lá. — Aperto bem os olhos. Não importa se o poder de justiça cósmica foi dado a mim, e não importa que eu posso ter sido a pessoa errada a tê-lo. Estou certa de que não o tenho mais. — Eu só estava pensando

que sua bússola moral pode ser mais precisa do que a minha.

Quint espera que eu olhe para ele de novo antes de responder.

— É uma coisa estranha de se dizer.

— Eu sei.

— Mas… obrigado?

— Olha, o que quero dizer é: aquelas coisas que você disse antes sobre mim… eu não quero que elas sejam verdade. — Minha voz falha, e sei que posso começar a chorar a qualquer momento. — Eu quero ser uma pessoa gentil e misericordiosa. O tipo de pessoa que vê o bem nas outras pessoas em vez de… ficar julgando o tempo todo. — Abro um sorriso triste. — Quando eu estou com você, fico mais perto de ser essa pessoa.

Eu limpo os olhos antes que alguma lágrima possa cair. Respiro fundo. E balanço a mão para Quint.

— Tudo bem. Agora que eu falei isso… pode voltar a pedir desculpas. Eu não devia ter interrompido.

A expressão dele começa a relaxar.

— Você dificulta muito pra quem quer te elogiar, sabia?

Eu levanto os olhos para o teto.

— Então eu sou difícil também?

— *É* — diz ele, com tanto sentimento que não consigo evitar ficar um pouco na defensiva. — É, Prudence. Você é facilmente uma das pessoas mais difíceis que eu já conheci. — Ele abre as mãos com expressão impotente. — Mas… eu ainda quero muito dar uns pegas em você.

Dou uma risada inesperada e, na mesma hora, cubro o rosto com as duas mãos.

— Quint!

Ele está rindo de mim quando ouso olhar entre os dedos. Ele não se afastou da porta, quase como se estivesse bloqueando a saída caso eu decida tentar fugir. Mas eu não gostaria de estar em nenhum outro lugar além de aqui, corando e constrangida e esperançosa.

Abaixo as mãos lentamente. Ele ainda está sorrindo, mas assumiu um tom mais sério.

— Com sinceridade? — diz ele. — Eu gosto de você, Prudence. Gosto muito. E sei que te magoei e sinto muito.

Eu assinto lentamente.

— Eu te desculpo.

Ele hesita.

— Acho que não devia ser tão fácil.

Indico o saguão, atrás da porta.

— Você acabou de cantar pra mim na frente daquela gente toda. O quanto mais você quer que eu dificulte?

Ele fica pensativo, como se quase tivesse se esquecido desse detalhe.

— Você tem razão. Aquilo foi a coisa mais difícil que eu já fiz. E também uma coisa bem romântica da minha parte.

Dou uma risada.

— Além do mais, eu também preciso me desculpar. Por todas as vezes em que eu fui tão difícil.

Nós nos olhamos, o corredor parecendo um mar entre nós. Eu quero tanto dar um passo na direção dele, mas meus pés estão grudados no tapete vermelho, e ele também não veio na minha direção. Nós estamos entalados. Tenho a sensação de que estamos aqui, desesperadamente separados, o ano todo.

— Quer saber, Prudence? — pergunta ele. — Se você vai me pedir desculpas por alguma coisa… devia ser por esse batom.

Eu levo um susto e movo os dedos até os lábios.

Ele balança a cabeça, abalado.

— Afinal, caramba. Isso aí é crueldade.

Mordo o lábio inferior, e ele geme baixinho. Eu fico vermelha e não consigo segurar um sorriso.

— Morgan acha que pode ter sido testado em animais, então…

— Acho que já foi testado e muito em mim.

Minha pulsação acelera.

— Quint?

— Prudence?

Eu dou um passo na direção dele no mesmo momento em que ele se desencosta da porta.

Nós nos encontramos no meio do caminho.

QUARENTA E OITO

Prudence: A
Quint: A
Geral: A+

Apresentação detalhada, escrita concisa e vários argumentos convincentes, todos bem pesquisados e bem executados. Estou impressionado! Gostei muito de saber que vocês estão trabalhando juntos para implementar suas ideias no centro de resgate de animais marinhos. Vocês propuseram um plano verdadeiramente engenhoso para trazer o ecoturismo para a nossa área de uma forma que beneficia nossa comunidade e nossa vida selvagem e habitat da região. Esse relatório é um excelente exemplo do que pode ser alcançado quando duas pessoas superam as diferenças e trabalham juntas.

Estou excepcionalmente orgulhoso de vocês dois. Muito bem.

— Satisfeita? — pergunta Quint. Estamos à nossa mesa no Encanto, lendo o e-mail do sr. Chavez no celular dele.

Eu retorço os lábios para o lado, pensando.

— Como é que pode a gente tirar um A+ no geral, mas eu só ter tirado A? Por que isso?

— Porque — responde ele, passando o braço pelos meus ombros — você é ótima sozinha, mas fica muito melhor comigo.

Eu resmungo, mas… não posso negar.

Ele estica a mão e fecha o e-mail. A tela volta para a inicial. O papel de parede atrás dos apps é uma foto minha, a que ele tirou na praia durante o Festival da Liberdade. Quando mostrou para mim, ele disse que talvez fosse a foto favorita de todas as que já tinha tirado. Em parte, porque a luz estava muito boa naquele dia, mas mais porque as minhas covinhas estão aparecendo completamente.

Falei para ele que isso seria muito lisonjeiro se eu não estivesse competindo com pinípedes feridos e subnutridos.

— Vocês dois estão me deixando incomodado — diz Jude, que está entre mim e Ari. Ele está com o bloco no colo, tentando elaborar uma nova criatura apavorante para usar na campanha de D&D. A única parte com que ele parece feliz é um par de chifres de aparência cruel na cabeça da criatura. Todo o resto já foi apagado e redesenhado cem vezes.

Eu estico o braço e bato em seu ombro.

— Admite. Você acha a gente superfofo.

Jude levanta a sobrancelha para mim.

— Eu acho os Ewoks superfofos. Vocês dois são um filme feito pra televisão.

— *Eu* acho filmes feitos pra televisão superfofos — observa Ari.

— Já sei! — grita Ezra, batendo com o dedo na lista de músicas. — "Too Sexy." Essa é a minha música. Todinha.

— De "I'm Too Sexy"? — pergunta Morgan.

— Não — diz Ezra. — Quem é sexy sou *eu*. — Ele bate no peito. — Mas até que você não é ruim.

Morgan parece brevemente enojada, mas fica com uma expressão maliciosa e se inclina na direção dele.

— Sabe o que é *muito* sexy?

Ele se inclina na direção dela.

— Maturidade.

Um sorriso diabólico se abre nos lábios de Ezra.

— Ah, meu Deus, você está certíssima. Por exemplo, a mãe do Quint é uma gata.

Quint geme e esconde o rosto atrás da mão.

Ari me olha, mas só posso dar de ombros. Eu também não sei bem o que fazer com EZ, mas ele e Quint são melhores amigos desde o fundamental e acho

que os dois são um pacote.

— Me passa um pedaço de papel, Jude? — pede Ezra.

Jude levanta o rosto do bloco, mas Ari foi mais rápida. Ela entrega um pedaço de papel do karaokê para Ezra com expressão de resignação antes de pegar o fichário com as músicas.

— Eu tenho uma ideia pra você e pra mim, Pru — diz ela, virando as folhas. — Aqui. O que você acha? — Ela mostra o fichário. — Um dueto do Of Monsters and Men?

Eu dou de ombros.

— Não sei quem é.

— Prudence! — Ela inclina a cabeça para trás. — Não sei por quanto tempo eu vou poder continuar sendo sua amiga se você não expandir seu conhecimento musical.

Jude assente.

— Até eu conheço Of Monsters and Men.

Eu olho para Quint. Ele dá de ombros.

— Aham. Eu acho eles ótimos.

Morgan e Ezra também assentem para mim.

Eu me viro para Ari.

— Desculpa.

Ela suspira e começa a olhar as músicas de novo.

— Vou encontrar alguma coisa pra qual você não vai poder dizer não. E *nada* de John Lennon e Yoko Ono. Deve ter alguma outra coisa aqui.

— Ei — digo, voltando a atenção para Quint. — Você já tem seu horário de aulas?

— Ainda não. Por quê?

— Queria saber se vamos ficar na mesma turma de química. Achei que a gente poderia ser uma dupla no laboratório se não for escolha do professor.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Só um masoquista ia querer ser *seu* par no laboratório voluntariamente.

— Eu posso ser seu par — diz Ezra.

Faço uma careta e olho para Quint com expressão de súplica. Ele cantarola baixinho, como se isso fosse uma decisão séria e ele precisasse pensar bem.

Dou um beijo nele. Ele derrete junto a mim, o braço se contraindo, me

puxando para perto.

Ao meu lado, Jude murmura:

— Eu preferiria ser literalmente jogado no fogo da Montanha da Perdição a ficar nesta mesa agora.

Eu me afasto e chuto meu irmão por baixo da mesa, mas ele só começa a rir. Sei que ele tem que bancar o irmão enojado, mas também sei que gosta do Quint e que está feliz por nós.

Um dia, eu espero vê-lo feliz assim. E Ari também, claro.

— E aí? — eu digo, olhando para Quint de novo. — O que você diz, *parceiro*?

— Ora, você não viu minha apresentação matadora sobre a sopa de barbatana de tubarão? Evidentemente, é uma comida deliciosa.

Morgan ofega alto.

— Você é um bárbaro.

Eu encaro Quint de novo.

— Por favor, me salva.

Ele sorri.

— Acho que alguém precisa ser seu par, e posso muito bem fazer isso pelo bem de todos.

— Que generosidade sua.

— Só estou tentando melhorar minha pontuação cármica.

— Tenho certeza de que o universo vai te dar uma recompensa incrível.

— Quer saber? — diz Quint. — Acho que já me deu.

Nós nos beijamos de novo, e não consigo segurar um sorriso; eufórico, cosmicamente feliz.

Eu posso jurar que sinto o universo sorrindo para mim.

Agradecimentos

Tanta gratidão.

Para começar, tenho uma dívida gigantesca com os incríveis voluntários e funcionários do Pacific Marine Mammal Center de Laguna Beach, Califórnia, por me darem uma espiada de bastidores no local e por me permitirem incomodá-los por horas com perguntas sobre o centro e os animais dos quais eles cuidam. Saí dessa visita com o coração cheio de amor por aquelas lindas criaturas e a cabeça cheia de histórias reais incríveis, sendo que muitas acabaram inspirando as histórias dos vários animais do livro. Estou particularmente agradecida a Amanda Walters, a instrutora educativa do PMMC, por responder às minhas perguntas sobre tempestades e protocolo em caso de inundação, dentre outras coisas, e ajudar a verificar a parte técnica do livro pronto. Se as histórias dos animais marinhos tocaram seu coração, recomendo que siga o Pacific Marine Mammal Center no Instagram, @pacificmmc, ou que os visite em pacificmmc.org.

Da mesma forma, estou muito agradecida à equipe do Point Defiance Zoo & Aquarium, em Tacoma, Washington, por responderem a outras perguntas infinitas sobre animais marinhos e seus habitats, cuidado e reabilitação. (Como comentário, qualquer erro factual relacionado aos animais e os cuidados que eles recebem são totalmente culpa minha ou resultado de licença criativa.)

Agradeço também a Alexander Atwood pelo conhecimento musical, particularmente com a ajuda para escrever o capítulo em que Ari surta com “Daniel”, de Elton John. (Alex também é um excelente professor de ukulele — obrigada, Alex! — e tem um canal no YouTube para quem tiver interesse em aprender a tocar baixo. Procure-o em youtube.com/stepbystepbass.)

Agradeço imensamente a todos os meus leitores falantes de espanhol no

Twitter, que me ajudaram a decidir o nome do restaurante do Carlos. (Eu sempre vou ficar um pouco triste por ¡Vamos Plátanos! ou Let’s Go Bananas! não terem vencido, mas acho que vou superar.) Muito obrigada também a Alejandra pela leitura sensível e focada.

Como sempre, envio toda a gratidão do mundo para minha equipe excelente na Macmillan Children’s Publishing Group. Liz! Jean! Jon! Mary! Jo! Morgan! Rich! Brittany! Allison! Mariel! Todas as outras pessoas! Vocês são os melhores, e eu sinto muito orgulho e honra de chamar a Macmillan de minha editora. Também devo muitos agradecimentos à preparadora, Anne Heausler, que sempre me impede de cometer erros constrangedores. E à minha narradora do audiolivro, Rebecca Soler, por usar seu talento para dar uma vida fantástica às minhas histórias e personagens.

Falando em casas, um agradecimento gigantesco vai para a minha agente, Jill Grinberg, e toda a equipe dela: Sam Farkas, Denise Page, Katelyn Detweiler e Sophia Seidner. Seu apoio e diligência são únicos, e sou muito feliz de poder trabalhar com vocês.

E, claro, para a melhor leitora beta que qualquer autora poderia querer ter, Tamara Moss (@writermoss). Eu não sei o que faria sem você e os anos de feedback, encorajamento e sabedoria de escrita que me deu. Todos os abraços do mundo para você.

Por último, mas nunca menos importante: para meu marido Jesse (cujo filme favorito é *Tubarão*), e minha filha obcecada por tubarões, Delaney (cujo filme favorito agora também é *Tubarão*) e minha filha não obcecada por tubarões, Sloane, que ofereceram tanto material maravilhoso para a irmãzinha da Pru. Acho que eu devo ter feito alguma coisa certa, porque o universo estava definitivamente sorrindo para mim quando trouxe vocês três para a minha vida.

Título Original
INSTANT KARMA

Copyright do texto © 2020 *by* Rampion Books.
Todos os direitos reservados.

Primeira publicação por Feiwel and Friends

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Jill Grinberg Literary Management LLC e
Sandra Bruna Agencia Literaria, SL

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 - Rio de Janeiro – RJ
Tel.: 3525-2000 – Fax: 3525-2001
rocco@rocco.com.br – www.rocco.com.br

Preparação de originais
PEDRO KARP VASQUEZ

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
PRISCYLLA PIUCCO

Edição digital: abril, 2022.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M56i
Meyer, Marissa, 1984-
Instant karma [recurso eletrônico] : amor, caos e destino / Marissa Meyer ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2022.
recurso digital

Tradução de: Instant karma
ISBN 978-65-5595-108-0 (recurso eletrônico)

1. Romance. 2. Literatura infantojuvenil americana. 3. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

22-75539

CDD: 808.899282
CDU: 82-93(81)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

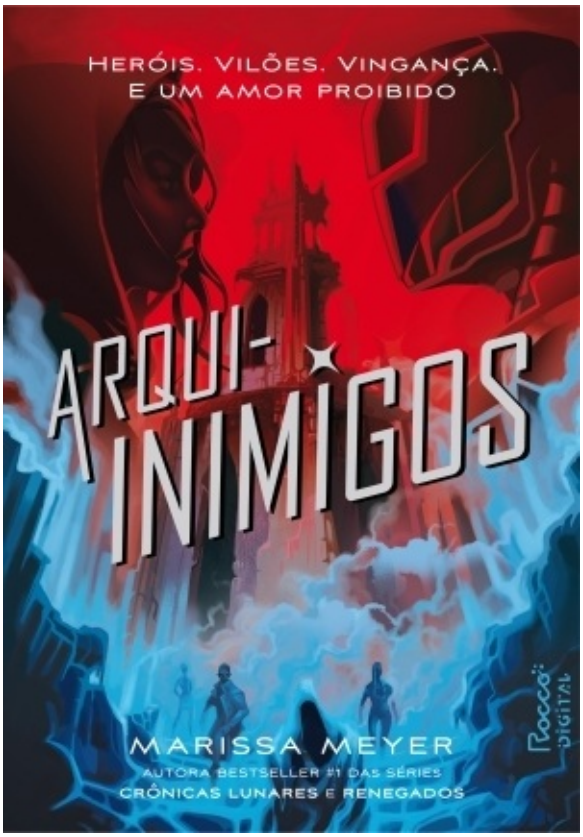
A Autora

MARISSA MEYER mora na mesma cidade em que nasceu, Tacoma, Washington, com o marido e as filhas gêmeas. Estudou Escrita Criativa na Pacific Lutheran University e obteve um mestrado em Edição na Pace University. Desde 2020, ela apresenta o podcast *The Happy Writer.* É autora das séries bestsellers Crônicas Lunares e Renegados, e também da releitura da história da Rainha de Copas, *Sem coração.*

Índice

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta

Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Quarenta e dois
Quarenta e três
Quarenta e quatro
Quarenta e cinco
Quarenta e seis
Quarenta e sete
Quarenta e oito
Agradecimentos
Créditos
A Autora


HERÓIS. VILÕES. VINGANÇA.
E UM AMOR PROIBIDO
ARQUI-INIMIGOS
MARISSA MEYER
AUTORA BESTSELLER #1 DAS SÉRIES
CRÔNICAS LUNARES E RENEGADOS
Rocco DIGITAL

Arqui-inimigos

Meyer, Marissa
9786555950724
432 páginas

Compre agora e leia

Heróis. Vilões. Vingança.
E um amor proibido
O tempo está se esgotando. Juntos, eles podem salvar o mundo. Mas são o pior pesadelo um do outro.
A vida dupla de Nova está prestes a se tornar ainda mais complicada:
Como Insônia, ela é um membro estabelecido dos Renegados, um sindicato de heróis poderosos e adorados. Ela trabalha com a unidade de patrulha de Adrian para proteger os mais vulneráveis e manter a ordem na cidade de Gatlon.
Como Pesadelo, ela é uma Anarquista – um grupo de vilões determinado a destruir os Renegados. Nova quer vingança contra os supostos heróis, que falharam quando ela mais precisou.
Mas como Nova, seus sentimentos por Adrian estão cada vez mais profundos, apesar de ele ser filho de seus inimigos declarados. Ao mesmo tempo, Adrian também tem seus próprios segredos e precisa esconder sua verdadeira identidade.
No segundo volume da trilogia **Renegados,** Nova, Adrian e o resto de seu grupo – Ruby, Oscar e Danna – se deparam com a criminalidade crescente na cidade de Gatlon enquanto armas secretas e missões conflituosas fazem Nova e Adrian questionarem não só sua crença na justiça mas também o que sentem um pelo outro.
A linha entre bem e mal está cada vez mais borrada, mas o que está claro para

eles é que o excesso de poder pode significar o fim da cidade – e do mundo – como eles conhecem.

Compre agora e leia


HONESTAMENTE: SINCERAMENTE?
DE BRUNA ZIELINSKI
B♥L
Rocco DIGITAL

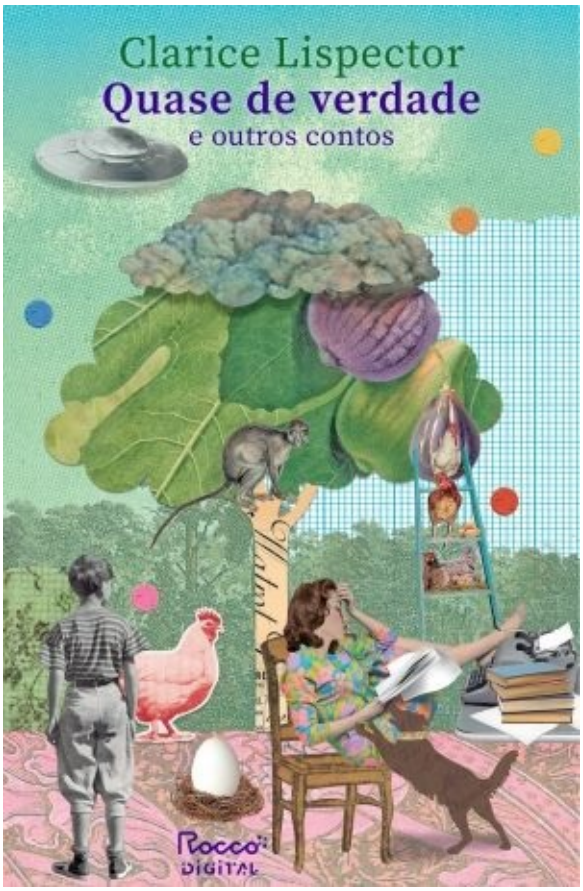
Honestamente: sinceramente?

Zielinski, Bruna
9786555950663
320 páginas

Compre agora e leia

Honestamente: Benjamin Park e Leonardo Guimarães não se suportam. Não foi sempre assim, mas uma grande briga há sete meses destruiu a amizade dos dois. Apesar de estudarem na mesma sala da faculdade e terem o mesmo grupo de amigos, Leo e Ben passaram a se evitar e, quando se esbarravam, discutiam até pelos motivos mais bobos. Porém, tudo muda entre eles quando se reencontram em uma festa.
Sinceramente? O ódio jamais conseguiu mascarar o desejo ou a mágoa. Quando os dois percebem que não são capazes de ficar longe um do outro, decidem estabelecer regras. O Acordo Guimarães-Park coloca restrições na "inimizade colorida", e o difícil é não quebrar justamente a primeira regra: não se apaixonar. Esta história, escrita por Bruna Zielinski e publicada a partir de seleção da autora Babi Dewet, nasceu de uma fanfic inspirada em dois idols do k-pop e é recheada de atração e conflitos. Nela, a busca pela sintonia em um relacionamento parece sempre ter o efeito contrário. Enquanto navegam por problemas familiares e por suas próprias vulnerabilidades, Benjamin e Leonardo, tão diferentes quanto chá de hortelã e café, precisarão estar dispostos a conversar, perdoar e ouvir se quiserem se dar uma segunda chance.
TAGS: DRAMA, FICANDO JUNTOS, FLUFFY, LEVEMENTE TRISTE, LISTAS, LOVE&HATE, MACHUCAR/CONFORTAR, POST-ITS, POV PRIMEIRA PESSOA

Compre agora e leia


Clarice Lispector
Quase de verdade
e outros contos
Rocco
DIGITAL

Quase de verdade e outros contos

Lispector, Clarice
9786555951110
144 páginas

Compre agora e leia

As cinco obras aqui reproduzidas representam a íntegra da produção infanto-juvenil de Clarice Lispector: *Quase de verdade, A vida íntima de Laura, O mistério do coelho pensante, A mulher que matou os peixes* e *Como nasceram as estrelas.* São relatos repletos de magia e humor e, em muitos casos, baseados em experiências de vida da própria Clarice, dona da rara habilidade de transformar incidentes banais do cotidiano em histórias universais, atemporais e inesquecíveis.

O mistério do coelho pensante (1966)
A saga de um coelho que a família Lispector tinha em Washington, que conseguia sempre escapar da gaiola supostamente à prova de fugas.

A mulher que matou os peixes (1967)
Rompendo com os parâmetros da bem-comportada literatura infantil da época Clarice não faz rodeios e confessa de imediato: "Essa mulher que matou os peixes infelizmente sou eu". Após o que ela tenta se resgatar enumerando vários exemplos do seu amor pelos mais diversos tipos de animais, porém sem evitar também os relatos tristes.

A vida íntima de Laura (1974)
Laura é uma galinha "bastante burra" e com "o pescoço mais feio que vi no mundo" e que vive em plena paranoia, com medo de ser morta e comida mais dia menos dia. Destino que ela só aceita se for parar no prato do Rei Pelé. Na verdade ela não tem o que temer, pois é a melhor poedeira do galinheiro, mas só se tranquiliza quando o jupiteriano Xext desce do espaço sideral para lhe assegurar proteção total.

Quase de verdade (1978)

Livro narrado por Ulisses, que assim se apresenta: "Sou um cachorro chamado Ulisses e minha dona é Clarice". É a história de uma figueira estéril e frustrada que apela para a bruxa Oxelia e adquire o poder de iluminar o galinheiro fazendo com que as galinhas ponham ovos continuamente "para vender e ficar milionária". Felizmente a bruxa boa, Oxalá, consegue reverter o feitiço e tudo volta ao normal.

Como nasceram as estrelas. (1987)
O subtítulo, *Doze lendas brasileiras*, não é totalmente exato, pois a última história do livro (relativa ao mês de dezembro), narra a vida do menino Jesus. As onze histórias restantes são recontos que colocam de fato em cena entidades e animais reais ou mitológicos da vida nacional.

Com prefácio inédito de Paulo Gurgel Valente e ilustrado com colagens da artista plástica e ilustradora Mariana Valente, neta de Clarice.

Compre agora e leia


Helena Gomes
a Adaga Mágica
Uma história da série
A Caverna de Cristais
ROCCO

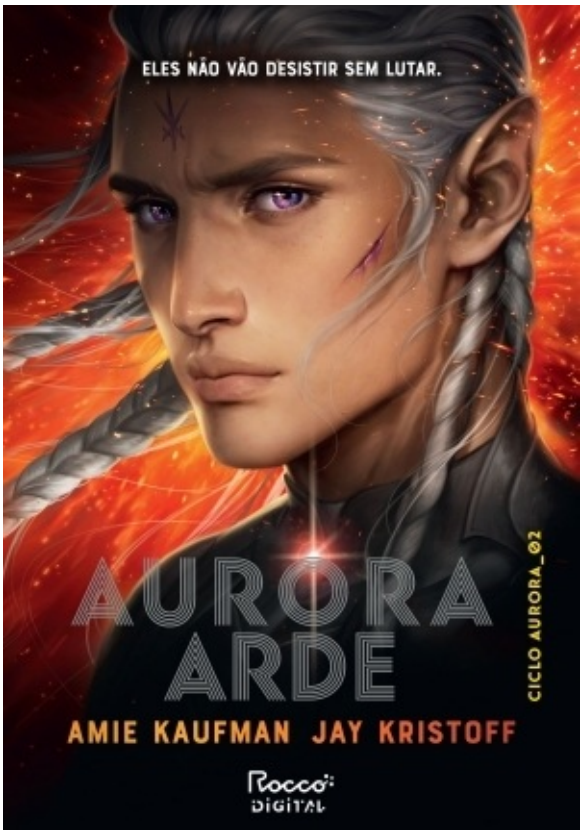
A adaga mágica

Gomes, Helena
9788581225265
42 páginas

Compre agora e leia

Depois de passar seis anos trancafiado no mundo dos elfos, Razeel ganha o melhor presente de aniversário de Lyriel: a liberdade, mesmo que temporária. Porém, sua aventura se torna bem mais complexa e reveladora do que ele podia imaginar. Ele é levado ao passado para salvar a vida de Drake, mas acaba diante de uma antiga paixão que poderá tirá-lo novamente dos eixos. *A adaga mágica*, sequência de *O primeiro guerreiro*, é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de trinta obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia


ELES NÃO VÃO DESISTIR SEM LUTAR.
AURORA ARDE
CICLO AURORA_02
AMIE KAUFMAN JAY KRISTOFF
Rocco DIGITAL

Aurora arde

Kaufman, Amie
9786555951073
400 páginas

Compre agora e leia

Segundo livro da série **Ciclo Aurora**.

ELES NÃO VÃO DESISTIR SEM LUTAR.

Primeiro, a notícia ruim: um antigo mal — sabe, aquele que quer consumir todo o universo — está prestes a se espalhar.

A notícia boa? O Esquadrão 312 está pronto para salvar o dia. Eles só precisam lidar com alguns probleminhas antes.

Como se livrar de uma matilha de pequenos seres peludos que querem arrancar suas cabeças, por exemplo. Ou fugir de assustadores funcionários corruptos da Agência de Inteligência Global que não vão parar até colocarem as mãos em Aurora.

E, para completar, a irmã de Kal arrumou um exército Syldrathi e não está nada feliz em reencontrar seu irmãozinho.

Com metade da galáxia atrás deles, o Esquadrão 312 nunca foi tão requisitado.

Quando os restos da nave *Hadfield* são descobertos por nossos heróis, é hora de parar de se esconder. Dois séculos antes, a nave cheia de colonos desapareceu e deixou Aurora como única sobrevivente. Agora, a caixa-preta pode mostrar o caminho para a salvação deles. O tempo é curto e, se Auri não aprender a usar seus poderes como Gatilho logo, nosso querido esquadrão estará mais morto que o Grande Ultrassauro de Abraaxis IV.

NOSSOS HERÓIS ESTÃO DE VOLTA... MAIS OU MENOS.

Este esquadrão de perdedores desajustados e indisciplinados provavelmente é a única esperança para a sobrevivência da galáxia. Cheio de revelações surpreendentes, assaltos a bancos, presentes misteriosos, roupas inadequadamente apertadas e tiroteios épicos, *Aurora arde* vai determinar o destino dos heróis mais insuportáveis e inesquecíveis da galáxia.

Leia o começo desta aventura desesperada em *Aurora ascende*.

Compre agora e leia